

VOLUME 2

LeYa

MALDITA



CHUCK PALAHNIUK

Autor do aclamado "Clube da Luta"





Ficha Técnica

Copyright © 2013 by Chuck Palahniuk

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2014

Título original: Doomed

Diretor editorial Pascoal Soto

Editores executivos Tainã Bispo

Produção editorial Maitê Zickuhr, Pamela Oliveira e Renata Alves

Assistentes editoriais Marcelo Nardeli e Maria Luiza Almeida

Diretor de produção gráfica Eduardo dos Santos

Gerente de produção gráfica Fábio Menezes

Preparação de texto Poliana Oliveira

Revisão Adriana Ayami Takimoto

Capa Retina 78

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Palahniuk, Chuck

Maldita / Chuck Palahniuk; tradução de Santiago Nazarian. – São Paulo:

LeYa, 2014.

ISBN 9788544100288

Título original: Doomed

1. Literatura norte-americana 2. Ficção 3. Morte I. Título II. Nazarian, Santiago

14-0232 CDD–813

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura americana

2014

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com.br



1º de novembro, 0:01

A vida começa na concepção: um prelúdio

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Obem e o mal sempre existiram. Sempre existirão. São apenas nossas histórias sobre eles que mudam.

No século VI a.C., o legislador grego Salomão viajou para a cidade egípcia de Sais e trouxe o seguinte relato do final do mundo: de acordo com os padres do templo de Neith, um cataclisma iria varrer a Terra com chamas e fumaça venenosa. Num único dia e noite, um continente inteiro iria ceder e afundar no mar, e um falso messias iria levar a humanidade à desgraça.

Os profetas egípcios previram que o Apocalipse iria começar numa noite silenciosa, num morro imponente acima do reino de Los Angeles. Lá, os antigos oráculos profetizavam, uma fechadura iria se abrir. Entre as grandes casas cercadas de Beverly Crest, um forte raio iria incidir. Como registrado por Salomão, um par de portões de segurança iria se escancarar. Entre eles, os reinos de Westwood e Brentwood e Santa Mônica esperam, dormindo, dispostos numa teia de semáforos. E quando o último tique do relógio ecoar, entre aqueles portões bem abertos habitará apenas a escuridão e o silêncio, até que um motor possa ser ouvido rugindo à vida, e duas luzes parecerão conduzir o ruído à frente. Saindo daquele portão irá surgir um Lincoln Town Car que vagueia adiante para começar sua lenta descida pelas curvas fechadas de Hollywood Boulevard.

A tal noite, como descrita pelas antigas profecias, é tranquila, sem um sopro de vento. Mesmo assim, com o lento progresso do carro, uma tempestade começa a se formar em seu rastro.

Conforme desce de Beverly Crest até Hollywood Hills, o Lincoln se estende longo e preto como a língua de alguém estrangulado na forca. Com manchas cor-de-rosa de semáforos deslizando por sua casca preta polida, o Town Car brilha como um escaravelho escapando de uma tumba. E em North Kings Road, as luzes de Beverly Hills e Hancock Park piscam e se apagam, não de casa em casa, mas quarteirões e mais quarteirões da rede são completamente apagados. E em North Crescent Heights Boulevard, o bairro de Laurel Canyon é apagado; não meramente as luzes, mas o ruído e a música de tarde da noite são assolados. Qualquer prova cintilante da

cidade é apagada quando o carro flui morro abaixo, de North Fairfax a Ogden Drive até North Gardner Street. Assim a escuridão varre a cidade, seguindo a sombra do carro elegante.

E assim também um vento brutal se segue. Como previsto pelos padres de eras passadas, essa ventania transforma as altas palmeiras de Hollywood Boulevard em vassouras sacudidas, e elas varrem o céu. Suas folhagens ressoantes refletem formas terríveis e suaves que aterrisam com gritos contra a calçada. Com olhos de caviar e rabos escamosos de serpente, essas ferozes formas macias martelam o Town Car que passa. Caem aos berros. Suas garras frenéticas arranham o ar. Seus impactos violentos não quebram o para-brisa, porque o vidro é à prova de balas. E os pneus em movimento do Lincoln passam por elas, esmagando seus corpos caídos. E essas formas em queda, guinchando, agarrando-se, são ratazanas. Lançados à morte, esses são os corpos debatidos de gambás. Os pneus do Lincoln explodem esse tapete vermelho de pelo esmagado. Os limpadores de para-brisa limpam a visão do motorista do sangue ainda quente, e os ossos partidos não perfuram os pneus, porque a borracha também é à prova de balas.

E tão implacável é o vento que varre a rua, empurrando essa carga de pragas aleijadas, rolando essa maré de sofrimento sempre na passagem do Town Car conforme ele alcança a Spaulding Square. Fissuras de raios fraturam o céu, e a chuva cai em grandes cortinas que bombardeiam os telhados. Trovões explodem numa fanfarra enquanto a chuva saqueia as latas de lixo da cidade, espalhando sacos plásticos e copos de isopor.

E próximo à avultante torre do Roosevelt Hotel, a Boulevard está, de outra forma, deserta, e o exército de lixo avança na cidade, desimpedido por semáforos ou outros automóveis. Cada rua, cada intersecção está deserta. As calçadas estão vazias, como os antigos profetas prometeram, e cada janela está escura.

O céu efervescente não tem as luzes itinerante de aeronaves, e as valas engasgadas da tempestade deixam as ruas banhadas em chuva e peles. Essas ruas escorregadias cheias de sobras. E, no Teatro Chinês Grauman, toda a cidade de Los Angeles está reduzida a carnificina e caos.

Apesar disso, não muito longe do carro, no quarteirão 6.700, as luzes de neon ainda brilham. Naquele único quarteirão de Hollywood Boulevard, a noite está quente e parada. Nenhuma chuva molha a calçada, e os toldos verdes de Musso e Frank Grill permanecem imóveis. As nuvens acima daquele quarteirão da cidade estão abertas como um túnel para revelar a lua, e as árvores nas calçadas estão paradas. Os faróis do Lincoln estão tão cobertos de vermelho que abrem um caminho escarlata para o carro seguir. Esses deslumbrantes raios vermelhos revelam uma jovem donzela na calçada, e ela está do outro lado da rua do museu de cera de Hollywood. E lá, no olho dessa terrível tempestade, ela abaixa o olhar para uma

estrela marcada no concreto cor-de-rosa, embutida na calçada. Em suas orelhas, ela usa uma zircônia cúbica lapidada do tamanho de uma moeda. E seus pés estão calçados em Manolo Blahniks falsos. Os vincos suaves de sua saia reta e suéter de *cashmere* estão secos. Amontoados de cabelo ruivo encaracolado caem sobre seus ombros.

O nome marcado na estrela cor-de-rosa é “Camille Spencer”, mas a donzela não é Camille Spencer.

Um cuspe cor-de-rosa de chiclete seco, vários cuspes, cor-de-rosa e cinza com verde, desfiguram a calçada como hematomas. Impressas com as marcas de dentes humanos, o chiclete também está marcado com o zigue-zague dos pés que passaram. A jovem donzela os inspeciona com o bico pontudo de seu Manolo falso até conseguir chutar o escabroso chiclete para longe. Até que a estrela fique, ainda que não sem manchas, um pouco mais limpa.

Nessa bolha de noite quieta e plácida, a donzela pega a barra de sua saia e a traz próximo da boca. Ela cospe no tecido e se ajoelha para polir a estrela, deixando brilhante o nome marcado lá no metal, encrustado no concreto cor-de-rosa. Quando o Town Car para no meio-fio ao lado dela, a menina fica de pé e caminha ao redor do carro com o mesmo respeito com que alguém caminharia ao redor de um túmulo. Em uma mão, ela carrega uma fronha. Seus dedos, as unhas brancas lascadas de sua mão fechada em punho, seguram um saco de tecido branco, inchado e pesado, com doces, Tootsie Rolls, Charleston Chews e tirinhas de alcaçuz. Em sua outra mão, ela segura um chocolate Baby Ruth comido pela metade.

Seus dentes revestidos de porcelana mastigam despreziosamente. Um contorno de chocolate derretido delinea seus lábios inchados picados por abelhas. Os profetas de Sais alertam que a beleza dessa jovem é tal que qualquer um que a veja irá se esquecer de qualquer prazer além de comer e fazer sexo. Tão fisicamente atraente em sua forma terrena que seu observador é reduzido a nada mais do que estômago e pele. E os oráculos cantam que ela não está viva nem morta. Nem mortal nem espírito.

Negligentemente estacionado no meio-fio, o Lincoln pinga em vermelho. A janela traseira mais próxima da calçada zumbe descendo uma fresta, e uma voz se anuncia do interior acolchoado. No olho do furacão, uma voz pergunta:

– Gostosuras ou travessuras?

Uma pedra é jogada em qualquer direção, a noite permanece revirando-se por trás de uma parede invisível.

Cobertos com um batom vermelho-*vermelho* – uma cor chamada “Pega Homem” –, os lábios cheios da donzela se curvam num sorriso. Aqui o ar paira tão calmo que se pode detectar o cheiro de seu perfume, como flores deixadas numa tumba, pressionadas e ressecadas por milhares de anos. Ela se inclina perto da janela aberta

e diz:

– Está atrasado demais. Já é amanhã... – Ela pausa para uma longa e sedutora piscada coberta por uma sombra turquesa e pergunta: – Que horas são?

E é óbvio que o homem está bebendo champagne, porque naquele momento de silêncio até as bolhas de seu champagne soam altas. E o tique-taque do relógio de pulso do homem parece alto. E sua voz dentro do carro diz:

– É hora de as meninas más irem para a cama.

Agora melancólica, a jovem suspira. Ela molha os lábios, e seu sorriso esvanece. Meio recatada, meio resignada, ela diz:

– Acho que violei meu toque de recolher.

– Ser violada – diz o homem – pode ser maravilhoso.

Por sua vez, a porta traseira do Lincoln se abre para admiti-la, e, sem hesitação, a donzela adentra. E essa porta se constitui de um portão, os profetas exclamam. E o carro é em si uma boca cuspindo doce. E o Town Car a fecha dentro de seu estômago: um interior tão pesadamente acolchoado com veludo quanto um caixão. As janelas escuras zumbem ao se fechar. O carro vaga, seu capô fumegando, seu corpo encerado escorrendo, coberto agora com uma franja vermelha, uma barba crescente de sangue coagulado. Marcas de pneus carmim conduzem de onde ele veio para onde está estacionado agora. Atrás dele, a tempestade açoita, mas aqui os únicos sons são as ejaculações abafadas de um homem gritando. Os antigos descrevem o som como um miado, como ratos e camundongos sendo esmagados até a morte.

O silêncio se segue, e depois disso a janela traseira se abre mais uma vez. As unhas brancas lascadas se esticam. Penduradas nelas há uma pele de látex, uma versão menor da fronha branca da menina, um saco em miniatura pendendo pesadamente. Em seu conteúdo: algo branco e opaco. Esta capa de látex está manchada de batom vermelho-*vermelho*. Está manchada de caramelo e chocolate ao leite. Em vez de jogar isso na sarjeta, ainda sentada no banco traseiro do carro, a garota traz seu rosto à janela aberta. Ela coloca o saquinho de látex contra os lábios e o assopra, enchendo-o de ar. Ela o infla e, habilmente, dá um nó na parte aberta. Do jeito que uma parteira iria fechar o cordão umbilical de um recém-nascido. Do jeito que um palhaço de circo amarraria um balão. Ela amarra a pele inflada, selando o conteúdo leitoso lá dentro, e com seus dedos ela a torce. Ela torce e retorce o tubo até assumir a forma de um ser humano com dois braços, duas pernas, uma cabeça. Um boneco de vodu. Do tamanho de um bebê recém-nascido. Essa criação asquerosa, ainda coberta de doce de seus lábios, turva pelo misterioso conteúdo caldaloso do homem, ela arremessa no centro da estrela cor-de-rosa à espera.

De acordo com as profecias escritas por Salomão, aquela pequena efígie é um sacrifício de sangue, semente e açúcar, jogada lá naquela forma sagrada de

pentagrama, uma oferenda feita ao lado do Hollywood Boulevard.

Naquela noite, com aquele ritual, começa a contagem regressiva para o Juízo Final.

E, mais uma vez, as janelas espelhadas do automóvel preenchem sua moldura. E, nesse instante, a tempestade, a chuva e a escuridão engolem o carro. Conforme o Lincoln sai do meio-fio, levando para longe a jovem donzela, o vento conduz seu bebê-coisa descartado. A bexiga amarrada. Aquela idolatria. O vento e as chuvas conduzem o abundante produto de pragas abatidas e lixo plástico e chiclete ressecado, derrubando e conduzindo tudo na direção da gravidade.



21 de dezembro, 6:03

Como, logo existo

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Vale a pena notar de antemão que eu sempre visualizei minha mente como um órgão digestivo. Um estômago para processar conhecimento, se preferir. Como uma massa espiralada, enrugada, um cérebro humano sem dúvida *se parece* com intestinos cinza, e dentro dessas tripas pensantes é que minhas experiências são quebradas, consumidas para se tornar minha história de vida. Meus pensamentos ocorrem como arroto perfumados ou vômitos ácidos. A cartilagem não digerível e os ossos das minhas memórias são expelidos com essas palavras.

Escrever um blog honesto é como você desvive sua vida. É como descomer um cheesecake inteiro, e tão zoadado quanto.

Essas entranhas enroladas, dobradas e amassadas da minha mente existem como um tipo de barriga do meu intelecto. Tragédias ulceram. Comédias nutrem. No final, fique tranquilo, suas lembranças vão viver muito mais do que sua pele – sou testemunha. Meu nome é Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer, e sou um fantasma. Quero dizer: Bu! Tenho treze anos, estou meio acima do peso. Quero dizer: estou morta *e* gorda. Quero dizer: Uma porquinha, pork-pork, oin-oinc, porcona mesmo.

É só perguntar à minha mãe.

Tenho treze anos e sou gorda – e vou ficar assim para sempre.

E sim, conheço a palavra *ulcerar*. Sou morta, não iletrada. Já ouviu o termo *crise da meia-idade*? Colocado de forma simples, já estou sofrendo uma “crise da meia-morte”. Depois de ficar alojada uns oito meses no submundo, nas chamas do Inferno, eu agora me vejo encalhada como um espírito no mundo físico vivo, uma condição mais comumente conhecida como Purgatório. Isso é exatamente como voar na velocidade do som a bordo do Saab Draken do meu pai, de Brasília a Ridyadh, apenas para ficar presa circulando o aeroporto num padrão fixo, esperando permissão para aterrissar. Colocando de forma simples e clara, o Purgatório é onde você desfaz o livro da sua história de vida.

Em relação ao Inferno, não precisa sentir pena de mim. Nós todos escondemos

segredos de Deus, e é exaustivo. Se alguém merece queimar no insaciável lago das chamas eternas, sou eu. Sou maldade pura. Nenhuma punição é severa demais.

Para mim, minha pele é meu *curriculum vitae*. Minha gordura é meu banco de memórias. Os momentos da minha vida passada são arquivados e carregados em cada célula obesa da minha bolha fantasmagórica, e perder peso seria o desaparecimento de Madison Spencer. Más lembranças são melhores do que nenhuma. E pode ter certeza, seja sua gordura, sua conta bancária ou sua amada família, algum dia você vai lutar com a relutância de abandonar o vivo mundo dos vivos.

Quando você morre – vá por mim –, a pessoa mais difícil de deixar para trás é você mesma. Sim, Ilustre Tweeter, tenho treze anos, sou uma menina e sei o que significa *curriculum vitae*. E mais, eu sei que nem mesmo os mortos querem desaparecer completamente.



21 de dezembro, 6:05

**Como eu fui excluída de já ter sido
excluída da boa vontade de Deus**

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Eu não estaria presa aqui neste Galápagos pedregoso que é a Terra, bebendo a urina quente de tartaruga que é o companheirismo humano, se não fosse pela fraude incisiva de umas certas três srtas. Piranhudas Pereira. Ainda por cima, no Halloween em questão, fui estrangulada até a morte com meu sangue tendo fluido apenas há oito meses. Fui condenada, sim, por cometer um terrível assassinato que, em breve, será revelado aqui. Um dos tormentos principais do Inferno é que nós todos sabemos, secretamente, por que merecemos estar lá. Como eu escapei do Inferno foi o seguinte: como é de costume, na noite de Todos os Santos toda a população do Hades retorna à Terra em busca de castanhas salgadas e uvas-passas do anoitecer até a meia-noite. Portanto, eu estava lucrativamente ocupada, revirando vizinhanças suburbanas em busca de Twixes e Almond Joys para enriquecer o tesouro do Inferno, quando uma brisa carregou meu nome pelas distâncias da noite. Um coro de vozes de menina, aquelas vozinhas adolescentes sedutoramente assobiantes estavam cantando meu nome:

– ... Madison Spencer... Maddy Spencer, venha até nós. Nós exigimos que você nos obedeça.

Gostem ou não, é bom que vocês, pré-mortos, saibam que os pós-vivos não são seus empregados. Os mortos têm coisa melhor a fazer do que responder às suas perguntas idiotas de tabuleiro *ouija* em relação a números de loteria e com quem você vai se casar. Você e seus joguinhos espíritas, suas mexidas na mesa, suas peripécias para fisgar fantasmas. Eu tinha no máximo umas quatro horas de escuridão para juntar barras de Kit Kat, e lá estava eu sendo invocada por um quadro risonho de Sirigaitas de Sousa. Elas se sentaram na minha antiga cama, no meu quarto do meu antigo colégio interno em Locarno, na Suíça, e rogaram em uníssono:

– Apareça para nós, Madison. Vamos ver se sua bundona está mais magrinha agora que está morta.

E elas riram em suas mãozinhas delgadas.

Silenciando umas às outras, a turma de Periguetes de Olavo cantou:

– Mostre-nos sua dieta-fantasma secreta.

Essa provocação infantil as reduziu a risinhos, derrubando-as umas sobre as outras, seus ombros se batendo. Estavam sentadas de pernas cruzadas, sujando minha roupa de cama com seus sapatos, e ocasionalmente chutando minha antiga cabeceira, comendo pipoca ao redor de velas que queimavam num prato.

– Temos batatinhas fritas – elas provocaram, e sacudiram um saco do salgadinho. Sabor barbecue. – Temos molho de cebola.

Uma voz entoou:

– Aqui, Madison... Aqui, porquinha, porquinha, porquinha...

Todas as vozes se combinaram para cantar:

– Leitooooooooaaaaa...! – Seus grunhidos eram altos na noite frígida de Halloween. – Aqui, porquinha, porca, porca, porca, porca...

Elas roncavam. Grunhiam. Chamavam:

– Oinc, oinc, oinc.

Mastigando ruidosamente, suas bocas cheias de salgadinhos de alto teor calórico gritavam rindo.

Não, Ilustre Tweeter, eu não as abati na minha ira. Enquanto escrevo isso, elas continuam vivinhas da silva, ainda que humilhadas. Basta dizer que eu cheguei num Lincoln Town Car preto e respondi aos seus cânticos caipiras. No Halloween em questão, eu estimulei o infame trio inimigo de srtas. Raparigas da Silva a esvaziar os parques conteúdos de seus miseráveis intestinos anoréxicos. Que feio da minha parte. A meu favor, eu estava um bocadinho ansiosa e distraída pelo meu iminente toque de recolher.

Passar um único tique do relógio além da meia-noite significaria ser banida à entediante Terra, então fiquei supervigilante enquanto o grande ponteiro do meu relógio de pulso passava minuto a minuto em direção ao doze. Quando as três srtas. Biscates de Albuquerque estavam todas cobertas em camadas de suas próprias gorfadas e cocôs, eu voei de volta para meu Town Car à espera.

Meu confiável veículo de fuga permanecia onde eu o havia deixado estacionado, na sarjeta congelada ao lado dos gramados nevados do corredor residencial da escola. As chaves penduradas na ignição. O relógio do painel marcava onze e trinta e cinco, um tempo razoável para minha viagem de volta ao Inferno. Eu entrei atrás da direção e apertei o cinto. *Ah, Terra*, pensei de certa maneira indulgente, até mesmo nostálgica, enquanto lançava um olhar para o velho prédio onde outrora eu havia me rastejado, mordiscando biscoitinhos Fig Newtons e lendo *Os parasitas*. Nessa noite, cada janela ardia com suas luzes, e muitas estavam escancaradas ao clima invernal da Suíça, com cortinas batendo no vento frio que soprava morro abaixo dos tediados

Alpes glaciais. Todas essas janelas escancaradas emolduravam agora as cabeças de abastadas estudantes, que se inclinavam para fora e vomitavam longas faixas de nhaca alimentar pela fachada de tijolos vermelhos do prédio. A visão era prazerosa demais para deixar de lado, mas então o relógio do painel marcava onze e quarenta e cinco.

Dando a todos um carinhoso adeus, virei a chave na ignição.

Virei a chave novamente.

Pisei no acelerador com meu prático Bass Weejun, dando um leve impulso. O relógio do painel mostrava onze e cinquenta. Verifiquei duas vezes que a marcha estava firmemente engatada e tentei a chave pela terceira vez.

Puxa vida! Nada aconteceu. Nenhum som de carro reverberou debaixo do capô. Para aqueles de vocês, ocupadinhos da blogosfera, que acham que sabem de tudo – especialmente em relação a carros –, não, eu não tinha esquecido de desligar os faróis e acabado com a bateria. E duas vezes não, o carro não estava sem suco de dinossauro. Desesperada, eu testei repetidamente a ignição enquanto observava o relógio se arrastar constantemente para onze e cinquenta e cinco. Às onze e cinquenta e seis, o telefone do carro começou a tocar – soltando o velho *trim* após *trim* – e eu ignorei, nos meus esforços frenéticos de abrir o porta-luvas, localizar o manual do motorista e detectar a causa da minha crise mecânica. O telefone ainda estava tocando quatro minutos depois, quando, quase em lágrimas, eu o peguei e respondi com um seco “*Alors!*”.

Do outro lado da linha, uma voz disse:

– ... Madison estava quase chorando de frustração. – Uma sedutora voz masculina dizia: – Seu doce triunfo sobre suas abusivas colegas de escola se transformou num pânico amargo quando descobriu que seu veículo de fuga não dava partida...

Era Satã, o Príncipe das Trevas, sem dúvida lendo de seu manuscrito bagaceiro, *A história de Madison Spencer* – a suposta história da minha vida que ele alega ter escrito antes mesmo da minha concepção. Nessas páginas, cada momento do meu passado e futuro foi pretensamente ditado por ele.

– ... pequena Madison – Satã continuou lendo – encolheu-se em choque com o som da voz de seu mestre supremo no telefone do Town Car...

Interrompendo, eu perguntei:

– Você zoou esse carro?

– ... ela sabia – a voz no telefone disse – que seu Grande Destino Maligno esperava por ela na Terra...

Eu gritei.

– Não é justo!

– ... Maddy logo não teria escolha, a não ser ir em frente e acionar o fim dos dias...

Eu gritei:

– Não vou acionar coisa nenhuma! Não sou sua Jane Eyre!

O relógio do painel agora dava meia-noite. Um sino na torre de *eine Kirche* distante alpina começou a bater. Antes mesmo da sexta badalada, o fone em minhas mãos começou a evaporar. O carro todo estava desaparecendo ao meu redor, mas a voz de Satã continuou a zumbir.

– Madison Spencer ouviu o distante sino da igreja e percebeu que ela não existia. Ela nunca existiu sem ser um fantoche criado para servir a seu supremamente sexy e insanamente lindo Diabo...

Enquanto o banco do motorista se dissolvia, minha bundinha rechonchuda de menina lentamente se colocava no chão. A última batida da meia-noite ecoou nos cânions e ravinas da entediante Suíça. As janelas do corredor de alojamentos da escola estavam se fechando. As luzes se apagando. As cortinas fechadas. O cinto de segurança, que um momento antes havia apertado meu generoso barrigão, agora se tornava tão insubstancial quanto uma faixa de neblina. Lá perto, como se jogada na rua, estava a bolsinha Coach falsa que minha amiga Babette havia deixado no banco detrás do carro.

Com o toque da meia-noite, o carro havia definhado a nada mais do que um nebuloso banco de neblina, uma pequena nuvem cinza no formato de um Town Car. Eu estava abandonada, sentada na sarjeta com a bolsa suja de couro falso de Babette, sozinha na tempestuosa noite suíça.

No lugar de sinos de igreja, o vento carregou apenas uma música agitada sintetizada baixinha. Era a música “Barbie Girl”, da banda de Europop Aqua. Um toque de alerta. Era um smartphone que eu enterrei entre as camisinhas e balas na bolsa. Marcado na tela estava um código de área de Missoula, Montana. Uma mensagem de texto dizia:

URGENTE: Faça as malas para o voo 2.903 da Darwin Airlines de Lugano a Zurique; então pegue o voo Swissair 6.792 para Heathrow e o voo American Airlines 139 para JFK. Sente a bunda no hotel Rhinelander. Já!

O texto era de um certo punk pós-vivo de cabelo azul atualmente passando uma temporada pesada no Inferno, meu amigo e mentor Archer.



21 de dezembro, 8:00

Meu retorno ao lar

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Se você perguntasse à minha mãe, ela te diria: “As religiões existem porque as pessoas preferem ter uma resposta errada a não ter resposta nenhuma”. O que significa: meus pais não acreditavam em Deus. O que significa: minha família não comemorava o Natal.

Se meus pais já imaginaram Deus, seria como um gigantesco Harvey Milk, do tamanho de uma montanha, curando o buraco de ozônio com golfinhos alados no lugar de querubins. E arco-íris, uma porrada de arco-íris.

No lugar do Natal, nós comemoramos o Dia da Terra. Meditando em zazen, nós comemoramos o aniversário de Swami Nikhilananda. Talvez faríamos uma dança Morris, pelados, ao redor da base de uma antiga sequoia da Califórnia, com seus galhos abundantemente enfeitados com redes sujas e a porcaria dos baldes de granola crocante, sentados em árvores educando corujas pintadinhas em técnicas de protestos de resistência passiva. Você entendeu. No lugar do Papai-Noel, minha mãe e meu pai diziam que Maya Angelou mantinha o controle de quais crianças eram boas ou más. Eles me avisaram que a Dra. Angelou fazia suas anotações num longo pergaminho de cânhamo com nomes, e se eu deixasse de entregar meu composto de adubo eu iria para cama sem algas. Já eu só queria saber que alguém sábio e não emissor de carbono – Dra. Maya ou Shirley Chisholm ou Sean Penn – estava prestando atenção. Mas nada disso era, de fato, Natal. E nada dessa conversa fiada de “Terra em primeiro lugar!” ajuda quando você está morta e descobre que os manipuladores de serpentes, bebedores de estricnina e empunhadores da Bíblia estavam certos.

Goste ou não, o caminho para o Inferno passa por chão pavimentado com bambu sustentável.

Vá por mim, ilustre Tweeter, eu sei do que estou falando. Enquanto minha mãe e meu pai vivamente vivos queimavam velas de soja e rezavam para John Reef durante boa parte do ano, eu estava morta e aprendendo a verdade verdadeira sobre tudo.



21 dezembro, 8:06

Sozinha na minha própria festa de bem-vinda ao lar

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Ainda que dificilmente eu seja do tipo frágil com saudades de casa, em vista das minhas atuais circunstâncias, eu anseio, sim, por uma velha assombrção de família. Desde que eu consigo me lembrar, meus pais mantiveram uma cobertura no hotel Rhineland. Lá, sessenta e seis andares acima da Lexington Avenue, em frente à Bloomingdale, meu primeiro impulso seria me esconder no meu velho quarto, entre bichinhos de pelúcia e romances da Jane Austen, e assistir na televisão a episódios *on demand* de *Upstairs, Downstairs* até o próximo Halloween. Possivelmente eu releria *A saga da família Forsyte*. O caminho deveria estar livre, porque, de acordo com o post da *Page Six*, meus pais estão no mar a bordo de seu iate de trezentos pés, o *Cruzador de Pangeia*. No momento presente, estão no estreito de Bering tentando acabar com a matança de orcas por navios-fábrica, ou de algum outro sushi estiloso de barbanatas azuis ameaçado de extinção. Todo esse rebuliço sendo filmado como cenas alternativas do novo filme da minha mãe, *Cachalotes na neblina*, no qual ela interpreta uma bióloga marinha tipo Dian Fossey, que é arpoada durante o sono por cruéis pescadores japoneses. A filmagem principal termina na próxima semana, e a *Page Six* diz que o projeto tem um Oscar escrito na testa.

Vá por mim: para minha mãe, isso não é realmente atuar; ela foi arpoada na cama mais vezes do que eu consigo contar.

E sim, em resposta ao comentário lascivo postado agora mesmo por leonardsabeduhades, o roteiro inclui três cenas – outra dica da *Page Six* –, nas quais os mundialmente renomados peitos da minha mãe são totalmente expostos enquanto ela nada, nua e feliz, cercada por um cardume escorregadio de cachalotes amigas.

Da mesma forma que você, futuro morto, experimenta um filme como uma realidade visual plana com sons, mas sem cheiros, gostos ou sensações táteis, o mundo dos vivos aparece para nós, fantasmas. Eu posso me mover entre gente viva enquanto seus ruídos e ações circulam ao meu redor, mas os vivos não me veem, da mesma forma que atores de um filme não veem, a plateia. Com o risco de parecer autodepreciativa demais, como uma gorducha do sétimo ano usando óculos e

uniforme escolar, estou mais acostumada a me sentir invisível no mundo. O que requer mais paciência é aceitar o fato de que não sou mais limitada por barreiras físicas; posso passar por portas fechadas de saguão e por porteiros de hotel tão facilmente quanto você poderia passar por fumaça ou por neblina, sentindo pouco mais do que uma cosquinha na minha garganta-fantasma ou um arrepio que me estremece toda.

Pelo lado negativo, não apenas os estranhos olham através de mim; eles também *caminham* através de mim. Eles não tropeçam com o mero contato físico ou te tocam. Você é realmente atravessada. Você se mescla. Você é violada pela fisiologia itinerante desses pedaços animados de carne que compram, comem, fornicam. Você se sente borrada, confusa e vertiginosa, assim como um idiota pré-morto que acabou de atravessar você.

E, sim, eu realmente pretendo usar palavras como *vertiginosa*, então pode ir se acostumando. Eu posso ser uma vaca morta, mas não vou bancar a otária só porque você se sente Control + Alt + Inseguro sobre meu vocabulário pueril. E, não, nãozinho, eu definitivamente *não* vou usar jargão de internet. Jane Austen escolheu deliberadamente não avivar suas sardônicas narrativas com *emoticons*, então não farei isso também.

Repetindo: tornar-se um fantasma requer certo costume. Elevadores de hotel, por exemplo. Gente idiota vivamente viva sempre se aperta no elevador. No Rhinelander, eu subi até a cobertura com metade do meu corpo dentro de uma sonegadora de imposto nojenta toda preenchida com colágeno e a outra metade dentro do chihuahua inquieto dela, fruto de inúmeros cruzamentos de raças. Fisicamente, a sensação não vai muito além de nadar ou mergulhar em Evian poluída por silicone. Posso sentir o gosto da salinidade do Botox dela. Os betabloqueadores azedos em seu fluxo sanguíneo me deixam com a cabeça aérea, e submergir no banho quente de químicas que constituem um chihuahua... puxa vida. Depois de subir sessenta e cinco andares impregnada em biologia canina mexicana, mal posso esperar para tomar uma ducha e passar xampu no meu cabelo-fantasma.

Eu desapareço pela porta do corredor, número CB – sem vizinhos, sem animais de estimação, sem cigarro –, onde eu emergo no saguão da cobertura. No primeiro momento desde que eu cheguei à tediosa Nova York, eu entro num inconspicuo silêncio absoluto. Nenhuma buzina tocava. Nenhum odioso pré-morto tagarelado alto em seu telefone em línguas ininteligíveis das Nações Unidas. Móveis preenchem a sala principal da cobertura, cada cadeira, mesa e estante coberta em musselina branca. Até os lustres pendentes estão enrolados em algodão branco, o tecido amontoado embaixo de cada um, caindo como caudas membranosas de ectoplasma. A impressão geral é de uma festa silenciosa frequentada por numerosos fantasmas. Fantasmas de quadrinhos usando lençóis, prontos para uivar “uuuuuuu”.

Esse quarto de espectros parece uma festa de boas-vindas estranhamente temática encenada para me ridicularizar. Uma convenção de sustinhos e sustões. Para ser franca, sinto mais do que Control + Alt + Ofendida por essa recepção insensível.

Por causa de um longo hábito, seguindo as regras oficiais da casa da minha mãe reforçadas de Tóquio a Manágua, eu tiro meus sapatos e os deixo dentro da porta do vestíbulo.

Além da já citada reunião de fantasmas falsos, as altas e amplas janelas da cobertura dão para a arquitetura de Manhattan lá em baixo. As fileiras de prédios bem apertados, aqueles arranha-céus sugerindo nada além de um campo de túmulos cinza. Essas torres lotadas parecem colunas quebradas, torres e obeliscos, uma coleção de monumentos com os quais os humanos marcam seus locais de enterro. Além da janela, há este cemitério de escala assombrosa. A Big Apple. Uma necrópole fluorescente dos futuros mortos.

Por favor, entenda, ilustre Tweeter, não é minha intenção ser uma empata-foda. Uma estraga-prazeres falecida. Mas suspeito que estou sofrendo de uma espécie de depressão pós-morte. Depois que passa a novidade de estar recém-morta, uma sensação de mal-estar tende a se estabelecer no lugar dela.

Para responder o post emocionalmente sensível de moicanoArcher666, sim, um fantasma pode se sentir solitário. Se quer saber mais, sinto-me um tantinho triste e descartada, esquecida pelo mundo todo. Meu coração iria se estufar como um balão d'água cheio de lágrimas quentes, inchar e explodir se eu visse meus velhos, se eu os visse e eles *não* me vissem. Isolada, sozinha, apenas com meus pensamentos e sentimentos, como um fantasma sem meios de me comunicar, eu me tornei a derradeira *outsider*.

Não meramente abandonada por Deus, eu me sinto abandonada por todos.

Seguindo por uma passagem da cobertura, caminhando nos meus pés-fantasmas calçados com meias, além do estúdio de ioga da minha mãe e da sala de charuto do meu pai, eu encontro a porta do meu quarto fechada. É claro que a porta está trancada, e sem dúvida com o ar-condicionado ainda ajustado numa temperatura de frigorífico, e as cortinas fechadas para proteger minhas roupas e brinquedos do desbotamento provocado pelo sol. Para preservar meu quarto como um pequeno templo para uma amada filha morta. Por um imbecil momento, eu tento adivinhar a senha do sistema de segurança da minha mãe. Minha primeira escolha é *camillespencereamelhoratrizvivacommenosde40*. Como segundo palpite, a senha da minha mãe é: *naomateiminhafilhinhagatinhadoce!* Minha próxima escolha é *euteriaamadomadisonmaisseelapesasseumpouquinhomenos*. Qualquer uma dessas senhas provavelmente estaria correta, mas daí eu percebo que posso simplesmente atravessar.

Passar por uma porta ou parede é apenas levemente menos desprazeroso do que

dividir moléculas com um chihuaua. Eu capto a agitação da serragem, a sensação oleosa de muitas camadas de tinta látex azul-claro.

Meu quarto apresenta uma configuração similar à sala da cobertura. É ocupado por uma cama, uma poltrona, uma cômoda, cada peça de mobília é mascarada por um pano branco... mas estendido na minha cama, escondido embaixo da musselina branca, está a silhueta prostada de uma pessoa. Aos pés da cama, a silhueta se estica para sugerir dedos pontudos dos pés, e pernas finas. Se espalha para sugerir quadris, cintura, peito; então a musselina desce até um aparente pescoço e se ergue para cobrir um rosto, levantada na ponta de um nariz. Nesse momento Cachinhos Dourados, alguém ocupa minha cama. Na mesinha de cabeceira coberta de musselina, uma peruca descartada de cachos de cabelos loiros para formar um ninho. Assentado no centro daquele ninho loiro, como ovos, há um kit com uma dentadura, um aparelho auditivo que parece um pedaço de plástico cor-de-rosa unido a um camarão jumbo, um maço de Gaulouises e um isqueiro dourado. À vista, ao lado desses artefatos, tem uma capa emoldurada da revista *Cat Fancy*, com uma foto da minha mãe e eu abraçando um gatinho listrado, alaranjado e de olhos brilhantes. Em contraste com as feições carregadas de Botox da minha mãe, meu sorriso é congelado num momento de risada prazerosa genuína. A manchete diz:

Estrela do cinema dá à gatinha Cinderella um final feliz.

Para PattersonNúmero54, sim, até um fantasma pode sentir tristeza e terror.

A morte não é o final dos perigos. Há mortes além da morte. Goste ou não, a morte não é o fim de nada.

Ninguém quer vagar por um solitário quarto de hotel bem silencioso e encontrar um corpo morto, especialmente um deitado em sua própria cama de quando você era criança. É o corpo de um estranho descuidado abandonado aqui; sem dúvida, deve ser alguma camareira hondurenha do hotel que decidiu cometer suicídio na minha bela cama, cercada por ursinhos Steiff importados e girafas Gund de edição limitada, provavelmente com a barriga cheia do Xanax da minha mãe, decompondo seus terríveis fluidos corporais hondurenhos no meu cobertor Håsten costurado à mão, arruinando meus lençóis de mil e seiscentos fios Porthault.

Quando minha raiva crescente ultrapassa meu medo, eu dou um passo à frente. Agarro a ponta da musselina e começo a puxar para baixo, revelando o corpo: uma antiga múmia. Uma velhaca. Suas gengivas enrugadas e murchas, sem dentes para preenchê-las. Afundada num travesseiro, cabelos grisalhos esparsos adornam sua cabeça. Eu tiro o tecido branco num único puxão, jogando-o no chão do quarto. A velha está deitada de pernas juntas, mãos cruzadas sobre o peito, cada dedo ossudo brilhando com anéis berrantes. Reconheço seu vestido, uma névoa de veludo

aquamarinho adornado pesadamente com lantejoulas, contas e perolinhas. Uma fenda na saia revela uma perna esquelética, da coxa morta ao pé de veias azuis metido numa sandália Prada. Os sapatos são tão novos que a etiqueta com o preço colada à sola de um deles ainda é legível. A peruca loira, a blusa, todos parecem vagamente familiares. Eu os conheço. Reconheço de um funeral que aconteceu há cerca de cem mil anos. Milagre dos milagres, posso sentir o cheiro do cigarro da velhinha. Não, juro, fantasmas não podem sentir o cheiro ou gosto de nada do mundo vivo, mas posso sentir o fedor de cigarro que emana dela. E, sem pensar, sem uma intenção consciente, eu digo:

– Vovó Minnie?

Os cílios da velha se agitam. A ponta externa de um cílio aranhoso falso está soltando, fazendo-a parecer um pouquinho demente. A velha pisca, levantando-se em seus cotovelos e forçando seus olhos leitosos na minha direção. Um sorriso quebra a ampla aparência enrugada do seu rosto, e sua gengiva cor-de-rosa diz, com o som de língua presa:

– Docinho de coco?

Para canadenseAIDSemily, isso machuca. Mesmo quando você está morta, dói quando seu coração incha, estendido mais e mais como um aneurisma de lágrimas prontas para desabrochar.

O olhar da minha vovó salta de mim para a saia do seu vestido, de mim para as lantejoulas e o veludo que cai para revelar suas pernas envelhecidas, e a mulher diz:

– Valha-me Deus... está *vendo* só o uniforme de puta em que sua mãe me enterrou? – Com uma mão trêmula cheia de joias, ela se estende até a mesa e pega o maço de Gauloises, dizendo: – Acenda aqui para sua velha vovó Minnie – ela leva o cigarro à boca, e seus lábios enrugados frouxos despencam no formato de um beijo ao redor da ponta do filtro.



21, dezembro 8:09

Uma eca de reencontro

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Esparramada na manta de cetim da minha cama, vovó cruza suas pernas magrelas na altura do tornozelo, permitindo que eu tenha um indesejado vislumbre pela fenda de sua saia. Faço uma careta e pergunto:

– Eles te enterraram... sem calcinha?

– A idiota da sua mãe – ela disse como resposta.

Seu vestido não tem mangas, e ela olha abaixo para uma tattoo tribal que toma seu pulso e sobe pelo braço até o cotovelo, continuando pelo ombro. O preto manchado de tinta forma letras farpadas, como caules de rosas, que soletram: *Eu [formato de coração] Camille Spencer... Eu [formato de coração] Camille Spencer...* com uma rosa tatuada desabrochando em cada repetição. Vovó cospe em seu dedão e esfrega as palavras em seu pulso dizendo:

– Que feliz asneira é essa?

Ela não pode ver, mas as palavras correm por seu ombro e contornam seu pescoço como uma gargantilha, terminando numa grande rosa tatuada que cobre a maior parte de sua bochecha direita. Essas declarações repetitivas foram gravadas em sua envelhecida pele *post mortem* queimada de sol, por insistência da minha mãe.

Com sua cabeça apoiada no travesseiro da cama, a vovó Minnie abaixa o olhar para seus seios fartos, volumosos dentro do corpete de seu vestido.

– Pelo amor de Pete... O que sua mãe fez comigo?

Com a garra retorcida de um dedo indicador envelhecido, ela experimenta cutucar um dos seios firmes, obviamente outra renovação *post mortem*.

Está fumando um cigarro-fantasma, soprando fumaça de segunda mão para todo lado, e com sua mão livre ela afofa a cama para que eu vá me sentar ao lado dela. É claro que eu me sento. Estou amargurada, ressentida e brava, mas não sou mal-educada. Eu simplesmente me sento, sem falar nada, definitivamente sem abraçá-la ou beijá-la. Minha bolsa Coach, falsa e emprestada, repousa na cama ao lado do meu quadril, e eu enfio uma mão nela, mergulhando-a por entre a sombra de olho turquesa da Avon, Almond Joys e camisinhas. Pesco um smartphone estranho e

começo a digitar meus pensamentos malignos em palavras... frases... posts desaforados de blog.

Se é para ser honesta aqui, resolvi que sou simplesmente o fantasma de treze anos com o coração mais duro que já vagou pela face da Terra e já estou desejando que minha amada vovó Minnie, morta há muito tempo, tenha câncer de pulmão e morra pela segunda vez.

Em meio a tragadas em suas unhas de enterro, minha vovó pergunta:

– Não viu um espiritualista zanzando por aí, viu? Com uma pele horrível? Um magrelo altão com cabelos compridos, presos em uma trança que desce pelas costas, como um desses chinas aí? – Ela vira um olho enrugado para mim.

Para assegurá-la, babettegostosainferno, estou cuidando direitinho da sua bolsa.

Minha vovó Minnie era a mãe da minha mãe, e em seus dias verdejantes ela provavelmente tinha sido uma garota impulsiva do jazz balançando seus cabelos e esfolando os joelhos, dançando o *jitterbug* em mesas de bares clandestinos cobertas de cocaína com Charles Lindbergh e farreando pela noite de West Egg num Stutz Bearcats, enrolada em casacos de guaxinim e empanturrando-se de peixinhos dourados vivos, mas, quando eu a conheci, minha vovó já estava só o pó. Provavelmente criar minha mãe não a ajudou a ficar nada jovem.

Quando eu nasci, vovó Minnie já estava colecionando botões e cuidando de sua ciática. E fumando um cigarro atrás do outro. Eu me lembro de quando eu a visitava no interior, ela preparava chá colocando um vidro de conserva velho cheio de água numa janela ensolarada. Tirando todas essas coisas Norman Rockwell, a casa da minha vó tinha cheiro de férias com homens da caverna sujos, como se ela cozinhasse cada refeição combinando ingredientes crus que arrancava da terra, então os esquentava para fazer comida *bem dentro de sua casa* e nunca simplesmente mandou uma mensagem para o Spago, o Ivy ou o Grill Room no Four Seasons para que entregassem *moules marinières tout de suite*.

Depois que você usava o banheiro da vovó, nenhuma empregada somaliana entrava silenciosamente para higienizar tudo e distribuir novos xampus perfumados *pamplémousse*. Não é mistério por que minha mãe optou por fugir quando era adolescente e se casar com meu pai bilionário. Há um limite até quando você pode fingir ser Laura Ingalls Wilder antes que o jogo da caipira descalça se esgote. Na época em que eu fui banida para o interior entediante de Elba, minha mãe esteve com uma equipe de filmagem da Unesco ensinando técnicas de sexo seguro com camisinha para bosquímanos de Kalahari. Meu pai devia estar orquestrando a tomada hostil da Sony Pictures ou encurralando o mercado internacional de armamento de plutônio, enquanto eu ficava presa, fingindo interesse nos arrulhos dos pássaros quando estão acasalando.

Não sou esnobe. Não posso ser chamada de esnobe porque, há muito tempo,

perdoei minha vovó por morar numa fazenda no interior. Eu a perdoei por comprar Havarti doméstico e por não saber a diferença entre *sorbet* e *gelato*. A favor dela, foi minha vovó Minnie quem me apresentou os romances de Elinor Glyn e Daphne du Maurier. Para eu ganhar alguns pontinhos, eu tolerei a obsessão dela em criar seus próprios tomates Heirloom quando Dean & Deluca poderiam ter mandado por Fedex uns Cherokee Purples bem melhores. Eu a amo *tanto* assim. Mas não importa o quão crítico isso soe, eu ainda não a perdoei por ter morrido.

Pegando um pedacinho de tabaco da sua língua, usando as unhas longas de palito turbinadas pela minha mãe para o funeral, minha vovozinha diz:

– Sua mãe contratou um sujeito aí para caçar seu fantasma, então fique esperta. – E ela acrescenta: – Posso te dizer uma coisa: ele é um pentelho particular que encontra gente morta, e está aqui neste mesmo hotel!

Sentada aqui no meu velho quarto de hotel, cercada pelos meus macacos Steiff e zebras Gund, tudo o que consigo ver é esse cigarro aceso. Essa forma legalizada de suicídio. E sim, em resposta ao comentário postado por leonardsabe-tudohades, isso é bem pouco generoso da minha parte. Permita que eu seja franca. Não sou totalmente desprovida de empatia, mas, na minha concepção, ela me deixou para trás. Minha vovó me abandonou porque os cigarros eram mais importantes. Eu a amava, mas ela amava mais o alcatrão e a nicotina. E hoje, encontrando-a no meu quarto, eu resolvi não cometer o erro de amá-la novamente.

Minha mãe nunca a perdoou por não ser Peggy Guggenheim. Eu nunca a perdoei por fumar, cozinhar, jardinar e morrer.

– Então, – minha vovó Minnie diz – docinho de coco, por onde tem andado?

Ah, eu desconverso. Não lhe conto nada sobre como eu morri. Nem ofereço qualquer palavra sobre ter sido condenada ao Inferno. Meus dedos continuam digitando no meu smartphone; meus dedos gritam tudo o que não aguento dizer em voz alta.

– Estive lá. No Céu – diz a vovó Minnie. Ela aponta o cigarro para o teto. – Nós dois estávamos salvos, eu e seu vovozinho Ben. O problema é que uma das regras do Céu é proibir estritamente o cigarro.

Minha vovó morta diz, então, que, da mesma forma que funcionários de empresas precisam vencer o clima e sair lá fora para baforar em seus tubinhos de câncer, ela deve descer como fantasma para se permitir seu vil vício.

Basicamente eu apenas escuto e busco o rosto dela por sinais de mim mesma. Criança e velha, criamos um tipo de efeito de antes e depois; seu nariz curvo de papagaio é meu narizinho bonitinho de botão, só que irradiado com raios ultravioleta de uma centena de milhares de dias de verão no interior. Sua cascata de queixos de vários tamanhos duplicam meu queixinho delicado de menina, só que triplicado. Eu migro a conversa para o clima. Sentada no canto da cama de hotel, onde ela se deita

fumando um cigarro, eu me pergunto se o vovozinho Ben também está vagando por aí, pelo hotel Rhineland.

– Florzinha, – ela diz – pare de mexer aí nessa calculadora e seja sociável. Vovó Minnie gira sua cabeça-fantasma de um lado para o outro no travesseiro. Ela sopra fumaça para o teto e diz: – Não, seu vovozinho não está por perto. Ele queria ficar no Céu para receber Paris Hilton quando ela fosse para lá.

Por favor, Dra. Maya, dê-me forças para não usar um *emoticon*.

Paris Hilton está indo para o Céu?

Isso eu não posso Control + Alt + Conceber.

Sentada aqui, olhando para o rosto da minha vovó, ocorre-me que eu não posso vislumbrar os pensamentos dela. Pensamentos... ideias... a própria prova que René Descartes fornece para nossa existência é igualmente invisível quando somos fantasmas. Assim como nossas almas. Parece que, se a Ciência vai desprezar a possibilidade da existência de alma por falta de prova física, os cientistas também deveriam negar que o pensamento ocorre. Com essa observação, eu olho meu relógio de pulso robusto e funcional e observo que só se passou um minuto.

Minha vovó me pega com meu cotovelo torcido, meu relógio virado para mim para que eu olhe a hora, e ela diz:

– Senti saudades da sua velha avó, gatinha? – Ela solta outra baforada em direção ao teto.

– Sim – eu minto. – Senti. Senti saudades – mas continuo teclando o contrário.

Não me escapa o fato de que esse é o conflito central da minha vida. Eu amo e adoro toda a minha família, exceto quando estou com eles. Não aproveito o reencontro com minha vovó Minnie que morreu há tanto tempo, mais do que anseio em ter minha amada vovozinha fumante e meio cega eutanasiada.

A infeliz realidade é que a eutanásia médica é, no máximo, uma solução que só se pode ter uma vez.

Então acontece: um som.

Do saguão da cobertura: uma risada.

Eu pergunto:

– É seu detetive paranormal de cabelos compridos?

Vovó Minnie aponta seu cigarro na direção da balbúrdia, um homem ri, e ela diz:

– É por isso que você não deveria estar aqui, patinha. – Ela bate a cinza-fantasma de seu cigarro-fantasma e traz a bituca para a boca. – Eu mesma estou fazendo uma pequena investigação escondida – ela diz, dando outra tragada. – Acha que eu gosto de ficar deitada aqui cercada por esses seus brinquedinhos piolhentos? Maddy, querida, você entrou num terreno vigiado.



21 de dezembro, 8:12

Um caso revelado!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

De outro lugar da suíte de hotel vem o som de uma porta, a tranca morta estalando, aberta com um estrondo pesado. Nenhuma batida anuncia a chegada. Nenhum aviso educado de “camareira!” ou “serviço de quarto!”. É a porta que se abre do corredor do hotel para a sala. A tranca se abre. As dobradiças soltam um pequeno suspiro, e pegadas abafadas ressoam contra o chão de mármore no saguão da suíte.

Triste dizer que os mortos ainda podem sofrer de pontadas dolorosas de autoconsciência. Como vocês, pré-decompostos, os pós-vivos podem se sentir totalmente mortificados por suas próprias confissões sórdidas.

Pegue, por exemplo, a seguinte admissão: eu passei as horas mais amadas da minha infância com minha orelha pressionada do lado de fora da porta do quarto dos meus pais. Nas não raras ocasiões em que o sonho me abandonava em Atenas, Abu Dhabi ou Akron, eu tinha grande prazer em ficar de bituca no resfôlego carnal dos meus pais. Seus grunhidos coitais eram como uma doce cantiga de ninar. Para meu ouvido infantil, esses grunhidos e roncos eram a confirmação do prazer familiar contínuo. As ejaculações bestiais dos meus pais garantiam que meu lar não fosse ruir como os de todos os amiguinhos abastados com quem eu brincava. Não que eu tivesse amiguinhos para brincar.

Raspando, batendo. A cultura dos espiritualistas está cheia de fantasmas batendo alto na porta. Para almas presas num mundo físico, são apenas bons modos. Colocando de uma forma objetiva, ninguém quer entrar num quarto e testemunhar uma pessoa pré-morta cagando ou vigorosamente ocupada em fazer o rala e rola.

Assim, fantasmas sempre batem antes de entrar num quarto. Incluindo eu. Especialmente eu. Na cobertura do hotel Rhinelander, enquanto sigo o som da risada do meu pai, o inconfundível *clip-clop* de seus sapatos de gancho puro-sangue, acompanhado pelo *tique-taque* de bomba-relógio de saltos altos Manolo Blahnik, minha busca leva à porta fechada do quarto dos meus pais em Nova York. Um instante antes de eu passar pela madeira envernizada, uma voz lá de dentro diz:

– Corra, meu amor; estamos desesperadamente atrasados. Deveríamos estar

trepando há horas...

A voz, a voz do meu pai, interrompe minha entrada. O que há para se dizer em relação ao renomado Antonio Spencer? A forma de sua cabeça é como a de uma bela rocha. Um marco. Geralmente ele fala com uma falsa entonação de locutor de rádio, mas hoje sua voz soa nua e peluda.

Em vez de me dissolver pela porta e possivelmente testemunhar uma cena primitiva, eu ando de um lado para o outro no saguão, enervada pela culpa.

No saguão da cobertura, uma tomada elétrica atrai minha visão. Vamos revisitar essa prática em maiores detalhes em breve, mas no momento aceite o fato de que eu derramo meu ectoplasma-fantasma em buraquinhos minúsculos de uma tomada de três pinos e deslizo pelos fios de cobre enterrados nas paredes do hotel. Visualize Charles Darwin navegando pelos fumegantes sistemas do rio Amazonas. Chegando a uma caixa de luz, eu arrisco o próximo fio e sigo para uma nova tomada. Logo encontro os dentes de uma corda de extensão. Saracoteando pelo cobre, eu salto pela fenda de um interruptor aceso. Túnel acima, eu chego a um beco sem saída, fechada dentro de uma lâmpada. Não uma espaçosa lâmpada incandescente de Thomas Edison, fique você sabendo; essa é uma convoluta e compacta lâmpada fluorescente numa mesinha de cabeceira. Em volta de mim, uma cúpula de abajur tapa minha vista do quarto de hotel. Estou retorcida dentro de uma lâmpada apagada, exatamente a opção de energia eficiente e ecologicamente correta que meus pais escolheriam, e o mercúrio tem um gosto Control + Alt + Péssimo. Cercada pela cúpula do abajur, só posso abaixar o olhar para a superfície de madeira da mesinha de cabeceira. Lá, como os elementos de alguma natureza morta torridamente moderna, minha vista limitada inclui um smartphone, uma chave do quarto presa a um chaveirinho de metal, um rádio-relógio e o pacotinho rasgado de uma camisinha não presente.

Aos ouvidos, o reconfortante mastigar de meus pais ouriçando freneticamente suas envelhecidas zonas erógenas.

Por favor note, futura pessoa morta, sempre que você desliga uma lâmpada fluorescente ou de raios catódicos, vê um brilho residual verde fóton; esse brilho é um ectoplasma humano preso. Os fantasmas são sempre capturados em lâmpadas.

Mesmo agora, enrolada dentro de uma lâmpada apagada, eu permito ao meu fantasma escondido ficar de butuca. Coberta pela cúpula como estou, não posso vê-los, mas posso detectar os carinhos roucos do meu pai.

– Ah, devagar – meu pai diz. – Adoro o que está fazendo, querida, mas espere. Você vai me levar à loucura...

Com isso, uma mão serpenteia abaixo do abajur. É uma mão ossuda e aranhosa. Franzida com músculos lisos, é um braço de serpente, sua pele lisa como as escamas de um lagarto. As unhas pintadas com esmalte branco lascado, e faixas cor-de-rosa

correm da base da palma por dentro do antebraço, como arados num campo não cultivado do norte. Essas linhas cor-de-rosa paralelas correm quase até o cotovelo. Irregulares, elas sugerem os poucos centímetros de arado conquistados por um velho fazendeiro sujo antes de cair morto num ataque cardíaco solitário.

Essas cicatrizes, cortadas de forma tão rude e recém-cicatrizadas marcam quem as apresenta como uma pretensa suicida. Ilustre Tweeter, eu reconheço essas cicatrizes. Conheço esse braço.

Conheço o visual desolado de um estilo de vida miserável do interior, no norte do estado.

Uma linha crescente de marrom se mostra sob cada unha. É chocolate, o marrom. Para um comedor especialista, é claramente chocolate ao leite manchado pela cobertura de um Baby Ruth. Seu toque é escorregadio de suor e grudento como caramelo. Seus dedos tateiam as laterais de vidro da lâmpada, acariciando efetivamente meu rosto, sujando meu cabelo. Tocando e molestando o meu fantasma contido aqui. Esses dedos têm o cheiro das roupas íntimas do meu pai fermentando no fundo de um cesto de roupas sujas superaquecido na Tunísia. Têm o cheiro da minha mãe quando ela ri e fica amarrada em seu robe de banho a manhã toda. Nessas manhãs, minha mãe serve serenamente suco orgânico de gérmen de trigo, suas bochechas ruborizadas e irritadas pela barba matutina por fazer do meu pai.

Sem usar a aliança amarelo-canário da minha mãe, essa mão tateante não é a dela.

Preso aos dedos aranhosos há um braço de cobra, um ombro magrelo, um pescoço esguio. Um rosto se projeta da cama, e dois olhos espiam sob o canto inferior da lâmpada, e olhando diretamente para mim enquanto os dedos localizam o interruptor e o giram. Um rosto não mais velho do que uma bela colegial, no novo brilho de sessenta watts, não é o rosto de minha mãe.

Tem batom borrado na boca dessa estranha. Suas bochechas estão avivadas pelo bigode que deveria estar esfolando o rosto da minha mãe. Ela olha para o fundo da lâmpada como se espiasse por baixo de uma saia. Essa estranha lasciva sorri no brilho do meu rosto escondido, e ela cochicha.

– Que horas são?



21 de dezembro, 8:16

Um grito de socorro

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Na morte, assim como na vida, sou traída por meus pares. A garota que encontramos se acariciando tão livremente com meu bem casado pai até recentemente se declarava como minha devota amiga e mentora no Inferno. É provável que ela também tenha violado seu toque de recolher do Halloween, mas como ela pode manifestar um corpo físico e interagir carnalmente com os pré-mortos é um mistério.

Para meus amigos restantes ainda localizados no submundo em chamas, faço um pedido especial. Sem o conhecimento de vocês, espertinho Leonard, atlético Patterson, misantropo Archer e queridinha Emily – durante o curso normal dos acontecimentos no Hades, eu inadvertidamente fiz contato com meus pais vivamente vivos. Foi por telefone, por acidente, e eles ficaram compreensivelmente chateados em falar com a filha que eles haviam acabado de enterrar. Para apaziguar o chororô, eu ofereci à minha mãe e ao meu pai conselhos sobre como levar suas vidas. Esse conselho, provavelmente, vai jogá-los no Fosso.

Por favor, meus amigos do submundo, se meus pais morrerem durante minha ausência de um ano, por favor, protejam-nos. Façam que se sintam em casa.



21 de dezembro, 8:20

O caso, continuação

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Buscando provas forenses do tesão dos meus pais um pelo outro, como uma filha pré-morta, eu revirava a roupa suja. O fedor e a umidade dos lençóis molhados serviam como evidência física de que minha mãe e meu pai ainda se amavam, e que essas manchas da luxúria documentavam seu romance melhor do que qualquer poesia floreada escrita à mão. Seus despejos carnavais provavam que tudo era estável. O ranger das molas da cama, a batida de pele contra pele nua, tudo isso comunicava uma promessa biológica mais duradoura do que votos matrimoniais.

Nessas manchas nojentas de fluidos corporais estava a prova escrita de nosso final feliz juntos. Isso, ao que parece, não é mais o caso.

– Pelo amor de Madison – diz a voz ofegante de meu pai – está tentando me matar de sexo, Babette?

Aqueles familiares olhos emoldurados em sombra turquesa, contornados por cílios delineados, eram as plantas carnívoras de uma flor de Vênus. Seus lóbulos da orelha se esticavam com o peso da zircônia cúbica lapidada do tamanho de uma moeda. Fazendo da sua voz um ronronar de cama, continuando a olhar para mim na minha lâmpada, a jovem Babette pergunta:

– Bateu saudades dela?

Meu pai responde com silêncio. Sua hesitação se estende por uma eternidade fria. Finalmente ele pergunta:

– Está falando da minha esposa?

– Estou falando da sua filha, Madison. – explica Babette.

Grunhido, indignado.

– Está perguntando se eu *batia* nela? Se sinto saudades de bater nela?

– Não – Babette diz. – Se bateu *saudades* dela.

Após um longo intervalo, com voz irônica e desgosto, meu pai diz:

– Fiquei espantado em saber que o Céu existe...

– Madison não mentiria – diz Babette, tentando me fisgar. – Mentiria?

– Isso vai soar terrível – começa a voz de meu pai. – Mas fiquei ainda mais

surpreso de ouvir que Madison passou pelos portões. – Uma risadinha. – Francamente, fiquei embasbacado.

Meu próprio pai acha que eu deveria estar no Inferno.

Mais estranho ainda, eu suspeito que Babette possa me ver. Estou certa que sim.

Rapidamente, secamente, meu pai acrescenta:

– Eu poderia imaginar Madison entrando em Harvard... mas no Céu?

– Mas ela está lá agora – diz Babette me vendo aqui, presa na Terra, pairando ao alcance de seu diálogo pós-coital adúltero. – Madison falou com você do Céu, não foi?

– Não me entenda mal – meu pai diz. – Eu amava Maddy tanto quanto qualquer pai ama uma filha. – Sua pausa em silêncio aqui é longa e enfurecedora. – A verdade é que minha filhinha tinha suas falhas.

Como se fizesse um esforço simbólico para resolver a questão, Babette diz:

– Isso deve ser doloroso para você admitir.

– A verdade é que... minha Maddy era meio covarde.

Babette perde o fôlego num choque teatral.

– Não diga isso!

– Mas Madison era – insiste meu pai, com a voz exausta, resignada. – Todo mundo via isso. Ela era uma covardona de personalidade fraca, sem iniciativa.

Babette faz uma careta para mim, dizendo:

– Não, a Maddy? Sem personalidade não!

– Essas foram as descobertas de uma equipe inteira de especialistas em comportamento – a voz do meu pai afirma pesadamente. Deprimido. – Ela se escondia por trás de uma máscara de falsa superioridade.

A declaração se desdobra nos intestinos doloridos do meu cérebro. Meus ouvidos engasgam nas palavras *equipe* e *descobertas*.

– Aqueles olhinhos dela observavam tudo e julgavam tudo, especialmente a mãe dela e eu. Madison desprezava cada sonho, mas nunca teve a coragem ou força e convicção para buscar qualquer visão própria. – Como se expusesse esse triste trunfo, ele acrescenta: – Nada nos levaria a acreditar que a pobre Maddy jamais teve um único amigo...

Isso, ilustre Tweeter, é uma inverdade. Babette era minha amiga. Não que ela seja uma grande confirmação de amizade.

Rapidamente e gentilmente demais, ela diz:

– Não temos de discutir isso, Toni.

E muito fervorosamente, meu pai responde:

– Mas eu tenho sim. – Sua voz é simultaneamente justa e derrotada. Ele diz: – Leonard nos avisou. Há décadas. Muito antes de ela nascer, Leonard nos disse que Maddy seria difícil de amar.

Estreitando os olhos, sorrindo para mim, Babette o incita:

– Leonard? O operador de telemarketing?

Balançando a cabeça de forma quase audível, meu pai diz:

– Tá, ele era um operador de telemarketing, mas ele nos deixou ricos. Ele nos avisou que Madison iria fingir ter amigos.

Meu pai ri baixinho. Ele sorri.

– Numas férias de inverno, Madison passou os dias de folga totalmente sozinha...

Ah, pelo amor de Susan Sarandon, não posso estar ouvindo isso! Meu cérebro-fantasma incha e dói, alongando-se dolorosamente, a barriga inchada da minha memória.

– Ela contou à mãe dela e a mim que estava passando as férias com seus amigos em Creta – ele continua. – E, nas três semanas seguintes, ela não fez nada além de tomar sorvete e ler romances vagabundos.

Afe, ilustre Tweeter! Puxa vida! *Entre o amor e o pecado* não é um romance vagabundo. Nem eu sou fraca ou covarde.

A voz de Babette soa melosa quando ela sussurra:

– Uma menina tão linda como a Madison... Isso é impossível.

Porém, seus olhos cor de urina gargalham às minhas custas.

– É verdade – diz meu pai. – Nós a observamos durante as férias todas pelas câmeras de segurança da escola. Aquela pobre coisinha gorda e solitária.



21 de dezembro, 8:23

Uma ex(?)-amiga...

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Meu pai é um cara tão natural que seu grunhido copioso nos deleita. Explosões vulcânicas irrompem, não abafadas por modéstia, sequer por nenhuma porta fechada ou trancada interposta. Tendo deixado a cama e caminhado pela sala descalço, ele se instalou com as pernas arreganhadas no banheiro da suíte, de onde as superfícies azulejadas amplificam uma série de sons molhados.

Em sua ausência, Babette, mais uma vez, mete a cabeça para espiar a lâmpada em que eu me refugio.

– Madison, não fique brava – ela cochicha. – Acredite ou não, estou tentando ajudá-la.

A voz do meu pai a chama.

– Babs, disse algo?

Ignorando-o, Babette cochicha.

– Não se iluda. Você acha que foi um acidente quando seu discador automático a conectou a seus pais? – Protestando em cochichos, ela diz: – Nada do que aconteceu com você foi acidente! Nem *A viagem do Beagle*. Nem o EPCOT. – Exasperada, ela diz. – E as pessoas que você acha que são seus amigos mortos... não são seus amigos. O nerd, o atleta e o punk estão no Inferno por boas razões!

Se posso acreditar em Babette, vocês, leonardsabe-tudohades, PattersonNúmero54 e moicanoArcher666, são todos canalhas. Ela alega que vocês tendem a subverter a criação e impor seus próprios planos eternos. Vocês se tornaram meus amigos no Inferno. Vocês me colocaram para trabalhar nos telefones. Ela diz que isso é parte de um grande esquema há séculos.

– Eles se chamam de “entidades emancipadas” – Babette insiste. – Recusam-se a tomar partido de Satã ou de Deus.

Ao fundo, soa uma descarga.

– Não os deixe enganá-la, Maddy. – Apontando um dedo lambuzado de chocolate para mim, ela diz: – Amiga, você não acreditaria na merda podre do além que seus ditos amiguinhos planejaram para você...

Ela sibila.

– Ainda sou sua melhor amiga. É por isso que estou te avisando. – Enquanto passos se aproximam vindos do banheiro, ela cochicha. – Fique só de olho, Maddy. Satã vai ganhar esse troço! Satã vai pegar todas as fichas, e você precisa ficar do lado dele enquanto pode.



21 de dezembro, 8:25

O caso, parte três

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Uma musiquinha baixa preenche o quarto de hotel. São os Beastie Boys cantando “Brass Monkey”. É meu smartphone na mesinha de cabeceira anunciando a nova mensagem de texto.

De volta à cama, meu pai explica.

– Pedimos a um grupo de médicos que examinassem os vídeos de segurança.

Sua mão peluda entra no meu campo de visão, tocando o topo da mesinha em busca do telefone que toca.

As palavras Control + Alt + Desaparecem. Nem mesmo *emoticons* podem transmitir o horror que sinto ao ouvir isso. Como o tema de alguma saga condescendente de rito de passagem nos sertões empoeirados da Nova-Guiné, minhas travessuras não vestidas da infância foram observadas! Meu outrora fiel, outrora devoto pai está descaradamente traindo minha mãe, e, ainda por cima, ele me considera cheia de defeitos e impossível de se gostar! Sim, ilustre Tweeter, posso ser emocionalmente limitada e despida de laços sociais supérfluos e superficiais, mas não deixo de me orgulhar do fato de que deixei de autoestimular minha peteca virginal para o estímulo antropológico voyeurístico de algum consultor psicológico infantil. É monstruosa a ideia de que estranhos me observaram. Até meus pais. *Especialmente meus pais.*

Babette pergunta:

– Antonio?

Meu pai geme algo em resposta.

Com um sorriso afetado, ela pergunta.

– Por que estamos aqui?

A mão peluda e bronzeada de sol do meu pai pega seu smartphone e sua voz diz:

– Estamos acompanhando o caçador de fantasmas de Camille no quarto 6314. – Envolvendo seu dedo, sua aliança dourada parece uma minúscula coleira de cachorro. – Você se lembra do cara que Leonard nos disse para contratar? Da revista *People*? – ele diz. – Aquele que toma toneladas daquele tranquilizante de animais?

O ritmo de sua história fica mais lento, pontuado pelo leve bipe das teclas que pressiona no smartphone. Meu pai ainda está falando, mas está distraído, verificando suas mensagens. Ele continua a descrever os efeitos extracorpóreos de viajar em algum anestésico, ketamina, o que o herói da contracultura Timothy Leary descreve como “experimentos de morte voluntária”. Ele explica como esse caçador de fantasmas *freelancer* aciona ao bel-prazer suas experiências de quase-morte ingerindo overdoses intencionais. Meu pai, ilustre Tweeter, pode falar sobre qualquer assunto com propriedade. Ele descreve o que os cientistas chamam de “fenômeno de emergência”, em que os usuários abusivos de ketamina juram que suas almas deixam os corpos e se encontram no além.

Babette diz:

- Está fugindo do meu assunto.
- Leonard nos disse para contratar esse ser bizarro e acampar aqui no Rhineland.
- Mas por que *eu* estou aqui? – Babette é categórica.
- Eu te peguei ao Halloween...
- No dia *seguinte* do Halloween – Babette interrompe.
- Eu te peguei pela mesma razão que cuspi no elevador a caminho daqui nesta tarde – meu pai diz. Ele fala mais lento, como se desse ordens a uma empregada somaliana surda como uma pedra. – *Quero minhas asas também* – ele diz. – Babs, querida, só estou chafurdando com você porque a doutrina do rudismo me obriga.

A cama range com o peso dele se movendo. Os sons de guincho do colchão recomeçam, arpejos agudos, e se parecem menos com fazer amor e mais com gritos fictícios num filme em que alguém está sendo esfaqueado até a morte num chuveiro de hotel de beira de estrada.

Sem fôlego, meu pai diz:

- Mesmo que minha filha não fosse perfeita, eu a amo. – Ele diz. – Eu mentiria, trapacearia e mataria para trazer minha garotinha de volta.

A mensagem no smartphone é de Camille Spencer. A música “Brass Monkey” é inconfundível; é o toque assinatura da minha mãe. E a mensagem? Consiste em duas palavras:

ELA DESPERTOU.



21 de dezembro, 8:28

Um turista entre os mortos

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Para minha mãe, o mecanismo de como lidar com as coisas sempre foi adquirir *maisons* distribuídas pelo mundo. Em Estocolmo, Sidney e Xangai, um plano reserva para cada plano reserva; dessa forma, ela sempre teria um refúgio. Sua estratégia à prova de falhas era esta: lugares redundantes para se retirar. Se as leis de impostos mudavam numa nação, ou uma publicidade não favorável a expunha ao ridículo, minha mãe fugia para um santuário em Malta, em Mônaco, nas Ilhas Maurício.

Para meu pai, namoradas tinham a mesma função. Da mesma forma que minha mãe nunca se comprometia totalmente a viver em um domicílio, meu pai nunca favorecia uma srta. Verruguenta Gandaia da Silva. A sutil e amplamente não reconhecida atração por lares e amantes extras baseava-se em *não* fazer verdadeiro uso deles. Aquele desejo não satisfeito, a ideia de um maravilhoso lar vago ou uma concubina ávida sustenta a atração do objeto. Veja as fotos de duas páginas no meio da *Playboy* ou as preguiçosas moças dos harém pintados por Delacroix ou os quartos vazios retratados nas páginas da *Architectural Digest*. Todos são embarcações vazias esperando para serem preenchidas.

Então, com o choque da exposição do rala e rola extraconjugal de meu pai, eu me retiro. Eu sangro ao voltar pela fiação de cobre do hotel Rhineland. Confrontada, rapidamente refaço a rota para o saguão da cobertura e emergo como uma bolha do meu fantasma pela tomada em que entrei. O processo envolve expandir, inflando meu balão de ectoplasma para mais ou menos meu velho tamanho gorducho de treze anos de idade. Meus traços faciais se solidificam, em seguida meus óculos de aro grosso, seguidos pelo meu suéter de cardigã da escola e minha bermuda-saia de *tweedy*. O último que toma forma é minha sandália Bass Weejun. Com isso, o resto do meu fantasma escorre da tomada intacto, mas Control + Alt + Desiludido.

E ao que parece, não estou sozinha. Há um homem de pé entre a mobília, as cadeiras e mesas curvadas sob seus panos brancos. Ele está embaixo do lustre e sua mortalha de algodão. Meu eu-fantasma, com meus olhos-fantasma, está fixo nos olhos desse estranho. Talvez este aí seja o caça-fantasmas de que a vovó tentou me

alertar.

Ilustre Tweeter, você pode me rotular como uma elitista esnobe, mas ainda me impressiona ver norte-americanos nos Estados Unidos. Durante a maior parte da minha infância, eu zanzei de Andorra para Antígua e Aruba, todos esses gloriosos paraísos fiscais, em constante migração de sonegadores de imposto de renda enquanto buscam abrigo para seus salários colossais em Belize, Bahrain e Barbados. Minha impressão geral era de que os Estados Unidos haviam mandado todos os seus cidadãos para fora e de que eles haviam se tornado amplamente comandados e habitados por alienígenas ilegais.

Sim, você pode ocasionalmente ver alguém usando um uniforme de empregada ou dirigindo uma limusine, mas o homem que eu encontro no saguão de nossa cobertura claramente não é empregado de ninguém. Para começar, ele está brilhando. Radiando uma luz límpida e azul. Não é como se ele contivesse uma lâmpada; é mais como se ele fosse algo facetado, uma joia, refletindo a luz ambiente. Seu rosto é turvo e indistinto, eu percebo, porque estou vendo tanto a frente quanto a parte detrás de sua cabeça, seus olhos e seu cabelo simultaneamente. É como segurar a página de um livro contra a luz do sol, tão forte que a impressão dos dois lados é legível. É deslumbrante, da forma que cada ângulo de um diamante é visível de um só ponto de vista. Através dele, posso ver os prédios do outro lado da janela, a paisagem cinza sobre o Central Park. Seu cabelo desce pelas costas em uma trança tão longa e grossa quanto uma baguete apodrecida. Cada mecha parece tão clara e iridescente quanto macarrão de arroz. Seu pescoço é um celofane estendido, tendões e veias plissados na pele. Seu paletó, calça e até seu tênis sujo de corrida são tão translúcidos quanto cuspe.

Parado lá, com os braços caídos na lateral do corpo, ele treme como uma coluna de fumaça. Quando ele abre seus lábios, parece uma leve forma ondulante de uma água-viva nadando em algum documentário submarino nojento. Sua voz soa abafada, como se eu estivesse ouvindo um homem cochichar segredos de outro quarto.

Para canadenseAIDSemily, sim, antes de eu morrer era assim que eu imaginava que um fantasma iria parecer.

Exausto e abatido, ele diz:

– Você é aquela menina morta.

Ele me vê.

– E você é...? – eu pergunto, engasgada com minha própria pergunta.

Seu corpo oscila um pouco de um lado para o outro. Quando começa a tombar em uma direção, ele se endireita com um puxão como se acordasse de supetão. Tenta compensar e começa a cair para o lado oposto. Não propriamente parando ereto, sua postura frágil é uma prolongada série de quedas mal-amparadas.

Ilustre Tweeter, posso não conhecer os tão perseguidos prazeres femininos da

menstruação, mas posso reconhecer um viciado quando vejo um. A vida com Camille e Antonio Spencer significava esbarrar por aí numa grande variedade de dependentes químicos.

Embasbacada, eu engulo. Com minha garganta seca, pergunto.

– Você é Deus?

– Garotinha morta ... – ele parece sussurrar.

Está se dissipando, e não de forma metafórica. Está evaporando. Suas mãos dissolvendo como leite misturado a água. Com as palavras mais distantes do que um eco, suaves como um pensamento, ele diz:

– Procure por mim no quarto número 6314. Encontre-me. – Apenas um resquício de sua voz permanece quando ele diz. – Venha me contar um segredo que só sua mãe saberia...



21 de dezembro, 8:30

Meus pais enviam um emissário

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Aqui e agora no hotel Rhinelander, eu traço as linhas elétricas da cobertura dos meus pais para o quarto 6314. Isso em resposta ao misterioso conselho da minha visão fantasmagórica, o homem translúcido com seu cabelo não limpo torturado numa trança hippie não menos perturbadora do que a cauda imunda de algum comedor de feno do interior com incontinência. Agradeço a canadense AIDSemily por perguntar, mas sim, um fantasma pode ser assombrado por fantasmas. Minha vovó, por acaso, permanece no meu quarto da cobertura, fumando, vagabundeando, lembrando-me com sua própria presença de nosso verão compartilhado no tedioso Empire State, e a sequência de horrores que ocorreram lá.

Deslizando pelos circuitos elétricos, passando por conexões sem solda e com um número não pequeno de caminhos errados, eu emergo nos buracos de uma tomada no quarto 6314. A situação: um quarto nos fundos do prédio, dando para a Barneys e o lago no Central Park Sul, duas cadeiras acolchoadas perto da janela, um criado-mudo, uma cama – cada superfície sem dúvida viva com seus percevejos recheados de sangue. Entre as duas cadeiras, há uma mesinha com tampo de vidro, e espalhado pelo vidro há vestígios brancos de pó. Uma maquete dos Andes. Os Apeninos. As acidentadas ilhas Galápagos, só que feitas com picos de pó branco cristalino. Uma única lâmina de gilete repousa sobre os montes. Esparramado embaixo da mesa de tampa de vidro está meu enigmático visitante, de peito pra baixo, sua cabeça virada para um lado. Ele está deitado no carpete, aparentemente morto. Um tubo enroladinho de papel se projeta do seu nariz. Esse tubo também está coberto com o resíduo branco da mesa.

Ilustre Tweeter, a vida com meus pais ex-chapados, ex-noiados, ex-travados me deixou acostumada a essa situação. Assim que posiciono meu eu-fantasma no canto da cama, o cidadão esparramado geme. Seus cílios oscilam. Você confundiria seu torso e membros com uma pilha de roupas sujas não recentes, manchadas de suor, salvo pela leve subida e descida de sua respiração. Suas mãos trêmulas empurram o carpete da sala, e com sua calça jeans remendada de espantalho, camisa xadrez de

flanela e jaqueta de camurça com franjas, ele agarra uma cadeira e se arrasta para ficar em pé. Não mais magicamente transparente, essa pessoa não atraente de carne desgastada olha ao redor do quarto de hotel perguntando:

– Garotinha morta?

Esse deve ser meu detetive particular paranormal enviado por minha mãe.

Você logo se sentiria pressionado a supor sua idade. A pele do seu rosto é áspera e vermelha como se fosse uma deliciosa bomba de creme com caramelo coberta com ricota de framboesa supurando em fervura. O que eu inicialmente tomei como um enorme lábio superior é simplesmente um bigodão cor de lábio. Rugas marcam cada traço do seu pescoço exposto, seus braços e mãos, como se ele tivesse sido dobrado e redobrado como um *Strudel* e nunca mais pudesse ser alisado. Seus olhos tingidos de sangue vão de um lado para o outro no quarto, e ele diz:

– Garotinha morta, você está aqui? Você veio como eu pedi?

Como tantos dependentes químicos, o cara parece mais velho do que qualquer cadáver.

Ao que parece, ele não pode me ver. Sim, eu poderia acender as luzes ou a televisão para confirmar minha presença; em vez disso, eu espero.

O papel enrolado ainda se projeta de seu nariz, e ele o tira.

– Mande-me um sinal – ele diz.

Sua mão desenrola o papel, alisando-o estendido. É uma fotografia da minha mãe me abraçando, nós duas sorrindo para a câmera. É a capa de uma velha revista *Parade*. Ilustre Tweeter, por favor, entenda que no momento em que essa foto foi tirada eu não tinha ideia que eles iriam sobrepor a manchete: “Estrela do cinema e sua afligida filha enfrentam a tragédia da obesidade infantil”. Sim, lá estou eu sorrindo como um sapão feliz, meus braços carnudos segurando um gatinho dourado. O vagabundo doido de rabo de cavalo dá um giro, mostrando o recorte para o minibar, a cama, a cômoda, a mesa coberta de pó branco.

– Viu – ele disse. – É você.

O canto inferior da foto está escurecido com umidade do nariz dele. Gordas como eu sou, os braços da minha mãe percorrem toda a minha extensão. Eu sinto a lembrança de seu perfume.

Intrigada, eu cedo, puxando lentamente as cortinas da janela fechadas para a vista.

Voltando-se para olhar as cortinas se movendo, a cabeça do vagabundo gira tão rápido que seu rabo de cavalo medonho balança num arco amplo.

– Sucesso! – ele grita, e bate um punho chapado no ar. – Encontrei você!

Conforme ele cambaleia num círculo, seus olhos varrem o quarto. Seus dedos tateiam como se ele pudesse agarrar minha forma invisível.

– Sua velha vai ficar tão animada.

Ele não está olhando para mim. Ele não está olhando para nada enquanto seus

olhos examinam cada canto. Está falando para todo lugar, dizendo:

– Isso prova que eu sou *o melhor*. – Sua atenção volta à mesa, as linhas brancas de pó no tampo de vidro. – Esse é meu segredo – ele diz. – Ketamina. Sabe, Special K. – Ele enrola a foto da minha mãe comigo e a enfia de volta numa narina e simula se abaixar para uma longa fungada.

– Eu me autodenomino um “caçador de recompensas médium” – ele diz. – Garotinha, sua velha está me pagando uma grana preta para encontrá-la.

Sim, canadenseAIDSemily, você entendeu corretamente. Esse mané detonado se referiu a si mesmo como um *caçador de recompensas médium*. Já posso suspeitar do pior.

Os cílios do homem piscam, abrem, piscam, mas ficam fechados um bom tempo, como se ele tivesse sempre caindo no sono. Acordando de supetão, seus olhos se abrem bem, e ele diz:

– O que eu estava dizendo? – Ele oferece um cumprimento de mão ao ar e diz: – Meu nome é Crescent City. Não ria. – Seus dedos esticados estão paralisados, tremendo. – Antes meu nome real era pior. Era *Gregory Zerwehk*.

Isso, esse aí é o tipo de emissário que minha mãe integral, pé no chão, contrataria. Aqui está o Mercúrio alado que deveria facilitar a conversa de nossa eterna ligação mãe-filha. Ele sorri, mostrando um pesadelo desconjuntado de dentes ossudos. Seus lábios esticados tremem com o esforço. Quando seu sorriso desaparece e seus olhos amarelados trêmulos param de vagar pelo quarto, ele lentamente se abaixa para uma das cadeiras e apoia os cotovelos nos joelhos. Com o tubo de papel ainda enfiado no nariz, ele diz:

– Garotinha morta ? Preciso chegar a você, no seu nível.

Ele respira fundo e solta para cair no seu peito de boneco de pano. Enquanto se inclina sobre a mesa de tampo de vidro, ele alinha o tubo com uma carreira gorda de pó e começa a tamandar o veneno branco.



21 de dezembro, 8:33

Ketamina: uma breve análise

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustres Drogados,

Se seus pais fracassaram na tarefa de apresentá-los à ampla variedade de substâncias controladas, por favor me deixe esclarecer. Meus próprios mãe e pai progressivos não deixaram nada à minha imaginação infantil. Nada de lamber peles de sapo secadas ao sol. Nada de cheirar cascas de banana assadas num suave pó amarelo. Assim como outros pais se esforçavam para apresentar à sua melindrosa cria um *cassoulet* de uvas-passas ou *goulash* com rutabaga, os meus estavam constantemente me advertindo:

– Maddy, querida, se não tomar seu copo de Rohypnol, você não vai ter *tiramisù* de sobremesa.

Ou:

– Você pode sair da mesa depois de terminar cada mordida desse PCP.

Qualquer criança do resto do mundo pode dar escondido seu espinafre ou brócolis ao bicho de estimação da família; eu estava sempre dando meu tablete de codeína para o nosso. Em vez de ser mandado para um hotel de cães, o nosso pobre cãozinho era constantemente mandado para a clínica de desintoxicação. Até meu peixinho dourado, Albert Finney, teve de ser desintoxicado porque eu sempre jogava comprimidos de Percodan em seu aquário. Pobre do sr. Finney.

Ketamina, ilustre Tweeter, é um nome comum para cloridrato de cetamina. É um anestésico que se junta a receptores opioides nas células do cérebro, e é administrado frequentemente para preparar pacientes e animais para cirurgia. Conforta as vítimas presas em terríveis acidentes de carro; é forte *assim*. Para adquirir, você pode tanto comprar a ketamina por enormes quantias de dinheiro através de uma rede encoberta de laboratórios do Terceiro Mundo comandada por sindicatos do crime no México e na Indonésia, como pode apenas bater uma punheta para Raphael, nosso jardineiro em Montecito.

A ketamina é vendida como um líquido claro, mas você pode espalhar num papel manteiga e assar para formar um pó granuloso. Ah, e as lembranças... com que frequência entrei na cozinha de nossa casa em Amsterdã, em Antenas, na Antuérpia

para encontrar minha mãe usando perólas e um avental de flores, deslizando do forno uma bandeja aromática de Special K que acabou de sair do forno? Para mim, o fedor de urina de gato e ácido de bateria dos laboratórios de metadona evocam a mesma inundação de associações reconfortantes que meus pais podem encontrar em cookies de baunilha com gotas de chocolate ainda quentes.

Depois de esmagar os grãos num pó branco fino, simplesmente aspire como faz com cocaína para ter uma viagem eufórica que dura por volta de uma hora. *Bon appétit*. Não que eu já tenha feito. Novamente – pobre da nossa cadelinha, Dorothy Barker, nunca conheceu uma semana inteira de sobriedade.

No quarto 6314, como que para demonstrar tudo já dito, o sr. Crescent City se debruça sobre suas provisões de K em pó. Uma de suas mãos segura sua trança de um lado da cabeça para que não caia sobre a substância. Sua outra mão aperta uma narina fechada enquanto passa pela carreira de pó. Como um fazendeiro arando um campo de terra, ele completa uma carreira e começa a próxima. Quando seu nariz deixou a mesa de vidro limpa, ainda dobrado ao meio, o sr. Crescent City congela por um momento. Sem levantar a cabeça, sem ficar ereto, ele diz:

– Não tenha medo, garotinha morta... – Sua voz está abafada perto do tampo da mesa, e ele diz: – Sou um *profissional*. Isso é o que eu faço da vida...

Seus braços ficam frouxos. Sua trança cai solta.

– É irônico – ele diz –, mas eu tenho de morrer para ganhar a vida.

Com isso, o sr. Caçador de Recompensas Médium tomba à frente, caindo de cara no vidro.



21 de dezembro, 8:35

Salve, Maddy

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

No quarto 6314 há um espantalho morto esparramado numa explosão da mesinha de centro. Por mais estranho que pareça, esta não é a primeira vez que fico sozinha num quarto com um homem aos meus pés, cercada por vidro quebrado. Seja paciente, e um padrão logo aparece.

Como descrever o que acontece em seguida? Até hoje, eu já sofri como interna do Inferno. Já enfrentei demônios e tiranos e fiquei no topo de enormes penhascos olhando para majestosos oceanos de fluidos corporais. Eu fui levada, viva, ao alto de Brisbane a Barlin e Boston num jato Gulfstream, enquanto servos rebaixados serviam minha boca gananciosa com uvinhas descascadas. Já assisti, ainda que sem me impressionar, à minha mãe cavalgando as costas de um dragão gerado por computador até um castelo feito de rubis simulados, enquanto bebia Coca-cola diet, numa câmera lenta dramática. Ainda assim, nada disso me preparou para o que vem a seguir. Eu caminho ao redor do sr. Crescent City caído e me abaixo para olhar melhor. O chão está coberto de cristaizinhos de vidro de segurança partido. O papel enrolado, a página da revista *Parade*, escorregou do nariz dele e lentamente se abriu, desabrochando entre as pepitas cintilantes. Minha mãe, a versão perfeita de cabelos e dentes e potencial humano para qualquer um no mundo inteiro; eu, o veneno de sua existência.

A naturalista em mim – a *sobrenaturalista*; assim me chama o Charles Darwin do além – observa cuidadosamente o que ocorre. O monte de roupa suja cheio de lixo começa a brilhar. Algo tão leve quanto uma lembrança reluz na superfície do corpo. Um brilho tão insubstancial quanto um pensamento começa a se erguer do corpo caído. Por favor note, ilustre Tweeter, que as memórias e pensamentos são a matéria dos fantasmas. Porque almas não são nada além de pura consciência. Isso se espiraliza para moldar a forma translúcida que vi inicialmente no saguão da cobertura de Rhineland. O corpo gasto, enrugado, permanece no chão, mas acima dele há um duplo cintilante. Ele olha para mim e sorri, extasiado:

– Garotinha morta.

Sentada na cama, eu digo:

– Meu nome é Madison Spencer. – Eu aceno em direção à foto de mim com minha mãe, desenrolada no chão.

A figura, eu arrisco, é o espírito do sr. Crescent City. Evidências anedóticas sugerem que usuários de ketamina podem sair de seus corpos físicos. A consciência do intoxicado se desapega. A alma deixa o corpo sedado e fica livre para viajar, de acordo com testemunhos não exatos de vários usuários abusivos de Special K que apagaram.

O espírito olha de mim para a foto e de volta para mim. Ele cai nos seus joelhos-fantasma e toca sua testa no carpete aos meus pés, sua trança de cabelo encostando nos meus Bass Weejuns. Com a voz abafada pelo carpete, ele diz:

– Garotinha morta... é você!

Por pura maldade eu coloco um pé à frente e piso na trança asquerosa dele.

Um ruído medonho toma o ar.

Uma segunda explosão de trompete se segue.

O lacaio prostrado está peidando.

– Oh, grande Madison Spencer – ele sussurra. – Escute minha prece. Ele solta uma rodada fresca (fresca?) de flatulência. – Aceite logo meu tributo e homenagem, tá? Eu preciso fazer isso rápido, porque só tenho uns minutinhos antes de voltar ao meu corpo, mas preciso te contar sobre minha missão sagrada...

E o monstro nojento solta outra bomba.



21 de dezembro, 8:38

Rudismo: a nova desordem mundial

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

O fantasma de rabo de cavalo do sr. Crescent City prostra-se no chão aos meus pés, claramente demente. Com seu rosto pressionado contra o carpete, o fantasma murmura suavemente as palavras:

– Mijo. Bosta. Bosta. Porra. Puta. Teta. Caralho...

Um mantra de expletivos. Está sussurrando.

– Filho da puta. Cuzão. Merda. Merda. Merda...

É a síndrome de Tourette sofrida numa atitude de reza. Coincidindo com seu discurso obsceno, ele levanta as mãos abertas, esticando seus dedos em direção a mim, em súplica. Por perto está caído o monte inerte de seu corpo terreno, como uma estrela-do-mar sobre um mar brilhante de vidro quebrado.

Da minha posição, sentada na cama, eu estendo uma perna-fantasma gorducha e empurro um dedo do Bass Weejun contra sua cabeça suplicante. Sem chutá-lo no crânio, não exatamente, eu apenas empurro. E pergunto:

– Qual é o seu problema?

Em resposta, o sr. Crescent City em seu rude fantasma solta gases. Uma verdadeira buzina. O canto de um ganso canadense. Em transe, ele está murmurando.

– Por favor, aceite o reverente som do meu fedorento buraco, querida Madison. Aceite a humilde homenagem da minha “Ave, Maddy...”

Ave, Maddy? Ilustre Tweeter, essas palavras criam um bloqueio instantâneo no meu cérebro. De alguma forma, meu nome se tornou sinônimo de fedor?

Eu digo:

– Deixe-me confirmar uma coisinha: você está dizendo que minha mãe contratou você?

– Aceite minha prece anal – diz ele –, Sagrado Anjo Millicent Spencer. Eu rogo por sua orientação divina.

Eu digo:

– Você é nojento. E, para sua informação, meu nome é “Madison”, seu verme pestilento.

– Perdoe-me, pequena menina-anjo puta da vida.

Eu, um anjo. Bem capaz. Eu pergunto:

– Quanto minha mãe está lhe pagando? – Eu me levanto e me aproximo, perguntando: – O que meus pais disseram para você?

Depois de todo o *agitprop* Gaia que meus pais declamaram na *Vanity Fair*, meus ex-pagãos, ex-budistas, ex-ateus mãe e pai, não posso imaginar que fé eles adotaram agora. Eu estalo os dedos pra atrair a atenção dele.

– Camille, grande Camille – o fantasma prostrado diz –, mãe da pequena messias que vai guiar toda a humanidade para o paraíso... – ele arrota. – Escute minhas preces.

Eu levanto um pé-fantasma e coloco atrás do pescoço-fantasma brilhante.

– Deixe-me ver se entendi direito. Então você aspirou uma lagarta de K e caiu num buraco negro. Sua alma deixa seu corpo por, deixa eu ver, uma hora? – Por entre os dentes cerrados, eu aviso. – Se você peidar de novo, eu vou arrancar essa trança sarnenta da sua cabeça.

– Trinta, talvez quarenta minutos – ele diz, ainda com o rosto para baixo. Uma de suas mãos esticadas vai de um lado para o outro, em gesto de esquivar. – Encontrei Marilyn Monroe desse jeito. Encontrei Elvis – diz o espírito, batendo em seu peito, uma nota de orgulho em sua voz. – Sou o melhor.

Eu digo:

– Isso é muita ketamina.

– Porra. Porra. Porra – ele diz.

– Pare com isso! – eu digo.

– Mas é como eu faço a homenagem – ele geme.

– A mim?

– Não temos muito tempo – diz ele. – Eu peregrinei aqui em nome de sua velha. Meu dever sagrado – creio eu – é entregá-la em segurança para o Pantages.

Um teatro?

– É um grande navio.

– Quer dizer o *Cruzador de Pangeia*?

– O que eu disse? Bom, o que quer que seja, você deve me seguir até lá.

A figura translúcida presa embaixo do meu pé começa a desaparecer.

– Depois que seu espírito voltar para seu nojento... – Eu aponto em direção à pilha de carne e farrapos. – Então eu devo seguir você?

– Sim – ele diz. – Acho que sim.

Sua atenção com danos cerebrais está vagando. Seu fantasma já está desaparecendo da forma como fez na cobertura. Sua alma está voltando ao seu corpo devastado pelas drogas.

Para segurá-lo por mais um minuto, estou praticamente de pé em seu pescoço-

fantasma. Eu grito:

– Me diga! Eu exijo, sua barata suja! – Essa sou eu. É assim que eu sou, imperiosa. Eu exijo saber: – O que minha desonesta mãe está aprontando?

Peidar. O arrote. *O caminho para a redenção é o xingamento.*

Tenho uma premonição terrível.

– Glorioso Anjo Madison, você morreu e sua carne foi enterrada, ainda assim você falou com sua mãe do além-túmulo... – Ele está desaparecendo, o sr. Crescent City, voltando à vida. – Você ditou o caminho para os justos seguidores alcançarem o paraíso. Peidando em elevadores cheios... mijando em piscinas... ao dizer “porra”...

Ilustre Tweeter, meu fantasma gela de medo.

– Como eles foram visitados por seu espírito sagrado – diz ele –, seus pais pregaram seus ensinamentos para milhões em todo o mundo. Para seguir seus passos, zilhões de discípulos estão rezando, “Ave, Maddy”, como eu faço... – Ele acrescenta, murmurando. – Porra. Merda. Cu... – Ele diz. – A Suprema Mãe Camille é nossa fervorosa messalina...

– Missionária – eu o corrijo.

Mas é tarde demais. O sr. Crescent City não está mais sob meus pés. No quarto de hotel, seu corpo de espantalho começa a remexer.



21 de dezembro, 8:40

Uma rude redenção

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Soltar peido. Arrotar. Cutucar o nariz e tirar meleca. Deixar seu chiclete usado em bancos de praça. Essas são as rezas de uma nova religião enorme, e é tudo culpa minha. Meu objetivo era só me reunir com minha familiazinha, ainda que no Inferno. Eu disse a meus pais para pararem em fila dupla, falarem a palavra com P e jogarem bitucas de cigarro no chão porque eu sabia que esses atos definitivamente os levariam ao Inferno. E porque eles não conseguiram manter as bocas fechadas, agora eles condenaram um trilhão de pessoas à miséria eterna.

Ilustre Tweeter, quanto ao que eu disse aos meus pais, *eu estava só brincando*. Eu só queria diverti-los.

Por que as noções impulsivas de um pretenso bom samaritano sempre se traduzem nos ideais da próxima civilização? É possível que Jesus, Buda e Maomé fossem apenas caras mortos normais que simplesmente quiseram dizer “e ae” e oferecer algum conforto para seus avivados amigos vivos. Esse é o motivo pelo qual os mortos não falam com futuros mortos. Os pré-mortos sempre desconstroem cada mensagem. Eu só estava aloprando, e minha mãe fundou uma teologia inteira baseada numa piada.

Ora essa. Agora temos o “rudismo”, um movimento religioso internacional fundado no humor bagaceiro e comportamento mal-educado.

O que eu posso fazer? Posso tentar endireitar meus pais. É isso o que tenho de fazer. Quando o sr. Crescent City se arrasta até ficar de pé, eu resolvo segui-lo de volta à minha desconjuntada mãe e endireitar o flatulento mundo terreno.



21 de dezembro, 8:44

Um mundo de rudes

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Imagine um mundo em que todo mundo segue sua vida diária com a certeza de que vai para o Céu. Todo mundo tem garantia de salvação. Essa é a Terra para a qual eu voltei. Do quarto 6314 do Rhineland, eu sigo meu negligente guia. O sr. Crescent City não carrega bagagem. Em cada passo bamboleante, farelos de cacos de vidro caem de suas roupas, mas ele não parece ter um corte ou ferida depois de ter quebrado a mesinha de centro. Quando o elevador chega ao saguão e a porta se abre, um hóspede que está aguardando dá abertura para sairmos. Assentindo educadamente, esse estranho diz:

– Vá comer merda, cuzão.

Em resposta, Crescent faz uma pequena reverência e diz:

– Um feliz veado, caralho, crioulo para você também.

E cospe uma grande pelota de saliva nos sapatos do estranho.

Isso é tudo culpa dos meus pais! Eu deveria saber que eles não conseguiram ficar de bico calado. Estou disposta a apostar que, no momento em que minha mãe desligou o telefone da chamada de longa distância comigo, ela disse ao seu assessor de imprensa para anunciar uma coletiva. Sem dúvida, ela e meu pai ficaram incansavelmente disseminando o conselho que lhes dei para irem ao “Céu”. O saguão do Rhineland, outrora um santuário de conduta reservada e discursos educados abafados, se tornou um vestiário fétido de vapores podres e conversa de banheiro.

Num contraste gritante, todo mundo está sorrindo. Você nunca viu tanta gente tão feliz. Os hóspedes, os *concierges*, os porteiros, eles abrem sorrisos de crianças bocas-sujas. Enquanto olham um para o outro, seus olhos têm a ingenuidade dos querubins renascentistas olhando em adoração para o menino Jesus. A recepcionista nos recebe com um sorriso tão largo que sugere que ela é paga por dente. Seus olhos brilham com um êxtase genuíno quando ela diz:

– Como foi sua arrombada boqueteira estadia, sr. City?

Crescent corresponde ao extasiado sorriso dizendo:

– Ótima pra caralho, vai se foder, sua puta arregaçada.

A recepcionista confirma que o quarto dele será pago por Camille e Antonio Spencer. Ela pega a chave de volta e pergunta prazerosamente:

– Parece que seu carro de merda e o negão pau no cu do seu motorista estão aguardando. Posso ajudar com mais alguma putaria da porra, seu veado?

– Não, obrigado – diz Crescent.

Ele enfia uma mão no bolso da frente de seu jeans esfarrapado e tira algumas notas. Ele as dobra e assoa o nariz sobre elas, enchendo-as de meleca como se fossem um lenço. Crescent passa essa grana nojenta para a recepcionista no balcão, dizendo a ela:

– Por que não enfia isso aí no cu?

O sorriso dela não poderia ser mais animado quando aceita o dinheiro e diz:

– Vejo-o no Céu, cabeça de merda.

– Cabeça chata – Crescent diz alegremente quando se prepara para sair.

Com a voz garganteando como um passarinho, a recepcionista fala atrás dele:

– Tenha um ótimo dia, seu merda chupa cu.

Um porteiro sorridente abre a porta da rua, acenando com seu chapéu e nos dizendo:

– Enfia gostoso, seu monte de merda fedida.

Crescent City passa ao moleque outra nota cheia de meleca.

Na calçada, um chofer de uniforme abre a porta de um Town Car reluzente e pergunta:

– Para o aeroporto, sr. Chupador de Rola?

O chofer é, como a recepcionista mencionou, de ascendência africana. Eles se cumprimentaram amigavelmente.

Colocando-se no banco de trás, Crescent diz:

– Sim, o terminal doméstico, por favor, seu macaco abelhudo.

A conversa risonha e borbulhante deles continua nessa *vibe* miserável da calçada ao aeroporto. Nenhum dos dois se ofende. Nenhum palavrão parece passar dos limites. Até as pessoas por quem passamos na rua, caminhando nas calçadas, sentadas em seus carros, sorriem animadas, como se imune a insultos. Se elas captam o olhar de Crescent, sorriem e mostram a ele o dedo do meio. As buzinas são ensurdecedoras. Os sorrisos dentuços cegam. Todo mundo está gloriosamente destinado aos Céus, mas só se xingarem o suficiente.

Atrás da direção, o motorista deixa escapar uma nuvem de fedor intestinal, preenchendo instantaneamente o carro com a catinga podre de suas entranhas.

– Essa foi boa! – Crescent City diz, inalando profundamente. – O anjo Madison deve realmente amá-lo.

– É o cheiro da salvação, irmão – responde o motorista. – Absorva!

No terminal do aeroporto, passamos por uma banca de revistas. A manchete da capa de *Newsweek* diz: “Uma rude revolução religiosa: Os rudistas chegaram!”. A revista *Time* anuncia: “A estrada %&!/?//\\$ para a redenção”. Num monitor de televisão afixado perto do teto do saguão, um apresentador da CNN diz: “Rudistas agora alegam que seu messias ressuscitou...”.

Enquanto andamos em direção a nosso portão de embarque, minhas pernas gorduchas de presunto correm para acompanhar o seu passo largo de zumbi. Galopando em frente, é claro que ele não consegue me ouvir, não enquanto está sóbrio, mas mantém um passo constante. Para todo mundo no aeroporto, ele deve parecer um esquizofrênico sem tratamento, sua camisa não limpa balançando aberta e fora da calça. Não que alguém pareça chateado com a visão de um lunático vestindo farrapos resmungando para si mesmo. Não, agora que a humanidade tem assegurado um assento permanente na mão direita de Deus, todos sorriem alegremente. Seus olhos estão encobertos de realização.

– Seu momento não poderia ter sido melhor, garotinha morta. Temos leis idiotas sobre dirigir sóbrio e leis sobre sempre usar sapatos e não ter jiboias gigantes, mas não tínhamos leis sobre a coisa mais importante: salvar-se. As pessoas estavam ávidas para conhecer essas regras.

Essa nova religião, o rudismo, faz a morte parecer umas férias de luxo com tudo pago que duram até o fim dos tempos.

– Você criou a paz mundial! Ninguém mais é gay, ou judeu ou da África – ele fala alto, seguindo em frente. – Olhe para nós! Somos todos rudistas!

É simples, explica Crescent City. Meus pais encenaram uma campanha publicitária massiva para anunciar que sua filha morta os havia contatado do além-túmulo. Disseram ao mundo que agora eu era um anjo no Céu, de mãos dadas com os irmãos Kennedy e Amy Winehouse, e que lhes entreguei um plano seguro e à prova de falhas para conquistar a salvação. Eles lançaram um ataque de *releases* para a imprensa para revelar que eu estava dentro dos portões perolados passeando de nuvem e tocando harpa. Por mais ridículo que pareça, este é o meio de Camille e Antonio.

– Rudismo não é o nome verdadeiro da nossa fé – Crescent diz. – É só um rótulo falseta que os abutres da mídia inventaram para nos rotular. Oficialmente nós nos referimos a nós mesmos como Apóstolos de Madlântida.

Realisticamente, eu não poderia condenar meus velhos por ficarem tão empolgados. A teologia anterior deles de “Reduza, Reutilize, Recicle” deve ter oferecido um ralo conforto emocional em face de sua única filha ter sido morta no dia do seu aniversário. Sim, eu bati as botas no meu aniversário, num cenário de asfixia erótica que me envergonha revisitar aqui.

Esta é a morte da Angst. Esqueça Nietzsche. Esqueça Sartre. O existencialismo

morreu. Deus foi ressuscitado, e as pessoas têm um mapa de ruas para chegar à gloriosa imortalidade. No rudismo, todo mundo que abandonou a religião agora tem um caminho para voltar a Deus e isso parece... ótimo. Olhe só seus andares pacientes. À luz dessa nova salvação, a vida mortal se parece com o último dia de aula.

Não é a ameaça do Inferno ou da prisão ou exclusão social que trouxe essa alegria. É a completa segurança do paraíso. Torna a inevitabilidade da morte brilhar como uma sexta-feira cósmica final, na véspera de uma infinita festa de fim de semana em Mazatlán.

Enquanto esperamos na ponte de embarque, Crescent diz:

– No Céu, a primeira coisa que vou arrumar é um novo fígado. E um novo corpo, e um cabelo como eu costumava ter. – Agarrando seu bilhete de embarque, ele diz. – Juro que, quando eu estiver no Céu, não vou usar drogas. Nunca mais.

– Amém – uma voz diz. É uma mulher atrás de nós na fila. Ela está com uma bolsa-sacola no ombro, apertando as teclas de um smartphone enquanto diz: – No Céu, eu vou comer carne e batatas fritas em todas as refeições, e ainda não vou pesar mais de sessenta quilos.

– Amém – diz outra voz esperando na fila.

– No Céu – diz outra voz bem longe na ponte de entrada –, vou reestabelecer contato com meus filhos e lhes dar o tipo de pai que esses bons meninos merecem.

– Aleluia! – Alguém grita. Vários “Louvado seja!” ecoam no estreito espaço da ponte. Com isso, todo mundo na fila oferece suas aspirações para a eternidade.

– Quando eu estiver com Deus, vou terminar a escola.

– Meu carro no Céu vai ser maior do que qualquer coisa que você já tenha visto.

– Quando eu morrer, vou pedir um pau maior do que seu carro! – alguém solta.

A bordo do avião, na primeira classe, Crescent City encontra nossos assentos. Ele diz:

– Quer corredor ou janelinha? Comprei dois lugares. – Ele espera que eu escolha.

– Eu já volto – ele diz, e vai ao banheiro.

Eu pego a janela. A aeromoça dá um recado:

– Enquanto nos preparamos para decolar, por favor, apertem a porra de seus cintos e certifiquem-se de que seus assentos de merda estejam na posição vertical e travados...

Os passageiros riem e aplaudem. Antes de a tripulação ter terminado os avisos de segurança, a familiar forma translúcida do espírito de Crescent City vem caminhando pelo corredor do avião perto de mim. Seu corpo deve estar próximo a uma overdose de ketamina, ainda ocupando o banheirinho trancado.

Aguado, claro como um prisma, mas sugerindo cada cor no espectro, o fantasma sorri para mim e diz:

– Mal posso esperar para ser um anjo como você. – Na frente da cabine, a tripulação está batendo, logo esmurrando, o banheiro trancado. Alheio a isso, o fantasma de Crescent pergunta a mim. – Então, como é que é o Céu de verdade?



21 de dezembro, 8:43

Nasce uma abominação

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Eo que é feito do bebê-coisa de látex abandonado na tempestade? Num relato dado por Salomão, os padres egípcios diziam que o ídolo em miniatura iria gradualmente ganhar vida. Borrado de batom e chocolate, seu corpo iria circular com a semente resfriada expressa por um estranho.

E não por muito tempo nosso imundo arauto bebê iria perdurar na estrela cor-de-rosa ao lado de Hollywood Boulevard, porque o vento o antige e lhe dá distância. Os estadistas gregos escrevem que as águas podres da sarjeta resgatam e carregam o bebê. O pequeno ídolo, inflado pela respiração, sem rosto, nasce na companhia de ratos afogados e dejetos inchados. Essas são as sarjetas do submundo de Hollywood. E os subterrâneos de Los Angeles guiam o pequeno ídolo e apresentam-no a garrafas desgarradas de alvejante e tubos gastos de ketchup. Os túneis de água da tempestade e as barragens administram essa inundação de descartes de plástico, essa migração ralo abaixo de isopor. E o bebê-coisa se aventura além na inundação, não num cesto tecido de palha, mas recebido por legiões de seringas usadas. E enfaixado em sacos de lavagem a seco, ele viaja entre espuma de pentes desdentados e bolas de tênis fugidias. Todos se reúnem, guiados por canos enterrados e bacias subterrâneas sem sol. Nadando aqui estão as misteriosas formas fantasmagóricas de objetos embalados em plástico-bolha, aqueles produtos revestidos de plástico que há muito ganharam vida pelos consumidores. E esse se torna o destino de todos os tesouros mundanos. E no devido tempo ao pequeno bebê-coisa e todos esses prêmios terrenos, os restos imortais de humanos mortais, tudo isso é jogado na represa do rio Los Angeles.

Da mesma forma que filhotes de tartaruga são atraídos pela luz da lua, e cada geração de salmão é compelida a encontrar seu destino... nosso bebê-coisa e seus agregados sujos de fragmentos feitos pelo homem também serão atraídos. Uma maré vazante leva essa geração inteira de refugos inúteis sem forma a se aventurar adiante no Oceano Pacífico.



21 de dezembro, 8:44

Um predador sexual no reino animal

Postado por *madisonspencer@aposvida.inferno*

Ilustre Tweeter,

Não é para me vangloriar, mas nenhuma mente adulta poderia ser tão depravada, tão pervertida quanto a de uma inocente virgem de onze anos de idade. Antes de se assimilar os entediantes fatos sobre anatomia reprodutiva, enquanto ainda se está livre de tato e conhecimento mecânico, as crianças podem visualizar atividades sexuais com ouriços-do-mar... zebras... flamingos.

Como uma menina pré-morta, eu sonhava em dar à luz bebês com asas. Eu seduziria um boto, e nossa cria iria nadar pelos oceanos. A puberdade me atraía com a possibilidade de que meus próprios filhos pudessem rugir com as grandes cabeças de leões ou correr sobre cascos nos pés. Por que ninguém havia feito isso antes? Quem sabe? Eu mal podia esperar.

Inspirada por meu zoológico de pelúcia, meu diário ficou gordo com tais travessuras carnavais. Não preciso dizer que essas aventuras eram todas fictícias. Eu apenas as inventava e cuidadosamente colocava a caneta no papel em escritas meticulosas para o inevitável consumo de minha mãe. “Querido diário”, eu escrevia, “hoje eu espalhei toxina de água-viva alucinógena na minha peteca à mostra...”

Em resposta a canadenseAIDSemily, sim, eu poderia ter começado um blog, mas meu plano só seria eficiente se meus pais acreditassem que eu estava escondendo os detalhes de meus sórdidos vícios. “Querido diário”, eu escrevia, “minha mãe não deve nunca ficar sabendo, mas hoje eu provei do absinto *mais divino* usando um pipi seco de macaco como canudinho...” Eu colocava o diário imaginativo entre os romances comerciais do século XIX nas minhas prateleiras lotadas, e não se passou uma semana até que meus pais comesçassem sua espionagem hostil.

Não que eles anunciaram suas atividades, eu simplesmente supus porque, a troco de nada, minha mãe mencionou que chupar um pipi de macaco era uma prática de alto risco para contrair HIV.

– Sério? – eu perguntei mordiscando minha torrada, secretamente empolgada por saber que ela havia mordido a isca. – Mas isso é com o pipi de todos os macacos? – Eu lambi a manteiga de meus dedos gorduchos, perguntando: – Isso inclui o *Saimiri*

sciureus?

Meu pai cuspiu seu café.

– O quê?

– O adorável macaco-esquilo – eu disse. Meus cílios piscaram. Um rubor assanhado tomou minhas bochechas.

Meu pai disse:

– Por que está perguntando?

E em resposta eu dei de ombros.

– Por nada.

Naquela idade, eu estava tão obcecada com macacos que eu queria me casar com um. A faculdade viria antes, é claro, mas depois de eu me formar com meu diploma de estudos comparativos pós-modernos de gêneros marginalizados, eu queria ser mãe de um macaquinho fofo.

Meus pais trocaram olhares.

– E quanto ao atraente pipi grosso do *Callithrix pygmaea*? – Eu perguntei. Abri os dedos amanteigados de uma mão e os contei como se estivesse me lembrando de antigos encontros amorosos. – O sagui-leãozinho?

Minha mãe deu um longo suspiro e perguntou ao meu pai:

– Antonio?

Uma sobrançelha arqueou como para perguntar *O que aconteceu no Tiergarten, senhor?* Ambos tinham pavor de impor restrições ao meu comportamento, mas claramente alguns fatores precisavam ser colocados como além dos limites. Mesmo assim, depois de toda a ideologia de amor livre que eles pregaram para mim, o máximo que podiam aconselhar era que eu só praticasse sexo seguro, não importava com qual espécie. Sorrindo palidamente, minha mãe perguntou:

– Gostaria de um Xanax, querida?

– E quanto a... – eu perguntei, fingindo ansiedade – *Chloropithecus aethiops*?

De fato, meu pai havia me levado ao zoológico de Berlim no mês anterior, e o passeio havia gerado uma excelente oportunidade de estudo. A expressão coagulada semidistorcendo os traços saturados de Botox da minha mãe foi a mesma que ela fez no Oscar quando Tom Cruise recebeu um Prêmio pelo Conjunto da Obra, momentos antes de se inclinar e vomitar na bolsa de brindes da lista-A de Goldie Hawn, arruinando uma pequena fortuna em chocolates caros e óculos escuros da Gucci.

No máximo eles poderiam me presentear com um conjunto de camisinhas de vários tamanhos para múltiplas espécies e dar um sermão sobre exigir respeito de parceiros sexuais símios.

Naquele ponto, eu sabia que eles nunca iriam confessar ter lido meu diário. Porém, agora que eu estava exposta como uma sociopata sexual de onze anos de idade, eles seriam sempre *obrigados* a ler. Eles não poderiam arriscar não ler meu diário, e por

minhas falsas confissões calculadas, eu poderia manipulá-los. Eles eram meus escravos.

“Querido diário”, eu escrevi, “hoje eu dei chupadas de revirar os olhos no Maui Wowie através de um *bong* cheio de sêmen de elefante quentinho borbulhante...” Em retrospecto, entristece-me quão facilmente meus pais aceitaram a realidade da minha bestialidade devassa. “Querido diário”, eu escrevia, “hoje ingeri LSD e dei uma mãozinha para satisfazer uma manada de gnus...”

É, no papel eu era uma libertina. Porém, sendo a esnobe secretamente reprimida que eu era, enquanto minha mãe e meu pai me imaginavam em relações pegajosas a dois ou a três com asnos e macacos capuchinhos, eu estava na verdade aninhada num cesto de roupa suja, lendo romances históricos de Clare Darcy. A maior parte da minha infância consistia nesse tipo de relato comportamental de entradas duplas.

“Querido Diário, que ressaca!”, eu escrevi, “por favor, lembre-me de nunca mais injetar urina velha de hiena com uma agulha suja! Fiquei acordada a noite toda, parada diante dos meus pais com uma faca de açougueiro Wusthof nas mãos. Se eles tivessem se remexido, eu definitivamente os teria picado em pedacinhos sangrentos...”

Eu? Em retrospecto, cometeria o mesmo erro estratégico que Charles Manson cometeu. Deveria ter parado enquanto ainda era um animal de jardim viciado em sexo e drogas, mas não, tive de subir ao meu status de psicótica potencial empunhando uma faca... Não é de se surpreender que, pouco depois desse registro em particular no diário, meus pais mandaram euzinha, a sexualmente incorrigível de onze anos, para o entediante interior, no norte do estado.



21 de dezembro, 8:47

Um prelúdio para o meu exílio

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Eu não fui sempre um pudim grande e gordo de criança. Aos onze anos, eu era magra como um pau. Uma fadinha com índice de massa corporal que ficava um número acima de uma falência de todos meus órgãos vitais. É, eu já fui uma bailarina esbelta com o metabolismo de um beija-flor, e como tal eu me dava valor. Meu trabalho era servir como o equivalente infantil de uma dama de companhia, prova da fertilidade da minha mãe e o glorioso legado genético de meu pai, sorrindo ao lado dos meus pais nas fotografias dos paparazzi.

Então eles me mandaram morar no norte. Uma lembrança distante coagula em meu cérebro.

Norte do estado. O tedioso interior do norte do estado. É um dos poucos lugares em que meus pais não têm casa. Visualize um milhão de bilhões de árvores feridas chorando gotas de xarope de bordo na neve e – *voilà* – é o norte. Visualize um bilhão de bilhões de carrapatos infectados com a doença de Lyme, esperando para te picar.

E para não falar de generalidades antipáticas, mas usando o laptop da minha mãe, eu, aos onze anos, encontrei uma foto de satélite do local. Visto em sua totalidade, o norte é exatamente do mesmo “verde no verde” manchado, como na camuflagem do exército. Do espaço sideral, eu poderia traçar uma linha da Rota Estadual Sei Lá das Quantas formando uma ligação de transporte vital entre nada e coisa nenhuma. Li o nome das cidades, procurando por qualquer lugar famoso, e a verdade me ocorreu... Lá no mapa estava Woodstock.

Woodstock, NY. O vil Woodstock. Perdoe-me pelo que estou prestes a admitir. Da minha parte, estremeço em tocar no assunto, mas meu pais se conheceram no Woodstock'99, em que todo mundo causava um tumulto pelo preço da pizza e da garrafinha d'água no centro daqueles milhares de acres nocivos de lama hiperpopulada. Minha mãe era apenas uma garota da fazenda envolta em suor e *patchouli*. Meu pai era um pálido e pelado desistente do MIT com longos *dreads* sebosos e que havia raspado os pelos púbicos para se parecer mais com o Buda.

Nenhum dos dois tinha um único par de sapatos.

Eles caíram numa poça e fizeram o rala e rola. O peru dele botou lama na xereca dela, e ela contraiu uma infecção urinária e eles se casaram.

Quem disse que mágicas não acontecem?

Hoje em dia eles contam a história, no estilo de pular de um para o outro, fazendo estranhos rirem em festinhas de encerramento de filmagens e em camarins na televisão. Eles enfatizam o detalhe da lama porque dá uma modesta verossimilhança ao sórdido episódio.

E sim, eu sei o significado de *verossimilhança* – posso até pronunciar.

Enquanto uma empregada somaliana fazia minhas malas, minha mãe verificou cada peça de roupa em busca de qualquer etiqueta que dissesse “lavar apenas a seco”. Aparentemente, no norte do estado as pessoas lavavam roupas batendo seus velhos espartilhos sujos Vivienne Westwood em rochas lisas à margem do rio. Eles também não tinham sashimi. Nem acesso à internet, explicava minha mãe. Pelo menos meus pais não tinham. Nem tinham televisão. Em vez disso, criavam animais. Não num sentido distante e abstrato, como o número em espiral descendente de ursos polares ou das foquinhas que se espreguiçam em alguma massa de gelo flutuante, prontinhas para levar toco dos esquimós; não, os tais animais seriam cabras e cocoricós e mumús de quem eu cuidaria como parte de um regime diário de tarefas.

Ora essa.

Não houve súplica para evitar meu banimento, e eu fui sumariamente colocada nos fundos do Town Car e levada embora, com toda a minha malinha dedicada a carregar apenas minha ampla provisão de Xanax. Naquele verão, na tenra idade de onze anos, eu aprenderia a engolir meu medo. A segurar meu orgulho e raiva. E seria a última vez que minha mãe poderia se vangloriar de ter uma filha magrela.



21 de dezembro, 8:51

Vovozinho um

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Logo cedo, meu vovozinho me alistou na sua atual campanha contra a biodiversidade. Sua estratégia era que nós dois nos agachássemos no rigoroso sol do norte e extirpássemos cada planta nativa que invadissem uma parte da horta da minha vovó, deixando apenas as vagens não nativas. Enquanto trabalhávamos ombro a ombro, arrancando, desenraizando, travando uma batalha para criar uma questionável monocultura de legumes, ele me perguntou:

– Maddy, docinho? Você acredita em destino?

Eu não respondi.

Ele continuou a insistir no assunto.

– O que você diria se cada pitadinha de sua vida fosse predestinada antes mesmo de você ter nascido?

Eu continuei a não conversar. Claramente ele estava tentando me impor alguma visão de mundo idiotamente existencialista.

Ele parou de puxar as ervas e virou seu rosto enrugado para mim.

– O que sabe sobre Deus e Satã?

A brisa do norte remexeu seu cabelo grisalho.

Sem trocar olhares com ele, eu matei uma erva. Poupei uma vagem. Eu me sentia como Deus.

– Você sabe, não sabe, que Deus e Satã entraram numa disputa territorial? – Ele olhou ao redor como se para confirmar que estávamos sozinhos. Ninguém podia ouvir. – Se eu te contar um segredo, promete não contar à vovó?

Eu puxei outra erva. Não prometi nada. Em vez disso, eu preparei meu ventre de menina para alguma revelação tenebrosa.

– E se eu te dissesse – ele continuou sem meu estímulo – que você nasceu como o maior ser humano que irá existir? E se seu destino fosse acertar as coisas entre Deus e Satã?



21 de dezembro, 8:53

Um banquete politicamente incorreto

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Se quer saber, a isolada casa de fazenda do meu vovozinho e da vovó no norte do estado consistia em uma saleta repleta de livros... dois quartos apertados... uma cozinha primitiva... nada além de um único banheiro. Dos dois quartos, um havia sido da minha mãe e agora serviria como meu. Como fui alertada, eles não tinham televisão nem nenhum tipo de computador. Eles tinham um telefone, mas só do tipo mais rudimentar, de disco.

Um almoço típico consistia em sentar-me à mesa da cozinha, confrontada por um prato cheio do meu pior pesadelo de onze anos. Vitela, por exemplo. Ou queijo proveniente do trabalho escravo de centro-americanos sem sindicato. Porco criado na fazenda. Glúten. Eu podia sentir o gosto dos esporos da doença de Creutzfeldt-Jakob. Podia sentir o cheiro do aspartame testado em macacos de laboratório. Quando me aventurei a perguntar se o bife era de gado criado em áreas da floresta Amazônica cortadas, queimadas e dizimadas, minha vovozinha simplesmente olhou para mim, acendeu outro cigarro e deu de ombros. Para ganhar tempo, eu soltei meu garfo no prato e iniciei um relato cômico do que aconteceu comigo no mês passado, na festa na casa de Barbra Streisand, realmente o contratempo mais maluco no opulento palacete de frente para o mar de Babs Streisand em Martha's Vineyard.

O telefone tocou na saleta, e vovó correu para atender. Com sua voz fraca como um aroma, da sala ao lado ela disse:

– A-lô? – As molas do sofá rangeram quando ela se sentou. Ela disse: – Bem, eu nunca compro bolas de algodão. Sou mais de comprar *cotonetes*. – Ela ficou em silêncio, então apenas disse: – Azul. – Após um tempo ouvindo em silêncio, ela disse: – Menta. – E disse: – Casada por uns quarenta e quatro anos agora. – E falou: – Apenas uma filha, nossa menina, Camille. – Ela tossiu as palavras – Fiz sessenta e oito em junho. – Acrescentando. – Assembleia de Irmãos em Cristo.

Sozinha na cozinha com minha piada da Streisand interrompida, eu não comi uma só garfada. Lancei meu torturado pedaço de carne pela janela aberta sobre a pia.

Da mesma forma, o jantar se revelou um prato cheio de cozido de atum prejudicial

aos golfinhos. O sabor picante de redes japonesas à deriva era inconfundível. Sem ter dito dez palavras na minha historinha engraçada sobre Toni Morrison, o telefone tocou novamente.

Minha vovó foi atender, e da saleta eu a ouvi dizer:

– Babette, não é? Sim, eu ficaria feliz em responder algumas perguntas...

Como antes, arremessei a refeição ofensiva pela janela da cozinha, tornando-a um presente para algum mamífero rural menos escrupuloso. O mundo estava repleto de crianças atraentemente famintas que meus pais poderiam adotar, e eu não iria ficar à toa no interior, bebendo molho de carne e ficando gorda demais para não ser nada além de um estorvo à imagem pública da minha mãe.

Esse se tornou o padrão de nossas refeições. Minha vovó Minnie servia algum gorduroso milho de origem politicamente dúbia – obviamente carregado de manteiga contendo ácido linoleico conjugado –, e eu contava uma história cabeluda sobre Tina Brown até o telefone tocar com alguma pesquisa de telemarketing. O jantar significava minha vovó sentada no sofá da saleta dizendo a palavra “radiação”, dizendo “quimioterapia” e “estágio quatro” e “Leonard” no telefone. Onde ela não podia ver, na cozinha, eu lançava minha carne engordativa, almôndega por almôndega, cogumelo por cogumelo, para fora da janela aberta. Pensando: *Leonard?*

O vovozinho Ben raramente estava em casa, sempre cuidando de alguma tarefa que levava mais tempo do que se esperava. Às vezes, eu achava que minha vovó corria ao telefone porque ela esperava que ele ligasse. Ou minha mãe. Mas quem ligava nunca era ninguém; era somente algum escravo chamado Leonard ou Patterson ou Liberace numa pesquisa de marketing, telefonando de Deus sabe onde.

Uma única vez eu venci a vovó Minnie ao atender o telefone. Ela estava lavando pratos, com ambas as mãos afundadas na ensaboada água da pia até os cotovelos, e pediu que eu atendesse. Soltando um suspiro pesado, deixei meu prato de torta de pecã não sustentável de comércio injusto e fui para a saleta. Coloquei o telefone na orelha e tinha cheiro de cigarro, como a tosse da minha vovó, e eu disse:

– *Ciao!*

Seguiu-se um silêncio. Por um instante achei que podia ser minha mãe ligando para verificar como eu estava, mas uma voz perguntou:

– Madison?

Era a voz de um homem. Um jovem, possivelmente adolescente. Definitivamente não era o vovozinho Ben. Meio rindo, ele disse:

– Maddy? Sou eu, Archer!

Não era ninguém que eu conhecesse, e eu fui seca com ele. Enquanto minha vovó seguia para a saleta, secando as mãos num trapo e colocando-o no ombro, eu perguntei ao telefone:

– Já fomos apresentados?

– Deixe para daqui a alguns anos, matadora – o garoto disse. Então, acrescentando num tom profundo de conspiração: – Arrancou o pinto de alguém hoje? – Ele riu abertamente. Gargalhou, gargalhou e gargalhou.

E lento como *tai chi*, eu passei o telefone com cheiro de cigarro para minha vovó.



21 de dezembro, 8:55

Vovozinho dois

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Em outra ocasião, meu vovozinho me alistou como sua cúmplice enquanto ele saqueava a cria não chocada debaixo do traseiro emplumado das aves domésticas. Fizemos rondas na cabana desmantelada onde as galinhas eram alojadas, e roubamos descaradamente suas futuras gerações. O tempo todo ele me interrogava:

– Já parou para considerar como sua mãe e seu pai ficaram tão ricos em pouco tempo?

Com minhas mãos carregando a cesta de ovos roubados, eu simplesmente dei de ombros.

Ele insistiu:

– Como todo investimento que eles fazem têm rendimento? – Sem esperar uma resposta, ele explicou: – Bem, solzinho, quando sua mãe tinha sua idade, ela recebeu um anjo guardião chamado Leonard. Tão regularmente quanto uma engrenagem de relógio, ele ligava para ela. – Vovô falava enquanto continuava a roubar os ninhos. – Ela veio até mim e contou isso. Era apenas uma adolescente quando me disse que seu anjo lhe deu o número da sorte de um bilhete de loteria. Ela pediu para que eu comprasse. Algum estranho ligando de sabe-se lá onde... no que eu poderia crer? A mãe dela acreditou.

Sem frustrar-se por eu deixar de participar da conversa, ele continuou.

– O anjo da guarda dela, Leonard, liga até hoje. Anjos podem fazer isso. Não importa em que lugar no mundo ela esteja; ele a encontra. Liga diretamente. Liga para o seu pai também.

Eu me detive a inspecionar uma casca de ovo particularmente manchada.

– É esse Leonard – meu vovozinho insistiu. – Ele é quem exigiu que seus pais a enviassem para nós no verão.

Esse detalhe, ilustre Tweeter, atraiu a minha atenção aos onze anos de idade. Eu correspondi ao olhar reumoso dele.

– Você não deveria saber – ele disse, com sua voz abaixada num sussurro. – Mas você tem um grande confronto neste verão com as forças do mal.

Meus olhos devem ter traído minha confusão.

– Você não sabia, não é, docinho de coco? – Sua compleição denunciava uma vida de negligências no cuidado com a pele.

Não, eu não sabia. Um confronto? Com o mal?

– Bem – ele gaguejou –, agora você sabe.

Suas mãos retorcidas sondaram a palha de um ninho e trouxeram outro ovo. Ele colocou esse novo saque em meu cesto dizendo:

– É melhor não preocupar muito sua cabecinha com isso.



21 de dezembro, 8:57

Embarcando numa *bon voyage*

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

O verão que passei na fazenda da minha vovó foi uma distração sem fim. Divertimentos podiam ser encontrados, por exemplo, ao descascar ervilha ou debulhar milho. Uma superabundância cintilante de cerejas oferecia-se para o descaroçamento. Eu perdia o fôlego reclamando que simplesmente não sabia por onde começar.

Com uma casca desgastada de pele humana, seu queixo e braço repletos de pele sobrando, minha vovó Minnie ficava com seu forno elétrico. Remexia os controles complicados de temperatura enquanto a tampa de uma panela soltava tanto vapor que o ar da cozinha tremulava sufocantemente quente quanto um banho turco. Um excesso de frutas locais eram massacradas e preparadas nos balcões em diferentes estágios para serem descascadas e incrementadas, e cada superfície de trabalho estava grudenta com o sangue seco de sua carne. Pêssegos, estripados de seus caroços, enchiam uma grande tigela de barro. Outras frutas, como maçãs, haviam sido desmembradas e embalsamadas em jarros de vidro para seu enterro no celeiro. O já mencionado vapor condensava as paredes, juntando-se em gotejos. Pingava do teto. Ocupada no meio de toda essa carnificina, minha vovó comprimia os olhos com esse trabalho amargo. E entre o cigarro equilibrado em seus pálidos lábios, ela me disse:

– Docinho, querida, você está me importunando. Vá procurar o que fazer.

Procurar o que fazer? Minha vovó devia estar louca. Da melhor forma possível, puxando a alça de seu avental não limpo com minha mãozinha macia de criança, eu disse:

– Vovó, minha querida, talvez você queira ser examinada por demência decorrente da idade...

Procurar o que fazer! Como se eu pudesse usar os paus e rochas com barro disponíveis para montar uma televisão, então construir uma rede de distribuição e uma emissora afiliada local para transmissão, daí criar uma produtora e estocar o encanamento com uma temporada de programas para assistir. Tal empreitada, eu

disse à vovó, feita por uma pré-adolescente num único verão parecia ter poucas chances de êxito.

– Não – minha vovó Minnie disse, soltando seu avental do meu aperto teimoso. – Quero dizer que você pode ler um livro.

Com isso, ela abandonou seus cadáveres borbulhantes de frutas. A vovó se virou para me encarar, segurando meus ombros, e conduziu-me para fora da cozinha, por um corredor curto até a saleta, onde prateleiras de livros iam do chão ao teto, tomando uma parede inteira. Então ela me fez escolher entre os tomos envelhecidos encadernados em couro.

Devo apontar aqui que eu ainda não era uma leitora tão apaixonada quanto eu logo me tornaria. Meu colégio suíço, apesar de assustadoramente caro, inclinava-se fortemente em direção à consciência dos pontos críticos de questões ambientais e aos oprimidos direitos civis de povos indígenas. Na base dessas prioridades éticas, eu protestava que não poderia ler livros que haviam sido encadernados em peles mortas de vacas criadas em fazendas, sem dúvida altamente estressadas.

Em resposta, minha vovó simplesmente deu com seus cansados ombros de fazendeira vestidos com um avental, dizendo:

– Como preferir, mocinha. – E deixou a sala, voltando ao fatigante passatempo de enlatar tomates ou preparar conservas de camundogos do campo. Ao fazer isso, ela me chamou por cima de um ombro de calicô, avisando: – Você pode ler um livro ou pode levar os tapetes para bater lá fora. Você escolhe.

Minha moral é tal que eu não poderia considerar infringir nenhuma forma de violência, mesmo sobre um insensato chão de ladrilhos. Nem me atraía outras formas curvadas de trabalho agrário do campo sugeridas por minha vovó: outro massacre às ervas... confiscar mais ovos quentinhos dos ninhos das aves... Como estrito compromisso político, eu escolhi ler um livro. Meus dedos traçaram o couro morto de várias lombadas. *Moby Dick*? Não, obrigada. Pela primeira vez fui grata à famosa afiliação da minha mãe ao Greenpeace. *Mulherzinhas*? Puxa vida, também, uma opção monstruosamente sexista! *A letra escarlate*? *House of mirth*? *Folhas da relva*? As prateleiras da vovó afundavam, pesando com obscuros títulos a muito esquecidos. *Trópico de câncer*? *Almoço nu*? *Lolita*. Pff. Nada atraente aqui.

Ilustre Tweeter, em resposta a suas acusações de que eu era precoce demais para uma menina de onze anos, por favor, aceite o fato de que as pessoas não mudam com o tempo. Os velhos são, na realidade, pivetes envelhecidos. Por outro lado, os jovens são tiozinhos juvenis. Embora possamos desenvolver alguns talentos, conquistar visões mais profundas com o tempo, em grande parte você é aos oitenta anos quem foi aos cinco. Nascemos inteligentes ou não. O corpo envelhece, cresce, passa por fases quase lunáticas de frenesi reprodutivo, mas você nasce e morre essencialmente a mesma pessoa.

Isso... isso é a prova de sua alma imortal.

De pé na saleta da vovó, finalmente eu decidi fechar os olhos. Cega assim, eu dei um giro em três rotações completas e estendi minha mão sem avistar na direção genérica das prateleiras da biblioteca. As pontas dos meus dedos leram em braile as costelas de suas lombadas, os títulos incrustados lá. O grão rachado de couro sentia-se macio, até crepado, não diferente da pele das mãos calejadas da minha vovó. Após tocá-los, eles todos, meu toque se estabeleceu num, aquele que eu podia sentir que era meu destino. Aqui estava o livro que iria me libertar das minhas circunstâncias imediatamente empobrecidas, meus longos dias privados de televisão, meu tédio faminto por internet. Meus dedos cegos se fecharam ao redor do livro e tiraram-no de seus irmãos. Eu abri meus olhos para esse novo futuro.

Impresso sobre a capa gasta em letras douradas estava o nome do autor: Charles Darwin. Aqui estava um livro para me abrigar. Uma historia em que eu poderia me esconder por meses.

A voz de minha vovó Minnie, ecoando dos recônditos da cozinha da fazenda, chamou:

– Acabou o tempo, docinho, as ervilhas não vão se descascar sozinhas...

Eu respondi:

– Mas eu *encontrei* um.

– Um o quê? – ela respondeu.

Colocando um sorriso feliz de criança na minha voz, eu disse:

– Um livro, vovó!

Uma pausa silenciosa transcorreu, quebrada apenas pelos gritos de cópula de asquerosos pássaros do lado de fora tentando seduzir um ao outro a entrarem em putarias sexuais aviárias. Do lado de dentro, eu senti o cheiro de cigarro e o vapor do incansável fogão de tortura da minha vovó.

– Que livro? – minha vovó perguntou, receosa. – Qual é o nome?

Eu virei o livro de lado, buscando em sua lombada pelo título. – É sobre um cachorro – eu disse. – Sobre um cachorrinho fofo que viaja numa aventura marítima.

Em resposta, a voz da minha avó soou animada, seu tom arredondado quase numa risada, a voz de uma mulher mais nova. Quase como uma menina, ela gritou:

– Deixe-me adivinhar, é *O chamado selvagem*! – Ela gritou. – Quando eu tinha a sua idade, eu adorava Jack London!

Minhas mãos abriram o livro, e as páginas tinham cheiro de um quarto em que ninguém havia entrado há muito tempo. Esse quarto de papel tinha um cheiro forte, com chão de madeira envernizada, lareiras de pedra cheias de cinzas frias, e traças de poeira nadando à luz do sol que vinha das janelas altas no quarto. Os meus olhos eram os primeiros a espiar dentro desse castelo de papel por gerações.

Não, o título do livro não era *O chamado selvagem*, mas, ilustre Tweeter, minha

vovó Minnie ficou feliz. Eu fui liberada de descascar ervilhas. Era o que mais importava.

O autor não era Jack London, mas quem se importava? Se eu o lesse lento o suficiente, esse livro iria tomar minhas desoladas férias de verão inteiras. Ao tedioso e odioso interior do estado, eu iria entregar toda a felicidade e empolgação do antigo universo canino. Minha cabeça já estava assentindo sobre o volume aberto, absorta nas palavras e percepções de algum narrador há muito falecido. Eu via o passado desaparecido pelos olhos alienígenas de um homem morto.

Abrindo a página do título, eu li, impresso ali: *A viagem do Beagle*.



21 de dezembro, 9:00

Vovozinho três

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Para ajudar a aliviar meu tédio, o vovozinho Ben sugeriu que construíssemos uma unidade de moradia para os pássaros nativos. Um tipo de hábitat para a Humanidade aviário, sem Jimmy Carter e sua laia. Um planejamento de arquitetura efetivo teve uma participação bem pequena no projeto. Serramos placas para formar paredes rudimentares, chão e telhado, prendendo tudo junto com pregos. Um processo não insatisfatório. Finalmente, aplicamos uma camada de uma ensolarada tinta amarela.

Com um pincel nas mãos, meu vovozinho perguntou:

– Você se lembra de que eu te contei sobre Leonard, o anjo da guarda da sua mãe?

Eu me fiz de surda e me concentrei na técnica de pintura, evitando deixar marcas de pincel e pingos. Eu me atentava ao cheiro da tinta, preocupada por poder estar contribuindo para o equivalente à síndrome do edifício doente numa casa de pássaros.

Alheio a isso, meu vovozinho seguiu em frente.

– E se eu te contasse que os anjos também ligam para a sua vovó?

Eu afundei o pincel e besuntei de amarelo ao redor da convidativa porta redonda da casa. Eu me perguntava se os pássaros que iriam se instalar ali iriam migrar, assim como meus pais, entre habitações similares em Nassau, Newport e New Bedford. Do mesmo modo, seus padrões migratórios seriam determinados pelas taxas de impostos de cada locação?

Vovozinho tomou meu silêncio como encorajamento.

– Não quero te assustar nadinha, mas se lembra de que mencionei seu grande confronto? Pelo que Leonard conta à sua vovó, as forças do bem e do mal vão testar você.

Meu modelito de verão Chanel parecia apertado nos quadris.

– Em alguma ilha – ele acrescentou. – Seu grande teste vai acontecer numa ilha.

Apesar de Control + Alt + Arremessar a culinária da minha vovó pela janela da cozinha, eu estava ganhando peso por osmose. Por causas genéticas ou ambientais, eu me preocupava porque meu percentual de gordura estava chegando perto de dois

dígitos.

– De acordo com sua vovó, alguém vai morrer logo logo. – Vozovinho afundou seu pincel e continuou o trabalho. – Só para você tomar cuidado, pode ser que seja você.



21 de dezembro, 9:02

Mapeando um curso para a glória

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Ao contrário de seu alegre título, *A viagem do Beagle* não é uma narração picaresca sobre um cachorrinho impetuoso que embarca numa louca aventura marítima sobre as ondas. Se eu fosse compelida a escrever o resumo do livro, essa destilação seria a seguinte... *Peixe selvagem idiota... pássaro selvagem bocó... rocha grande... cobra! cobra! cobra!... animal assassinado... outra pedra... tartaruga*. Imagine uma série longa o suficiente para preencher quase quinhentas páginas, e você mais ou menos escreveu o livro do *Beagle* você mesmo. Nessas quinhentas páginas, quase não se menciona cachorro nenhum, e nada merece o foco da atenção do sr. Darwin por mais do que dez segundos. Em vez de evolução, Charles Darwin parece ter inventado o distúrbio do déficit de atenção, e seu foco é constantemente distraído por um fungo diferente... um artrópode novo, desconhecido... um cristal de cor viva. Seguindo a leitura, espera-se ver uma bela *señorita* atrair a atenção do narrador. O leitor espera que um romance floresça entre os pampas seguido por uma disputa entre amantes e a introdução de um rival no romance, beijos, socos, espadas sacadas – mas não é esse tipo de livro. Não, *A viagem do Beagle* parece mais com assistir a cinco anos de fotos de viagem, mostradas por alguém que sofre de Asperger, compelido a narrar incessantemente.

O título do tomo é uma enganação deslavada. O *Beagle* citado é, na verdade, o navio no qual o sr. Darwin e cia. viajam, aparentemente batizado por algum adorador de cachorro das antigas. Mesmo assim, é dentro dessas velhas páginas secas que encontro meu destino.

É preciso apenas uma vitória notável para cimentar a reputação de um escriba em desenvolvimento. Para o favorito da vovó, Jack London, foram necessários apenas seis meses perambulando pelas velhas vilas da corrida do ouro de Klondike. Para o sr. Darwin, o episódio transformador nas Ilhas Galápagos durou, no máximo, quatro semanas. Ambos começaram suas aventuras em resignação: London era incapaz de garantir um emprego rentável em São Francisco; Darwin havia largado a faculdade, deixando de receber seu diploma em teologia. Ambos voltaram para suas vidas

comuns ainda jovens, mas ordenharam inspiração de suas curtas aventuras até morrer.

Não há motivo por que o verão dos meus onze anos precisasse ser desperdiçado. Eu tinha apenas de encontrar uma espécie nojenta de criatura ainda não documentada – mosca, besouro, aranha – e poderia escrever de volta minha passagem para a civilização. A aclamação científica seria minha. Eu me reinventaria como uma naturalista renomada mundialmente que nunca mais precisaria beijar e abraçar seus maldosos pais sem coração.

Na manhã em que resolvi começar meu trabalho de campo, eu me sentei na mesa da cozinha da vovó. A luz da manhã tremeluzia, laranja-amarronzada através dos vidros de água estagnada e saquinhos encharcados de chá que ela mantinha no parapeito da janela sobre a pia. Eu fingia colocar um mingau nojento na minha boca, sentindo o gosto de nada além do hormônio de crescimento bovino no leite.

Ainda assim, eu sorria vitoriosamente, com meu livro do *Beagle* aberto ao lado do meu café da manhã, e perguntava:

– Vovozinha querida?

Minha vovó Minnie se virou de sua tarefa no fogão – remexendo uma colher de pau em alguma gororoba fumegante – e me examinou com frieza. Seus olhos se estreitaram desconfiados, e ela disse:

– Sim, besourinho?

Mantendo minha voz lacônica, meu tom jovial e indiferente, eu perguntei se havia ilhas tropicais numa distância caminhável.

Sua mão que mexia a gororoba levantou a colher de seu caldeirão de bruxa e a levou à sua boca torta, onde uma língua furtiva avançou provando o preparado. Estalando seus lábios com muito gosto, minha vovó disse:

– Você disse “ilhas”, gotinha de orvalho?

Minha boca fixou um sorriso, eu assenti confirmando. Ilhas. Seu indispensável cigarro queimava entre os dedos de sua mão. Naquela manhã, como em todas as outras, o sol nascente encontrava seu cabelo branco enrolado em bobes e preso firme em seu couro cabeludo cor-de-rosa. Vovozinho Ben permanecia na cama. No mundo fora da casa de fazenda ressoava o rebuliço de aves domésticas anunciando suas bem-sucedidas ovulações.

Minha vovó Minnie continuou a meditar sobre a produção borbulhante de sua cozinha nociva. Quase se podia discernir o estalo e o giro de engrenagens em sua cabeça. O *tique-taque* das rodas dentadas se movendo já era audível quando ela procurava em sua memória por quaisquer fatos em relação a uma ilha local. Dando uma tosse curta, um bufar, ela disse:

– Não há ilhas *reais* – acrescentando –, a não ser que você conte com as ilhas de trânsito no meio da estrada.

O que ela passou a descrever era uma estação de conforto para o viajante próximo que ficava entre as numerosas estradas para o sul, engarrafadas por causa do trânsito de uma grande rodovia e suas igualmente congestionadas estradas para o norte. Eu havia visto o lugar: uma construção baixinha de blocos de concreto encolhendo-se no centro de um gramado árido amarelo-limão pontilhado com fezes secas de cães domésticos. Havia dado uma olhada no local só de passagem, da janela fumê de um Town Car em direção ao meu exílio na fazenda da vovó, mas o barraco de concreto parecia reluzir com o fedor acre de dejetos humanos. Um pequeno número de carros e caminhões havia ocupado os lugares de estacionamento no canto do gramado irregular, abandonados por várias pessoas que corriam para esvaziar seus intestinos e bexigas.

Este lugar se qualificava como uma “ilha” porque era isolado, separado do campo do norte que a cercava pelos rios açoitantes de veículos em alta velocidade. No lugar de uma ilha mais convencional, talvez essa pudesse servir ao meu propósito.

Eu me alonguei no meu café da manhã. Em relação ao livro *A viagem do Beagle*, eu li até o ponto em que Darwin bebe a urina amarga de uma tartaruga. Claramente eu não era a primeira leitora desafiada pela ideia de nosso herói dando uns tragos numa caneca de mijo de tartaruga, porque um leitor anterior havia sublinhado a passagem toda com lápis. Na margem externa da página, um outro leitor usou uma esferográfica azul para escrever: *Tarado*. Ocasionalmente, esses comentários pareciam enigmáticos como um biscoito da sorte. Obscuro e codificado. Por exemplo, listadas a lápis, numa coluna descendo a margem externa de uma página, estavam as palavras: *Se um dia eu tiver uma garotinha, Patterson diz para chamá-la de Camille*. Em outro canto, rabiscado em tinta azul, estavam as misteriosas palavras: *Atlântida não é um mito; é uma profecia*.

Esses dois colegas viajantes – o rabiscante de lápis e o vândalo da tinta azul – se tornaram meus companheiros de leitura, sempre presentes para dividir o livro do *Beagle* comigo. Seus comentários depreciativos e perspicazes influenciaram minha própria reação às diversas descrições – de outra forma cansativas – de lagartos e cardos.

No que era claramente a mão de uma criança, outra anotação dizia: *Patterson diz para eu começar a apanhar flores para o funeral do meu marido um dia desses*.

Um rabisco de tinta azul dizia: *Leonard quer que eu pegue algumas flores para o meu pai*.

Como para ilustrar essas anotações, pressionadas entre as páginas estavam ranúnculos, botões-de-ouro, violetas-roxas. Provas de um longo tempo livre e longos passeios ao ar fresco nas férias de outrora. Fitas marrons de grama antiga. Um registro da luz do sol. Evidências físicas documentadas de um verão desaparecido. E não apenas as cores do verão... aqui estavam os cheiros também! Raminhos secos

de alecrim, tomilho e alfavaca. Pétalas de rosa ainda pungentes! Essas camadas de papel e palavras as haviam preservado, como uma armadura. Cada primula e ipomeia que eu encontrava, tinha muito cuidado para deixar intacta.

De seu posto no fogão, minha avó disse algo, suas palavras terminando numa nota alta, uma pergunta.

Eu respondi:

– Desculpe?

Pegando o cigarro de seus lábios, soltando uma baforada de fumaça, ela repetiu.

– O que está achando de *O chamado selvagem*?

Eu olhei para ela, meus olhos esbugalhados pela incompreensão.

– O romance – ela acrescentou, apontando para o livro aberto na mesa da cozinha.

Obviamente ela não havia visto a página perto o suficiente para saber seu verdadeiro título.

Ela perguntou:

– Leu a parte em que o cachorro é sequestrado e levado para o Alasca?

Sim, eu assenti. Meus olhos voltando à leitura, eu concordei que o cachorro tinha uma vida bem empolgante.

– Você leu a parte.... onde o *collie* é levado pelos marcianos num disco voador?

Novamente eu assenti, dizendo que a cena em questão era bem emocionante.

– E – minha vovó continuou – você ficou com medo quando os alienígenas engravidaram o *setter* irlandês com embriões de chimpanzés radioativos da Nebulosa de Caranguejo?

Eu concordei automaticamente. Disse que mal podia esperar pelo filme baseado no livro. Eu levantei o olhar apenas para verificar a sinceridade da expressão dela, mas minha vovó apenas ficou parada lá, seu austero corpo de camponesa vestido no costumeiro avental de calicô usado sobre um guingão sem forma Mother Hubbard, este desprovido de todo estilo e cor por uma vida inteira de lavagens. Eu fiz uma anotação mental de que esse livro *Selvagem* deveria ser um verdadeiro achado.

Quando ela deu uma segunda provada da panela borbulhante, levando a colher até os lábios franzidos e soprando para esfriar o conteúdo fumegante, o telefone na saleta começou a tocar. Como ela havia feito incontáveis vezes, minha vovó colocou de lado seus utensílios pingando e saiu pela porta da cozinha pelo curto corredor. As molas do divã rangeram quando ela se acomodou. O toque parou, e ela tossiu dizendo “A-lô?” Sua voz distante diminuiu a um sussurro conspirativo, e ela disse:

– Sim, ela pegou o livro sobre evolução, certo. Essa Maddy é fogo. – Entre tossidas, ela disse: – Sim, contei a ela sobre a ilha... – Engasgada e sem ar, ela disse: – Não se avexe, Leonard. Essa menina está mais do que pronta para combater o mal!

Aqui, ilustre Tweeter, eu virei uma página no meu livro do *Beagle* e descobri mais palavras antigas. Escritas na margem, à mão e em caneta esferográfica azul, elas

diziam: *Leonard promete que um dia eu vou criar uma grande guerreira como filha. Ele me diz para lhe dar o nome de Madison.*



21 de dezembro, 9:05

Agora, viajante!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Então foi assim. Naquele verão do meu exílio no entediante interior do estado, naquele ontem ensolarado agora desaparecido, eu me encontrava parada no asfalto margeando a Rodovia Estadual Sei Lá das Quantas, o canto externo de seis vias em direção ao norte densamente tomadas por trailer estourando buzinas, rangendo motores. Naquela manhã o ar tinha um cheiro miserável, poluído com lubrificante de eixo, pixe, óleo quente e a fumaça de suco de dinossauro queimado.

Nenhum explorador jamais desbravou mares mais perigosos.

Meu próprio caminho iria seguir por propósitos contrários ao fluxo de automóveis, seu impulso, os chiados e grunhidos de seus pneus radiais, o trovão gago de escapamentos. Através dessa parada mortal de metal em velocidade, eu podia ver a praia oposta, meu destino: a ilha onde veículos estacionavam para esvaziar seus ocupantes, os quais corriam para os banheiros de concreto para depositar seus próprios conteúdos excretados.

Com um passo, eu me comprometeria a cruzar a rodovia inteira. Um único passo e eu estaria totalmente investida em tomar a meia centena de avanços adicionais necessários para me entregar em segurança na distante ilha com banheiro. Lá, cachorros de estimação passeavam, depositando sem pressa suas fezes em pequenas pilhas, tão prudentemente quanto qualquer tartaruga ameaçada de extinção depositando seus preciosos ovos.

Quão estranha eu devo ter parecido aos motoristas, uma menina de onze anos usando calça de brim e uma camisa de trabalho azul de cambraia, cuja barra vinha até meus joelhos, as mangas longas demais enroladas nos meus cotovelos gorduchos.

Meus braços estavam cruzados sobre meu peito, abraçando o livro do *Beagle* e uma jarra frágil e incômoda do tamanho de um galão do chá de peitoril da minha vovó. O conteúdo turvo do fundo batia e espirrava, pesado dentro do vidro frágil. Antes de requerer o chá, eu joguei cubos de açúcar não mencionados no líquido dourado, e, enquanto vazava pela tampa mal encaixada da jarra, minhas mãos e meus braços ficavam grudentos. A pele dos meus dedos se juntavam como se tivessem

uma membrana, como se eu estivesse evoluindo para algum novo propósito aquático. Assim, eu estava grudada à pesada jarra de tal forma que mesmo que minha pegada soltasse, eu suspeitaria que a embarcação gotejante de líquido permaneceria fixa ao peito da minha camisa de cambraia azul.

Uma vez que eu estava no fluxo do trânsito, a menor pausa iria me colocar morta no caminho de um impacto pulverizante, para ser arremessada pelo turvo e torpe ar de verão, e ter cada um dos meus ossos quebrado. Ou que passassem por cima, meu sangue de menina espirrado para fora de mim e esparramado por quilômetros, rodovia abaixo, nos padrões em zigue-zague das marcas de pneus mamutes de borracha negra. Qualquer hesitação significaria minha morte, e nesses dias de outrora eu ainda tinha grande preconceito contra estar morta. Como tantos seres vivamente vivos, eu pretendia continuar respirando.

Respirando fundo, bem possivelmente pela última vez, eu avancei pelo caos.

Meus Bass Weejuns bateram na calçada quente enquanto caminhões de lixo rugiam um de cada lado. Sirenes soaram e buzinas tocaram. Caminhões enormes de combustível repletos de líquidos inflamáveis... caminhões de madeira retumbando... essas bestas gigantes irrompiam passando por mim, empurrando em turbulência meu corpinho com tal força que eu girava como uma rolha em mares pesados. Arrastando suas grandes ondas de brita perfurante, imensos ônibus de viagem me salpicavam com munição de cascalho afiado. No encalço dos caminhões-plataforma, sirocos causticantes queimavam minha pele e cabelo.

Pessoas que vivem em lares felizes não entram em navios rumo ao Alasca ou a Galápagos. Não deixam suas amadas famílias para se autossequestrarem em oficinas e estúdios solitários. Nenhum indivíduo psicologicamente saudável iria se expor voluntariamente a raios X, estilo Marie Curie, até se envenenar. A civilização é uma condição na qual marginalizados insociáveis se impõem sobre o resto da humanidade popular, tranquila e orientada à família. Apenas os desgraçados, os fracassados, os párias vão se arrastar por um dia para observar os hábitos de procriação de uma salamandra. Ou para estudar uma chaleira fervendo.

Os *avant-garde* em cada campo consistem em solitários, sem amigos, não convidados. Todo o progresso é produto dos impopulares.

As pessoas que têm amor – com pais educativos, atenciosos e não astros de cinema – nunca inventariam a gravidade. Nada além de uma tristeza profunda leva ao verdadeiro sucesso.

As observações anteriores mantinham minha espinha ereta mesmo quando caravanas de trailers passavam por mim, a menos de um palmo de distância. Se minha mãe tivesse vivido feliz como Rebecca, da Fazenda Sunnybrook, ela nunca teria se tornado um glorioso ícone para o mundo dos frequentadores de cinema. Se o sonho da minha vida fosse ferver inocentes damascos num preparado de geleia

intragável, ao lado da vovó, eu não me encontraria agora atravessando as hostis vias congestionadas da Rodovia Estadual Sei Lá das Quantas.

Minhas perninhas gorduchas corriam, avançando e recuando no turbilhão, desviando para não ser atropelada e para que trapos da minha carne infantil não fossem colados num encontro de para-choques de cromo e grades de radiador com destino à Pensilvânia e a Connecticut, meu conjunto de cambráia jeans reduzido a farrapos úmidos alisados contra o asfalto abrasador. Um tropeço e eu pereceria. Um passo errado à frente me conduzia a dois atrás. Minha carga de chá balançava, deixando-me sem equilíbrio. Eu vacilei de lado no caminho de um monstro de larga distância. Estourando sua poderosa buzina de ar, os pneus agigantavam-se cantando e derrapando. Uma carga de gado confinado deslizou ao meu lado, tão próxima que eu pude sentir o cheiro de seu almíscar bovino, perto demais. Seus milhares de grandes olhos marrons de vaca olharam lastimosamente para mim.

Sem pausa, outros caminhões vieram, conduzindo-me, levando minhas perninhas gorduchas a avançar para cá e para lá, minha mente cega com uma frenética autopreservação. Eu saltei. Meus olhos bem fechados, corri, avancei, voei e recuei. Eu girei, deslizei e mergulhei com pouca ideia da minha direção, ciente apenas do uivo das buzinas automobilísticas e de desviar por pouco. Faróis me perseguindo piscando suas luzes altas indignadas para minha barriginha gorda balançante.

Encharcada de suor, eu era perseguida. Meus braços flácidos de monstro se debatiam. Fui interceptada. Meu progresso prejudicado, meus carnudos pneuzinhos pulavam com meu sentido redirecionado. Um assalto de motoristas irados conseguiu elevar meus batimentos cardíacos mais alto do que os próximos dois anos de personal trainers caros.

Finalmente eu tropecei. A ponta do meu pé chutou um obstáculo, e eu cambaleei e rolei, pronta para ser massacrada pelo próximo veículo insistente. Meus braços e torso caíram à frente, enrolados para proteger a frágil jarra e o livro do *Beagle*. Porém, em vez do asfalto duro, eu aterrissei em algo macio. Eu abri meus olhos para descobrir que o obstáculo que havia prendido meu pé era um meio-fio de concreto. O lugar macio onde eu havia caído era um gramado cortado baixo. Eu havia chegado à ilha de tráfego. A grama em si esmagada e amarelada-morta, a almofada moldável onde agora eu me deitava era um quente montinho de cocô mole de cachorro.



21 de dezembro, 9:07

**Uma torturante bexiga não de tartagura
levada à quase loucura**

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Para evitar o ritmo por vezes soporífero do diário de viagem do sr. Darwin, não vou descrever cada molécula da ilha de trânsito do interior. Basta dizer que era de forma oval, limitada por todos os lados por motoristas maníacos operando seus veículos automotores numa velocidade de quebrar o pescoço. Como é típico do norte do estado, o terreno da ilha era entediante. A vista de cada direção era desinteressante. A geologia, banal. Uma leve camada de grama cobria a ilha, e toda superfície – a grama, o bebedouro inoperante, as passagens de concreto – irradiava calor numa temperatura comparável à superfície do sol. Para ser mais exata: a superfície do sol no *verão*.

O objeto da minha expedição era localizar algum inseto preso aqui, especificamente adaptado a esse sórdido ambiente. Eu só precisava coletar o espécime e dar eu mesma o nome da nova espécie. Minha descoberta iria lançar meu futuro como uma naturalista mundialmente renomada, e eu nunca mais precisaria ser considerada dependente das restituições de imposto de Camille e Antonio Spencer.

Não que meus pais pagassem impostos.

Pesado no centro da ilha, como um vulcão dormente do hemisfério sul cheio do fedor gasoso de enxofre e metano, estava o bloco de concreto dos banheiros públicos. Para atrair insetos exóticos, eu destampeei minha jarra de chá altamente açucarado e esperei. Ousava eu torcer por uma borboleta cor de fogo? Se uma espécie tão única aparecesse, seria minha: *Papilio madisonspenceri*. Minha roupa estava encharcada de transpiração. Meu pescoço coçava. Minha sede aumentava.

Em vez de borboletas aborígenes únicas, eu era assaltada por moscas domésticas. Erguendo-se como uma neblina escura, migrando em massa dos fedidos banheiros públicos, saciadas em banquetear-se de dejetos intestinais humanos, molhadas por excrementos de estranhos, essas moscas migravam direto para a doçura dos meus lábios. Gordas, zumbindo, moscas pretas grandes como diamantes de doze quilates se enxamearam em uma neblina espessa ao meu redor. sr. Darwin, meu mentor

invisível, ficaria envergonhado porque fui incapaz de assumir uma curiosidade científica mesmo distante sobre essa praga odiosa, conforme elas se alinhavam nos meus braços, meu rosto suado, rastejando pelo meu couro cabeludo úmido e manchando-me com suas patinhas sujas de cocô. Com sede e frustrada, eu as enxotei e bebi avidamente o chá. A doçura produziu mais sede, e logo bebi novamente.

Além das repugnantes moscas domésticas, a única evidência de um animal residente por lá era o cocô de cachorro. Da mesma forma que aves marinhas depositaram milênios de guano em certas ilhas remotas, tornando assim essas nações ricas em pedreiras de fertilizante rico em nitrogênio, eu inferi que os futuros residentes do norte do estado algum dia iriam minerar suas ilhas de trânsito pelo vasto acúmulo de caca de cachorro. Nenhuma borboleta chegou, tampouco uma libélula cor de neon. Frustrada pelo calor sufocante do dia, fiz uso de mais chá. Entre o calor e o vigoroso esforço para afastar as moscas do cocô, eu logo me vi bebendo a maior parte do vidro.

Tão hidratada pelo chá, eu me vi compelida a fazer o número um. Dolorosamente compelida.

Por favor, ilustre Tweeter, não encare o que eu acabei de dizer como elitista. Se você se lembra: você está vivo e provavelmente comendo um belo petisco amanteigado, enquanto meu próprio corpo precioso está oferecendo serviços de bufê para minhocas na terra. Reconhecendo nossos relativos status, de nenhuma forma eu posso realmente empinar o nariz para você; mas, para colocar de forma simples, até esse tedioso momento no interior, eu nunca havia usado um banheiro público antes. Ah, já tinha ouvido falar que eles existiam, esses locais compartilhados onde você pode se aventurar para doar seu xixi ao esgoto da comunidade, mas eu simplesmente nunca havia sido forçada a exercitar uma opção tão desesperada.

Com minha pipita apertada uivando num incômodo sem palavras, abandonei minha jarra de chá vazio – naquele momento, o vidro grudento coberto de moscas pretas. Carreguei meu Darwin e fui em busca de alívio. A paisagem não oferecia nada como abrigo. Não havia opção, salvo pelo ameaçador bloco de concreto dos banheiros. Suas paredes externas eram pintadas de um ocre torpe. Minha condição estava tão avançada, minha bexiga estava tão distendida que eu não tinha esperança de regressar para o cômodo espartano, ainda que semi-higiênico, da minha vovó.

Os toaletes públicos pareciam acenar com duas portas, cada uma dando para um lado oposto da construção, ambas as portas pintadas num marrom funesto. Preso na altura da vista sobre cada uma, havia uma placa com alarmantes letras, todas maiúsculas, sem serifa. Essas diziam MASCULINO e FEMININO, respectivamente, sugerindo que os gêneros eram segredados em suas buscas por banheiros públicos. Eu esperei por confirmação, esperando seguir uma mulher no que parecesse ser a porta apropriada. Meu plano era espelhar o comportamento de alguma estranha,

evitando, assim, uma grande gafe. Eu me preocupava especialmente em dar gorjeta demais ou de menos a alguma atendente. Etiqueta e protocolo não constituem pouca coisa da minha educação no colégio interno suíço, mas eu permaneci alheia a como deve se comportar enquanto se faz xixi entre os passantes.

Mesmo na escola, eu me abstinha de usar os lavatórios compartilhados, preferindo sempre voltar para o lavabo da minha suíte. Entre meus piores pesadelos estava que eu poderia sofrer de bexiga tímida e encontrar meus músculos pélvicos incapazes de relaxar o suficiente.

Meu talento como naturalista determinou o curso das minhas ações: eu esperei por uma fêmea com intestinos cheios chegar. Inicialmente, nenhuma veio. Após alguns minutos agonizantes, mais mulheres ainda não tinham vindo. Eu revirava meu cérebro por quaisquer ensinamentos sobre como tais instalações faziam seus serviços. Por exemplo, um freguês deveria pegar um papelzinho impresso com uma senha e esperar sua vez de ser chamado? Ou talvez uma reserva fosse necessária. Seria esse o caso em que eu estaria determinada a colocar uma prata na mão do *maître d'hotel* e garantir um xixi imediato. A ideia do dinheiro me arrepiava de terror. O que os nativos do cansativo interior *usavam* como moeda? Um rápido revirar dos bolsos do meu jeans trouxeram euros, shekels, libras, rublos e vários cartões de crédito. Todavia, assim como nenhuma borboleta havia chegado, nenhuma mulher com a periquita apertada também não. Eu me perguntava se tais estabelecimentos de defecação pública aceitavam pagamento em cartão de crédito.

Finalmente, uma estranha obviamente transbordando de caca correu de um sedan estacionado para a porta das mulheres. Eu prontamente a segui, agora quase tombando com meu xixi rapidamente se acumulando. Enquanto a estranha carregada de cocô vinha à maçaneta, eu fiquei tão nos calcanhares dela que eu podia ser sua sombra. Agarrando a maçaneta, ela puxou – mas sem resultados. Ela jogou o ombro contra a porta e empurrou, então puxou de novo, mas a porta pintada de marrom se recusou a ceder. Só então meus olhos seguiram seu olhar a uma placa de papel afixada à porta com fita adesiva. Tinha a legenda escrita à mão de *Em manutenção*. E soltando uma exclamação genital chiada, a mulher se virou num calcanhar e avançou de volta para o carro.

Sem acreditar, eu levantei a maçaneta da porta, mas consegui apenas chacoalhar alguma tranca invisível que a mantinha presa. Ora essa!

Durante minha vigília, vários homens entraram e saíram do banheiro MASCULINO na fachada oposta do prédio. Agora, confrontada pelas minhas opções – mostrar minha xibica como um animal doméstico num gramado áspero carregado de cocô, ameaçado por moscas, em plena vista de motoristas debruçados nos seus caminhões e mães de família pés de chumbo no entediante interior... ou bambolear de volta para a fazenda da vovó, com minha calça encharcada como a de uma criança... Com

essas duas humildes escolhas, eu me dispus a nenhuma. Minha alternativa seria abandonar cada princípio de civilização, entregar cada moral e ética que eu valorizava. Eu violaria o tabu mais temível da humanidade. Senti uma gota fugidia de xixi rolar pela minha perna, umedecendo minha calça jeans com uma pequena mancha escura. Assim, agarrando meu livro do *Beagle* como eu faria com um escudo para cobrir minha vergonha, eu me abaixei à profundidade de uma fora da lei, uma herege, uma blasfema.

Eu, uma menininha de onze anos, segui para usar o banheiro MASCULINO.



21 de dezembro, 9:00

Entrando no labirinto do rei Minos

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Enquanto eu estava sentada na casinha de um banheiro público muito antigo do interior, meu maior medo não era ser agarrada e abusada por algum sr. Perverso da Silva babão. Não, a razão pela qual meus pulmões se contraíam e meu coração se debatia como um tentilhão de Galápagos preso numa rede – enquanto minha bexiga liberava sua torrente de xixi escaldante – era mais o terror de que eu poderia ser presa. Minha presença no banheiro masculino violava tabus secretos da sociedade. Parecia claro que eu seria severamente punida – e, em certo nível, eu rezava por isso.

Não me pergunte por quê, mas aquele terror parecia tão excitante quanto a véspera do Natal, e eu antecipava aquela punição desconhecida como se fosse um pônei de ouro maciço.

Não que meus pais celebrassem o Natal.

Se eu fosse pega aqui, eu ousaria esperar ir ao pelourinho? Algum magistrado frio e calculista iria me chicotear num pau de arara. Minha tenra forma desabrochante infantil seria desnudada de sua vestimenta de proteção, e eu seria açoitada. Não meramente o chicote cairia sobre minha pele macia. O olhar lascivo de bocós babões também iria me devastar perdidamente, prendendo-me enquanto eles manipulariam avidamente seus órgãos reprodutores através de buracos furados em suas calças de camponeses.

Ilustre Tweeter, se posso ser honesta, achei tal prospecto infinitamente excitante. Que glorioso seria sentir esse grande castigo e voltar para o meu colégio interno suíço com feridas salientes e contusões rubicundas que provariam àquelas crianças mimadas o quanto alguém Control + Alt + Me Amava. Ah, ser comprovada tão estoica!

Como uma naturalista nascente, aqui estava minha primeira expedição ao escuro continente da masculinidade. O som de gotas pingando ecoava ao redor do banheiro em claras notas subterrâneas, como alguém tocando cordas de harpa no fundo de uma caverna profunda. O mundo real existia em outro canto. O tuberoso cocô de

cachorro, os caminhões desgovernados. A brutal e humilhante luz do dia. Dentro desse espaço habitava algo bem além da minha ingênua experiência de jovem estudante.

Nenhuma prisão turca poderia parecer menos sedutora. Escamosos cachos de tinta de cor suja descascavam do teto. Padrões leprosos de mofo, como papel de parede com veias negras, estendendo-se em desenhos de arabesco sobre os blocos de concreto. Tudo lá era sujo, corrompido, enferrujado. Agressivamente manchado. Uma fileira de pias numa parede, as torneiras pingando abaixo de cada mural de uma pichação ameaçadora e números de telefone cravados.

De frente para as pias havia uma parede de mictórios respingados de mijó. Perto desses, um trio de baias de lâminas de metal separavam três cubículos fedidos a caca, e foi no terceiro desses que eu me escondi para desaguar. Essas repartições não eram de forma alguma opacas; vândalos, talvez famintos pica-paus do interior, haviam atacado o metal criando buracos de diferentes tamanhos. Através dessas fendas sórdidas, eu tinha uma visão limitada dos meus arredores.

Sentada como eu estava num cômodo terrivelmente manchado e detonado, meus pulmões se encolhiam de inalar o ar tóxico. Minhas mãos se recolhiam de qualquer contato.

Uma colega do colégio interno suíço, alguma srta. Vagaba de Oliveira, uma vez me contou como os católicos esquecem seus pecados. De acordo com ela, eles se sentam sozinhos dentro de uma cabinezinha escura e falam baixaria para Deus através de um buraco na parede. Sentada aqui, presa dentro de uma casinha de banheiro público, eu poderia ver como isso acontecia. A cerca de meia altura da parede do meu cubículo, por um buraco aberto no metal, eu podia ver um pequeno túnel para o toalete ao lado. O buraco só tinha o tamanho de um olho, contornado por serras do metal partido, como uma pequena boca de dentes rangentes. Eu queria espiar através dele, mas parecia tão assustador colocar meu olho tão próximo desses pontos afiados de metal. Mesmo com meus óculos.

Fingindo buscar o perdão divino, coloquei minha boca no buraco assustador. Para testar o amor de Deus da mesma forma que meu diário falso testava meus pais, eu sussurrei sobre cometer assassinatos falsos e roubos a lojas. Sussurrei os detalhes de faz de conta sobre ter falsas testemunhas.

Cada respirada tinha cheiro, nas palavras daquela já mencionada Vagaba de Oliveira, como um saco de sovacos suados.

A sexualidade humana não é de forma alguma limitada às funções genitais da reprodução. Fico segura em dizer que o erótico cobre um amplo espectro de comportamentos que criam, administram e, finalmente, liberam a tensão acumulada. Enquanto eu liberava meu xixizinho preso, aquele jorro de prazer era o meu modelo de como um orgasmo algum dia poderia ser. Minha mãe havia discutido abertamente

sobre orgasmos comigo, assim como meu pai, mas meu conhecimento em assuntos sexuais permanecia fragmentado e teórico.

Com o cômodo assento emoldurando meu bumbum infantil, eu olhei para me certificar de que a porta da baia estava fechada. Eu me sentei com o livro do *Beagle* aberto no colo, virando alheamente as páginas, buscando memórias escritas dos meus antecessores. Anotado em caneta azul na margem de uma página estavam estas palavras... *um dia eu vou criar uma grande guerreira...*

Um ruído interrompeu minha leitura. Um guincho, um ranger de dobradiças enferrujadas me dizia que a porta do banheiro estava se abrindo. Eu não estava mais sozinha. Com meu xixi finalizado, eu me apertei na minha caça jeans e me preparei para sair voando; porém, paralisada de calor e medo, eu me sentei na privada totalmente vestida e liberei suor de cada poro da minha pele. Através dos buracos na divisão, eu podia discernir muito pouco, um mero vislumbre de roupa desarrumada, um dedo hirsuto. O estranho entrou na baia ao lado da minha e bateu a porta fina.

O som brutal pareceu enorme. Com o som molhado de sucção de um ralo de banheiro, ele reuniu um monte massivo de saliva. Eu podia ouvir, de dentro de sua boca, aquela quantia imensa de cuspe sorvido chacoalhando em suas bochechas e garganta seguido pelo disparo gosmento caindo no chão. Traços coloridos de marrom com tabaco mastigado salpicaram meu caminho por baixo da divisória, e eu puxei meus Bass Weejuns para trás o máximo que o minúsculo espaço permita. Um grande ogro pesado havia fixado residência no toalete ao lado do meu. Esse pensamento infundiu meu medo com uma fome, mas não por comida. Assim como o sol do entediante interior havia me deixado com sede, a avultante sensação de um gigante peludo incitava em mim uma tênue nova necessidade física. Eu refletia: uma *verdadeira* cientista dedicada a estudar a natureza iria permanecer imóvel e em silêncio. O cubículo formava uma adequada “veneziana” para eu espiar; o sr. Darwin havia suportado coisas piores. Eu ouvi o zumbido de um zíper pesado se abrindo. Aquele som ominoso foi seguido pelo tinir de um cinto de metal atingindo o chão de concreto.

Da maneira furtiva do sr. Darwin, eu permaneci restrita ao toalete, mas me inclinei à frente da cintura, mais baixo e mais baixo, para dar uma espiadinha por baixo do canto inferior da divisória. O que eu vi me desnor-teou: os pés bestiais do monstro estavam calçados em sapatos bem grosseiros, do tipo chamado de “botas de caubói”, e sua gabardina de baixa qualidade *prêt-à-porter* estava caída, descansando ao redor dos tornozelos de botas. As duas pontas do cinto penduravam-se da cintura aberta da calça, acompanhando o zíper escancarado, e a fivela era um oval martelado de prata manchada cravada com turquesa falso e gravada com a legenda “melhor pai do mundo”. O que atraiu minha curiosidade profissional era como seus dedos do pé deveriam estar apontando para a frente. Não estavam. Ambas as pontas

de suas botas apontavam na minha direção, voltados para a parede de metal que nos separava.

Aquela fina folha de metal arqueou e rangeu como se algum leviatã se pressionasse contra ela do lado oposto.

Alarmada, eu lentamente me sentei reta. Lá, o verdadeiro terror esperava por mim.

O que parecia ser um dedo curtinho sem osso agora aparecia pela boca rangente do buraco na divisória. Esse cilindro curto e grosso era marrom mosqueado, indo de um marrom-avermelhado no término brusco até um bege que desaparecia na parede. Ruguinhas infinitas cobriam a superfície esponjosa do dedo, e vários pelinhos curtos e crespos prendiam-se a ele. O dedo soltava um odor azedo, não saudável.

Misericordialmente, antes que eu pudesse fazer uma inspeção mais de perto, meus óculos escolheram aquele momento para escorregar do meu rosto deslizante pelo suor. Sua armação de casco de tartaruga ecoou contra o chão de concreto, deslizou pelo campo de suco de tabaco expectorado e caiu fora da minha vista. Eu agarrei o ar, desesperada, mas não peguei nada. Tudo no mundo virou uma só mancha. Sem minhas lentes corretivas, nada tinha contorno. Esse lugar já era tão escuro quanto usar dez pares de Foster Grants e dez pares de Ray-Bans ao mesmo tempo, e agora tudo também parecia misturado.

Forçando a vista, eu me inclinei tão próximo do dedo que pude sentir seu calor animal. Eu espiei de tão perto que meu hálito balançou os cabelinhos crespos e curtos. Eu cheirei em experimentação. Enquanto meu cérebro sussurrava que o “dedo” não era de fato um dedo, fiquei chocada com a verdadeira natureza desse encontro. O cheiro era inconfundível. Esse aparente psicopata... esse depravado sexual... ele estava tentando me ameaçar com um pedaço longo de cocô de cachorro.

Eu estava sentada em tal proximidade com um degenerado que se armou com um longo cocô marrom de cachorro.

Algun desequilibrado sr. Asqueroso de Carvalho, provavelmente um fugitivo de um hospício, havia viajado para esse local com o propósito específico de coletar cocô de cachorro descartado. Muito provavelmente ele havia tomado seu tempo selecionando, buscando um charutão seco de totó com comprimento e firmeza suficientes para ser brandido dessa forma, mas não com uma circunferência tão grande que não passaria por um buraco existente nessa divisória. Eu era meramente o alvo infeliz de suas degeneradas atenções. A apenas um sopro do meu abismado terror, o cocô truncado emergiu do metal partido e caiu num ângulo inclinado.

Era o ângulo descendente do cigarro da vovó quando ela estava sujeita a uma séria depressão emocional; porém, conforme eu observava, o clima do cocô caído começou a melhorar. Como algum horrível milagre de fogo, começou a inflar. O horrendo cocô ergueu-se até estar projetado reto nesse buraco irregular na parede de

metal. Sua cor avermelhada mudou de marrom-avermelhado para cor-de-rosa conforme seu ângulo se projetava para cima. Antes de eu poder piscar os olhos, ele apontava para o teto. Agora havia inchado tanto, e estava em tal inclinação, que eu duvidava que meu agressor poderia facilmente retirar sua hostil sonda de cocô.

Mesmo visto de forma vaga e desfocada através dos meus aleijados olhos, a transformação era impressionante. A nascente naturalista dentro de mim começou a formular uma estratégia.

Cautelosa, eu levantei o pesado tomo do sr. Darwin. Desde quando consigo me lembrar, fui vítima de *bullying* na escola, aquelas risonhas Bagaceiras dos Santos que me atormentaram e desorientaram. Eu não iria mais tolerar formas similares de abuso humilhante. Tensionando os músculos delgados dos meus braços jovens, eu mirei. Meu plano era girar o livro pesado e arrancar o cocô ameaçador com tal força que iria voar por toda a extensão do banheiro. Depois disso, eu iria voar, correndo a toda velocidade, e voltar ao iluminado mundo exterior antes que meu agressor lunático soubesse que destruí seu triste e ridículo brinquedo.



21 de dezembro, 9:05

Vencendo o minotauro

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Nos longos anos desde então, sentada de pernas abertas num vaso sanitário manchado num banheiro público do interior, eu segurei com força meu livro do *Beagle*. Com ambas as mãos eu segurei o pesado volume encadernado de couro. Como um jogador de golfe preparando-se para acertar uma tacada no décimo quarto *fairway* no St. Donats, ou um astro de tênis recuando para atingir um saque mordaz sobre a rede no French Open, eu lentamente alinhei o livro com o ofensivo cocô de cachorro. O cocô magicamente inchado apontava avidamente para mim, alheio às minhas ações violentas iminentes. O banheiro de bloco de concreto ecoava as notas musicais *plinc-plonc* da água pingando, mas, tirando isso, havia se estabelecido um silêncio tão intenso que provou que meu agressor e eu estávamos ambos segurando nossos respectivos fôlegos. Os músculos dos meus frágeis ombros e braços de varetas se flexionaram, rígidos como ferro, focando na força reunida da ioga espacial dos gurus da minha mãe em Kathmandu e Bar Harbor. Um selvagem grito de caratê tomou forma no fundo da minha garganta. Forçando meus olhos míopes, eu disse a mim mesma: *Expire*. Eu disse a mim mesma: *Confie no golpe*.

Fortalecendo-me, eu era Teseu pronto para duelar com o Minotauro nos porões úmidos de Creta. Eu era Hércules girando os quadris para lutar com Cérbero, o feroz cão de guarda de três cabeças do submundo.

Eu disse a mim mesma: *Agora*.

Empunhando o pesado volume acima da minha cabeça, girando-o diagonalmente, para baixo e para o lado simultaneamente, eu desferi ao ameaçador cocô de cachorro um poderoso *tchac*. Sem hesitação, meu giro de volta deu outro golpe ressoante contra a pavorosa caca canina, mas ele se recusava a se soltar e voar como eu esperara. Segurado por seu próprio tamanho magicamente aumentado, o dedo de cocô ameaçador parecia estar preso dentro do buraco de metal dentado. A terrível rolha balançou e bateu loucamente, torcendo-se em todas as direções. De trás da divisória de metal, uma forte busca de ar precedeu um grito uivante. A pressão que havia arqueado a divisória na minha direção agora revertia, e alguma grande força

parecia puxar-se contra a parede de metal. A barreira riscada e mutilada era puxada para longe de mim, puxada para trás pelos esforços do cocô de cachorro preso tentando escapar.

Batendo com o livro de capa dura, eu ataquei o asqueroso cocô canino do meu inimigo com um golpe selvagem após o outro. Em resposta, o oponente não visto gritava e guinchava. Eram sons animais. O berro que pode ocorrer no terreno assassino de um matadouro. Esse lamento sem sentido poderia ser um cavalo sofrendo ou uma vaca, assim como um macho humano.

Desferindo uma salva de golpes contra a caca em combate, eu me encontrei uivando grandes gritos de raiva. Era o meu berro de vingança de cada criança atormentada por abusadores cruéis, uma combinação de fúria e choro e pura risada histérica. O cômodo de concreto parecia inundado, tomado pelos gritos de dois combatentes, o ar fétido vibrando com ecos multiplicados. Eu gritei tão ferozmente que uma espuma se formou nos meus lábios.

Mesmo nos espasmos da minha fúria, meus instintos naturalistas mantiveram-se firmes. Mesmo com a minha visão sem foco, sem óculos, eu vi como o cocô massacrado começou a encolher de tamanho. O nocivo cocô estava se recolhendo, tornando-se menor, mais curto, até que pareceu pronto para se retrair de volta pelo buraco dentado. Para evitar essa iminente escapada, eu abri o livro do *Beagle* mais ou menos no meio e posicionei o volume aberto de forma que alojasse o cocô desfalecente. Assim como meus colegas – o Lápis e a Caneta Azul – haviam pressionado amostras de folhas e flores, preservando essas plantas para a posteridade, eu iria pressionar minha própria descoberta chocante. Um momento antes que o cocô de totó pudesse fugir, eu fechei o grande tomo num estrondo. O interior inteiro tremeu com o grito resultante. Kuala Lumpur, Calcutá ou Karachi, onde quer que meus pais estivessem se bronzendo, vendo seus umbigos se encherem de suor, eles devem ter ouvido a explosão. O mundo todo chacoalhou com a força daquele uivo.

Assim, eu mantive preso o encolhido número dois torturado: em sanduíche de papel no meio da viagem do sr. Darwin, na minha estimativa, preso em algum ponto de seu relato sobre a Terra do Fogo. Eu mantive a posse do cocô do mal apertando o livro bem fechado, e continuei meus esforços para puxá-lo livre, puxando-o de um lado para o outro, com toda a minha força. Sendo torcido de um lado para o outro significou que o cocô do totó foi mordido e mastigado pelos cantos de dentes afiados do buraco. Nesse ponto a fina lâmina de metal do cubículo do banheiro oscilou, seus parafusos chacoalhando soltos, preparando-se para despencar.

Acontece em raras ocasiões, ilustre Tweeter, aquele fenômeno natural para o qual não temos explicação. O papel do naturalista é anotar e registrar a descrição de tal ocorrência, confiando que finalmente o evento traiçoeiro fará sentido. Menciono isso

porque a coisa mais estranha aconteceu: enquanto eu segurava forte, apertando meu livro com o cocô-caca fechado aconchegantemente dentro – comigo puxando o livro em rédea curta –, o livro pareceu vomitar. Um jorro fino de cuspe asqueroso saiu dentre as página. Esse viscoso vômito creme irrompeu das profundezas do diário do sr. Darwin. Minha memória desacelera o momento, estendendo os segundos de forma a retratar os mínimos detalhes: uma pulsação seguida por uma segunda e terceira pulsação de cuspe sem cor irrompeu do livro preso em minhas mãos. Não era uma grande quantidade, mesmo assim se apresentou com tal velocidade que eu não tive tempo de reagir. Antes que eu pudesse ir para o lado, a trajetória da geleia pousou-a no peito da minha camisa de cambraia azul. Aqui meu comportamento profissional ficou a desejar. Com os jorros da fleuma misteriosa ainda presos ao meu escasso peito de criança, eu abandonei a luta. Desertei o livro do *Beagle* e o cocô de cachorro que ainda era seu prisioneiro. Eu saí da baia do banheiro e corri gritando a plenos pulmões.



21 de dezembro, 9:13

Eu saio de cena

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Quando eu irrompi da porta pintada de marrom daquele banheiro público infernal no entediante interior, o sol fraco estava se pondo num final de tarde. A jarra de vidro vazia ainda estava na grama seca, onde eu havia saciado minha sede com chá demais. Logo meu perturbado agressor iria emergir do banheiro dos homens atrás de mim, talvez não dissuadido por nossa luta, talvez apenas enraivecido e debruçado no único propósito de me agarrar e me arrancar membro a membro e completar um frenético ato sexual sobre meu torso decapitado sem vida à plena vista de milhões de motoristas velozes do interior.

Aquele fluxo infinito de caminhões-tanque encostados uns aos outros e caminhões de lenha e minivans continuava a rugir pelas margens dessa afastada ilha de trânsito. Diante do meu rosto nu, com meus óculos ainda abandonados lá atrás no chão do banheiro, os veículos se juntavam e se sobrepunham até se tornarem uma parede sólida de seus grunhidos do rolar de pneus. Não havia espaço entre eles. Eu me abaixei para resgatar a jarra de chá, distraída por minha iminente desgraça.

Talvez eu tivesse exagerado agressivamente com o dedo de cocô oferecido? Afinal, eu era uma estranha no interior. Talvez empurrar barras de cocô através de buracos em casinhas de banheiro constituísse um costume local da roça, correspondente a uma leve paquera.

Minha vovó Minnie uma vez me disse:

– Os meninos só provocam as meninas de quem eles gostam. – Em resposta, eu citei Oscar Wilde, dizendo: – Cada homem mata aquilo que ama.

Mesmo assim, com o interior sendo o interior, não é impossível que eu tenha acabado de frustrar um pretendente amoroso do campo. Se de fato acenar com pedaços de cocô para jovens era algum prelúdio rural de romance, então eu perdi um pretendente.

Tenha eu frustrado uma paquera rústica ou escapado de um assassino, meu coração ainda lutava alto na minha garganta, e o suor frio do choque escorria pela minha testa. A misteriosa ejaculação que foi lançada do livro do *Beagle* pendurava-

se pesada, em coágulos no peito da minha camisa. Sem óculos, tudo no mundo ficava ou perto demais ou longe demais para eu ver claramente. Eu não tinha boas condições de me arremessar na confusão maquinal do trânsito denso, mas se um maluco empunhando um cocô fosse emergir da construção de bloco de concreto, eu sentia que teria poucas escolhas preciosas. Aqui meu olhar turvo caiu sobre a jarra de vidro que peguei e levantei, cujas paredes agora se mostravam cravejadas – mais pavimentadas – de moscas pretas presas no grosso resíduo de açúcar. Horrorizada com essas pragas, eu joguei a jarra e a vi batendo na grama. Assim como antes, a perspicaz naturalista dentro de mim formulou um plano. Cuidadosamente, eu mais uma vez me abaixei e levantei a jarra vazia, evitando cuidadosamente seu carpete de insetos grudentos. Com poucos passos, eu o carreguei à margem onde o gramado seco encontrava o estacionamento de asfalto; lá, a sarjeta esperava, o concreto branco reluzindo no calor do dia. Definitivamente minha vovó precisava dessa jarra para fazer seu chá de peitoril, mas minha autoproteção parecia uma prioridade maior. No futuro, se minha vovó Minnie sentisse falta de sua gororoba caseira, eu simplesmente telefonaria para o Spago e pediria para entregar por FedEx uma única porção de seu delicioso *blend*. Por enquanto, usando as duas mãos, eu levantei a embarcação grudenta carregada de insetos sobre minha cabeça. Com um grito catártico, eu a arremessei contra a sarjeta, onde o vidro se espatifou em incontáveis cacos. O maior, mais cruel, mais próximo de uma faca dessas peças afiadas de vidro, eu selecionei como minha arma.

A fim de que minha ação não pareça exageradamente dramática, por favor entenda que eu havia escrito meu nome dentro das páginas finais do livro do *Beagle*. Mesmo tendo rapidamente fugido da cena, aquele livro – e meus óculos – permaneciam com o oponente. O demônio psicótico veria meu nome. Um pinel brandindo um cocô iria descobrir meu nome e começaria a me perseguir para cobrar sua vingança. Para proteger minha mão, eu enrolei o cabo da minha adaga de vidro com notas de euro. Armada assim para resgatar meu livro, eu segui sem barulho em direção ao lúgubre banheiro de bloco de concreto.

Em volta de mim na grama, havia charutinhos de cachorro espalhados, tão parecidos com aquele que ele recentemente empurrou para mim, e eu poderia dizer pelo resto da vida que a visão de um cocô de cachorro iria fazer meu coração ficar apertado de terror. Meus olhos iriam ver cacas inflando à espreita em cada sombra. Cada futuro pesadelo seria um eco de hoje.

Na entrada da construção, eu virei a cabeça de um lado para o outro e coloquei um ouvido na porta pintada de marrom. Nenhum som emergiu de dentro. Naquela posição, minha visão periférica deficitária incluía o estacionamento do banheiro, o gramado tostado pelo sol, a infinita maré do trânsito de veículos automotores. Apenas um único automóvel esperava, desocupado no local. Era um caminhão gasto

e enferrujado do tipo conhecido como picape. Uma rachadura cortava o para-brisa em seu comprimento. Minha pobre visão pode ter se enganado, mas uma luz traseira parecia ter sido reparada com camadas de fita adesiva vermelha. Avaliei que meu perturbado nêmesis chegou aqui naquela triste caminhonete manchada de lama e bastante riscada.

Melhor pai do mundo...

Meu cérebro arrotou algo que eu me recusava a provar. Eu engoli de volta a possibilidade, o horror ainda não realizado que se alojou dentro da minha garganta. Essa nova ideia era como ver um oriental falando espanhol. Era impossível demais para conceber.

Sem dúvida eu estava num estado de choque. Como um zumbi animado, agarrada à minha faca de vidro, eu dei com o ombro abrindo a porta e reentrei no fétido banheiro público. A mudança do dia claro para o interior sombrio me cegou, mas pude ouvir o *plinc-plonc* da água pingando. Naquele eco catacumbal, ouvi a respiração áspera de um homem. Na piscada seguinte, meus olhos contemplaram uma figura esparramada no concreto sujo. Era um homem, sua cabeça caída no chão. Sua pele enrugada e cabelo grisalho haviam se misturado até não ser possível dizer com certeza onde terminava seu rosto e onde começava seu couro cabeludo. Inicialmente eu não podia dizer se seu rosto estava virado para cima ou para baixo, mas então vi que seus joelhos estavam juntos, encolhidos ao peito numa posição fetal. Sua calça ainda estava amarrotada ao redor de seus tornozelos, e seu cinto com a fivela de melhor pai do mundo estava aberto. De suas pernas nuas, os flancos expostos eram tão brancos que reluziam perolados, nublados por pequenos pelos pretos. Entre seus joelhos cor-de-rosa protuberantes estendia-se a rede vazia de sua cueca encardida, e uma das suas mãos desaparecia em sua virilha, onde parecia estar segurando sua vergonha. Sua outra mão havia alcançado a extensão total de seu braço esticado e agarrado o ar perto do meu livro caído. Tão claro quanto um ponto de sol nessa tumba pétrea de ilha de trânsito, uma faixa dourada circulava a base de seu dedo anelar. Era, na minha visão deficiente, nada além de nove quilates.

Até meus olhos ruins podiam ver um fluxo carmim correndo dos quadris encolhidos do homem. Esse regato de vermelho rolava abaixo de uma pequena inclinação no chão, coletando seus flocos descartados de tabaco cuspidos e seguindo em direção ao ralo enferrujado central. Lá, todos os seus variados fluidos desapareciam em quantidades consideráveis. Seguindo seu olhar, sua mão em busca, meus piores medos foram confirmados, porque ele com certeza pretendia examinar o livro.

Com meu próximo passo, meu pé de Bass Weejun encontrou meus óculos perdidos; nem eram mais óculos. Um estalo alto e o *crunch* de vidro e plástico virou a cabeça do homem na minha direção.

O livro do *Beagle* havia caído, virado para baixo e aberto, então suas preciosas páginas estavam pressionadas para baixo naquele chão terrível. Uma patética amostra de flores e folhas secas havia caído de seus esconderijos bem no fundo da narrativa do sr. Darwin. Após serem preservadas em segurança por décadas, essas minúsculas flores foram espalhadas e salpicadas sobre o corpo do pervertido caído. Num impulso de pânico, eu avancei à frente, diminuindo a distância próxima, e me abaixei para agarrar minha propriedade de papel.

Quando meus dedos se fecharam no canto do livro, a mão do psicopata fez o mesmo com o volume. Por uma terrível eternidade ele segurou firme. Nós travamos um obscuro cabo de guerra, eu e esse anônimo. Eu ainda não conseguia ver seu rosto, mascarado do jeito que estava pela bagunça do seu cabelo. Quando a força de seu braço falhou, seu aperto não falhou, e meus esforços arrastaram o homem mais para perto. Ele era velho, um velho com bochechas magras afundadas e olhos reumosos vidrados. As maçãs do seu rosto e suas bochechas eram tão duras como as esculturas de totens que as pessoas entalham com motosserras e vendem em terrenos baldios ao lado de postos de combustível no interior. As flores secas, antigas violetas e amores-perfeitos, dedaleiras antigas, raminhos de alfazema, margaridas desidratadas e frágeis trevos-de-quatro-folhas, todos eles retinham suas cores de verões há muito passados. Verões anteriores ao meu nascimento. Essas margaridas e ásteres preservados formavam um esquife sob o corpo do homem, e um sopro final do perfume das flores esvaecente adocicou o ar fétido daquele cenário profano.

Meus braços puxaram o livro, soltando-o, e eu me afastei um passo, mas não consegui me fazer ir embora. Esparramada entre as flores e as lentes quebradas dos óculos havia uma borboleta escarlate, morta e achatada. Era a borboleta cor de fogo dos meus maiores sonhos naturalistas. Minha própria espécie: *Papilio madisonspenceri*. Mas, examinando mais de perto, *não era nem uma borboleta*, nem escarlate. Era simplesmente uma mariposa branca recém-saturada no sangue que rapidamente fluía desse estranho.

O homem, coberto de flores, descansando entre elas, levantou uma mão trêmula em direção a mim. Seus velhos lábios estremeceram com uma única palavra, mas nenhuma voz emergiu. Seus lábios pálidos se moveram novamente, dessa vez dizendo:

– Madison?

Involuntariamente, a mão segurando minha faca improvisada relaxou – aquele longo caco de vidro com uma barra de notas enroladas apertadas – e a adaga caiu. As paredes endurecidas do cômodo, marcadas com camadas de pichação, ressoaram com o zumbido frágil de algo quebradiço partindo em infinitos fragmentos. O vidro quebrado cintilou, e o dinheiro planou para pousar no sangue que escapava. Meu nariz pode farejar o ar que eu não queria dentro da minha boca.

A familiar picape dentada estacionada lá fora. O Melhor Pai do Mundo.

Leonard quer que eu pegue algumas flores para o meu pai.

Os velhos lábios chiaram com as palavras:

– Pequena Maddy?

Meu coração superou meu cérebro, e eu me aproximei, próxima o bastante para ver o sangue que encharcava sua calça e a frente de sua camisa. Ele estendeu uma mão trêmula, e minha mão, agora sem a arma, encontrou a sua no meio do caminho. Nossos dedos se enlaçaram, sua pele estava um gelo, apesar do calor de verão. O estranho era o pai da minha mãe. Era o marido da vovó Minnie. Era o vovozinho Ben, meu avô, e seus lábios falhos trabalhavam suavemente, dizendo:

– Você me assassinou, criança maligna... Não pense que você não vai queimar no inferno por isso! – Ele chiou. – Para sempre você está condenada ao insaciável lago de fogo!

Sua pegada ossuda esmagou meus dedos. E como o repetitivo som de um tendilhão... como as ondas batendo numa praia de Galápagos, ele continuava dizendo:

– Você é má, garota desprezível... – Disse asperamente: – Sua mãe e sua avó vão odiá-la por magoar o coração delas!

E assim por diante, com cada respiração morrendo, meu vovozinho me amaldiçoou.



21 de dezembro, 9:17

Emboscada no banheiro, a conclusão

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Como atriz, minha mãe odeia se sentar para tirar fotografias estáticas. Ela diz que modelos são capazes de se comunicar com uma expressão fixa, mas uma atriz precisa usar o tom e o volume de sua voz, o movimento de seus gestos. Limitar uma atriz a uma imagem parada e silenciosa é uma redução, tão sem sabor e sem aroma quanto um retrato perfeito do mais delicioso tofu assado em bambu e temperado com Cajun. É o quão absurdo isso parece: reduzir a morte do vovô Ben a um post de blog. Meras palavras. Para fazer que você viva a cena totalmente, eu teria de esfregar o sangue moribundo dele nas suas mãos. Em vez de apenas ler isso, você teria de se sentar ao meu lado no concreto coberto de sujeira até que seus dedos não sentissem nada além de frio. Você precisaria pegar o maior pedaço sobrevivente dos meus óculos arrebatados e segurá-los sobre os lábios bem abertos dele enquanto rezava para ver o vidro nublarse ao menos um pouquinho. Não que meus pais tenham me ensinado a rezar. Estimulado por seu pânico agigantado, seus pés iriam levá-lo à porta pintada de marrom do banheiro, avançando por passos macios de grama morta, suas solas batendo no estacionamento até você estar às margens do trânsito de uma rodovia, acenando pela atenção de alguém. Chorando o tempo todo, ouvindo nada além do som de seus pulmões gritando o ar para fora e para dentro. Sem pensar duas vezes, você faria polichinelos entre vias de caminhos e carros buzinando e sinalizando com o farol alto, e você faria tudo isso sem ver nada claramente. Você estaria acenando com suas mãos pintadas de sangue como bandeiras vermelhas para que algum adulto por favor parasse.

Você precisaria voltar, derrotada, e ver um reflexo torto e rabiscado de você mesma naquela fivela de cinto dada a ele por minha mãe numa vida antiga, anterior a ela ser uma estrela de cinema. Para realmente apreciar a longa tarde, você precisaria ver as flores secas sugando seu sangue. Não mais desbotadas, agora coradas. Essas margaridas e cravos, revivendo décadas depois de terem sido apanhadas, você as veria voltarem à vida, desabrochando novamente em vários tons de vermelho e rosa. Minúsculos vampiros.

Mesmo se minha vovó fervesse água numa frigideira, ela a esfregaria antes de guardar no armário. Essa é minha vovó Minnie numa palavra: frágil. Eu não poderia lhe contar a verdade sobre nada.

Imagine ser uma testemunha especialista em algo que você nunca, nunca poderia contar a ninguém. Especialmente a ninguém que você amava. Eu iria para o inferno. É por isso que sei que sou má. É o segredo que escondi de Deus.



21 de dezembro, 9:20

A defesa do cocô de cachorro

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Os oficiais da patrulha acabaram chamando o que aconteceu de crime de ódio. Eu queria corrigi-los e explicar educadamente que a morte do meu vovô Ben foi, na verdade, mais um *acidente* de ódio. Talvez um *equivoco de ódio*. Mas eu não ousei. Antes de alguém chamar a morte de alguma coisa, ninguém chamou. Minha vovó Minnie teve de começar uma salva de tentativas por telefone.

Na primeira noite em que meu vovozinho Ben estava morto, minha vovó ficou acordada, esperando que a picape enferrujada dele parasse na entrada. Eu fingi ir para a cama, mas meu coração ficou alerta, escutando os sons incansáveis dela na saleta. Meu estômago pensante doía com a fome de não saber minha próxima ação. Eu sabia que podia resolver todas as preocupações dela, mas isso envolveria contar a verdade que a faria se sentir ainda pior. Deitada naquela estranha cama de interior sem nem mesmo câmeras de segurança me observando, eu visualizei a despensa dela e a adega de conservas, em que prateleiras de madeira guardavam vidros enfileirados de pickles que viveram e morreram antes mesmo de eu ter nascido. Seus rótulos, como túmulos para bebês mortos no parto com um ano contando toda a história. Pepinos flutuavam na salmoura, sua pele borrachuda e transparente, como um showzinho paralelo de circo feito em casa. Como na biologia, esses pickles eram tão translúcidos que você podia ver sementes mortas de futuras gerações encrustadas dentro deles. Eu imaginei todas as fileiras de vidros de conserva para não cair no sono e reviver meu dia terrível. Eu tinha apenas de fechar os olhos para ver meu vovozinho arrastando seu corpo ensanguentado sem calça pelo chão do quarto, surtando e gritando que eu era má e seria amaldiçoada para sempre.

Essa mesma cama havia sido a da minha mãe há cerca de uma centena de anos, só que ela havia ficado presa lá a infância toda. Seus ursos de pelúcia esfarrapados feitos com trabalho escravo chinês sentavam-se ao redor do meu travesseiro, com o cheiro dela. Não simplesmente seu Chanel Nº 5, mas como sua verdadeira pele, como ela cheirava quando não estava se acabando como uma estrela de cinema das grandes. Meus dedos meio que esperavam encontrar fios soltos do seu cabelo de

menina da fazenda.

Amanhã, eu teria de fingir estar arrasada. Se minha mãe podia ser uma atriz famosa, eu podia ao menos fingir dormir. Mais tarde, eu teria de interpretar o choque do luto. Todo dia eu já tinha de fingir que eu não me sentia ferida e abandonada, mas, hoje, fingir estar dormindo parecia um bom exercício.

Na cama, eu me perguntava se o contorno do meu vovozinho morto estava marcado em giz ou uma fita perto do ralo para onde todo o seu sangue havia escorrido. Eu visualizei uma cena como num filme estrelando minha mãe no papel de uma destemida detetive particular linha-dura no encalço de um *serial killer* implacável. Essa versão imaginária fazia de mim uma assassina, mas mesmo um tipo de Jeffrey Dahmer seria melhor do que ser uma idiota qualquer que sangrou seu avô por engano até a morte por descuidadamente ter fatiado seu amoroso pipi contra lâminas de metal afiado. Com minha mente vagando, cansada demais para dormir, eu me perguntava se eu seria capaz de matar novamente. Eu me perguntava se poderia desenvolver gosto pela coisa. Ao matar uma grande variedade de vítimas, possivelmente eu poderia estabelecer um padrão e parecer menos como uma amadora azarada no meu eventual processo.

A alternativa era jurar dizer a verdade e fazer um papel ridículo completo no meu julgamento por um homicídio meia-boca grosseiro. Qualquer srta. Periguete das Neves poderia diferenciar um pênis ereto de um cocô normal ressecado de cachorro. Eu imaginei minhas colegas de classe na Suíça acompanhando meu julgamento ao vivo por satélite. Mesmo a cadeira elétrica seria melhor do que voltar ao colégio interno com todo mundo rindo nas minhas costas. Em Locano, as meninas iriam me perseguir pelos corredores, ameaçando-me para sempre com suas barras de chocolate em formatos fecais. Ninguém iria acreditar na minha versão da história. Minha explicação seria motivo de chacota infinita sobre a “Defesa do Cocô de Cachorro”.

Cada direção que eu podia ver era apenas um pesadelo diferente.

A voz da minha vovó veio pelo corredor, virando algumas esquinas, fraca de onde começava na saleta. Primeiro veio um som de campainha: um avanço rápido seguido por um chacoalhar de pequenos cliques. Isso eu reconheci como um dedo discando no velho telefone de disco. Sim, meus avós tinham um telefone, mas quase que não. Era um telefone como os peregrinos poderiam usar para verificar seus recados de Plymouth Rock, conectados à parede por um fio que não dava para desplugar. O som chacoalhante do disco seguiu por sete longas vezes e a voz da minha vovó disse:

– Aceito, por favor.

Eu a imaginei brincando com o fio enrolado que mantinha o receptor na base de discagem, presa no sofá da saleta pela curta extensão daquele fio. Sua voz disse:

– Sinto muito incomodar... – e era leve, cantada, o tom que você usaria para perguntar a hora certa a um estranho numa esquina. Ela disse: – Meu marido ainda não voltou para casa, e eu queria saber se houve registro de algum acidente?

Ela esperou. Nós duas esperamos. Se eu fechasse meus olhos, veria impressões digitais pontilhadas numa privada suja atrás de uma fita interditando a cena do crime. Na minha fantasia, detetives em chapéus de abas largas estilo Canadian Mountie seguravam *walkie-talkies* ao lado de seus queixões largos e soltavam boletins com todos os detalhes. Listras desciam nas laterais das pernas das calças de seus uniformes, levando a sapatos engraxados. Eu visualisava um perito criminal usando um avental branco de laboratório enquanto coletava uma impressão digital usando um pedaço de fita transparente; segurando a marca entre seu rosto e a lua do interior, ele estudava as curvas dizendo:

– Nossa suspeita é uma menina de onze anos, um metro e meio, gorduchinha, troncudinha, uma verdadeira baleiazinha dois por quatro com cabelo que nunca a obedece... – Ele assentiria sabiamente, fazendo uma leitura dos detalhes. – Ela nunca beijou um menino, e ninguém gosta dela.

Com isso, um artista da polícia parado ao lado desenhando feito louco numa prancheta grande diria:

– Baseado nessas evidências, acho que temos nossa assassina.

O artista iria girar sua prancheta, e o desenho no papel branco seria um retrato meu, com meus óculos retornados ao meu nariz, minhas sardas, minha testa brilhante gigante. Até meu temido nome completo estaria escrito embaixo: *Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer*.

Do corredor, a voz da minha vovó disse:

– Não, obrigada. Espero na linha.

Cobrir meus rastros não havia me ocorrido. Não até eu estar deitada aqui e pensar no livro do *Beagle* e minha camisa manchada. Minha arma do crime. A luz da lua estendia um retângulo branco no meu quarto, a forma dela reluzindo do parapeito da minha janela quase até a parede mais distante. Sob o exame da lua, eu rastejei por entre as colchas e cobertas e coloquei meu segundo melhor par de óculos. Eu me ajoelhei ao lado da cama e encaixei um braço entre o colchão e o estrado, apalpando até meus dedos tirarem o livro enrolado na minha incriminadora camisa de cambraia. Mesmo só com a luz da lua, dava para ver as manchas no tecido. Elas formavam bolhas maiores e menores na frente da camisa, próximas umas das outras, como um mapa de tecido das Ilhas Galápagos. No meio do livro do *Beagle*, ao redor da Terra do Fogo, as páginas estavam grudadas. Com minhas unhas, eu peguei os cantos. Como uma investigadora forense coletando uma impressão digital, eu segurei duas das páginas centrais com as pontas dos dedos e lentamente as descolei. O papel parecia pesado, pegajoso, e as páginas se soltaram num ruído, como uma esteticista

coreana depilando as pernas da minha mãe, arrancando todos os pelos pela raiz. O ruído de uma dor incrível.

Do corredor, a voz da minha vovó dizia ao telefone.

– Entendo. Sim, senhora.

Minhas mãos abriram as páginas do livro como você abriria cortinas, e impresso lá estava um teste psicológico em manchas escuras. Mais ou menos simétricas por causa do fechamento do livro, as partes negras pareciam uma borboleta... ou um morcego-vampiro. Enquanto meus olhos tentavam decidir, o resto de mim viu a forma branca embaixo do meio do livro onde as duas páginas se encontram. Lá, ainda branco e impresso com os pensamentos do sr. Darwin, uma longa forma estreita apontava direto para mim. Sob a luz da lua dava para ver que as partes negras manchadas seriam vermelhas em outra luz. Amanhã elas seriam sangue. A forma fantasmagórica no meio, o vazio onde não havia nada, isso era um contorno.

Ainda ajoelhada lá, ao lado da minha cama, eu ouvi uma brisa que era realmente minha vovó perdendo o ar, alto. Com o ar daquela mesma respiração, ela disse ao telefone.

– Obrigada. Me dê vinte minutos para chegar aí.

A forma no coração do meu livro era o pipi morto do meu vovozinho. Enquanto passos pesados se aproximavam pelo corredor, eu fechei o livro numa batida. Em menos de dois passos, eu enterrei a camisa manchada bem fundo no cesto de roupa suja. Em outros dois passos que se aproximavam, eu coloquei o livro sob meu travesseiro e saltei de volta na cama entre os ursinhos de pelúcia com cheiro da minha mãe. Com o último passo, meus olhos estavam fechados, e eu simulava um profundo sono pacífico quando a verdade veio bater à minha porta.



21 de dezembro, 9:25

Avocídio

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Naquela primeira noite que o vovozinho Ben desapareceu, minha vovó teve de nos levar ao hospital para descobrir algo que a polícia se recusava a revelar ao telefone. Algo que ela já sabia. Em seu carro, ela acendia um novo cigarro com o anterior. Ela jogava a bituca fumada pela janela, um minúsculo meteoro soltando faíscas laranjas no escuro. Da forma como uma estrela cadente prevê uma morte. Naquele momento, para mim, pareceu, acima de tudo, estranho andar no banco da frente, ao lado do lugar onde um chofer deveria estar. Assim, seguimos nosso farol para um futuro soturno.

Eu queria explicar para a vovó o estigma social de fumante passivo e jogar lixo pela janela, mas decidi engolir minhas queixas. Essa mulher desgastada pelas tarefas estava prestes a se tornar viúva. Sem dúvida, o melodramático aconteceria na frente de uma multidão de estranhos, na suíte de autópsia de algum examinador médico. Provavelmente ela cairia num desmaio morto ainda usando seu avental de calicô combinado a um desbotado vestido caseiro de guingão, com uma bituca fumegante presa entre seus lábios enrugados.

Campos agrícolas se enfileiravam de cada lado da estrada, e nossos faróis pairavam sobre uma ocasional vaca suja, vestida num couro gasto de baixa qualidade.

Para nossa expedição da meia-noite, eu escolhi usar pijama de flanela, flanela cor-de-rosa, sob meu casaco de chinchila tamanho infantil, comprido até as coxas. A sensação era glamourosa, como se eu posasse como a srta. Sirigaita dos Santos, com meus pés nus em chinelos de quarto feitos de um tecido cor-de-rosa costurado para parecer com coelhinhos de orelha em pé e olhos de botões pretos. Minha avó nem deu uma segunda olhada no meu conjunto elegante. Sua atenção tinha uma dianteira quinze quilômetros à frente e estava esperando pacientemente na sala de emergência para que o resto dela chegasse.

Nossa rota seguiu por um lado da infame ilha de trânsito e, quando passamos, eu vi carros de polícia enfiados próximo dos banheiros de bloco de concreto, todos os

holofotes alinhados para iluminar o prediozinho feio, como um palco. Os policiais uniformizados que estavam na luz pareciam atores bebendo café em copinhos de papel, desconsiderando o drama da cena. A caminhonete do vovozinho com seu para-brisa rachado e luz traseira remendada estava no estacionamento, mas agora estava isolada com cavaletes e fitas policiais balançando. As pessoas estavam fora dessas barreiras e olhavam para a caminhonete como se fosse a Mona Lisa.

Enquanto passávamos, eu fingi não olhar. Meus pés não chegaram ao chão do carro. Eu soltei meus chinelinhos cor-de-rosa de coelho e tentei conciliar a imagem do exibidor do pipi no banheiro com a do vovozinho que me ensinou a pintar de amarelo uma casa de passarinhos. Minha lembrança tentava manter o dedo de cocô como um dedo de cocô, mas manter uma mentira viva na minha cabeça estava me desgastando. É exaustiva a energia necessária para desconhecer a verdade. Não ajudava ser duas da manhã.

Naquelas férias no entediante interior, todo mundo manteve um segredo: eu havia matado alguém. Meu vovozinho era um *voyeur* de banheiro. Minha avó tinha um câncer do tamanho de uma cereja, um limão, uma toranja crescendo dentro dela como um jardim, mas eu não sabia disso ainda.

Só no caso de a polícia encontrar uma testemunha, eu planejei não parecer comigo mesma por um tempo. Foi um dos motivos pelos quais eu fiquei realmente obesa: camuflagem. Tornar-me uma gorducha se mostrou ser um disfarce muito esperto.

De outra forma, era apenas minha vovó e eu e motoristas bêbados na rodovia tarde da noite. Ela guiou pela ilha de trânsito sem virar o olhar. Uma tragada de cigarro depois, algumas tossidas secas e ela perguntou:

– Está gostando do livro?

Eu engoli a lembrança do contorno do pinto morto esmagado, marcado em sangue entre as páginas. Aquele livro do *Beagle*, respingado de algum suco que eu dizia a mim mesma que não era esperma.

– Está legal. Aquele livro é um *tour de force* literário.

Só Deus sabe sobre o que ela estava divagando. Eu me estiquei para ligar o rádio, e minha vovó bateu na minha mão para ficar longe dos botões. Apenas aquela pequena batida lembrou meu estômago do tomo do Darwin golpeando aquele enrugado, ameaçador... sei lá o quê.

Agora eu nunca vou saber como a evolução termina.

Da forma como minha vovó falava, com seus lábios presos na parte marrom de um cigarro, a parte de papel branco queimando na frente de seu rosto como a bengala de um cego. Com ponta vermelha, até. Ela ia tateando, perguntando:

– Chegou a quando o *collie* ajuda a defender um banco?

Com certeza ela falava daquele livro *O chamado selvagem*. A saga de algum animal implantado com embriões de chimpanzés radioativos da Nebulosa de

Caranguejo. Se eu tivesse escolhido o livro de Jack London, ainda estaríamos todos vivos. Com os meus olhos fechados, eu peguei a opção errada. Disse a ela:

– Roubo de banco? Adorei aquele capítulo.

O queixo da vovó Minnie se ergueu um pouquinho, tirando levemente seus olhos da estrada. Ela olhou pelo espelho retrovisor, observando a iluminada cena do crime no banheiro encolhendo-se de um local real, menor e menor, até ser apenas outra estrela na noite. Ela disse:

– E quanto à parte em que o cachorro vê aquela pessoa louca matar o sujeito velho a sangue frio? Você chegou até aí?

Nossos faróis varriam à frente, pairando sobre uma extensão da rodovia do interior, e eu observei o horizonte constante sem dar nenhuma resposta. Em vez disso, imaginei pêssegos, damascos, cerejas, tomates, feijões, até melancias como pickles conservadas em vidros transparentes. Sucos rosa-safira, vermelho-rubi e verde-esmeralda. Um tesouro de comida, essa fartura impregnada de muito açúcar ou muito sal, para impedir as bactérias de montarem acampamento. Minha vovó Minnie havia descascado, fervido e engarrafado um longo futuro de refeições para ela e o vovozinho, e agora era apenas ela. A melhor forma de apoiá-la seria ajudá-la a comer. Talvez entre nós duas pudéssemos justificar todos esses anos tirando cascas e sementes.

Minha vovó perguntou:

– Sabe, eu sempre senti pena daquele cachorrinho *collie*. Se aquele cachorro pudesse ao menos ter dito a verdade, você sabe, o pessoal ainda o teria amado.

O que quer que ela estivesse falando, não era nenhum livro que eu estava lendo. Em vez de respondê-la com mais mentiras, eu afundei minha cabeça para um lado, num pescoço mole. Minhas mãos se aninharam nos bolsos de chinchila. Meus olhos foram se fechando, e eu soltei um ronco profundo como se estivesse dormindo, só que soava mais como se eu estivesse lendo a palavra *ronco* de milhares de fichas de roteiro.

A vovó Minnie disse:

– Todo mundo sabia que o *collie* estava apenas se defendendo – mas então ela teve de fazer uma pausa na fala para socorrer sua tosse.

Da minha parte, o carro estava abarrotado de tudo o que eu não queria dizer. Se minha vovó iria se magoar, eu não seria a pessoa a fazer isso.

Eu não podia soltar meu segredo da mesma forma que ela não podia tossir para fora seu tumor.

No hospital, ela fingiu me acordar, e eu fingi estar grogue, na maior parte piscando meus olhos e interpretando bocejos. Uma consequência não intencional era que, sem dúvida, nós teríamos de fazer um velório, e meus pais teriam de vir. Eles teriam de me buscar e me levar com eles, e, por esse resgate, parecia quase digno matar

alguém. Nós caminhamos, eu e a vovó de mãos dadas, passando pela calçada de um hospital e à luz clara por trás de portas de vidro deslizantes. O chão de linóleo estava encerado de forma tão brilhante que parecia tão iluminado quanto o teto fluorescente, e a sala de espera parecia espremida entre essas duas formas de luz. Lá, ela me deixou sentar com revistas numa cadeira de plástico duro que teria sido abacate-chique em Oslo, mas no interior lia-se como apenas tosca. Entre as revistas havia três números velhos de *Cat Fancy* com meu gatinho, Tigrado, sendo aninhado por mim na capa. Pobre Tigrado. Começando com *People*, *Vogue* e *Time*, eu comecei a folhear cada cópia em busca de cenas da minha outra vida. Minha vida real.

De repente, eu me preocupava que meu vovozinho pudesse estar vivo numa cama próxima, entubado com um saco murcho, pendurado de cabeça para baixo com sangue de segunda mão, rindo e comendo gelatina enquanto contava à equipe de enfermagem como sua mimadinha neta gorducha havia tentado arrancar seu pipi, quando tudo o que ele estava fazendo era dar um susto nela. Então ouvi o policial passar dizendo para um médico as palavras “crime de ódio”, e imaginei que eu estava livre.

Ao alcance do meu ouvido, o policial disse que a carteira, relógio e aliança do meu avô estavam faltando, e eu supus que alguém havia roubado um velho caído morto num banheiro. É verdade que eu o matei. Isso nem precisa dizer. Mas eu era seu Brotinho de Feijão. Isso torna as coisas diferentes. Pela conversa deles estava claro que a polícia não tinha nada certo. Irritava-me deixar que as teorias deles fossem totalmente erradas, mas não havia razão para que minha vovó tivesse de ser uma viúva e saber que ela havia vivido com um perverso sexual.

Ninguém disse nada sobre encontrar meus euros e rublos caídos encharcados de sangue, ou sobre meus óculos quebrados ou a adaga de vidro quebrado do pote de chá. O policial disse:

– Assassino barato insano.

O médico disse:

– Ritual de mutilação. – Sugerindo alienígenas espaciais, eu torcia.

O policial deixou escapar:

– Culto satânico.

O tempo todo eu achei que eles estavam falando mal do meu vovozinho Ben, mas então percebi que eles falavam de mim. No melhor dos casos estavam se referindo a algum assassino maluco dos grandes, mas ainda era eu, sentada aqui nos meus chinelos de coelhinho e casaco de pele. Só de ser um corpo morto sem carteira ou sangue, com seu pinto meio arrancado, já tornava meu avô, a parte ferida, inocente. Não parecia justo. Sim, doía ter figuras de autoridade me chamando de “sádico filho da mãe”, mas se eu tentasse me defender, eu acabaria na cadeira elétrica, e isso não

iria melhorar a situação para a vovó. Ou ajudar meu cabelo já bem rebelde e arrepiado.



21 de dezembro, 9:29

Novo livro e novo galã

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Foi no funeral do vovozinho que eu notei que minha vovó começou a tossir de novas formas mais incômodas. Entre crianças, pode-se chorar, mas a tosse vai atrair uma atenção amorosa. Outros bebês tomam vodka ou engolem drogas ilícitas. Outros bebês saem com homens abusivos. Ou comem demais. Até atenção negativa é melhor do que terminar como um órfão báltico ignorado num berço, armazenado numa ala esquecida cheia de pivetes desprezados. Tossindo durante o funeral do vovozinho Ben, pigarreando e tossindo a seco ao lado do túmulo, minha vovó buscava solidariedade. Eu nunca sonhei que ela iria além na sua necessidade emocional, até o câncer.

Apesar dos meus apelos, meus pais não vieram ao interior para as cerimônias. Eles contrataram uma equipe de vídeo com um caminhão de satélite que transmitiu o evento em tempo real para seu lar em Tenerife. Os paparazzi, porém, foram em bando. O *New York Post* deu a manchete “Pai de estrela do cinema é encontrado morto no toalete da tortura”.

No lugar de flores ou cartões de solidariedade, minha mãe mandou para minha vovó e para mim uma opulenta cesta de Xanax.

Cada vez que o telefone tocava, eu esperava que um policial me chamasse para a morte por injeção letal. Para o velório, eu usei um véu Gucci preto sobre Foster Grants pretas. Usei um casaco de pele *vintage* Blackglama até a coxa e luvas pretas, só para o caso de algum detetive sabichão tentar recolher minhas impressões digitais da alça do caixão. Para responder a canadense AIDSemily, pequena Emily, a igreja em si era uma rústica estrutura em prancha onde um cadáver não parecia deslocado, justaposto como se estivesse com cookies de manteiga de amendoim em pratos de papel. Os participantes pareciam genuinamente perturbados com o trágico falecimento do vovozinho, e demonstravam sua solidariedade de aborígene do interior me dando um presente: um livro. Diferentemente do livro do *Beagle* ou *O chamado selvagem*, este livro era recém-impresso, um título novo, encadernado num belo “quase couro”. Parecia ser a leitura obrigatória de praia daquele verão, porque

todas as pessoas presentes traziam consigo uma cópia. Aqui estava o *best-seller* do momento, o *As cinzas de Ângela* ou *O código Da Vinci du jour*. Uma rápida olhada sugeriu uma obra pós-moderna contada de múltiplos pontos de vista – bastante Kurosawa em sua estrutura – guiada pela história, um épico de espada e sandália cheio de mágicos e dragões, sexo e violência. Eu aceitei a rústica oferta de condolências deles, tão graciosamente quanto minha mãe receberia um Oscar.

Impresso em dourado na lombada estava o título: *A Bíblia*.

Tão fantasioso quanto qualquer coisa escrita por Tolkien ou Anne Rice, esse novo tomo se apresentou como uma narração elaborada sobre a criação. No meu coração, iria facilmente substituir o livro do *Beagle*, com o sabor meio que didático do século XIX do sr. Darwin. Sua saga retratava a existência como uma chance única, uma luta desesperada para sobreviver e procriar. Quando confrontado pela morte, não é um conforto saber que você é meramente uma variação defeituosa de vida chegando ao final de seu beco sem saída evolucionário. Enquanto o livro do *Beagle* retratava uma narrativa de morte após morte, adaptação infinita e fracasso – toda a história literalmente grudada com espermatozoides e sangue –, o livro da *Bíblia* prometia uma vida feliz para sempre.

A sobrevivência do mais adaptado contra a sobrevivência do *mais bonzinho*.

Que autor, ilustre Tweeter, você escolheria para ler na hora de dormir?

Essa igreja doméstica até tinha um clube do livro semanal para discutir esta mais nova sensação literária. Para me presentear com o livro, esses cidadãos simples do interior seduziram um jovem menino. Quando eu saía da igreja com minha vovó, esse loirinho querido, de sua fileira de remendos, cambaleou para a frente. Com as duas mãos ele carregava o livro da Bíblia diante de si, e, para meus olhos cansados da vida de onze anos de idade, ele pareceu um tipo sincero, vestido em seus trapos recém-lavados, um ator secundário destinado a ordenhar vacas, procriar trabalhadores agrários similares e, finalmente, morrer na obscuridade não desmerecida, a vítima provável de algum futuro contratempo de uma colheitadeira. Ele, um David Copperfield rural, e eu, uma glamourosa fashionista do mundo, parecíamos ter ambos a mesma tenra idade. Alguma fazendeira bruta o empurrou para mim com suas mãos calejadas, dizendo:

– Dê à pobre menina, Festus.

Esse era o nome dele, Festus. Ele colocou o livro nas minhas mãos com luvas pretas.

Ainda que eu não tenha ficado imediatamente impressionada, Festus atraiu, sim, minha curiosidade romântica. Uma fagulha, mais provavelmente como eletricidade estática por natureza, saltou entre a sua pessoa e a minha, tão forte que eu senti um pequeno choque através das minhas elegantes luvas. Eu aceitei seu presente com um simples aceno e um murmúrio de gratidão. Fingindo perturbação emocional, fingi

cair sobre ele e seus fortes braços de filhote de fazenda ampararam minha queda. No nosso aperto, as mãos pré-púberes de Festus ergueram meu corpo; havia apenas o livro da Bíblia entre o contato total de nossas sensíveis áreas genitais.

Segurando a Bíblia por um instante, Festus sussurrou:

– O Bom Livro vai sustentá-la, srta. Madison.

E, sim, ilustre Tweeter, era um primitivo rude, perfumado com adubo de granja alojado entre suas unhas, mas ele usou sim a palavra *sustentá-la*.

Puxa vida. Eu estava empolgada.

– *Au revoir* – eu disse ao meu robusto camponês. – Nos vemos no... – Eu verifiquei escondido o título do livro. – ...nos estudos da “Bíblia”.

Seus ardentes lábios infantis sussurraram:

– Relógio da hora...

E daquele momento em diante eu estava entregue às mãos do jovem trabalhador do campo. Na minha fértil mente, imediatamente começaram a pipocar situações românticas passadas no mundo da agricultura de subsistência. Juntos, nós iríamos fazer o pão de cada dia na paisagem sem riquezas do interior, e nosso amor seria o conteúdo sem retoques de um poema de Robert Frost.

Para confortar os presentes após o funeral, vovó Minnie havia feito tortas de maçã, bolo Bundt com gotas de limão e flã de damasco. Bolo com farofa crocante, bombas de bordo, sonhos de cereja, escondidinho de pêssego, torta de pera, bolinho de uva-passa, bolachinhas de coco, torta rústica de nozes, cuca de canela, pavê de ameixa e creme gelado de avelã. Ela construiu pirâmides de biscoitinhos de pecã nos pratos. Bandejas de pão de mel e docinhos. Ocupada cobrindo cupcakes e donuts, ela não era mais viúva do que havia sido antes. Você nunca sabe os acordos complicados que duas pessoas fazem para permanecer casadas além dos dez primeiros minutos. Pode ser que ela soubesse das travessuras do vovô nas ilhas de trânsito. Da minha parte, eu encontrei o livro de Jack London na prateleira da saleta e o carreguei para o meu quarto com um prato de cupcakes e li, esperando pelos embriões de chimpanzé. No meio do romance eu decidi que o que duas pessoas não dizem uma a outra forma uma ligação maior do que a honestidade.

Os cupcakes de morango da vovó me subornavam a não contar a verdade. Pode ser que os cupcakes fossem a punição por minhas mentiras. Na fazenda da minha vovó você só podia ver até a próxima árvore. Isso tornava difícil pensar no futuro. Qualquer futuro.

Não no dia do velório do vovozinho, não no dia seguinte, nem mesmo no dia depois *daquilo*, mas uma semana após o funeral, eu ainda estava comendo. Minha vovó Minnie quebrava ovos, servia leite de uma caixa de papelão, tirava um quadrado amarelo de manteiga de um prato que tirava da geleira. Jogava farinha. Tossia. Colheres de açúcar. Tossia. Mostrando a mim todas as coisas terríveis que

vão na comida ao prepará-la: óleo vegetal, fermento, essência de baunilha, ela ajustava a temperatura do forno e transferia colheradas da batedeira para formas de muffins, tossindo as palavras:

– Quando sua mãe tinha a sua idade, ela sempre trazia piolhos para casa...

Vovó Minnie contava sua vida de trás para frente enquanto cozinhava, recitando detalhes como ingredientes. Sobre como minha mãe costumava molhar a cama. Sobre como uma vez minha mãe comeu cocô de gato e a vovó tirou uma lombriga do tamanho de um espagete do traseiro dela. Nem essa imagem me fez parar de comer.

Ela continuou a contar – em detalhes – sobre como minha mãe havia comprado um bilhete de loteria e ganhado a fortuna que foi o adiantamento para a carreira dela como aspirante a atriz.

De noite, o livro do *Beagle* enfiado entre o meu colchão e o estrado tornava impossível dormir. Eu ficava acordada com o calo do livro alojado na minha espinha; os procuradores locais com certeza iriam bater na porta do meu quarto e começar uma busca. Os investigadores iriam me fritar sob uma lâmpada nua, insistindo que encontraram várias palavras impressas ao reverso no pipi morto do vovozinho, de trás para frente, como uma escrita espelhada. Era óbvio que essas palavras haviam sido retiradas ou transferidas da arma do crime. Essas palavras eram as impressões digitais que eles precisavam para condenar um suspeito. As palavras reversas incluíam *Wollaston*, *palhoça*, *guanaco*, *Goeree*, *Fuegians*, *escorbuto* e, a mais condenável de todas, *Beagle*. Uma equipe de brutamontes da polícia iria revirar o quarto e encontrar o livro guardado.

Nos raros casos de eu cair no sono, meu vovozinho morto Ben entrava com uma carrocinha de cachorro-quente no quarto e servia-me salsichões fervidos cobertos de chucrute e sangue. Ou um prato de cocô de gato fumegante com lombrigas coberto de molho marinara.

Tão ruim quanto qualquer pesadelo, um dia minha vovó estava juntando a roupa suja e veio para a cozinha carregando algo azul. Eu estava sentada à mesa comendo cheesecake. Não uma *fatia* de cheesecake – eu estava remando com um garfo, passando por um oceano de cheesecake, sem sentir o gosto de uma mordida, eu estava mandando tudo para dentro muito rápido. Aberta na cozinha estava a Bíblia. Eu parei de ler e mastigar, meio engolindo, quando vi minha camisa de cambraia azul amassada nas mãos dela, e eu me esforcei para não engasgar.

Não que eu de fato mastigasse minha comida. Da forma como eu comia, era mais como o reverso de vomitar.

Diante do meu rosto, tão perto quanto a próxima garfada pairante de cheesecake, estavam os misteriosos respingos secos de cuspe. Com o rosto impassível e ingênuo, minha vovó perguntou.

– Gotinha de orvalho? – Ela tossiu as palavras. – Consegue se lembrar que sujeira

é essa para eu saber como preparar a lavagem?

Primeiramente eu não estava certa se eu, de fato, sabia o que era. Depois, eu estava certa de que ela não iria querer saber. Afastando meu delicioso cheesecake das manchas amareladas emboloradas, eu disse.

– Mostarda de Dijon.

Para meu horror, vovó levantou o tecido amarrotado perto de seu rosto, espiando de perto. Ela esfregou um pedaço duro com sua unha, dizendo:

– Não tem cheiro nenhum de mostarda...

O ponto esfregado soltou flocos como poeira. Farelos caíram no meu garfo. Na minha parte inacabada de cheesecake. Vovó Minnie trouxe a camisa imunda mais perto do seu rosto e foi até ela com a ponta da língua.

– Não é mostarda! – Eu gritei. Meu garfo caiu no chão da cozinha. Eu me levantei tão rápido que a cadeira de metal virou e caiu atrás de mim. O estrondo atraiu a atenção total da minha vovó para o meu rosto. Eu disse, agora calma: – Não é mostarda.

Ela me olhou, sua língua puxada de volta em segurança para sua boca.

– É catarro – eu disse.

Ela perguntou:

– Catarro?

Eu precisei cobrir um catarro, eu expliquei. Estava sem lenço na hora, então fui forçada a usar minha camisa.

Com minha vovó chocada, olhos redondos inspecionaram o considerável arquipélago de Galápagos de depósitos rígidos.

– Isso é tudo meleca sua? – ela perguntou como se eu fosse uma pessoa prestes a morrer de algum problema horrendo de pulmão causado pelo cigarro.

Eu dei de ombros. Parei de me importar. Desde que não a ferisse, eu a deixaria pensar que eu era um animal sujo nojento. Eu tinha onze anos e inchava como uma porca de exposição agropecuária.

Aproveitando a deixa, ela tossiu, tossiu e continuou tossindo, envergonhada e escondendo seu rosto vermelho atrás do nó da camisa azul ainda em suas mãos. Tosses que chacoalhavam como o vovozinho Ben puxando o cuspe de tabaco de bem fundo de sua garganta. As veias se projetaram no pescoço dela como os mapas de Darwin de grandes sistemas fluviais. Essas tosses eram tão ruins que ela não pôde parar, mesmo quando nós duas vimos o vermelho-vivo que ela estava tossindo sobre as manchas já secas de cuspe.

Entre suco de pipi e sangue de pulmão, eu diria que a camisa de cambria foi para o saco.

O que eu aprendi é que nunca é tarde demais para salvar alguém. E sempre é tarde demais. E quais são as chances de fazer alguma diferença? E em vez de declarar

para minha vovó que sua netinha era uma mentirosa, que seu marido era um boiola pervertido sexual e que sua própria filhinha estrela de cinema não gostava muito dela, eu disse que ela fazia o melhor cheesecake de manteiga de amendoim do mundo inteiro. E eu segurei meu prato vazio para ela e implorei por mais uma porção.



21 de dezembro, 9:33

Minha contagem regressiva para o adeus

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Tarde da noite, na minha cama interiorana, eu novamente me tornei uma naturalista. Indo dormir, eu suguei um doce açúcarado debaixo das minhas unhas e olhei na escuridão onde eu sabia que estava o teto. E eu escutava. E escutava. E contei. Eu sempre podia dizer onde minha vovó estava – na cozinha, na sala, no quarto – pelo som de sua tosse, como o canto regular de um pássaro, mas um som ao mesmo tempo reconfortante e terrível. Aquela tosse. Aquelas tossidas. Simultaneamente, elas serviam como prova de que ela ainda estava viva, mas que não estaria para sempre. À noite, eu aprendi a me prender ao som de cada tosse, cada salva de pigarros e sibilos, e a encontrar conforto no ruído. Apesar da lombada dura do livro do *Beagle* me cutucando as costas, eu podia finalmente cair no sono com o livro da Bíblia aberto contra meu coração.

Da mesma forma que as pessoas contam os segundos entre raios e trovões, eu contava os segundos entre as tossidas. Um-jacaré, dois-jacaré, três-jacaré. Esperando que, quanto mais eu pudesse contar, melhor estaria a vovó Minnie. Esperando que pelo menos ela caísse no sono. Se eu pudesse chegar ao nove-jacaré, diria a mim mesma que ela só tinha uma gripe. Talvez bronquite, mas algo curável. No vinte-jacaré eu já estava cochilando, vendo meu vovozinho Ben morto seminu enfiando as garras nos cobertores com mãos sangrentas. Mas finalmente a tosse voltava, o engasgo e a procura de ar, daí tão rápido que eu não conseguia enfiar nem um jacaré entre eles.

Na cama, eu chupava os dedos limpando-os. Minha vovó e eu fazíamos bolinhas de pipoca o dia todo, e o cheiro de milho estourado inundava a casa. Eu disse que o dia seguinte era Halloween? Bem, era uma noite antes do Halloween, e estourávamos bolinhas de pipoca para distribuir para as crianças. Como trabalhadores costeiros ralando, combinamos a pipoca com glicose de milho e pingos de corante laranja de comida, então moldamos o milho nas nossas mãos amanteigadas para fazer abóboras em miniatura. Enfiamos balas triangulares em forma de grão de milho para fazer abóboras de Halloween com olhos pontudos e dentes de vampiro. Para a embalagem,

enrolamos em papel-manteiga.

E eu mencionei que batizei todos os nossos docinhos de Halloween com meu amplo e não usado suplemento de Xanax do velório? *Bem, não é bom desperdiçar...* eu refleti.

Uma tosse veio do quarto da vovó, e eu contei: *Um-jacaré... dois-jacaré...* mas outra tosse veio rápida demais. Com o desprendimento de Darwin, comecei a categorizar suas tosses por qualidade. Algumas eram ásperas. Outras borbulhavam úmidas. Um terceiro tipo tratava-se apenas de uma espécie de chiado sem fôlego. Poderia ter sido a primeira tosse de um bebê aprendendo a respirar, ou o último fôlego falho de alguém morrendo.

Escutando de perto, deitada na cama, as pontas dos meus dedos tinham gosto de panquecas com manteiga cobertas de xarope. Quando a última tosse veio, eu contei. *Um-Mississipi.. dois-Mississipi... três-Mississipi...* até uma nova tosse me mandar de volta ao zero.

Meus pais não comemoravam Natal, *Pessach* ou Páscoa, mas, como eles celebravam Halloween, era uma compensação para milhões de feriados ignorados. Para minha mãe, era tudo baseado nas fantasias e em adotar *personas* arquetípicas alternativas, blá-blá-blá. Meu pai estava ainda mais entediado com o assunto, discorrendo sobre a inversão de hierarquias de poder e crianças subjugadas remodeladas como foras da lei, de forma a pedir tributos pela prevalecente hegemonia dos adultos. Eles me vestiam de Simone de Beauvoir e me faziam desfilar pelo Ritz em Paris para implorar por paridade de gêneros no trabalho e barrinhas de Hershey's, mas realmente para demonstrar sua própria sagacidade política. Um dia, eles me vestiram de Martin Luther, e todo mundo que encontrei perguntou se eu era Bella Abzug. Adultos, que vergonha!

Na minha cama interiorana, nenhuma tosse havia demorado tanto tempo para eu ter contado até o décimo sexto jacaré, e cruzei meus dois dedos grudentos sob as cobertas, pedindo sorte. Considerei brevemente me vestir de Charles Darwin neste ano, mas não queria ter de me explicar para cada caipira na varanda da frente nessa entediante vizinhança sem repertório.

Cheguei ao vigésimo nono jacaré. Cheguei ao trigésimo quarto jacaré.

A porta do quarto se abriu, sem som, e uma mão murcha me buscou das sombras no corredor. Uma figura começou a rastejar para o quarto, ressecada e esquelética, seu rosto era de uma caveira pairando manchada com suco de tabaco. Em vez de correntes-fantasma, arrastava uma fivela de cinto prateada. Uma mão ossuda se estendeu para a frente, oferecendo um longo cocô de cachorro aninhado num pão de cachorro-quente. O charuto de cocô estava guarnecido com um rastro dourado de mostarda de Dijon. Esse mesmo monstro eu vi toda noite, ou alguma versão dele, e ultimamente significava boas notícias, porque significava que eu finalmente havia

caído no sono. Chega de contar. Eu estava tendo um pesadelo, mas estava dormindo. Significava que minha vovó havia caído no sono.

A cama que outrora foi da minha mãe parecia profunda e macia. Minha vovó havia trocado os lençóis, e esses tinham um cheiro arejado e fresco de uma tarde ensolarada no varal. Nada doía.

O cadáver do meu vovozinho Ben nadava pelo chão, sua calça de gabardine caía entre os tornozelos. A caveira sorridente sibilava:

– Sua assassina! – E, conforme se aproximava, o cadáver deixava um traço de sangue manchando o chão para trás.

Nada doía.

Rápido como uma tosse, o pensamento me atingiu: o livro do *Beagle*. Eu não podia senti-lo. A lombada dolorida dele. O monstro sorridente do meu vovozinho desapareceu, e eu estava acordada. Revirando-me debaixo dos cobertores, não encontrei nenhum sangue no chão. A porta estava fechada. Enfiei os dois braços debaixo do colchão, até meus ombros, e tateei. Não encontrei nenhum livro. Rastejei pela cama, sentindo tudo entre o colchão e o estrado, ainda sem livro. Um pesadelo além do meu pior pesadelo. Eu me ajoelhei ao lado da cama e rezei para ainda estar dormindo e apenas sonhando. Não que eu acreditasse em Deus naquela época, mas eu havia visto minha mãe interpretar uma freira devota num filme uma vez, e seu personagem havia passado metade do tempo de filme de joelhos, murmurando exigências de mãos apertadas.

Quando fingir rezar não funcionou, eu saí do meu quarto na ponta dos pés, pelo corredor, até a prateleira de livros na saleta. Na luz fraca eu passei o dedo de lombada em lombada, e lá estava: *A viagem do Beagle*. Estava fazendo os outros livros ficarem apertados de novo, preso de volta ao lugar onde eu o encontrei da primeira vez, parecendo igual como se nada tivesse acontecido. Como se cada detalhe brutal das últimas semanas tivesse acontecido num sonho. Talvez fosse por isso que eu não podia tirar da prateleira, porque eu não queria abrir e descobrir a realidade do formato de pipi sangrento. Porque não queria pensar que minha vovó possivelmente havia descoberto aquela mesma verdade secreta.

Fiquei parada na saleta escura até o mundo entrar no Halloween à meia-noite, contando, *setecentos e oito-jacaré, setecentos e nove-Mississipi...* minha mão pairando entre mim e o livro por tanto tempo que meu ombro doía. Minha mão se estendia como a mão podre do vovozinho havia estado. Meus dedos tingidos de laranja pelo corante alimentício; o laranja parecia vermelho-escuro na sombra.

Contei dessa forma, sem tocar a verdade, até que algo quebrou o feitiço. Minha vovó tossiu. O reconfortante e terrível som veio do quarto, a prova de vida e morte, tossidas atrás de tossidas, tão rápidas que parei de contar. Deixei o livro e voltei para a cama.



21 de dezembro, 9:35

Halloween

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

A única coisa que torna o outono uma tragédia é a expectativa de que o verão deveria durar para sempre. Verão é verão. Outono é outono. Nem as avós duram uma eternidade. No Halloween, minha vovó Minnie havia aberto minha bagagem na cama do meu quarto e passado o dia fazendo as malas. No dia seguinte, novembro, um carro iria me pegar para me levar para Boston, para o jato em Nova York, para o jato no Cairo, para o jato em Tóquio, pelo resto da minha vida. Enquanto empacotava minhas roupas, ocorreu-me que eu vivia numa perpétua viagem para casa, de Mazatlán a Madri a Miami, mas nunca chegava.

Enquanto minha vovó passava e dobrava minhas roupas íntimas, ela relatava:

– Quando sua mãe era da sua idade, ela costumava cutucar o nariz e limpar debaixo da cadeira. – Relatava: – Ela mordida as próprias unhas dos pés. Relatava: – Sua mãe escrevia em livros...

Aquele verão no entediante interior havia sido o maior tempo que eu tinha ficado num só lugar. De certa forma, eu tinha voltado no tempo, tinha vivido a infância da minha mãe. Dava para ver por que minha mãe havia corrido tanto, para o mundo, para encontrar todo mundo e fazer tudo errado.

Eu fiquei girando ao redor de minha mala semicheia e perguntei:

– Ela escrevia *onde*?

Enquanto minha vovó tirava meus itens recém-lavados do varal, ela repetiu:

– Sua mamãe costumava escrever em livros.

O Lápis e a Caneta Azul. As samambaias, os tomilhos e as pétalas de rosa.

Eu não perguntei, ilustre Tweeter, sobre o destino final da minha camisa de cambráia manchada de esperma.

Patterson diz para eu começar a apanhar flores...

Leonard quer que eu pegue algumas flores...

Esses foram os pensamentos da minha mãe e da minha vovó quando tinham a minha idade. Eu estudei minha vovó atentamente como eu estudaria meu reflexo num espelho. Porque lá estava meu nariz, meu futuro nariz. Dela eram minhas coxas.

Como seus ombros caíam para a frente quando ela caminhava era como um dia eu andaria. Até a tosse dela, áspera e constante, seria igualmente parte da minha herança. As manchas senis em suas mãos algum dia seriam as minhas. Parecia uma tarefa tão impossível: envelhecer. Assustava-me como eu iria conseguir conquistar todas aquelas rugas.

Minha vovó nunca perguntou sobre sua jarra de chá desaparecida. Não pareceu notar que eu estava sempre usando meu segundo melhor par de óculos. E como eu passei de não comer nada para engolir tudo. Em Toulouse, os cozinheiros dizem que o primeiro crepe é sempre *pour le chat*. Para o gato. O primeiro crepe sempre tem falhas, queimado ou quebrado, então eles deixam o gato comer. De alguma forma, eu decidi que poderia fazer o mesmo com as falhas de minha vovó. Quanto mais ela cozinhava, mais eu comia. Eu podia absorver seus pecados comendo-os. E, se não os perdoasse, eu podia carregá-los nos meus quadris como meu próprio peso.

Em cada mordida, eu engolia meu medo e ficava mais velha. E mais gorda. Em cada bocada eu sufocava minha biliosa culpa.

O livro do *Beagle* havia me ensinado sobre ovos de tartarugas, mas o livro da Bíblia me ensinou sobre Jesus Cristo, e Jesus parecia ser o maior aliado que eu poderia ganhar na batalha contra meus bem-intencionados pais. Que verão foi aquele. Eu fiquei rechonchuda... gordinha... apenas horrorosa, na verdade. Eu comecei a amar a leitura. E eu matei um homem. Eu matei meu avô. E aprendi sobre discrição.

Sim, eu podia ter onze anos e ser uma assassina secreta de avôs, uma esnobe passiva-agressiva que odeia o interior, mas aprendi o que significa *discrição*. Naquele verão, eu aprendi sobre discrição, reserva e paciência: qualidades que meus antigos pais ex-hippies, ex-punks, ex-tudo nunca iriam adquirir.

No dia do Halloween, eu não falei nada quando espiei minha vovó vindo na ponta dos pés. Eu fingia tirar um cochilo no sofá da saleta quando ela foi sorrateira até a prateleira de livro e de lá tirou um que eu nunca havia notado. Escondendo o livro nas dobras de seu avental, vovó Minnie o carregou de volta para onde estava fazendo minha mala.

Exibindo enorme força de vontade, eu não comi o cesto de bolas de pipoca cor de laranja que havíamos preparado para as crianças da noite de Halloween.

Quando ela não estava olhando, eu espiei dentro daquela mesma mala. Enterrado sobre meus suéteres dobradinhos, no fundo estava o livro *Persuasão*, de Jane Austen. Um livro que eu iria amar pelo resto da minha curta vida.

Enquanto o sol se punha no último dia do entediante interior, um fluxo de monstros cambaleou noite afora. Esqueletos emergiram. Fantasma apareceram. Eles vinham carregando fronhas e sacolas de compras. Eles tomavam forma saindo das sombras, seus rostos não limpos manchados de terra do cemitério e suas roupas em farrapos.

Suas mãos lambuzadas de sangue, esses zumbis e lobisomens vagavam para onde minha vovó e eu estávamos, na porta da frente da casa da fazenda.

Esses corpos oscilantes vacilantes gritavam:

– Gostosuras ou travessuras!

E minha vovó oferecia a eles abóboras de pipoca de um grande cesto de palha que segurava na frente de suas mãos. Então uma tosse veio, e nem dois jacarés depois, outra tosse. Ela me passou o cesto e levantou o avental para cobrir o rosto. Enquanto os monstros espiavam através das bolotas cor de laranja, ela recuou para a saleta e se sentou no sofá, ofegante para recuperar o fôlego. Nos meus braços, o cesto parecia cada vez mais leve.

Entre aquela primeira onda de monstros havia um anjo loiro, um garotinho cujo plácido rosto parecia tão liso quanto pão saído do forno. Um brioche levemente sardento. Sua fina auréola de cabelo loiro reluzia um amarelo pálido como manteiga derretendo testa abaixo. Falsas asas estavam presas às suas costas com cordas de barbante áspero, mas o papelão pintado de branco estava coberto meticulosamente com penas abandonadas de algum ganso nativo da fazenda. Suas mãos de querubim carregavam uma rude lira de três cordas, e assim ele dedilhava enquanto proferia:

– Gostosuras ou travessuras, srta. Madison. – Ele segurava uma fronha já inchada de tirinhas vermelhas de alcaçuz e ursinhos de goma. – O Bom Livro a ajudou no seu momento de perda?

Parado diante de mim, na varanda, estava o jovem esfarrapado que conheci no velório do vovozinho. Minha versão interiorana de David Copperfield. Como antes, eu senti minha pele chamando a dele. Com isso, na minha noite final na casa da vovó, eu ansiei por prender meu corpinho de onze anos ao dele, mas subverti ao impulso carnal oferecendo:

– Bolinhas de pipoca? – Como uma atração a mais, eu cochichei: – Estão carregadas de Xanax. – Ele parecia confuso, então eu acrescentei: – É uma droga, não um rei do Velho Testamento. – E disse em tom grave: – Não opere maquinário agrícola sob influência dessa bolinha de pipoca.

Meu galã rústico se serviu de várias. Dando grandes mordidas lascivas no doce de Xanax, ele demorou um momento para perguntar sobre o meu verão. Discutimos o livro da Bíblia. Finalmente, ele me disse boa-noite e foi embora.

Para responder à canadense AIDSemily, não, eu não peguei o e-mail dele; duvido bem que ele tivesse um. Mas, enquanto suas asas empenadas se retiravam, diminuindo de tamanho enquanto ele partia pela empoeirada via do interior, eu chamei:

– É Festus, certo? Seu nome é Festus?

Sem se virar, ele acenou com a harpa sobre sua cabeça numa saudação despreocupada. E com esse gesto de despedida, ele se foi.

Tossindo as palavras, minha vovó Minnie disse:

– Não se apoquente, Docinho. – Do sofá ela tossia: – Tudo vai ficar bem.

E eu a perdoei por contar a maior inverdade até então.

Eu fiquei sozinha na varanda no cair da noite. Por isso que minha vovó não viu alguém novo chegar: uma figura de espantalho. Parado aos pés da escada da varanda estava um velho esquelético. As maçãs de seu rosto e queixo eram tão escarpadas quanto esculturas que pessoas entalham com motosserras e vendem em terrenos baldios tomados pela vegetação ao lado de postos de gasolina. Meu pior pesadelo era real, aqui estava vovozinho Ben parado às margens irregulares da luz da varanda. Seus olhos espiavam por trás da bagunça de cabelos grisalhos. Enquanto harpias e bruxas enxameavam ao redor dele e subiam os degraus, seus olhos prendiam-se aos meus.

A naturalista em mim sabia que isso era impossível. Os mortos não voltam. Em raras ocasiões acontecem fenômenos naturais para os quais não temos uma explicação pronta. O papel do naturalista é tomar nota e registrar uma descrição de tal ocorrência, confiando que, finalmente, aquele vento anômalo fará sentido. Eu menciono isso porque a coisa mais estranha aconteceu em seguida...

Uma voz sorridente perguntou:

– Bolas de pipoca?

A pergunta quebrou meu transe. Parado ao meu lado estava um garoto adolescente vestido como um antigo egípcio.

Assenti com a cabeça para o cesto, e ele perguntou:

– Não *bolas de pipoca* de novo. O que há com este lugar?

Uma Maria Antonieta do antigo regime de manto e peruca subiu os degraus reclamando.

– É, qual é a parada dessas bolas de pipoca? – Ela estava usando Manolo Blahniks falsos e carregando uma bolsa Coach falsa.

Na companhia do egípcio também havia um legionário romano... e um punk Sid Vicious com um alfinete saindo por uma bochecha... os quatro tinham um leve cheiro de enxofre e fumaça. O cabelo do punk era tingido de um azul elétrico na forma de um moicano. Ele afundou suas unhas pintadas de preto no cesto e levantou uma abóbora de pipoca, perguntando:

– Tem alguma coisa melhor, Maddy?

Tapando minha boca com o canto da mão, eu cochichei:

– Estão carregadas de Xanax.

Esse povo era estranho para mim, mas algo neles parecia familiar. Não *conhecidos*. Mais como *inevitáveis*.

O legionário romano recuou com a visão das bolas cor de laranja e perguntou:

– Sabe o quanto isso vale no Inferno? – Ele fechou o punho e bateu na testa,

dizendo. – Alô? Terra chamando Madison Spencer... isso não vale porra nenhuma!

Indignada, eu perguntei ao grupo:

– Eu conheço vocês?

– Não – a menina disse. Usava sombra azul nos olhos, e seu esmalte azul estava lascado. Uma zircônia cúbica lapidada num tamanho estupidamente grande pendurava-se de suas orelhas. A menina disse: – Você não nos conhece, mas logo conhecerá. Já vi sua ficha. – Com os olhos fixos no meu relógio de pulso, a menina perguntou: – Que horas são?

Torci meu braço o suficiente para mostrar a ela que eram onze horas. As tosses da minha vovó vieram entre cada frase, palavra sim, palavra não. E quando eu procurei novamente o vovô espantalho, ele havia sumido. Desaparecido. Nenhum dos quatro adolescentes pegou as abóboras de pipoca. Quando deram as costas para mim e desceram os degraus da varanda, eu perguntei:

– Vocês não estão meio velhos para isso?

A tosse parou. Sem se virar, o egípcio gritou.

– Só uns dois mil anos.

Balançando seu pulso no ar, seu dedo indicador apontando para o céu, o punk gritou:

– Lembre-se, Maddy, Terra é Terra. Morto é morto. – Caminhando para a noite, ele gritou: – Não vai ajudar em nada você ficar toda irritadinha.

E, enquanto voltavam ao escuro, eu vi outra figura juntar-se a eles. Essa nova pessoa usava um avental calicô sobre um guingão Mother Hubbard. A mulher fumava um cigarro sem tossir. O punk tocou o cotovelo dela, e ela tirou um maço do bolso de seu avental e passou-lhe uma bituca. Enquanto ela beijava seu cigarro protegendo com a mão e acendia, a pequena chama mostrou seu rosto atormentado. Ela acenou para mim, e o grupo desapareceu na rua para a noite de Halloween.

Finalmente, quando eu voltei para dentro da porta da saleta, só havia o corpo da minha vovó no sofá. O melhor dela – sua risada, suas histórias, até sua tosse – havia partido.



21 de dezembro, 9:40

A abominação ganha força

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Foi por Sólon que o grande Platão soube do eventual fim dos tempos. Por sua vez, Platão ensinou sobre o mito do Juízo Final para seu aluno Xenócrates, que ensinou a seu aluno Crantor, que, por sua vez, ensinou a Proclo, e assim foi o advento do bebê-coisa profetizado antes do polímero sintético sequer existir.

Diminutos traços de saliva ainda se prendiam a ele, nosso ídolo inflado. Usando pintura de guerra de chocolate e batom, ele reunia as forças de poliestireno e polipropileno nas águas do Porto de Los Angeles. Como visto nas visões dos antigos, reforços iriam chegar constantemente do norte, pelo Rio Yukon e pela Enseada do Príncipe Guilherme.

E o que havia sido uma corrente de amendoins embalados em isopor, à deriva nos afluentes de Estuário de Pudget, os rios Skagit e Nooksack, esses estão presentes para dar as boas-vindas ao bebê-coisa no Oceano Pacífico. Mais constantes e numerosos do que truta e salmão, esses emissários de plástico vão convergir na costa temperada de Long Beach para aguardar o nascimento do bebê-coisa. Excedendo em muito os pássaros ou qualquer revoada ou peixe de qualquer escola, esses objetos são assados pelo sol e degradados, tornando-se uma rica sopa de corpúsculos plásticos. Esses microplásticos. Essas lágrimas de sereia. Fluoropolímeros e melamina-formaldeído. Eles criam um caldo em fogo brando não diferente da escuridão isolada dentro da pele do bebê-coisa.

Dessa forma, os fragmentos não resolvidos do passado permanecem, de acordo com Platão, e assim eles se aglutinam para formar o futuro. E, nas praias de Long Beach, uma partícula infinitesimal de plástico vem ao encontro do bebê-coisa e permanece, preso. E uma segunda partícula de plástico se prende à imagem até que o ídolo infante é coberto por uma camada de partículas. E essa primeira camada acumula uma segunda camada, e o bebê-coisa começa a agregar-se camada a camada, e a crescer. E quanto maior a coisa toda cresce, mais partículas ela atrai, tornando-se nascente. Tornando-se um criança-coisa.

E, dessa maneira, Platão previu que o plástico se alimentará de plástico. Uma pele se acumula sobre sua pele. Alimentado por uma ampla dieta de caixas de suco e

fraldas descartáveis, o ordinário cresce para se tornar uma abominação.



21 de dezembro, 9:41

Santa Camille: uma teoria

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

CanadenseAIDSemily pergunta: “Fantasmas dormem?”. Minha experiência como sobrenaturalista atenta que não, não dormem. Enquanto os ocupantes dessa aeronave cochilam ou examinam uma ampla seleção de filmes estrelando Camille Spencer – minha mãe é inescapável –, meu eu-fantasma atualiza o blog. Verifico meus textos.

Quanto mais eu considero o novo papel dos meus pais como líderes religiosos globais, menos fico surpresa por essa mudança sacrílega nos acontecimentos. Durante décadas, observei minha mãe em papéis cinematográficos nos quais ela era acometida pela síndrome da China enquanto investigava usinas nucleares superaquecidas derretidas... machadadas por marginais de Pinkerton fura-greves que ressentiam os esforços dela para organizar os tecelões do extremo sul... envenenados ao estilo Erin Brockovich por águas subterrâneas maculadas por plutocratas cristãos republicanos aliados a complexos militar-industriais. Mesmo neste momento aéreo, os passageiros da companhia aérea me cercam beslicando salgadinhos de amendoim enquanto assistem a pastores alemães policiais e racistas da Ku Klux Klan arrancarem as roupas de seus seios sem defeitos.

Uma carreira de martírios catárticos. Filmes para namorados. Ela morreu milhares de vezes para que os membros da plateia pudessem viver felizes para sempre.

Ainda assim, apesar das flechas perfurantes e mordidas de lobos selvagens, ela volta para nós... ainda mais arrebatadora. A mulher que vemos morrer horivelmente reaparece no tapete vermelho em Cannes com aparência divina num vestido de gala Alexander McQueen. Como a porta-voz dos cosméticos Lancôme, ela renasce, brilhando com diamantes e boa saúde.

Meu ponto é que Camille Spencer é a coisa mais próxima que nosso mundo tem de um mártir secular. Ela é a santa da nossa era moderna – nada menos do que nossa Bússola Moral –, ritualisticamente sacrificada repetidas vezes. Ela e meu pai são a consciência social de uma geração, salvando espécies ameaçadas de extinção, curando pragas pandêmicas. Nenhuma fome existe até meus pais trazerem à nossa atenção internacional e gravarem uma música de sucesso, cujos lucros fornecem o

alívio da comida. Essa mulher que vimos sofrer cada cruel atrocidade e sobreviver a elas, durante anos, juntamente com meu pai determinou o que é bom e o que é ruim para todo o globo. Nenhuma figura política tem autoridade moral maior; assim, quando Camille e Antonio Spencer renunciam a seu estilo de vida não confessional e abraçam uma única fé verdadeira, o Rudismo, três bilhões de agnósticos à deriva são levados a aderir também.

Empolgada como estou de ter a atenção do mundo, eu desejo que não tenha sido para uma mentira mal planejada. Meus seguidores do blog no submundo aconselham-me que as condições de vida – condições de vida? – no Hades estão em rápido declínio. Meus pedidos para mais expletivos, mais arrotos, mais grosseria já estão resultando num aumento constante do número de almas regressantes. De acordo com canadenseAIDSemily, esses recém-mortos estão chegando com a expectativa de que estão no Céu. Não estão apenas decepcionados – mas estão irritados! Todo mundo me culpa. Todo mundo está indo para o Inferno e todo mundo vai me odiar. Ou pior, vão odiar meus pais, em todas as línguas. Talvez meu pai conseguisse lidar com isso, mas minha mãe vai odiar ser odiada. Ela é uma bela dama magrela com cabelo perfeito, que simplesmente não está preparada para lidar com o ódio.

Parte meu coração imaginar meus velhos mortos por arpões japoneses ou por uma explosão alucinada, ou então ter suas peles esfoladas por demônios porque eu lhes vendi uma maracutaia.

Do lado de fora da janela do meu avião, o sol está se apagando, meio afundado no colchão afofado de nuvens. Não há anjos. Pelo menos não que eu possa ver.



21 de dezembro, 10:09

Uma oferta de aniversário

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

O trabalho de uma sobrenaturalista nunca termina. Quando meu voo inicia sua descida para Calgary, Cairo ou Constantinopla, você encontra meu fantasma se enfiando no orifício para fones de ouvido estéreo disponível no meu assento. Estou saracoteando fundo nas entranhas eletrônicas da aeronave. Seguindo o curso dos fios. Atravessando dispositivos. Por satélite, estou entrando em diversos servidores que contratam as câmeras de segurança que vigiam cobiçosamente as moradias espaçadas dos meus pais. Não há tanto para espiar nelas; não, estou acessando os arquivos históricos guardados. Fazendo referência aos códigos de tempo, eu localizo imagens de vídeo de mim mesma comemorando meu décimo aniversário, aquela festa infantil nudista de tempos atrás em que meus pais ergueram uma pesada *piñata* cheia de analgésicos controlados e alucinógenos recreativos. Lá estou eu, aquela pré-púbere, mortificada, agarrando guardanapos em tom pastel para cobrir minha vergonhosa pele exposta, enquanto os adultos nus estripam meu burro festivo de papel-machê com suas próprias mãos. Esses ex-punks, ex-*new wave*, ex-*grunge* que sempre seguem os modismos do momento, eles se apertam juntos no chão coberto como uma massa de enguias suadas famintas por drogas.

É para o conforto de perspectiva que eu busco vídeos dos acontecimentos mais aviltantes, mais humilhantes da minha antiga vida. Para todos vocês, gente pré-morta, por favor, anotem. Sempre que estiverem deprimidos por estarem mortos, lembrem-se devidamente de que estar vivo não é sempre um piquenique. A única coisa que torna o presente palatável é o fato de que o passado foi, algumas vezes, uma tortura. Para maior consolo, eu resgato o vídeo dos meus seis anos, que me faz retorcer, vivamente viva dançando Morris pelada ao redor da base de um velho pinheiro. Revejo as minhas imagens com quatro anos jogada de costas para a câmera enquanto eu utilizo cuidadosamente o bastão higiênico de bambu compartilhado num acampamento ecológico.

Puxa vida, minha infância foi atroz.

Passando por códigos de tempo aleatórios dos vídeos, eu vislumbro minha mãe.

Em Tashkent ou Taipei, ela está dizendo a alguém no telefone:

– Não, Leonard, precisamos ainda identificar o verdadeiro assassino...

Num código de tempo diferente, eu observei meu pai no telefone em Oslo ou Orlando dizendo:

– Nosso último pretenso carrasco fugiu com os cartões de crédito da Camille... – Ambos os *flashbacks* minúsculos ocorreram nos meses finais da minha vida.

Para saborear a infelicidade de alguém além de mim mesma, eu resgato o vídeo do meu irmão, Goran, em seu último aniversário. Se você precisa saber, Goran foi meu irmão por cerca de quinze minutos. Meus pais o adotaram de alguma situação trágica de campo de refugiados, em grande parte como um golpe de publicidade. Tal adoção não foi um sucesso, temos de dizer. No vídeo, eles alugaram o EPCOT Center e povoaram-no com artistas excêntricos de uma dúzia de produções do Cirque du Soleil. Membros da mídia superaram os convidados, fazendo uma doce cobertura de relações públicas para minha mãe e meu pai. Câmeras e microfones transmitiram cada pitada de mágica enquanto meus velhos orgulhosamente apresentavam o presente de aniversário deles: um belo pônei Shetland. O que Goran faria da situação, ele que havia chegado recentemente de um regime velado pós-Cortina de Ferro? Cercando-o havia multidões de palhaços saltitantes franco-canadeses e ninfas dançarinas chinesas fazendo acrobacias no tecido. Aqui ele era claramente o convidado de honra, e seus anfitriões o estavam presenteando com aquele tenro animal. A crina e a cauda do pônei estavam trançadas com fitas de cetim azul, sua pele coberta de purpurina prateada. Meu pai conduziu o pônei com suas rédeas de arreios prateados, e um arco prateado do tamanho de um repolho estava preso ao redor de seu diminuto pescoço.

Não que eu, rebenta de uma estrela de cinema como sou, tenha visto de fato um repolho.

No vídeo, cada olho está vidrado de felicidade. Ou de inibidores da recaptação da serotonina. Goran recebeu uma faca ornada antiga para o propósito de fatiar e servir um bolo de aniversário mamute. Seu robusto corpo *gulag* está adornado em trajes Ralph Lauren, para satisfazer às obrigações legais de contratos comerciais associados. Como a máscara de um anarquista, seu denso cabelo se pendura para esconder seus olhos desdenhosos cor de pedra. O elenco de uma dúzia de produções Andrew Lloyd Webber girou numa excitante versão de “Feliz Aniversário”, e o horror se seguiu.

Não foi totalmente culpa do Goran. Em muitas culturas, um animal tão alegremente apresentado seria interpretado como um sacrifício de sangue. É o equivalente de, digamos, assoprar velas de aniversário antes de trucidar ritualisticamente o bolo e passar porções para os convidados ao redor. Em tal luxúria, culturas primitivas veem carne fresca como o maior tributo. Reconhecendo

isso, não deveríamos ficar tão chocados ao ver a grande lâmina da faca atacar à frente. Usando o mesmo esforço que uma criança americana faria para extinguir cada vela flamejante com um único fôlego, Goran agarrou o cabo da faca e a girou como faria um robusto gladiador: para executar um vigoroso banquete. Aqui, eu deixo o vídeo mais lento para uma análise quadro a quadro. Os espalhafatosos palhaços fixos em suas atitudes maníacas. As rédeas prateadas enroladas ao redor da mão do meu pai. Gemendo em câmera lenta, minha mãe diz:

– Faça... um... desejo...

Não há sangue, não inicialmente. O que se segue vem em flashes lentos de tragédia. Goran empunha sua arma num largo arco resplandescente, e a ponta da faca passa direto pela garganta peluda do assustado pônei. Mesmo antes de cair, antes que um jorro quente de sangue irrompa de sua artéria cortada e traqueia atravessada, explodindo em todas as direções, os olhos do animal rolam para trás até que só apareça a parte branca.

Como uma capa carmim de matador, a cortina de sangue equino cobre o imenso bolo de aniversário, derretendo as flores esculpidas de açúcar e apagando as pequenas chamas de suas treze velas. O coração descontrolado do pônei emana jorros espessos de sangue que espirram nos palhaços do Cirque em suas lanterinhas de arco-íris e *collant*. Enquanto câmeras de redes de televisão continuam a rolar, sangue quente de pônei atinge as elegantes fachadas de Xanax dos plácidos sorrisos do meus pais. Agorinha mesmo, assistindo a isso em vídeo, eu me vejo no fundo enquanto o pobre cavaleiro despenca na grama. As multidões reunidas protegem seus rostos com seus braços erguidos e abaixam as cabeças em guarda; desmaiando ou se esquivando, esse vasto campo de observadores parece estar fazendo reverência num humilde temor. Quando o pônei vem ao chão, todo mundo cai, todo mundo menos Goran e eu. Apenas meu irmão e eu permanecemos em pé. Ambos permanecemos sozinhos no centro do que parece um campo de batalha, um massacre de vítimas manchadas de sangue.

Isso, apesar do conselho da minha mãe e Judy Blume, esse potente jorro vermelho é como eu sempre imaginei que minha primeira menstruação se apresentaria. Portanto, eu permaneci firme.

Julgando por nossas expressões calmas, é claro que Goran e eu havíamos sido testemunhas de atrocidades bem piores. Eu, num banheiro do interior. Ele, em qualquer vilarejo destruído pela guerra do qual ele se originara. Nenhum de nós era estranho à fria realidade da morte. Nenhum de nós seria detido por isso. Apesar da nossa juventude, havíamos sido acalmados por segredos e sofrimentos que esses palhaços atrapalhados – os verdadeiros palhaços, quero dizer, não nossos pais – nunca poderiam supor. O pônei Shetland escorreu suas últimas gotas de vida molhada na grama aos nossos pés, e os antigos reinos do mundo nos cercavam:

Europa, Ásia, África e as Américas, ainda que entalhados no singular microcosmo da Disney.

Isso apresenta um paranorama tão pavoroso. Um quadro do Armagedom. Incontáveis populações fazendo reverência, subjugadas, batizadas em sangue quente, e no centro uma fera recém-massacrada acompanhada por jovens Adão e Eva, inabaláveis, examinando os corpos cobertos de sangue um do outro com uma curiosidade e admiração recém-descobertas. Através das lentes cobertas de sangue dos meus óculos de tartaruga, eu reconheci um espírito irmão.

Eu nunca me encaixaria de verdade no mundo, não facilmente, não como o café se encaixa numa xícara. Porém, vendo a fria percepção de Goran sobre seu próprio erro, eu percebi que não estava totalmente sozinha. Mesmo no vídeo de segurança de baixa resolução, meu eu vivamente vivo estava clara e inconfundivelmente apaixonado.



21 de dezembro, 10:15

Conheça o diabo

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Por favor, reparem, vocês pessoas pré-mortas: como ex-cínicos, ex-irascíveis, ex-niilistas, vocês se abstiveram de todas as formas de fé religiosa há anos. Que infelicidade a sua, porque isso os deixa à mercê de um falso profeta. Essa anorexia espiritual os deixaram famintos, dispostos a se empanturrarem em qualquer teologia novidadeira que seja colocada diante de vocês. Testemunhem meu acompanhante, o “caçador de recompensas médium” enviado para encurralar meu fantasma e me arrebanhar para casa com meus pais. Caminhando pela ala de desembarque do Aeroporto Internacional de Los Angeles, o sr. Crescent City acredita que está me abraçando apertadinho, mas abraça um monte de ar.

– Pequeno anjo morto – ele diz, dando largos passos –, primeiro precisamos encontrar nosso motorista. Então precisamos pegar o helicóptero para nos levar ao barco da sua mãe.

Passamos por uma jovem mãe que se inclina sobre o filho pequeno, arrulhando com paciência:

– Diga “porra”, querido. Diga “porra” para que você e a mamãe nunca se separem, neste mundo ou no próximo...

Nem preciso dizer que estou seguindo de longe, bem fora do desgostoso aperto dele. Até o menor contato com o sr. Crescent City significa uma mistura entre a sua forma terrena e a minha espiritual, uma união mais íntima do que a mais apaixonada das ocorrências num casamento mundano. O toque dele é, bem... imagine tragar um longo baseado de depressão vaporizada. Ou beber um grande copo de arrependimento amargo.

– Quando eu for para a porra do Céu – diz Crescent –, vou ensinar às crianças que as drogas são um desvio para o resto da porra da sua vida.

Enquanto Crescent me guia pela multidão, o Aeroporto Internacional de Los Angeles parece mais trágico do que eu já havia notado. Entre essas hordas de multidões eu vejo seres humanos tão assolados pela fome que são reduzidos a comer cheeseburguers triplos com bacon pingando com um molho idêntico ao

pavoroso fluido que outrora jorrou entre as páginas do livro do *Beagle*. Vejo famílias inteiras forçadas por desigualdades econômicas globais a usar *prêt-à-porter* Tommy Hilfiger. Uma olhada em cada direção revela cenas de tal infortúnio e privação. Uma coisa é ouvir que tal pobreza esmagadora existe no mundo moderno, mas é de apertar o coração de fato ver gente tendo de carregar suas próprias malas.

Uma velha encarquilhada, quase da idade da minha mãe, não uma hora menos jovem do que trinta e dois, passa usando Liz Claiborne da temporada passada, e essa visão patética traz uma enxurrada de lágrimas-fantasma aos meus olhos. Só é preciso ver os danos provocados por tingir os cabelos em casa e pelos carboidratos para sentir a mesma empatia apaixonada que incitou progressivos como Jane Addams.

Essas multidões sujas de viajantes – que, diferentemente dos meus pais, não estão sendo pagos para usar suas roupas – devem ser loucas. Ou loucas ou intoxicadas por drogas. Por que... ? Porque todos estão rindo o mesmo riso exagerado de palhaço. São pobres, prostituídos e estão agarrados a passagens econômicas para Sioux Falls e ainda assim... estão sorrindo. Eles passavam como se passeassem pelo Jardin du Luxembourg escutando um burburinho da Fontana de Medici. Isso não é o sexto *arrondissement*. Não há nada além de um carpete fino de plástico aqui, colocado sobre concreto de aeroporto. Inexplicavelmente, esses aparentes estranhos coalescem em grupos. Eles juntam suas mãos enquanto esperam por voos, formando círculos improvisados de reza em áreas estéreis do portão. Uma vez reunidos, eles fecham seus olhos. Em lúgubre uníssono, eles cantam:

– Porra... – Com olhos fechados, fazem cara de igreja. Com a cabeças viradas para trás, eles cantam hinos de “Porra... veado... crioulo... boceta... puta...”, suas palavras lentas e deliberadas como uma contagem regressiva da NASA.

Ilustre Tweeter, que pacífico é o mundo onde todo mundo ofende, mas ninguém se sente ofendido. Dentro do meu círculo de visão, as pessoas estão se sujando e cuspiendo, e ninguém parece incomodado com esses atos grosseiros.

E mais, estremeço em dizer, gente gorda segura a mão de gente magra. Línguas mexicanas dividem casquinhas de sorvete com línguas brancas. Homossexuais são legais com outros homossexuais. Negros estão felizes esfregando cotovelos com judeus. Meu herói, Charles Darwin, teria vergonha de mim. Minha intromissão destruiu muito a ordem natural das coisas.

– Essa porra de mundo todo te ama, garotinha morta, por nos mostrar a porra do caminho justo.

Quando o sr. Crescent City diz isso, nós estamos descendo a escada rolante. Não temos bagagem para pegar. Abaixo de nós, nosso chofer espera entre um agrupamento de outros choferes uniformizados. Ele estala os dedos, atraindo nossa atenção. Segura uma placa escrita à mão com o nome *sr. City*. Até do lado de dentro, esse chofer usa óculos espelhados e um boné. Sem plaquinha com seu nome.

Usa botas pretas das antigas com culotes de lã cinza. Apesar do calor de Los Angeles, ele usa um casaco de peito duplo, como um motorista saído de Agatha Christie enviado pela Western Costume Company por volta de 1935.

– Somos nós – Crescent diz para o chofer apontando para o nada e, depois, para si mesmo. – Vamos para o helicóptero.

O chofer se vira para olhar com seus óculos escuros diretamente para mim.

– Ora, se não é o anjo – ele diz, seu hálito com cheiro de ovo cozido. Ele cai de joelhos. – Nossa mais gloriosa redentora.

Com uma mão de luva ele tira o boné da cabeça e traz para cobrir seu coração. Um tom de zombaria em sua voz. Aquele metano familiar prende-se às suas palavras.

Da minha parte, eu não preciso de uma placa com nome. Quando ele se ajoelha diante de mim, posso ver as pontinhas gêmeas de seus chifres enterrados fundo em seu grosso cabelo loiro. A multidão de choferes avança para encontrar seus respectivos passageiros, e um animado Falstaff usando um uniforme azul de sarja tropeça no homem ajoelhado. Ambos os motoristas se esparramam. Os óculos espelhados caem, e eu tenho um vislumbre dos olhos amarelos de bode. O Falstaff bambo fica de pé de novo enquanto nosso malcheiroso motorista suplicante rola de barriga para resgatar seu chapéu caído que rola para longe. Agora de pé, o motorsita Falstaff oferece uma mão para o motorista caído, dizendo:

– Desculpa aí, amigo. – Ele ri e diz. – Pode me perdoar, caralho?

O outro motorista se abaixa para pegar os óculos, mas suas lentes já estão quebradas pela passagem de um viajante apressado. O outro motorista pega o chapéu e o devolve ao homem rastejante, que o coloca firmemente na cabeça e puxa a aba para baixo para esconder seus estranhos olhos. Ele se estende para aceitar a ajuda da mão de Falstaff. Suas mãos se tocam, como algo retratado no teto da Capela Sistina ou no chão de um toalete público do interior, e o homem caído diz:

– Eu não perdoo ninguém. – Sua voz é um sibilo.

Seu corpo uniformizado se move contra o carpete do Aeroporto Internacional de Los Angeles como uma serpente.

Com sua mão livre, o estúpido agressor já está sacudindo a poeira de sua vítima accidental. Sua luva limpa os ombros do casaco de lã, esfregando as mangas.

– Nenhum dano – ele diz, mas, quando o homem caído fica de pé, o homem maior fica de joelhos. Suas mãos se soltam. – Porra. – Diz o Falstaff.

Gotas de suor aparecem perto do seu cabelo e correm por sua testa onde um copo plástico biodegradável feito de milho contém um *latte* gelado de soja. Seu sorriso apatetado se torna dentes rangentes e tanto sangue corre para suas bochechas que ele parece queimado de sol de agonia. Agarrando seu peito, ele tomba tomando a forma de um feto no chão, e suas pernas correm de lado contra nada, indo para nenhum

lugar rapidamente. Sua boca de Falstaff se estica para virar seu rosto do avesso enquanto suas mãos afundam na sua jaqueta como um cachorro cavando, como se ele não pudesse esperar para arrancar seu próprio coração e nos mostrar. Os botões de metal do seu uniforme soltam e voam. Suas unhas enfiam na pele, arrancando sangue, antes de ele estremecer e endurecer.

E sim, ilustre Tweeter, eu posso confundir ocasionalmente excremento de cachorro e genitália masculina, mas sei reconhecer quando um homem está sofrendo um ataque cardíaco dos grandes no chão aos meus pés. Agora esta já é uma visão familiar.

Sobre cílios trêmulos, o moribundo Falstaff olha para os curiosos que o cercam nesse sofrimento final, encarando com olhos de receio e inveja. Ele está cercado pelos dentuços zíperes de cromo de suas malas. Essa multidão de *bon voyage* não esconde sua inveja. Ninguém liga para a emergência. Ninguém se adianta para administrar medidas heroicas. O homem morrendo sussurra:

– Merda.

Alguma voz entre os passantes reunidos grita:

– Aleluia!

O homem morrendo sussura:

– Caralho.

Todos os presentes, incluindo o sr. Crescent City, sussurram:

– Amém.

Como uma deixa, uma pequena voz diz:

– Tchau. – É um garotinho com uma sela de sardas cor-de-rosa sobre o nariz. Com o braço inteiro estendido a partir do ombro, ele balança o pulso para agitar sua pequena mão. Ao mesmo tempo, ele diz: – Vemos você no Céu!

Seguindo a deixa, outras mãos acenam. Acenos lentos. Acenos de concurso de beleza. A velha usando Liz Clairbone ultrapassado joga um beijo. Um couro de esfínteres apita tristemente, um couro de queixosos:

– Ave, Maddy. – Passantes arrotam em solene respeito.

O homem sem fôlego fica parado. O sangue para de fluir do buraco que ele abriu em seu peito. Aqui está minha chance de acertar as coias, de devolver a Terra à sua infeliz ordem natural. Só quando os paramédicos finalmente chegam que eu me movo.



21 de dezembro, 10:22

De volta à vida!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Agora já estou bem acostumada com homens caindo mortos na minha frente. Não fico espantada, não em ver um homem crescido secar e morrer aos meus pés, mas também não fico paralisada pelo acontecimento.

Para compreender o que acontece em seguida no Aeroporto Internacional de Los Angeles, você, futura pessoa morta, precisa de algum vislumbre fresco na natureza de seu ser físico. Até agora você amplamente acreditou em seu corpo terreno como um utensílio em formato humano que usa para o sexo. Ou para devorar doces de Halloween. Sim, sua figura carnal é a aplicação pela qual você interage com volantes de automóveis, carro de boi, argolas ornadas, golfinhos treinados, spray de cabelo, bastões de críquete, termômetro retal, massagistas de pedras quentes, bolachas água e sal, Channel N° 5, erva-venenosa, lentes de contato, prostitutas, relógios de pulso, marés elevadas, lombrigas, cadeiras elétricas, pimentas, oncologistas, montanhas-russas, câmara de bronzeamento, metanfetaminas e chapéus bonitinhos. Sem um ser corpóreo, todos os anteriores seriam considerados irrelevantes. Além disso, seu corpo é a tela necessária para se expressar para o mundo. Pelo menos é a única via que permite que você adquira uma tattoo irada.

Além de ser uma ferramenta e uma forma de expressão, a terceira verdade é que um corpo de carne age como um fofinho e caloroso cobertor de segurança. Imagine uma confortável armadura, isto é, você como seu próprio ursinho de pelúcia. Um corpo é a bolsa a tiracolo Marc Jacobs que contém todo o lixo de que você se constitui. E, nesse momento, um corpo desocupado está caído morto no chão do aeroporto bem na minha frente. Não, em relação a corpos esta não seria minha primeira escolha – um chofer grandão *lumpenprole*, um homem de meia-idade cuja última refeição foi um almoço para viagem de curry de carne –, mas mendigos não podem querer escolher. Morto no carpete do Aeroporto Internacional de Los Angeles, ele usa um uniforme de sarja de motorista, e parece que foi morto por agarrar a mão de Satã. Ele rolou de costas e congelou numa fotografia de uma vítima de ataque cardíaco fatal. Seu corpo todo, momentos antes, era da cor da sua língua.

Agora, seu rosto, suas mãos, toda a sua pele é da cor pálida de cromo. Seus dedos desesperados rasgaram seu paletó e camisa, e suas unhas em pânico rasgaram seu peito numa vívida pizza Margherita de pele rasgada, pasta vermelha e emaranhado de pelos pretos. Tracejado de vermelho hemoglobina, a placa com seu nome cai perto de sua axila. Está escrito HARVEY.

Funesto como parece, não é pior do que eu fiquei morta no chão de uma suíte de hotel em Beverly Hills cercada por restos de refeições entegues pelo serviço de quarto. Não imagine, ilustre Tweeter, que você vai ficar muito melhor.

Assisto ao espírito se erguer do seu corpo, mas não da forma que seus olhos veem fumaça ou neblina. É mais a forma como seu nariz vê um cheiro. É o modo interno como sua cabeça toda sente uma dor de cabeça. O modo como o sangue escorreu do peito dele, formando uma poça no chão. A alma dele escorre para cima num fluxo de azul grosso como líquido, juntando-se ao ar contra o teto. Inicialmente, o azul forma um nó, uma massa, uma nuvem, mas isso rapidamente toma a forma de um embrião de livro didático, daí um feto. Fica parado lá. O azul é o azul que sua língua vê quando você come chantilly. Não passa nem um instante até que uma versão azul do homem em tamanho real olhe o corpo morto abaixo.

Ele fica boquiaberto com seus próprios restos humanos, mexendo a boca como alguém engasgando com algo grande demais para engolir. A multidão reunida de estranhos do aeroporto, por sua vez, estuda os momentos finais dele como se um questionário fosse se seguir. Apenas eu vejo o fantasma dele vazar como um balão de ar. Eu observo, e Satã observa. Uma das mãos de Satã, vestida justinha numa luva de couro de motorista, se estica em direção ao espírito intrigado. Os passantes seguem com os olhos a mão enluvada no ar, mas não podem ver o motivo. Nós todos ouvimos Satã dizer:

– Harvey, não é? Harvey Parker Peavey? – ele diz. – Se puder vir por aqui, por favor...

Os olhos do fantasma encontram a mão ofertada. Suas orelhas encontram a pergunta.

– Você é minha carona para o Céu, certo?

Satã dá um risinho. Com os olhos tapados por trás da aba de seu boné, ele diz.

– Conte a ele, Madison.

Os olhos do fantasma novato se viram para mim, e ele pergunta:

– Madison Spencer? *A* Madison Spencer? Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer? – Ele sorri como se estivesse encontrando Deus.

– Conte a ele sobre o Céu, Maddy – provoca Satã.

Todos os presentes, nossa plateia de corpos apressados vivamente vivos, todos seguem a voz de Satã na minha direção, mas não podem me ver. Meu acompanhante, Crescent, também olha, murmurando.

– Garotinha morta?

Uma equipe de paramédicos irrompe na multidão.

Oh, ilustre Tweeter, a estrada para a perdição é feita de misericórdias provisórias de curto prazo. Quando a pegada de Satã fecha ao redor do pulso azul do homem, eu digo:

– Sim. – Enquanto o Diabo começa a arrastar sua vítima sorridente para longe, eu garanto a ele: – Pode levar um tiquinho mais do que você esperava, mas sim, eu prometo, você vai para o Céu, Harvey.

Satã reboca a forma bulbosa azul como se fosse algo numa parada de Ação de Graças da Macy's.

Pobre Harvey, enquanto Satã o arrasta ao longe, ele diz:

– Obrigado, anjinho!

Sua cabeça azul gira feliz em seu pescoço enquanto ele canta meu nome, *Madison*, *Madison Spencer*. O messias que voltou dos mortos para conduzir a humanidade à feliz salvação.

Meu vovozinho estava certo. Sou amaldiçoada e desprezível. Sou uma covarde.

Enquanto os paramédicos se abaixam ao lado do corpo abandonado, eu aproveito minha oportunidade. Enquanto eles tiram os eletrodos grudentos e os prendem na bagunça do torso rasgado por unhas, eu dou um passo à frente e me ajoelho ao lado da cabeça. Eu fecho as minhas mãos de menina sobre os olhos vidrados. Na postura de um enfeitiçador de cobras, de um curandeiro bebedor de estriçnina, eu toco cuidadosamente a nojenta pele da testa desse estranho morto. No mesmo instante, um dos paramédicos grita:

– Afastem-se!

Vocês, futuras pessoas mortas, não tentem isso em casa. Se você está familiarizado com o costume de dizer “saúde” quando alguém espirra, você pode entender o que está acontecendo. O choque elétrico do desfibrilador não só surpreende o coração parado de volta à vida como também abre um portal para que o espírito demorado volte. Imagine tirar a tampa do ralo de uma banheira no Hotel Danieli, e a forma como a água acumulada da banheira veneziana espirala no ralo. A carga momentânea do desfibrilador abre tal rota e permite que o espírito partido retorne.

Caso a alma tenha feito uma saída permanente – como Harvey claramente fez –, qualquer espírito fazendo contato pode estabelecer residência. Assim, quando eu abro meus olhos, minha perspectiva é a de alguém esparramado no carpete não limpo do Aeroporto Internacional de Los Angeles, encurralado pelo olhar bovino de passantes curiosos, circundado no zumbido constante de rodinhas enquanto malas passam num fluxo por meu rosto esfriado pelo suor. Eu me encontro dentro do corpo danificado de um estranho, o gosto de curry ainda na minha nova boca, mas estou

viva.

Puxa vida, ilustre Tweeter, eu havia me esquecido como é terrível sentir-se viva. Mesmo quando uma pessoa vivamente viva está com boa saúde, há o tormento de pele seca, sapatos malcalçados, garganta raspando. Como uma criança às margens da puberdade, eu não fiquei tão perturbada pelo que um corpo adulto confere. Porém, a partir desse instante sou arranhada por ásperos pelos sob os braços. Sou sufocada por meu próprio almíscar endócrino, fedor tão masculino de um penico público do interior. Como menina, eu sempre imaginei o prazer de ter um pipi: como ter um melhor amigo e confidente, só que preso a mim. A realidade é que não estou mais ciente do meu novo pinto do que estou do meu apêndice. Eu viro meu pescoço impossivelmente grosso e dou uma olhada em todas as direções. Uma voz feminina pergunta:

– sr. Peavey, pode me ouvir? – É uma paramédica inclinada sobre mim, aquela que administrou o choque, acendendo uma lanterninha nos meus olhos. Ela diz: – sr. Peavey, posso chamá-lo de Harvey? Não tente se mover.

A luz da lanterna é uma agonia perfurante. Meus intestinos rolam e doem. Meu peito recém-adquirido pulsa onde a pele cortada começa a vaziar sangue, e minhas costelas queimam onde os eletrodos grudentos ainda estão presos. Minha intenção é meramente afastar a paramédica para o lado, mas o gesto, um robusto aceno com meus braços, a derruba para trás. Imagine ser uma água veneziana sugada por um ralo e tomar a forma de algum estranho, novo encamento. Não conheço minha própria força. Nem percebo totalmente meu tamanho. Estou dentro de um colossal robô de carne, tentando fazer meus braços e pernas funcionarem. Esses braços e pernas são enormes. Ficar ereta requer uma habilidosa demonstração de engenharia; eu compenso demais e cambaleio para dar um passo. Girando meus braços para ter equilíbrio, eu empurro paramédicos e seguranças como pinos de boliche. Estou ereta e cambaleando, vacilando em pernas duras. Este é meu pesadelo: sou uma recatada garotinha que se encontra seminua no cruzamento de viagens aéreas mais movimentado do mundo. Percebendo que meus peitos estão expostos – eles também são hirsutos e cobertos de músculos –, eu grito e prendo meus cotovelos grossos bem firme nas minhas costelas para esconder meus mortificados grandes mamilos marrons. Minhas mãos enormes batem freneticamente ao redor do meu rosto cheio de pelos, eu grito e saio correndo.

– Céus, desculpe-me – eu digo, passando pelas massas horrorizadas do aeroporto. – Com licença – eu berro enquanto meu considerável jorro de sangue de homem mancha os intimidados que se recolhem.

Apesar do meu tamanho de touro, eu galopo como uma menininha sapeca, agarrando meus peitos, meus ombros puxados até minhas orelhas peludas. Meus passos largos. Cada passada bate contra cadeiras de rodas, carrinhos de bebê,

carrinhos de bagagem. Na minha tentativa de pisar leve, eu vou demolindo espantados incapacitados do aeroporto enquanto uma equipe de oficiais corre atrás de mim, seus *walkie-talkies* estalando com estática numa ocupada conversa.

Eu cambaleio atrás de Satã e seu refém mais recente, batendo em viajantes inocentes e garganteando:

– Céus, nossa, droga... – Tento falar em tons animados, mas explodo as palavras numa estranha voz retumbante: – Desculpe... culpa minha... desculpe... oops...

Nas minhas calças agora posso sentir algo batendo e balançando. Meu pinto parece menos um cumpadre fiel e mais algo nojento caindo da minha pelve. Como uma oscilante ruptura em pêndulo. Como uma hérnia estrangulada de vários centímetros. Céus! É como cagar pela frente! Como os homens podem tolerar essa sensação asquerosa? Minha visão começa a congelar por dentro pelos cantos, e acho que é porque perdi muito sangue. Meu coração parece do tamanho de um Porsche 950 engatado. Numa distância próxima, posso ver Satã arrastando seu prisioneiro por uma saída de emergência.

Meus anos de treinamento de prevenção de ataque sexual vêm à minha mente, e eu grito:

– Estupro! – Meus pés tamanho cinquenta batem, eu grito: – Ajudem-me! Estupro!

Meus perseguidores são uma dúzia de poderosas mãos policiais tentando me pegar por trás.

Meus pés cambaleiam, minha pressão sanguínea falha. E eu começo a afundar no chão.

Satã observa minha humilhação, rindo tão sem som como qualquer personagem de Ayn Rand. O fantasma azul preso a ele olha para trás confuso.

E eu grito:

– Alguém o detenha! Ele é o Diabo! – Mãos agarram meus braços e me puxam para longe do meu peito, cruelmente desnudando meus peitos peludos musculosos pré-púberes, e eu grito: – Madison Spencer não contou a verdade a vocês! Ela está mentindo! – Confusa agora, mal com sangue o bastante para corar modestamente sobre minhas tetinhas nuas, meus mamilos nus entumescidos no frígido ar condicionado do Aeroporto Internacional de Los Angeles, eu berro: – Todo mundo, por favor, pare de dizer palavrão!

A agonia, ilustre Tweeter, é excruciante. Até a risada de Satã tem cheiro de metano. Especialmente a risada de Satã. Por fim, misericordicamente, meu coração pesado de gigante falha mais uma vez, e tudo mergulha na escuridão.



21 de dezembro, 10:29

Um pavaroso revés

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Da próxima vez que alguma pessoa sensível e inquisidora perguntar se você acredita em vida após a morte, aceite meu conselho. Quando ouvir aquelas pomposas questões que democratas intelectuais metidos a espertinhos usam para separar os idiotas dos seus: Você acredita no além? Suas crenças pessoais incluem a vida após a morte? – não importa como eles formulem esse teste esnobe – faça o seguinte: simplesmente olhe-os nos olhos, bufe zombando e retruque:

– Francamente, apenas um ignorante provinciano acreditaria na morte.

Por favor, permita que eu divida uma anedota da minha antiga vida. Dessa vez, a caminho de uma locação de filmagem em Nuremburg, Nagasaki ou Newark, a produtora mandou exatamente o tipo errado de carro. No lugar de um elegante Lincoln Town Car, eles mandaram uma limusine Cadillac customizada superestendida com todo o estofamento interno emoldurado em luzinhas roxas. O tapete fedendo a Ozium estava em proporção direta com o número de solteiras que vomitaram Long Island Iced Teas e sêmen nos bancos traseiros, e, para piorar ainda mais as coisas, esse carro em particular tinha uma bateria danificada, um acumulador, um alternador ou o que for que não mantinha a carga. E, para ir em frente, minha mãe e meu pai se encontraram parados às margens de um pedágio de Terceiro Mundo enquanto uma equipe de paramédicos automotivos chegava em alguma ambulância de reboque da empresa numa tentativa de dar à limo um choque no coração usando dois grampos assustadores de mamilos. Não teve desfibrilação de carro que reiniciasse aquele ônibus odioso; nem meus pais e eu desejávamos reentrar em seu interior grumoso com cheiro pungente de fluidos corporais.

Isso é exatamente como eu me sinto olhando para o canestro cadáver do pobre Harvey Peacey. Mais uma vez traído por seu coração falhado, ele se deita no carpete não sanitário do Aeroporto Internacional de Los Angeles, o chofer bamboleante cuja alma partiu a reboque de Satã. Os paramédicos gritam:

– Afastem-se – e sacodem-no com outro choque, mas de jeito nenhum que eu entro de novo nessa bagunça.

– Sorte dele – diz uma voz.

O espírito azul do sr. Crescent City chega ao meu lado, nós dois olhando para o cadáver de Peavey.

Eu pergunto:

– Onde está seu corpo? – Olho ao redor, mas não há um boneco de pano em overdose caído em nenhuma das cadeiras plásticas do aeroporto. Uma curta fila de três ou quatro pessoas se forma do lado de fora da porta trancada de um banheiro de deficientes. Mesmo agora que estou pós-viva, a ideia de usar um banheiro público me enche de terror. Para Crescent City, eu digo: – Esses toaletes particulares são reservados para pessoas com deficiência.

Crescent assente com sua cabeleira desgrenhada no cadáver e diz:

– Você ouviu o que ele disse? Pouco antes de morrer, ele a chamou de mentirosa.

Na verdade, eu me chamei de mentirosa. Eu só estava usando a boca de Peavey.

– Eu ouvi – eu digo.

Incrédulo, Crescent diz:

– Pode apostar que ele está no Céu agora.

Eu não digo nada.

Suavemente, para si mesmo, Crescent City começa a cantarolar:

– Porra... porra... porra... – Sem cessar.

Aquela viagem, quando pegamos a limo fedida... naquela mesma viagem para alguma locação de filmagem desolada em Angola, Argel ou Alasca, a coordenação cultural do governo coberto de caca de mosca lamentou para nós como os carregamentos de queijo supérfluo dos Estados Unidos tinham sido assaltados por guerrilheiros, e perder essa fonte crucial de proteína multinutricional de alta densidade significava que cada vila na região estava com fome. E parados lá, às margens de uma rodovia esquecida por Deus, minha mãe teve uma ideia. Sem pensar duas vezes, ela estalou seus bem cuidados dedos e fez uma cara boquiaberta de ideia brilhante. Sua incrível solução era sacar seu celular e fazer dois milhões de reservas para jantar para os refugiados no Ivy ou no Le Cirque. Ela sorriu para a coordenação cultural e perguntou se alguém das hordas famintas tinha alguma restrição alimentar.

Problema resolvido.

Isso, ilustre Tweeter, não é como eu quero ser. Para esse lunático sr. Crescent, enquanto seu fantasma de ketamina canta aqueles revoltantes palavrões, eu digo:

– Por favor, pare.

Sua forma azul já está dispersando. Ele fica em silêncio.

– Vá – eu digo a ele. – Vá resgatar seu corpo. Leve-me à minha mãe. Eu tenho de contar algumas verdades.



21 de dezembro, 10:30

A abominação avança

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Entre os estudantes de Platão, o mito do bebê-coisa continua. De acordo com o logógrafo Helânico de Lesbos, os copos plásticos e frascos prescritos formam uma frota diversificada lançada numa missão maldita. Alternadamente sujeita ao sol escaldante e chuvas esmagadoras, essa armada de lixo faz uma árdua trilha pela barriga equatorial do planeta, atravessando aquela extensão mais ampla do Oceano Pacífico, viagem esta não diferente das viagens de Darwin, Guliver ou Odisseu. E liderando essa campanha está essa criança-coisa, impregnada no caldo de plástico apodrecido. O sol degrada esses sacos de compras e de lavagem a seco. A ação do metal e as ondas os reviram, esmagando-os em partículas menores. Conforme as partículas se prendem, seus braços criam mãos, e essas mãos projetam dedos de plástico oscilante. Na criança-coisa, suas pernas trazem pés. E esses pés são adereçados com dedos frouxos. À deriva no centro do Pacífico, a pálida criança-coisa está sem vida, com membros tão soltos quanto um corpo afogado, mas ainda cresce. Nutrida nessa sopa de partículas plásticas, fios finos como cabelos se estendem de sua cabeça. Duas bolhas incham, as quais irrompem para se tornar conchas de orelhas. Partículas de plástico se juntam e se prendem para formar um nariz, e ainda assim a criança-coisa flácida não está viva.

Note como a peregrinação de nosso bebê-coisa é similar à daquele infante Perseu. Ele, da lenda grega, que, posteriormente, assassinou as górgonas e arreou o cavalo alado Pegasus, quando bebê foi trancado num baú e jogado à deriva. E não vamos esquecer como a provação de Perseu foi similar àquela do santo galês Cenydd, que, quando criança, foi colocado num cesto de bambu e jogado ao mar por não menos do que o heroico Rei Arthur. E como essa história em si ecoa o destino do bardo galês Taliesin, que, quando bebê, foi enfiado dentro de uma bexiga de pele inflada e levado a flutuar para longe. E a história do rei guerreiro Karna, da mitologia hindu, cuja mãe o colocou num cesto e o deixou à mercê do Ganges. Todas essas histórias e teologias transculturais navegam junto do bebê-coisa e sua armada de plástico.

E em tantas viagens todas as religiões se tornam uma.

E agora a força destruidora está passando entre as ilhas havaianas. As bolas de

praia decompostas e escovas de dentes são agitadas pelos mares, e elas se partem em flocos, detritos e pedaços indiferenciados. Em cumarona-indeno e dietilftalato. Os fótons de radiação infravermelha e luz ultravioleta fazem a ligação que mantém os átomos juntos. A hidrólise causa a cisão de correntes de polímeros. E estes, isqueiros descartáveis e coleiras antipulga, são reduzidos a monômeros constituintes.

E tão suspenso nesse rico banho, acreditam os Neoplatonistas, a criança-coisa se incha. Desenvolve lábios que se abrem para revelar uma boca, mas a criança-coisa ainda não está viva. E dentro da boca crescem dentes de poliacrilato.

Sobre Wake Island, a enchente de compostos de poliéster termoplástico e óxido de polietileno segue para o norte, permanecendo perto de Yokohama pela costa do Japão. Lá um relógio de pulso descartado se enrola ao redor de um pulso que cresce. O rosto da criança-coisa flutua acima da superfície da água como um pequeno atol. O relógio de pulso quebrado começa a bater. O ídolo cravado abre seus olhos, olhos opacos que olham para os céus do oceano. E, em claras noites equatorianas, esses olhos de poliestireno se maravilham com as estrelas.

Os novos lábios tremem e proferem as palavras.

– Ora essa!

Ainda assim, a criança-coisa não está viva.



21 de dezembro 10:31

Uma disputa feita no Céu

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Anos atrás, ao ser resgatada do entediante velório interiorano da minha vovó e devolvida para meu hábitat natural de Lincoln Town Cars e jatinhos alugados, eu voltei à minha campanha de inventar textos libidinosos de diário.

“Querido diário”, eu escrevi, “o que outrora eu senti pelo pipi do alce almiscarado foi meramente uma fascinação. O que inicialmente me atraiu para a rola aveludada do leopardo não era amor...”

Aqui meus pais seriam forçados a virar uma página com a pulsação acelerada de ansiedade para minha próxima autorrevelação. Com as respirações trancadas, eles seguiriam lendo, desesperados pela confirmação de que eu abandonei meu ardor por picas de lêmingues.

“Querido diário”, eu escrevi, “morando no interior, entre gente simples desgastada pelo tempo, eu descobri um único namorado que eclipsou todos os meus amantes animais anteriores...” Aqui eu alterei minha letra, tornando-a rebuscada e pontuda para enfatizar a tensão de ler meus pensamentos. Minha caneta tremia como se eu estivesse oprimida com uma forte emoção.

Meus bisbilhoteiros mãe e pai iriam forçar os olhos. Iriam debater cada palavra ilegível.

“Querido diário”, eu continuei, “eu formei uma aliança mais preenchedora do que qualquer coisa que eu já havia sonhado possível. Lá naquela rudemente construída casa interiorana de veneração...”

Meus pais estiveram no funeral da vovó Minnie. Ambos me viram confortada pelo David Copperfield loiro com seu rosto como pão saído do forno e seu cabelo como manteiga, aquele camponês caipira que pressionou uma Bíblia em minhas mãos e sugeriu que eu encontrasse força nela. Agora, enquanto eles liam meu diário, provavelmente imaginaram que eu estava encenando um Kama Sutra interiorano tântrico com aquele sincero protofazendeiro loiro.

“Querido diário”, eu escrevi, levando meus pais juntos, “nunca imaginei esse nível de satisfação...”

Eu escrevi: “Até agora, meu coração de onze anos nunca amou realmente outro...”

Minha mãe leria em voz alta nesse momento. Na mesma voz elegante que ela fez na dublagem de comerciais de televisão para Bain de Soleil, ela diria:

– Eu finalmente encontrei a felicidade.

Meus pais iriam olhar lascivamente para as páginas como se elas fossem um texto sagrado. Com isso, meu humilde diário falso era o Livro Tibetano dos Mortos ou *A profecia celestina*: algo sublime e profundo para suas próprias vidas. Minha mãe, em sua voz treinada nos palcos, relaxada pelo Xanax, iria ler em voz alta:

– ...desse dia em diante, eu comprometo meu amor eterno a...

E sua voz iria falhar. Para eles, o que se seguiu foi pior do que a imagem de sua herdeira chupando o pepeto de uma pantera ou o mamilo de um urso pardo. Aqui estava um horror mais confrontador do que a ideia de sua preciosa filha se casando com um republicano convicto.

Vendo minhas palavras, ela e meu pai poderiam apenas olhar em descrença.

– Eu comprometo meu amor eterno – meu pai continuaria – ao meu supremo senhor e mestre...

– Senhor e mestre – minha mãe repete.

– Jesus – meu pai lê.

Minha mãe diz:

– Jesus Cristo.



21 de dezembro 10:34

Meu flerte com o divino

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Jesus Cristo foi o melhor namorado falso do mundo. Sempre que minha família viajava, em nossos lares em Trindade, Toronto ou Tunísia, a campainha tocava e algum entregador peão aborígene estava no nosso degrau da frente carregando um vasto buquê de rosas Dele. Jantando no Cipriani ou Centrale, meu pai pediu para mim um *lapin à la sauce moutarde*, e eu esperei que chegasse na minha mesa antes de olhar para o prato e fingir desdém. Recuando, eu fiz sinal para o garçom, dizendo:

– Coelho? Não posso comer coelho! Se você soubesse alguma coisa sobre Levítico Dois, saberia que um animal comestível tem de ruminar e *ter casco*.

Meu pai pediu para mim *salade Lyonnaise*, e eu a mandei embora porque porcos não ruminam. Ele pediu *escargot bourguignon*, que eu rejeitei porque a Bíblia proíbe especificamente comer lesmas.

– Não são limpas – eu insisti. – São coisas rastejantes.

Minha mãe fez uma cara serena de Xanax. As palavras-chave de sua vida eram *tolerância* e *respeito*, e ela ficou presa entre elas como se esmagada por um tornilho ideológico. Mantendo a voz calma, ela perguntou:

– Bem, querida, o que você *pode* comer...

Mas eu a interrompi com um “Espere!”. Eu pesquei um smartphone do bolso da minha saia-bermuda e fingi encontrar uma nova mensagem.

– É Jesus – eu interrompi, fazendo meus pais torcerem o nariz. – Está mandando mensagens para mim! – Com seus próprios jantares esfriando, eu os fiz esperar. Se algum dos dois dizia uma palavra ou protestava, eu fazia “psiu” e fingia ler e responder. Sem levantar o olhar, eu berrei, alto o suficiente para os fregueses em volta ouvirem: – Cristo me ama! – Eu franzi a testa olhando a tela do meu smartphone e disse: – Jesus desaprova o vestido que você está usando, mãe. Ele diz que é jovem demais para você, e faz você parecer uma puta...

Meus pais? Eu me tornei o pior pesadelo deles. Em vez de hastear a bandeira ideológica que eles tão orgulhosamente estenderam sobre mim, em vez de aceitar a tocha de seu humanismo ateu, eu estava dedilhando mensagens no telefone, dizendo-

lhes:

– Jesus diz que o tofu é mal, e toda a soja é o Diabo.

Meus pais... no passado, meus pais colocaram sua fé completa em cristais de quartzo e câmaras hiperbáricas e no *I Ching*, então eles não tinham uma perna crível sobrando para ficar de pé. Através desse impasse do jantar, o garçom permaneceu firme, parado ao lado de nossa mesa, e eu então me virei para ele e perguntei:

– Você por um acaso serve alfarroba e mel silvestre? Ou maná?

Enquanto o garçom abria a boca para responder, eu me virei ao smartphone no meu colo e disse:

– Espera aí! Jesus está tuitando. – Meu pai captou o olhar do garçom e disse. – Perry? – Para dar crédito, meu pai sabe o nome de cada garçom em cada restaurante cinco estrelas do mundo. – Perry, você pode nos dar um momento a sós?

Enquanto o garçom se afastava, meu pai lançou um olhar para minha mãe. Quase imperceptivelmente, suas sobrancelhas se arquearam e seus ombros caíram. Eles estavam presos. Como ex-cientologistas, ex-Bahá’i e ex-regidos por EST, dificilmente eles podiam me questionar enquanto eu digitava alegremente minhas devoções à minha própria escolha de sistema de crença.

Resignado, meu pai levantou seu garfo e esperou que minha mãe seguisse a deixa.

Enquanto cada um colocava a primeira garfada de comida em suas respectivas bocas, eu anunciei:

– Jesus diz que eu devo apoiar publicamente o próximo candidato republicano para presidente!

Ouvindo isso, meus pais perderam o ar, inalando comida e engasgando. Virando o vinho, eles ainda estavam tossindo, todo mundo na sala de jantar observando-os arfar, enquanto o telefone do meu pai tocava. Sem fôlego, ele respondeu:

– Uma pesquisa de produtos? – ele perguntou, incrédito. – Sobre o quê? Sobre *quais palitos de dentes eu compro?*

Quase gritando, ele indagou:

– Quem está falando? – Esbravejando, ele inqueriu. – Como conseguiu esse número?

E por isso, moicanoArcher666, eu te agradeço do fundo do coração.



21 de dezembro, 10:37

Uma pequenina overdose dourada

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Foi assim, assim que o precioso gatinho Tigrado veio para minha vida.

Pós-interior, pós-vovó, meus pais e eu estávamos hospedados no sempre adorável hotel Beverly Wilshire. Estávamos tomando café da manhã na nossa suíte, o que quer dizer: eu estava vendo meus pais comerem. O que significa: meu pai estava jogando seus jogos de desprogramação, segurando folhados de damasco e *Strudels* de queijo para me fazer renunciar à minha tórrida comunicação com Jesus. Em retaliação, eu mantive meu telefone preso numa orelha, tagarelando, arrulhando e ignorando todos os olhares embaraçosos dos meus pais enquanto eu ria.

– Pare com isso, Jesus! Pare de ser tão implicante!

Eu permiti que meus olhos de menina voassem ao redor da toalha, passando pelas flores e pelo suco de laranja, e ao resto do olhar mortal da minha mãe. Eu a observava incisivamente, examinando seus lábios e pescoço antes de descansar minha atenção na sua linha do busto quando eu dizia:

– Não, eles não são! Não, Jesus, ela não fez!

Minha mãe se mexeu desconfortavelmente em sua cadeira. Levantou o guardanapo do colo e limpou os cantos da boca. Com uma elaborada Control + Alt + Casualidade, ela olhou para o meu pai e perguntou:

– Antonio, meu amor, pode me passar o açúcar?

Falando com meu falso namorado Jesus, assim como eu tinha falado com todo um círculo falso de amigas, eu ri e disse:

– Ela não é não! Estou sentada aqui mesmo, e ela *não é tão má!*

Meu pai passou o açúcar para minha mãe e disse:

– Maddy, querida, por favor não fale ao telefone na mesa do café da manhã.

Minha mãe começou com o mais extremo Control + Alt + Sadismo para colocar quantidades copiosas de açúcar em seu café.

Com o telefone ainda preso à minha orelha, eu esbugalhei os olhos para meu pai e balbuciei as palavras: *Não posso desligar*. Silenciosamente, eu protestei: É Jesus!

Como se rebelar contra pais que celebram a rebeldia? Se eu usasse drogas e

trouxesse um grupo de motoqueiros fora da lei e fizesse orgias com um bando infestado de doenças venéreas, nada faria meus pais mais felizes.

Agindo como se o café da manhã fosse um momento familiar sacrossanto, meu pai era um tremendo hipócrita. Exposta na mesa ao lado dele havia a pilha usual de dossiês de órfãos, entre eles uma imagem de dois olhos pétreos e contemplativos de uma foto brilhante tirada de um rosto. Esses olhos cor de pedra, que pareciam desprezar cada luxo tolo que podiam ver nesse suntuoso cenário de hotel. Pela duração de um suspiro, a emoção do meu comichão de menina ficou em silêncio enquanto meus próprios olhos eram mantidos hipnotizados pelos traços escabrosos e expressão intratável daquele particular órfão eslávico. Eu estava hipnotizada por aquele bruto escárnio marginalizado.

Finalmente, minha mãe rompeu o silêncio dizendo:

– Desligue, mocinha.

Virando-me para ela, eu ataquei com:

– Jesus diz que é você quem está gorda.

– Desligue agora – disse meu pai.

E eu lhes disse:

– Ei, não atire no mensageiro. – Ao telefone eu disse: – JC? Preciso te ligar depois. Meu imperioso pai todo-poderoso está sendo um baita pé no saco, você sabe como é. – Assim como meu *coup de grâce*, eu disse ao telefone: – E você está certo sobre a barriga da minha mãe.

Com a elegante Control + Alt + Deliberação, eu desliguei meu telefone e o coloquei ao lado do meu prato vazio de café da manhã. Para deixar registrado, ilustre Tweeter, naquele repasto eu havia sido servida com nada além de meia toranja, uma fatia de torrada seca e um miserável ovo pochê. Ovo de codorna, fique sabendo. Tais rações de campo de concentração dificilmente douraram meu humor. Usando minha melhor atitude Elinor Glyn, eu virei o rosto para meu pai e anunciei:

– Como vocês parecem tão determinados a me fazer sofrer... – Aqui eu fechei meus olhos ao estilo de uma verdadeira heroína. – ...eu preferiria que vocês apenas me chicoteassem de uma vez!

Como outros pré-adolescentes podem fazer por uma grande mesada, por um cabelo brilhante ou por amigos, eu queria que meus pais me batessem. Um soco com um punho fechado ou um tapa de mão aberta, eu sonhava com isso. Viesse o golpe da minha mãe ou do meu pai, aqueles bem-intencionados pacifistas, idealistas, não importava. Na minha bochecha ou no estômago, eu ansiava pelo impacto porque sabia que nada mais poderia oscilar o equilíbrio de poder entre pai e filho tão efetivamente. Se eu pudesse incitá-los a me surrar apenas uma vez, eu poderia eternamente, dali em diante, citar aquele incidente e usar a memória para vencer uma discussão.

Ah, ser Helen Burn, companheira de infância de Jane Eyre que ficou diante dos alunos do Colégio Lowood e foi completamente pulverizada pelo sr. Brocklehurst. Ou ser Heathcliff e ter uma grande pedra rebatida contra minha tenra cabeça pelo jovem mestre Hindley. Tal abuso público era meu mais estimado desejo.

Com olhos fechados, rosto serenamente apresentado, eu avidamente esperei o doloroso golpe. Escutei minha mãe remexendo seu café, a fraca música da colher soando dentro de sua xícara de porcelana. Ouvi o raspar do meu pai esfregando manteiga em sua torrada. Finalmente, minha mãe disse:

– Antonio, não vamos prolongar isso... Vá em frente, bata na sua filha.

– Camille – a voz de meu pai disse –, *não* a encoraje.

Eu continuei inclinada à frente, olhos fechados, oferecendo meu rosto como alvo.

– Sua mãe está certa, Maddy – disse meu pai. – Mas não vamos começar a descer o cacete em você até ter pelo menos dezoito.

Na minha mente, querida canadense AIDSemily, eu usava uma venda e pendurava um Gauloise fumegante entre meus lábios. Eu rezei para ser esmurrada como um saco de pancadas feminino.

Minha mãe disse:

– Nós queríamos ajudá-la a processar a dor que deve sentir por seus avós.

– Temos um presente para você, querida – a voz do meu pai disse.

Eu abri meus olhos e lá estava o sr. Bamboleio. Um feliz e pequeno peixe-dourado flutuante no meu copo de água. Seus olhos protuberantes se viraram para me olhar. Sua boquinha tragante se abria e fechava, tragava aberta e fechada. Minha fachada endurecida esmigalhou-se com a visão desse pequeno duende cor de sol, remante, ofegante, suspenso na água não consumida da minha refeição. Numa palavra, eu estava deliciada. O nome sr. Bamboleio veio instantaneamente à minha mente, e naquele momento eu era uma alegre criança divertida batendo palmas, envolvida pela minha família sorridente. Então, tragicamente, eu não era.

No momento seguinte, o sr. Bamboleio enguiçou. Inclinou-se e flutuou de cabeça para cima no copo. Meus pais e eu olhamos numa chocada Control + Alt + Descrença.

– Camille? – meu pai perguntou. – Por algum motivo você misturou as águas? – Ele se estendeu sobre a mesa do café da manhã e levantou o copo com o sr. Bamboleio morto. Colocando a borda em seus lábios, ele bebeu cuidadosamente ao redor do peixe falecido. – Era exatamente o que eu pensava.

Minha mãe perguntou:

– A Maddy tomou seu GHB?

– Não – ele disse. – Temo que o novo peixe-dourado tenha tomado.

Meus pais ex-maconheiros, ex-viciados, ex-anfetaminados, eles acidentalmente provocaram uma overdose no meu peixe presenteando-o a mim num copo de GBH.

Ou seja: ecstasy líquido. Ou seja: ácido gama-hidroxibutírico. Inabalado, meu pai continuou bebendo a água com o cadáver do meu bichinho de estimação dourado batendo e roçando em seus lábios. Ele o puxou para fora com dois dedos e passou a pequena vítima para a empregada somaliana.

– Para a cômoda – ele entooou solenemente, para retornar ao grande ciclo da vida.

Enquanto eu buscava meu telefone para ligar correndo para Jesus e relatar os detalhes dessa mais recente atrocidade, minha mãe empurrou a cesta de pães ao meu alcance.

– Foi demais para o sr. Peixe... O que diz sobre sairmos hoje, Maddy, e adotarmos um belo filhote de gato?



21 de dezembro, 10:40

Meu verdadeiro amor resgatado das mandíbulas da morte

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Meus pais nunca adotaram nada sem emitir um mínimo de dez milhões de *releases* para a imprensa. Tigrado não foi exceção. Uma equipe de documentário nos seguiu para um abrigo de não extermínio de gatos no leste de Los Angeles, onde meu pai e eu consideramos os méritos de vários gatos de rua abandonados. Minha mãe conduziu a falange de câmeras para um malhado murchinho, sozinho numa cela de alambrado. Examinando o cartão que dava o *curriculum vitae* do animal, ela disse:

– Aaaah, Madison, este tem leucemia! O diagnóstico é de morte em quatro meses. Parece perfeito!

No topo dos critérios que meus pais buscavam em qualquer relacionamento dependente estava a impermanência. Queriam lares, empregados, negócios e órfãos adotados do Terceiro Mundo de que eles pudessem se desfazer de uma hora para outra. Nada oferecia melhor alimento para os relações públicas do que algo que você pudesse resgatar e amar intensamente por um mês, depois ser filmado enterrado num funeral luxuoso.

Quando eu recusei o malhadinho moribundo, meu pai me conduziu em direção a um chaninho calicô envelhecido. A equipe do abrigo estimou que ele tinha aproximadamente seis semana de vida.

– Diabetes – disse meu pai solenemente. – Que isso seja uma lição para você, juvenzinha, para a próxima vez que quiser uma coisinha açucarada para beliscar.

As câmeras de documentário nos seguiram de um gato condenado para o próximo. De gatos com peritonite infecciosa para aqueles com cardiopatia hipertrófica. Alguns lutavam com esforço para levantar suas cabeças moribundas enquanto eu coçava atrás de suas orelhas febris. Isso parecia menos um abrigo para gatos do que um hospício felino. Confrontada por gatos sofrendo de tumores intestinais e piometra terminal, eu me sentia péssima. É verdade, todos queriam amor e um lar, mas eu não queria nenhum deles. Eu queria algo que fosse viver para retribuir o meu amor.

Um siamês deitava-se em almofadinhas descartáveis de papel, fraco demais para controlar sua bexiga. Um persa chorava lastimosamente e piscava olhos grudentos

nublados de catarata para mim. Quando meu pai viu a longa lista de medicamentos que requeria diariamente, seu rosto se animou num sorriso.

– Esse cara não pode durar muito, Maddy! – Com uma mão, ele me conduziu em direção à jaula fedida do gato e disse: – Dê a ele o nome de Cat Stevens, e faça a maior cerimônia de enterro que um gato já teve!

Minha mãe fez careta para as câmeras e acrescentou:

– As crianças simplesmente adoram fazer pequenos funerais para seus bichinhos... criando um pequeno cemitério e preenchendo cada túmulo! Dão-lhes consciência para as formas de vida bacterianas no subsolo!

Se minha mãe possuía respeito por alguma forma de vida, sua própria mãe não estava entre elas. Quando minha vovó morreu de derrame na noite de Halloween, de um coágulo sanguíneo errante gerado por seu câncer, minha mãe voou de Cannes no dia seguinte carregando seu infame vestido de noite água-marinha encrustado com latejoulas e perolinhas.

– *Haute couture* – ela disse, entrando no escritório do necrotério da roça, o vestido selado num saco plástico para roupas e pendurado em seu braço.

O coveiro interiorano ficou chocado: sentados do lado oposto de sua mesa estavam Antonio e Camille Spencer. Puxando o saco, ele reconheceu que o vestido era maravilhoso, mas então explicou pacientemente que era tamanho quatro e o corpo da vovó Minnie tomado pelo câncer era número dez. Sem pestanejar, meu pai tirou o talão de cheques de dentro do bolso do paletó e perguntou:

– Quanto?

– Não entendi – disse o coveiro.

– Para fazer o vestido caber – esclareceu minha mãe.

O pobre coveiro ingênuo perguntou:

– É tão adorável. Tem certeza de que querem que eu desfaça as costuras?

Minha mãe perdeu o ar. Meu pai balançou a cabeça numa amarga descrença, dizendo:

– Aquele vestido é uma obra de arte, calhorda. Toque num ponto dele e vamos processá-lo até sua falência.

– O que nós queremos – minha mãe explicou – é que você faça uma pequena poda... um toque de lipo aqui e ali... para que minha mãe fique a melhor possível.

– A câmera – meu pai disse, – acrescenta cinco quilos. – Disse ele enquanto preenchia um rápido cheque de seis dígitos.

– Câmeras? – perguntou o coveiro.

– Talvez você possa fazer também uma puxadinha atrás das orelhas dela... – disse minha mãe enquanto demonstrava puxando sua pele nas próprias têmporas até suas bochechas se esticarem lisas e firmes. – E um pequeno acréscimo dos seios, uma levantada, talvez alguns implantes para que o corpete fique certo.

– E *megahair* – meu pai acrescentou. – Queremos ver muito cabelo na velha menina.

– Talvez – minha mãe sugeriu – você pudesse apenas arrancar os rins, e movê-los aqui para cima um pouco. – Ela dispôs as mãos em conchas sobre seus próprios seios sem defeito.

Meu pai assinou o cheque com um floreio.

– E contratamos um tatuador. – Ele tirou o cheque do talão e acenou ao lado do rosto, forçando um sorriso. – Isso é, a não ser que você tenha objeções de Minnie ser tatutada...

– Oh – minha mãe disse estalando os dedos. – E sem nada por baixo, sem calcinha, nada. Não quero que o mundo, assistindo a esse velório ao vivo por satélite, veja marcas de lingerie na minha amada querida mãe morta.

Achei que minha mãe pudesse chorar nesse ponto do planejamento do funeral, sentada lá no escritório do coveiro. Em vez disso, ela se virou para mim e perguntou:

– Maddy, querida, o que há de errado com seus olhos? Como ficaram tão vermelhos e inchados? – Ela pegou um frasco de Xanax de sua sacola e me ofereceu um. – Vamos pôr umas fatias de pepino para esse inchaço.

Eu estava, ilustre Tweeter, chorando sem parar desde o Halloween. Não que minha mãe notasse.

Quando eu me lembrava do beijo da vovó, eu sentia cheiro de fumaça de cigarro. Por comparação, os beijos da minha mãe tinham sabor de medicamentos ansiolíticos.

No abrigo sem-morte para gatos, ela estava mais uma vez empurrando Xanax para mim numa tentativa de me fazer aceitar um grande gato Manx com uma camada grossa de pelo preto. Não parecia importar para ela que o gato havia morrido momentos antes. Meu pai levantou o corpo ainda quente de sua jaula suja e tentou ajeitar o cadáver que endurecia nos meus braços gorduchos.

– Apenas pegue-o, Maddy – ele cochichou. – Na câmera vai parecer que ele só está dormindo. Não temos o dia todo...

Enquanto ele içava gentilmente o gato morto caído na minha direção e eu recuava um passo, eu vi mais uma coisa. Na mesma jaula, escondido pelo recém-falecido gato negro, lá havia um pequeno gato laranja. Essa era minha última chance. No próximo instante, eu seria levada de volta para Beverly Wilshire com um cadáver felino rígido no meu colo de menina. Na câmera, com a equipe do abrigo de testemunha, eu apontei um dedo indicador gorducho para esse novo pufe laranja de pele e disse:

– Aquele, papai! – Tornando minha voz travessa, eu exclamei: – Lá está meu gatinho! – O objeto laranja da minha desesperada afeição abriu dois olhos verdes e devolveu o olhar.

Minha mãe deu uma rápida olhada no cartão preso ao lado da jaula. Numa dúzia de palavras, contava a breve história pregressa do gato. Aquela tarde no abrigo para animais sem-morte, minha mãe se inclinou perto do meu pai e cochichou:

– Deixe-a ficar com o laranja. Devolva o morto, e deixe Maddy ficar com o gatinho.

Ainda segurando o gato Manx caído morto, meu pai rangeu os dentes revestidos e disse:

– Camille, não deixa de ser um gato. – Através de um sorriso cerrado, ele chiou: – Aquela coisa desgraçada vai viver por uma porcária de eternidade. – Ele deu uma sacudida no cadáver peludo, sorrindo forçado, e disse: – Com esse talvez nós possamos chamar o namorado dela para fazer o truque de Lázaro.

– Se aquele é o gatinho por quem o coração da nossa pequena Maddy bateu mais forte... – minha mãe disse, remexeu na jaula de arame e coletou a bolinha de pelos trêmula e laranja – ...então é esse gatinho que ela vai ter.

De pé para que as câmeras pudessem ter completo acesso ao gesto, virada em direção a eles numa leve enganação, ela passou a quente carga para os meus cuidados. Ao mesmo tempo, num cochicho de lado para o meu pai, ela disse:

– Não se preocupe, Antonio. – Ela fez sinal para que ele se inclinasse e lesse a ficha.

E com isso o fotógrafo representando a revista *Cat Fancy* deu um passo à frente e disse:

– Sorriam! – e todos nós fomos cegados pelo flash.



21 de dezembro, 10:44

Mãe do ano

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Eu nunca imaginei que seria tão terrivelmente difícil ser uma boa mãe. É por isso que minha própria mãe parecia ser uma decepção tão grande. Sério, que esforços onerosos uma maternidade bem-sucedida requer? É preciso apenas acumular um depósito fresco de espermatozoides no ventre, então esperar a liberação de um óvulo viável. Pelo que posso sacar, o processo todo parecia mais ou menos automático. O nascimento de fato envolvia preparar um quarto estéril com uma equipe inteira de documentário, todos os eletricitas, mecânicos, engenheiros de som, os câmeras, assistentes de direção e maquiadores. Já vi o resultado: minha mãe extasiou-se num soro intravenoso de Demerol, ficou de pernas abertas num tipo de plataforma de vinil com descansos especiais para as pernas. Uma *stylist* passa pó tirando o brilho do pube meticulosamente depilado dela, e – *voilà* – o bulbo cor de meleca de meu cocoruto recém-nascido aparece. Capítulo um: nasço. Esse momento milagroso em celuloide é absolutamente revoltante. Minha adorável mãe se contorce numa única careta, mas, tirando isso, seu reluzente sorriso permanece intacto enquanto a miniatura lubrificada de gosma de mim mesma vem em sacarrolha, saindo de seu interior fumegante. Rapidamente sou seguida ao mundo por uma placenta igualmente não atraente. Então, sem dúvida, eu esperava que o médico em serviço me desse um bom bofetão. Uma verdadeira pancadaria pública. Só uma criança criada em completo amor e privilégio poderia ansiar por uma surra selvagem tão fervorosamente quanto eu.

Geralmente minha mãe passava uma cópia do vídeo sempre que as pessoas se reuniam para o meu aniversário.

– Fizemos num *take* só – ela sempre dizia. – Madison era bem mais magrinha naquele época, graças a Deus!

E ela sempre ganhava uma salva de risadas às minhas custas. Ataques antiaéreos assim são a razão pela qual desejei tanto que meus pais me socassem na bochecha. Meu olho-roxo iria anunciar os pequenos tormentos que eu sofria diariamente.

Você, ilustre Tweeter, sem dúvida viu as fotos do filme do parto que a revista

People publicou. Minhas insensíveis colegas do colégio suíço com certeza as viram, e até o dia que eu morri eu encontrava regularmente essas fotografias – eu do tamanho de comida regurgitada, o vermelho de um tomate maduro manchado com papa de queijo, retorcendo-me no fim de um pegajoso cordão umbilical –, essas que eram furtivamente afixadas nas costas do meu suéter com fita adesiva, ou eram publicadas no lugar do meu retrato no anuário da escola.

Quando eu nasci, podia ver por mim mesma que a maternidade não exigia talentos especiais. Minha impressão geral era de que glândulas variadas se apresentavam, e você se tornava essencialmente um fantoche ou uma escrava ao ritmo das secreções corpóreas – colostro, xixi, cocô. Você está sempre consumindo ou esvaziando algum visco vital.

É essa compreensão completa da maternidade que me levou a dar a meu gatinho, Tigrado, uma criação melhor do que a que eu havia tido. Eu jurei mostrar à minha própria mãe como esse trabalho deveria ser devidamente feito.

– Coloquem algumas roupas, vocês aí! – Eu reprovaria meus pais nus nas praias de Nice, Nancy ou Newark. – Querem que meu gatinho cresça para ser um perverso? – Eu localizava o estoque pungente de haxixe deles e jogava na privada dizendo: – Vocês podem não se importar com a segurança de sua filha, mas eu me importo com a do meu!

Com certeza, como uma distração da religião, o gato funcionou perfeitamente. Eu não retornava mais as ligações de Jesus durante o jantar. Em vez disso, carregava Tigrado para todo lugar debaixo do braço, dando um sermão num cochicho cênico, sempre aos ouvidos dos meus pais.

– Minha mamãe e meu papai podem ser zumbis sexuais famintos por drogas, mas eu nunca vou deixá-los machucar você. – Da parte deles, meus pais estavam simplesmente felizes de que Jesus e eu havíamos terminado. Assim, eles aquiesceram enquanto eu carregava meu Tigrado comigo o tempo todo, em Taipei, Turin e Topeka. Ele se enrolava ao meu lado em várias camas em Kabul, Cairo e Cidade do Cabo. Na mesa do café em Banff ou Bern, eu dizia: – *Nós* não gostamos de salsicha de tofu sem gordura de comércio justo. E *nós* pedimos que não sirvam mais para *nós*. – Em Copenhague, eu anunciei. – *Nós* queremos outra bomba de chocolate, ou *nós* nos recusaremos a ir à abertura de *La Bohème* esta noite. – Nem preciso dizer, Tigrado se mostrou um excelente acompanhante na ópera, em grande parte dormindo, mas ainda assim sua mera presença atiçava meus alérgicos pais a praticamente suprimirem seus ataques de indignação. Em La Scala, no Met e no Royal Albert Hall, um rastro de pelos de gato e pulgas saltitantes nos seguiu por todo canto.

Quanto mais eu me distanciava na companhia exclusiva de meu novo gatinho, mais meu pai examinava as fotografias e arquivos de órfãos destituídos disponíveis para

adoção. Quanto mais eu me isolava, mais minha mãe navegava em listas de corretora em seu notebook. Nenhum dos dois mencionou, mas, apesar de suas maquinações à base de soja, minha administração do Tigrado resultou num gatinho bem gordo. Alimentá-lo parecia fazê-lo feliz, e fazer o Tigrado feliz me fazia feliz, e após poucas semanas de comida em excesso, carregá-lo era como carregar uma bigorna Louis Vuitton.

Não foi na Basileia nem em Budapeste nem em Boise, mas uma tarde eu cheguei à porta de uma sala de projeção escura. Era na nossa casa em Barcelona, e eu estava passando pelo corredor quando vi a porta levemente aberta. Pela escuridão lá dentro, escutei uma combinação de miados num dueto desarmonioso como gatos de rua expressando seu ardor. Segurando meu olho na estreita abertura onde a porta não havia encontrado totalmente sua moldura, pude ver uma estrebuchante bolha coberta de cola na tela de cinema lá dentro. Os berros eram de uma criatura gelatinosa, meu ser infantil, claramente não feliz de ser entregue a esse brilho ofuscante de luzes, documentaristas e sálvia queimando. E sentada no centro dos bancos, por outro lado vazios, estava minha mãe.

Ela pressionava um telefone de um lado do rosto enquanto assistia àquilo, aquele cansativo vídeo da minha nova vida começando. Seus ombros estremeciam. Seu peito subia. Inconsolavelmente, ela soluçava:

– Por favor, escute-me, Leonard. – As bochechas brilhando. Ela esfregou as lágrimas com a mão livre. – Sei que o destino dela é morrer no aniversário, mas, por favor, não deixe minha garotinha sofrer.



21 dezembro, 10:46

Meu amado é assolado por uma doença misteriosa

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Dias após adotá-lo, Tigrado inchou tanto quanto uma bola de pipoca, então para o tamanho de um brioche, ficando tão esponjoso quanto *fudge* feito em casa. Dias antes, ele havia parado de usar sua caixinha de areia. Da mesma forma, seu miado lastimoso parou, então fui compelida a chorar como um ventríloquo, segurando seus lábios fixos numa abertura de boca congelada num sorriso enquanto eu forjava meus alegres sons de gatos para meus pais.

No conforto da Cidade do México, Mumbai ou Montreal, com um café da manhã de sashimi de atum, ceviche de camarão e patê de fígado de pato, meu bichaninho não comia uma garfada. Minha mãe e meu pai veladamente observavam meus esforços fracassados em alimentá-lo, dando olhadas furtivas por trás de seus respectivos notebooks enquanto eu colocava meu gato horrendamente inchado na mesa do café da manhã ao lado do meu prato e o tentava com succulentas guloseimas. Para mim, Tigrado representava minha oportunidade de envergonhar os dois. Meu cuidado com ele iria demonstrar um próprio talento maternal não pagão, não vegano, não Reagan. Todas essas vidas passadas que minha mãe e meu pai trouxeram para a minha criação, eu iria evitá-las. Minha estratégia seria simplesmente a ampla adoração do meu gatinho e criá-lo para ser um gatão valente bem-ajustado, não dismórfico de imagem corporal.

Aqui eu fiz um pequeno *miau* falso para meus companheiros de café da manhã.

Viu o que eu fiz, ilustre Tweeter? Vê como eu fiquei presa numa armadilha? Em Bangalore, Hyderabad e Houston, meu gatinho estava obviamente doente, mas eu não podia admitir esse fato indo aos meus pais implorar por seu conselho. Na mesa do café da manhã em Hanoi, meu pai olhou para a bola de pelo inchada respirando pesadamente enquanto se deitava de lado perto do meu prato. Simulando uma Control + Alt + Indiferença, ele perguntou:

– Como está o pequeno Tigre?

– O nome dele é Tigrado – eu protestei. Esticando-me para pegá-lo e levá-lo no meu colo, eu disse. – E ele está ótimo.

Entre lábios imóveis, eu disse:

– *Miau.*

Usando sutilmente meus dedos, eu movi a boca inerte do gato para corresponder.
Miau.

Meu pai trocou uma sobrancelha levantada com minha mãe e perguntou:

– O Tigre não está doente?

– Ele está bem!

Minha mãe colocou seu Control + Alt + Sereno olhar na minha bolha comatosa agora tremendo sobre minhas coxas cobertas de guardanapo, e ela perguntou:

– Ele não precisa ir ao veterinário, talvez?

– Ele está bem! – eu disse. – Está dormindo.

Eu não podia deixá-los verem meu medo. A bola trêmula de pelos que eu acariciava parecia quente – quente demais. Uma gosma grudenta cercava seus olhos fechados e escorria de suas narinas pretinhas. Pior ainda, acariciando suas laterais eu podia sentir a pele esticada firme, sua barriga distendida. Através de sua pele macia, sua fraca batida de coração parecia a um milhão de bilhões de quilômetros de distância. Uma possibilidade era que eu o havia alimentado com algo errado. Ou alimentado demais. Ele estava ofegante agora, sua linguinha rosada levemente caída, cada respiração um chocalho mortal. De muitas formas, o pobre Tigrado estava reproduzindo o lento e doloroso falecimento da minha vovó. Sem pensar, meus dedos procuraram o local atrás da sua perna dianteira, onde sua pulsação era mais forte, e dentro das entranhas pensantes do meu cérebro eu comecei a contar: *um-jacaré... dois-jacaré... três-jacaré...* entre as lentas batidas irregulares. Notei que meus pais não estavam comendo. O fedor de enfermaria de um gato aflito ofuscava o apetite de todos.

Meu pai propôs:

– Que tal você e o Tigre irem juntos ver um terapeuta de luto? – Ele engoliu, denunciando sua Control + Alt + Ansiedade, e disse: – Você podia falar sobre as mortes de seu vovô e sua vovó.

– Não estou de luto! – Para mim mesmo eu contava... *Cinco-jacaré... seis-jacaré...* entre as batidas que paravam.

Os olhos preocupados da minha mãe varreram a mesa até que se depositaram no cesto de pães. Içando-o, ela levantou as delícias na minha direção.

– Gostaria de um muffin?

– Não! – Eu contei: *oito-jacaré... nove-jacaré...*

– Mas você adora muffins de mirtilo. – Seus olhos me testavam, medindo minha resposta.

– Não estou com fome! – Eu retuquei contando... *onze-jacaré... doze-jacaré...*

A respiração áspera e chacoalhante do meu gatinho havia parado. Com dedos

frenéticos, eu procurei massagear seu coração felino de volta à vida. Para esconder esse esforço dos meus pais, eu enrolei meu guardanapo de linho ao redor do corpo inchado do Tigrado. Assim, pesadamente enfaixado, sua pulsação ficou impossível de localizar. Para mascarar meu pânico, eu disse:

– Não estou com fome! Tigrado está saudável e feliz! Não estou com fome e não descasquei a banana de nenhum homem!

Ouvindo isso, o rosto da minha mãe pareceu ter levado um Control + Alt + Tapa. Suas mãos buscaram do outro lado da mesa, no que deve ter sido algum gesto maternal instintivo, alguma tentativa mamífera de abraço herdado de nossos ancestrais primatas, e ela disse:

– Só queremos ajudá-la, Maddy, gotinha de orvalho.

Recuando, embalando meu gatinho quieto e parado, eu retruquei, com minhas palavras de ácido puro:

– Talvez possamos apenas desertar Tigrado em alguma fazenda remota no interior? Que tal? – Com minha voz se elevando à histeria, eu disse: – Ou talvez devêssemos mandar meu gatinho para uma escola cara na Suíça, onde ele pode viver, socialmente isolado, entre gatinhos ricos cheios de ódio!

Para mim mesma eu contava: *dezoito-jacaré.. dezenove-jacaré... vinte-jacaré...* mas eu sabia que já era tarde demais. Em Seul, São Paulo ou Seattle, eu estava meio caindo, meio correndo quando abandonei meu lugar na mesa do café da manhã e fugi de volta para o meu quarto levando meu gatinho bebê enrolado em sua mortalha de guardanapo.



21 de dezembro, 10:49

Em negação

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

A Madison há muito tempo pré-morta, de onze anos, carregou meu cadáver felino enrolado por Antuérpia, Aspen e Ann Arbor. Como o cadáver enrolado em cobertor de certa vovó Joad, outra referência de livro, eu passei com o pobre Tigrado por vários guichês de imigração e alfândega. Eu o usava preso à minha pele, escondido por baixo da minha roupa, da forma como minha mãe e meu pai tinham tão frequentemente feito como mulas de seus narcóticos contrabandeados. Não é preciso dizer que seu odor azedo não diminuiu; nem o fiel séquito de parasitas alados, primariamente moscas, mas também suas larvas adolescentes e vermes que apareciam na cena como se conjurados por uma mágica nojenta.

Fosse a segurança internacional alarmantemente frouxa, ou meus pais darem altos subornos para os oficiais certos, minha triste carga nunca foi descoberta. Ocasionalmente, eu miava baixinho, derrotada, mas mantinha meu segredo sempre enrolado naquele guardanapo original de café da manhã. Não imagine que eu estivesse demente, ilustre Tweeter; eu sabia que meu gato estava morto. Ninguém em contato com sua pelagem esvaziada poderia ignorar o constante gotejamento de fluidos frios. Sob meu suéter, projetando-se contra minha barriga como uma gravidez, como um aborto, eu sentia a desordem de seus ossos quebrando.

Nas horas desde que ele tinha falecido, sua barriguinha peluda havia começado a inchar. E sim, eu posso estar temporariamente insana de luto, mas eu sei que meu gatinho estava se inchando de gás, o produto excretal de bactérias intestinais renegadas. E sim, eu posso estar secretamente aterrorizada por tê-lo alimentado com algo que tenha causado esse falecimento, mas eu conheço a palavra *excretal*, e sei que meu amado estava prestes a explodir e que tal explosão tornaria o tesouro do meu coração uma carcaça infestada de bichos. O linho parece grudento contra meus dedos. Para meus dedos acariciantes, Tigrado não estava morto, mas eu tive o cuidado de não o acariciar com muito vigor.

No momento, nós dividimos uma limusine estendida, meus pais sentados lado a lado com suas costas para o motorista, afastando-se o mais longe possível das

minhas circunstâncias não felizes. O aspecto emocional sem nuances dos meus pais, suas vozes sóbrias, implicavam que eles sentiam a verdade. Mesmo assim, num carro entre o aeroporto e nossa casa em Jacarta, Joanesburgo ou Jackson Hole, minha mãe perguntou:

– Como está o pequeno paciente? – Os olhos dela estavam vermelhos. Sua voz forjando um Control + Alt + Ânimo. – Sentindo-se melhor?

No interior acolchoado da limusine, as perenes moscas e o cheiro podre mostraram-se difíceis de ignorar, e um dos braços dela esculpido pela ioga se debatia, buscando os controles do ar-condicionado. Seus dedos de unhas feitas aumentaram o fluxo de ar para uma rajada ártica completa, e ela tirou um frasco prescrito de Xanax de sua bolsa e levou algumas pílulas para sua boca. Ela passou o frasco para o meu pai atrás do jornal.

Aninhado no meu colo, ainda enfaixado no guardanapo do café da manhã, eu carregava meu coração, e meu coração estava duro e frio. Meu coração era uma bomba-relógio babando corrompimento decaído. Em resposta ao questionamento dela, eu só pude miar secamente. Por trás da escuridão das janelas fumê, os arredores de Lisboa, La Jolla ou Lexington caíam atrás de nós e desapareciam. Enquanto seguíamos, eu sentia os sucos putrefados da minha alma gêmea migrando para baixo para manchar minha bermuda-saia. Alisado, o guardanapo no meu colo moldava ilhas irregulares e costas filigranadas. Sujo e manchado com as manchas da decomposição, o linho traçava uma jornada divagante na qual tudo o que você ama cai por terra.

Isso era o oposto de um mapa do tesouro.

Meu pai? Ele mal notava. Em seu ambiente acolchoado, meu pai estava ocupado atrás de seu jornal, as páginas cor de salmão do *Financial Times*. De sua pessoa tudo o que eu podia ver eram as pernas do joelho para baixo, aquelas pernas da calça vincada e com bainha feita. Só podia ver essas coisas e os nós de seus dedos segurando o jornal aberto diante dele. Lá, sua aliança dourada. Enquanto minha mãe lutava com sua empatia sedada, e eu mergulhava mais fundo no desespero, meu pai virava suas páginas de jornal. Ele as virava com floreios farfalhantes. Se você notar, ilustre Tweeter, um homem de negócios com um jornal é pior do que qualquer heroína de Jane Austen agitando-se pela vida num vestido de baile de tafetá.

– Maddy? – perguntou minha mãe. Suas palavras ainda agudas com uma animação falsa. Ela disse: – O que o Tigrado acharia de um irmãozinho?

Quer dizer: ela estava grávida? Quer dizer: ela estava louca?

De dentro de sua fortaleza de papel, meu pai disse:

– Docinho, estamos adotando. – De trás da variedade de guerras, cotações da bolsa e pontuações dos jogos: – O moleque é de um lugar terrível.

Quer dizer: eu não estava prestando atenção suficiente neles. Quer dizer: eles

queriam se sentir mais apreciados.

- A papelada levou meses – minha mãe dizia. – Não é tão fácil como adotar um...
- E ela assentiu em direção ao guardanapo empapado no meu colo.

Em resposta, eu ofereci um engasgado de lágrimas e quase inaudível *miau*.

Meu pai sacudiu seu jornal com raiva. Minha mãe chacoalhou seu frasco de Xanax enquanto tirava outra pílula. Minhas mãos se esqueceram de ter cuidado e minhas unhas arranharam a macia barriguinha do meu gatinho. E naquele momento crítico, ilustre Tweeter, nos espaçosos assentos e interior fechado da limu, o pobre abdome distendido do Tigrado explodiu.



21 de dezembro, 10:55

Finalmente, uma punição violenta

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Os restos terrenos do meu amado Tigrado seriam sepultados num banheiro do hotel Beverly Whilshire numa elegante cerimônia reservada, seguindo o exemplo da cerimônia do meu peixe-dourado, sr. Bamboleio. Enquanto nossa equipe pessoal de empregadas somalianas abriam janelas e acendiam velas perfumadas, eu carregava os restos com cheiro de morte enrolados no guardanapo para o banheiro da suíte master. Os enlutados incluíam meus pais, que ficaram perto da privada com o redemoinho sugador. Meu pai batia impacientemente seu pé, com a ponta de seu sapato feito à mão ecoando alto em tique-taque contra o chão de ladrilhos. O cortejo fúnebre consistia de uma nuvem preta de moscas que seguiam. Nós, os enlutados, tínhamos literalmente um véu de moscas pretas.

– Aperte a descarga – meu pai exigiu.

Minha mãe respirava através de um lenço perfumado e disse:

– Amém, já.

Eu fiquei sobre o vaso aberto, meu espírito destroçado, incapaz de abdicar de algo que eu amava tão profundamente. Eu estava tão desolada que rezei para que Jesus me telefonasse, esquecendo que era só faz de conta. Jesus não existia realmente, e a Dra. Angelou não iria tocar esse monte fedido de ossos e pele podre e trazê-lo de volta à vida.

Eu supliquei:

– Não deveríamos fazer uma prece?

– Para quê? – disse meu pai. – Maddy, docinho, rezas são para idiotas supersticiosos e batistas.

– Pela alma eterna do Tigrado! – eu implorei.

– Uma oração? – perguntou minha mãe.

Eu implorei para eles chamarem o *sir* Bono ou *sir* Sting ou uma intervenção divina.

– Não existe essa coisa de *alma* – disse meu pai. Exasperado, ele bufou curto um hálito perfumado com Binaca e Rivotril. – Bebezinha, já discutimos isso. Nada tem

alma, quando você morre, apodrece para criar um composto orgânico para formas de vida do subsolo se reproduzirem.

– Espere – minha mãe disse. Fechando os olhos, ela começou a recitar de memória: – Siga tranquilamente entre a inquietude e a pressa...

Um quadro crescente de empregadas somalianas começou a se reunir no espaço imediatamente fora da porta do banheiro.

– Seja cauteloso nos negócios – continuou minha mãe, sua sobrelanceira tomada de Botox semifrançada em concentração. – Porque o mundo está cheio de astúcia...

– Não há Deus. Não há alma. Nada sobrevive além da morte – fez meu pai de sermão. Gritando agora, ele perguntou: – Aquelas freiras não te ensinaram *nada* naquele colégio católico caro?

Minha mãe seguiu monotonamente: – Fale a sua verdade mansa e calmamente...

– Aperte a descarga, Maddy – disse meu pai, Control + Alt + Estalando seus dedos entre cada curta sentença imperativa. – Aperte. Aperte. *Aperte!* Temos reserva para o jantar às oito no Patina! – Ele puxou o punho da camisa e verificou o relógio. Abanou para longe as pragas irritantes. Digo: as moscas, não as empregadas somalianas que pairavam assistindo a esses curiosos ritos funerários.

Quando minha voz veio, soava fraca.

– Perdoe-me, gatinho. – Eu dei ao pacote esponjoso um grande abraço contra minha barriga flácida. – Sinto muito por tê-lo matado. – Meus soluços começaram com sinceridade. – Sinto muito por tê-lo assassinado com negligência materna. Eu provei ser uma mãe pior do que meus pais. Com essa terrível admissão, eu balançava para a frente e para trás, tomada de soluços roucos, apertando os sucos fúnebres finais não frescos da minha amada carga. Ainda assim, eu não conseguia depositar meu Tigrado para seu agudo local de descanso final.

Com a incitação cochichada do meu pai, minha mãe foi ao meu lado e arrulhou:

– Maddy, bebezinha... – Ela murmurou. – Você não matou o gato. Ninguém o matou. – Ela deu uma batidinha nas minhas costas, deixando sua mão depositada no meu ombro, e disse: – O sr. Tigre tinha uma doença genética chamada doença do rim policístico em felinos. Significa que os rins desenvolvem cistos, querida. Não é culpa de ninguém. Ele se encheu de cistos até morrer.

Eu olhei para ela, meus óculos nublados e escorrendo lágrimas, meu nariz lívido e escorrendo.

– Mas um médico para gatos...

Minha mãe balançou a cabeça em negativa. Seus olhos enlutados, os olhos expressivos de cada defensor público da pena de morte e enfermeira de leito de morte que ela já havia interpretado.

– Bebezinha, não há cura. O gato nasceu doente.

Eu perguntei:

– Mas como você pode saber? – Instantaneamente eu me senti envergonhada de meu tom infantil frouxo, minhas palavras patéticas borbulhadas entre muco e tristeza.

– Estava impresso na ficha dele – minha mãe explicou. – Maddy, lembra da ficha presa na jaula do local de resgate de animais? – Dispostos na penteadeira de mármore do banheiro estavam um frasco cor de laranja de Xanax, um vaso contendo um spray trêmulo de orquídeas roxas, um conjunto de sabonetes Hermès amontoado num cesto. – De acordo com a ficha, o sr. Tigre não podia viver mais de seis semanas. – Ela buscou o frasco de Xanax para abrir, virando a tampa. – Por que você e eu não tomamos uma boa pílula? – ela disse. – Seu novo irmão está vindo esta tarde. Não é empolgante?

– Solte o gato – meu pai ordenou. Ele levantou as mãos sobre a cabeça e as apertou, gritando. – Largue esse gato e vamos em frente, gente!

Virando-me para encarar os dois, baixando uma voz para um grunhido arrastado, eu disse:

– Vocês sabiam? – Minhas lágrimas instantaneamente ferveram para longe. O corpo nas minhas tenras mãos estava borbulhando com vermes. Minha voz como uma distante avalanche suíça caindo sobre eles com um bilhão de toneladas de gelo e pedra, eu disse: – O tempo todo vocês sabiam que tinham me arrumado um gato moribundo?

Um sino abafado começou a tocar. Era a campainha da suíte. Tocou de novo. O grasnar de empregadas somalianas permaneceu nos observando da entrada do banheiro. As câmeras de segurança estavam à espreita.

– Vocês sabiam que meu gato estava perdido e apenas me deixaram sofrer?

Com o rosto quase roxo, sua mandíbula fechada, meu pai olhou sombriamente para minha mãe.

Com minha voz como uma sirene, eu berrei:

– Vocês deviam ter me dito que meu bebê iria morrer! – Embalando minha dor, eu pressionei: – Não entendem? Como puderam me deixar amar algo que iria morrer?

Minha mãe encheu um copo d’água e trouxe para mim.

Depositadas em sua outra mão, ela ofereceu as pílulas.

– Jujubinha – ela disse. – Só queríamos vê-la feliz antes que fizesse treze anos.

Ela estava tão perturbada que, de fato, esperava que eu bebesse água da torneira. Água da torneira de Los Angeles.

Não olhando para mim, em vez disso olhando para minha mãe encolhida, meu pai endireitou os ombros e se estendeu em toda a sua altura.

– Confie em mim, juvenzinha – ele disse. Sua voz fria, subjugada e resignada. – Ninguém quer saber quando seu filho está destinado a morrer. – Pela primeira vez, eu pude sentir o cheiro de Chivas cinquenta anos no hálito dele.

Meu pai estava embriagado.

Eu rosnei:

– Talvez devêssemos arrumar para o Tigrado uma lipoaspiração e tatuagens, e vesti-lo como uma versão Puta de Andrade de Peggy Guggenheim!

Mesmo antes da realidade de sua conspiração ter sido totalmente registrada, meu pai avançou pelo banheiro e agarrou os frágeis restos das minhas mãos. Ele os jogou na privada aberta e apertou sumariamente o botão da descarga. E não, ilustre Tweeter, eu não estou alheia a como meus dramas recentes ocorreram em banheiros, sejam eles banheiros masculinos nocivos no interior ou os banheiros dourados de Beverly Wilshire. E com isso meu precioso Tigrado se foi. A água rodopiou e esparramou, e seu pequenino corpo foi levado embora. Perdido.

E cochichando no meu ouvido, a voz de minha mãe disse:

– Com toda a sua farsa, labuta e sonhos destruídos, ainda é um belo mundo.

Eu olhei para os dois num ultraje mudo.

Mas Tigrado *havia* mesmo ido? Conforme minha raiva aumentava, quando a bile aumentava dentro de mim, impulsionada por essa chocante revelação cística, as águas perturbadas também se erguiam dentro do cômodo. Meus amorosos ex-apoiadores, ex-atenciosos, ex-adoradores pais armaram para cima de mim. Eles me presentearam com um animal de estimação que eles sabiam que logo iria falecer. A água rodopiante da privada subiu enquanto as emoções acres subiam à minha garganta. Tigrado havia partido, mas seu corpo estava preso em algum lugar na tubulação do luxuoso encanamento do hotel, e agora água de privada não fresca espiralava acima até a borda da tumba de cerâmica, esparramando além dela, caindo pelo piso de ladrilhos.

A campanha soou mais uma vez, e, enquanto meu pai se virava para atender, eu entrei no seu caminho. Ficando entre meu pai e a porta do banheiro, eu girei... como outrora girei o livro do *Beagle* para dizimar um pavoroso cocô de cachorro... eu agora girava minha mão aberta, pulando, saltando o necessário para depositar um golpe na bochecha bem barbeada de meu pai.

Sua expressão foi Control + Alt + Chocada. A privada expelia água. Engasgada com o corpo morto do meu pequenino gatinho, ela vomitava, em erupção ao nosso lado. Não mais um mero vaso, tornou-se um caldeirão fervendo com partes de um gato podre e mágica maligna.

Não passou despercebido para mim, mesmo no meu rude estado, um menino estranho entrou pela porta do banheiro, um pivete grosseiro cuja testa enrugada sugeria ruínas romanescas e arredores góticos. Lobos. Velhas ciganas curvadas. Com a visão desse vira-lata taciturno... e a fúria da privada... e em resposta ao meu violento ataque, minha mãe gritou, e tão rápido como um eco do meu golpe original, meu pai me deu um tapa de volta.



21 de dezembro, 10:58

O trágico desfecho de um gato

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Sim, meu pai me bateu.

E sim, eu posso ser uma romântica pré-adolescente arrogante com aspirações de me tornar uma sofredora Helen Burns, mas sei que levar uma sova na minha petulante boquinha fresca-demais-para-o-meu-gosto foi muito menos divertido do que eu imaginei que seria.

No bem-equipado banheiro de Beverly Wilshire, enquanto as águas frias daquele vaso engasgado com o gato transbordavam ao nosso redor, o golpe do meu pai pareceu dificilmente duro o bastante para virar minha cabeça, mas o som agudo dele reverberou alto pelo espaço azulejado. Minha carnuda mão de criança doía mais por golpear o rosto áspero dele do que minha bochecha pelo seu contragolpe. A ampla expansão do espelho mostrava nós dois: minha pequena marca de mão avermelhando o rosto dele, minha própria raiva escurecendo minha face. Minha mãe continuou perto, acompanhada por empregadas, secretárias e acompanhantes variados, seus dedos afunilados voaram para mascarar seus olhos da cena brutal. Pedacos de pele laranja flutuavam pela maré que subia, e nós estávamos todos afundados. Apenas o improvável estranho adotado se destacava dessa tragédia doméstica. O grosseiro vil jovem era um arauto de desastre de algum feudo assolado por guerras, embriagado de sangue. Este, com o semblante irritado de uma criança-homem sem dúvida amamentada por lobos predadores, era Goran. Este foi o momento tenso do nosso primeiro encontro.

Nos dias e semanas por vir, em Nairobi, Nagasaki e Nápoles, meu pai iria não tão sutilmente transferir suas afeições por mim para esse grosseiro vira-lata refugiado. Como eu havia tão recentemente canalizado minha infelicidade através do meu gatinho, meu pai viria a fazer declarações indiretas como:

– Goran? Pode dizer à sua irmã que ela não vai ganhar nada de Natal, talvez apenas um extensor para o cinto de segurança.

Não que celebrássemos o Natal. Não que meu pai até me reconhecesse; não, eu era irmã do Goran ou filha da minha mãe, mas me tornei invisível para ele. Da minha

parte, como ele não podia mais me ver, eu não podia falar com ele. Assim deixamos de existir um para o outro.

Em Reykjavik, Rio de Janeiro e Roma, eu já havia me tornado um fantasma para ele.

Depois disso, veio o infeliz episódio de Goran cortando a garganta do pônei no EPCOT Center. E, depois disso, veio Goran roubando o prêmio People's Choice da minha mãe e vendendo-o pela internet. Então meu pai começou a suavizar, mas era tarde demais, porque logo depois disso, bem logo, eu iria estar morta de verdade.



21 de dezembro, 11:59

A abominação chega

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Escrevendo no século III, o neoplatonista Zótico previu que um dia uma única nação poderosa iria dominar todas as outras. Essa nação iria ocupar uma ilha no centro de um grande oceano. Iria rapidamente coletar toda a riqueza do mundo todo, e todos os reis do mundo iriam residir lá. Escrivendo no século V, o neoplatonista Proclus descreveu essa futura nação como uma bela miragem. De acordo com hieróglifos egípcios, iria flutuar no horizonte.

E aqui a criança-coisa foi levado até a praia. Iria passar pelas praias cor de nuvem sem maior consciência de sua nudez do que tinham os humanos originais.

Lá todo o plástico vem para um descanso final. Lá o centro se forma, acalmado no sargaço de plástico. Redemoinho do Pacífico Norte é como este cemitério é conhecido.

E chegando a essa cena passeará uma mãe humana, vagando pela mesma praia, afundando em sua própria dor. E a mulher está essencialmente sozinha, acompanhada apenas de um *stylist*, quatro guarda-costas armados, um instrutor de ioga, dois gurus de estilo de vida e uma nutricionista. Essa mulher vislumbra a criança-coisa: uma figura esguia como um silfo com pele tão perfeita quanto só o plástico pode ser. Um rosto tão liso como só uma fotografia pode ser lisa. Seu cabelo, um grande ramo de fios dentais penteados em rico volume por infinitas ondas oceânicas. E por todas as aparências externas, a criança-coisa é uma criança-fêmea.

E a criança-fêmea é de uma beleza impossível. E, ao longe, ao captar o primeiro sinal da criança-fêmea, Platão alega que a solitária mulher vai chamar. Parada, paralisada pela visão, ela vai perder o ar. A mulher deve cambalear à frente alguns passos, seus braços erguidos involuntariamente para abraçar essa visão, e ela vai gritar:

– Madison?

Daqui, para os olhos de uma destituída mãe, esse presente do mar parece ser uma ressurreição. E essa mulher caminhando pela praia será a rainha nominal desse rico reino.

E aqui está uma criança há muito perdida reunida com seu parente enlutado. Um

milagre testemunhado por todo o séquito presente.

Lágrimas saltam do olho da mulher. Para esse estranho, que fica nu nessa praia reluzente... esse estranho é esguio e enigmaticamente calmo – não gorducho e nervoso, não teimoso e emburrado –, a semelhança é perfeita. Essa é a criança assassinada, glorificada. E antes de ela poder chamar uma segunda vez, Platão escreve que a mulher estará engasgada de emoção.

E assim irá plantar sua criança-fêmea no ninho de um pássaro desconhecido.

Assim a bondade será encucada, de acordo com o papiro de Sais. E o mal busca encaixar na bondade um par de chifres.

Para essa beleza de outro mundo, essa criança-fêmea feita de plástico e conduzida pelo mar, ela abre seus braços encantadores para a mulher humana. Com sua doce voz ela diz:

– Mãe.

A criança-fêmea avança para abraçar a mulher, e diz:

– Camille Spencer, estou de volta a você. – Abraçando a mulher enlutada, ela diz:

– Eu volto a você como uma prova da vida infinita. Eu te trago marés de paraíso.



21 de dezembro, meio-dia

Fada Morgana

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Finalmente este é um conto sobre três ilhas. Assim como foi o conto de Lemuel Gulliver. Nossa primeira ilha foi Manhattan. A segunda foi uma ilha de trânsito no interior. A terceira estamos prestes a descobrir.

Após nosso humilhante fracasso no Aeroporto Internacional de Los Angeles, eu acompanhei meu pastor médium para um helicóptero CH-53D Sea Stallion, o *Vento de Gaia*, para um longo passeio de baixa altitude pelo oceano aberto. Considerando o sol da tarde do Pacífico, o cristalino ar de dezembro, é tudo muito emocionante.

Conforme voamos para oeste, o que eu percebo inicialmente é um leve brilho no horizonte. Mesmo em plena luz do dia, na direção errada, um bizarro e prematuro amanhecer parece estar surgindo. Um cintilante brilho azul. Pouco mais de três horas depois de decolar do Aeroporto Internacional de Los Angeles, o *Vento de Gaia* avista uma nova praia. Como Gulliver e Darwin antes de mim, estou vislumbrando uma nova terra estrangeira. Carregados como estamos pelo *vuc-vuc-vuc* da ampla hélice do helicóptero, pairamos próximos desse estranho território impossível de luminosos alpes pontudos. O sol reluz nas vastas planícies. As sombras de nuvens passando mancham a superfície da terra e pináculos de altura impressionante se projetam para cima, na neblina. Isso, essa fantástica paisagem, parece não tanto terra firme quanto picos e massas de chantilly, tudo alargado numa escala massiva e colorindo o branco cristalino de sal de mesa. Não que, como ex-hippies e ex-macrobióticos, meus pais já tenham me exposto ao sal.

Meu inebriado consorte, sr. Crescent City, se inclina à frente, seus olhos amplamente venosos e fixos nessa visão crescente. Sua boca permanece aberta, exagerando sua expressão fácil já não alerta quando ele diz uma única palavra arrebatadora.

– Madlântida!

Ora essa.

Contrário ao velho adágio “compre terras... eles não estão fazendo mais”, imediatamente à nossa frente há uma prova de que as pessoas estão de fato fazendo

terra. Pelo menos Camille e Antonio estão.

Meus pais frequentemente mencionavam um esquema. Foi ambição declarada deles solucionarem muitos dos problemas mais terríveis do mundo com uma única solução dramática. Antes de tudo, em suas mentes, havia o serpenteuoso sargaço de plástico descartado pós-consumo conhecido como o campo de detritos do Pacífico. Em segundo estavam as alterações climáticas globais. Em terceiro estava o definhante hábitat disponível para ursos selvagens da variedade polar, e em quarto, a carga onerosa de impostos que eram compelidos a pagar.

Na verdade, ilustre Tweeter, os impostos ocupavam a maior parte da atenção dos meus pais, mas acompanhe-me por enquanto.

Como solução para todos esses incômodos, Antonio e Camille Spencer propuseram um projeto radical de trabalhos públicos. Mesmo antes do meu falecimento, eles estavam ocupados fazendo *lobby* com líderes mundiais. Como os mestres de fantoches que eram, minha mãe e meu pai estavam moldando a opinião pública em direção ao sonho deles: criar um novo continente – uma vasta balsa flutuante de poliestireno areado e polímeros colados com uma área de superfície que era o dobro do Texas. Nessa locação aproximadamente no meio do Pacífico, em constante movimento, crescendo perpetuamente, havia estado o já mencionado campo de detritos do Pacífico, aquela sopa de sacolas plásticas, garrafas d'água e peças de lego que chegaram longe, e qualquer outra forma flutuante de refugio plástico que foi pega nas circulantes correntes do Giro Pacífico.

Em nome da restauração ecológica, meus pais lideraram um fundo internacional para derreter a massa sempre crescente de plástico, e ao cozinhar esse caldo de isopor, esse lamaçal de celofane picado... simplesmente por derreter parcialmente com injeções de ar superaquecido e introduzir agentes químicos colantes, eles reinventaram esse horror ecológico massudo como uma bela obra branca. Esse país das maravilhas sintético cobre milhões de acres, ergue-se em montanhas resplandescentes e se espalha em morros rolantes onde piscinas de água da chuva formam lagos de água fresca e mares em terra. Essa paisagem de espuma batida flutua, impervia a terremotos, e passa por cima do pior tsunami. Sua maior qualidade é sua brancura pura, uma brancura perolizada... iridescente, imaculada, com uma leve sugestão de prata.

De longe, é um paraíso. Aqui estão as torres barrocas e cúpulas que você pode imaginar entre *cumulus nimbus* quando deita de costas numa campina da Tanzânia durante o recesso da Páscoa. Não que nós celebrássemos a Páscoa. Sim, eu cacei os indispensáveis ovos coloridos, mas meus pais diziam que eles foram escondidos por Barney Frank, que também me fornecia uma cesta anual tamanho grande de doces de alfarroba. Não que minha mãe tenha permitido que a porquinha gordinha aqui comesse de fato essa alfarroba. Não que *alguém* goste de fato de alfarroba.

No cenário dos sonhos de plástico do meu pai, projetando-se altas estão as torres brancas sobre caramanchões de rosas brancas, arcos e contrafortes, pátios e portões claros como açúcar refinado. É o branco que sua língua vê quando você lambe sorvete de baunilha. Ao chegar à costa de Madlântida você pode discernir ravinas brancas e picos. Diante de nós há plástico reconstituído, queimado por rajadas de ar de alta temperatura até parecer polido. Vidrados a uma lisura vitrificada, esses pináculos e morros não estão sujeitos à física geológica. Num cenário de sonhos, uma arcádia de Maxfield Parrish, eles se erguem impossivelmente íngremes, rostos de um marfim brilhante absoluto que apenas se projetam para cima de praias brancas lisas como espelho. Brilhantes como holofotes.

E sim, eu posso ser uma menina morta gorducha engolidora de alfarroba, viciada em sacarose, mas conheço a palavra *arcádia*. Eu também reconheço uma sonegação grosseira de impostos quando vejo uma.

No reverso dos antigos continentes, Madlântida existia como mapa antes de existir como picos e vales. Nesse terreno inchado e branqueado de polilixo, cada morro e fenda foi planejado e modelado por artistas, diagramado em projetos antes de sua criação. Preconcebido. Predestinado. Cada centímetro quadrado predeterminado.

O oposto de uma *tabula rasa*.

Como eles acreditaram na convergência harmônica das plantas e no poder das pirâmides, Camille e Antonio promoveram também esse continente virgem como a Nova Atlântida.

Madlântida.

É duvidoso que você possa voar alto o suficiente para notar, mas o formato geral do continente não é mero acidente da natureza. As extensões das costas e ocasionais baías não são moldadas por sistemas fluviais. Não, do espaço sideral você pode ver como a nova massa de terra tem o formato de uma cabeça humana. O pescoço cortado é orientado para o sul, a coroa da cabeça, para o norte. Esse perfil alabastro branco-leite forma um enorme camafeu cercado pelo azul celeste do Oceano Pacífico. A silhueta brobdingnagiana, seu queixo duplo caído, diminui as ilhas próximas do Japão. Sua nuca gorda preenche o norte da Califórnia, enquanto suas bochechas de esquilo ameaçam bloquear as vias de navegação sobre o Havaí. Não é preciso dizer que o recém-cunhado continente de Madlântida foi esculpido para se parecer exatamente comigo.

Visto do espaço sideral, a Terra agora não lembra nada mais do que uma moeda gigante marcada com minha figura. Essa é a imagem de satélite que eu vi em monitores de satélites e capas de revistas no Aeroporto Internacional de Los Angeles. Aqui está o Céu de plástico branco na Terra nomeado em minha honra.

Um mar redondo cercado de terra serve como meu olho. Na costa oposta, incoerentes geleiras de plástico sugerem as mechas de meu cabelo desgrenhado. E

apesar do fato de que meu todo não é particularmente lisonjeiro, é minucioso. Sou eu numa escala gigantesca. Se você perguntar à minha mãe, ela vai lhe dizer que é apenas *levemente maior* do que o tamanho real. Meus pais enlutados diriam que eles conceberam esse experimento inesperado em plástico reciclado como um tributo atordoante à minha memória. Para financiar seu empreendimento com o dinheiro público que eles extraviaram de cada governo no mundo, meu pai prometeu que iria servir para conter todos os detritos de derivados de petróleo da humanidade. Sua brancura iria refletir o calor solar para longe do planeta e contrabalançar a mudança climática. Por flutuar, o continente podia ser até rebocado para o norte, para servir como uma subsidiada habitação para ursos polares desalojados. Políticos voaram para apoiar o empreendimento.

Na verdade, agora que está completo, o sr. Ketamina informa que o punhado de residentes físicos da terra já está na corte internacional brigando por sua independência como uma nação soberana. Não é coincidência que esses zelotas patrióticos – conhecidos como “madlantianos” e buscando liberdade de seus opressores colonialistas – também sejam as pessoas mais ricas do mundo, e sobre a recém-escrita Constituição de Madlântida, nenhum deles estará sujeito a taxas em seus sublimes rendimentos. Nem seus bens herdados serão taxados. Além disso, esse pequeno quadro de residentes será nomeado de embaixadores de sua nação de plástico e, portanto, receberão a liberdade da imunidade diplomática em todas as suas passagens internacionais. Isso, ilustre Tweeter, é o nobre sonho dos meus pais: dinheiro e liberdade infinitos. Cada grande corporação do mundo está lutando para relocar seus quartéis gerais aqui.

Mas agora nós cruzamos o espaço aéreo madlantiano. Estamos pairando sobre topos de montanhas de plástico. Estamos querendo por vales de plástico branco. À frente há um ponto de não brancura. Localizado aproximadamente no centro do meu vasto perfil global de menina gorda há um navio. Enfiado lá, num poço espiralado que sugere a abertura do meu canal auditivo, o buraco da minha orelha – de acordo com os cristãos ortodoxos, o orifício através do qual o Espírito Santo emprenhou a virgem –, trancado nesse deserto tão efetivamente quanto qualquer embarcação exploradora esmagada por um gelo avançando – ou como Satã preso no lago gelado de Dante –, está o megaiate de meus pais, o *Cruzador de Pangeia*.



21 de dezembro, 12:15

Em casa com Camille Spencer

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Não imagine por um momento que painéis solares e ondas de energia abasteçam qualquer porção desse tempestuoso helicóptero, e, aproximadamente um milhão de galões de suco de dinossauro depois, nós pousamos sobre o *Cruzador de Pangeia*. Ah, o imperial *palais* sobre o mar que é o *Cruzador*... Apesar do fato de que a embarcação é literalmente uma estação espacial oceânica, pintada num resplandescente branco ártico e apenas levemente menor do que Long Island, o salão central do *Cruzador* foi decorado para simular o interior de um típico barraco de favela encontrado entre as megalópoles do Terceiro Mundo. Não fosse pelo fato de estarmos balançando suavemente, rolando sobre as ondas do Pacífico, o interior do iate poderia ser localizado nas margens primitivas de Soweto ou do Rio de Janeiro.

Através da mágica de fibra de vidro e pintura *trompe l'oeil*, uma parte grande do salão parece ser uma parede de concreto esmigalhado infundida de asbestos. Para isso, os maiores grafiteiros do mundo aplicaram manualmente camada após camada de marcas de gangue usando tinta spray com base falsa de chumbo. A impressão geral é de ameaça, uma unidade política solidária com as violentas massas do mundo, não diferente do sórdido interior de um banheiro público masculino situado no meio de uma rodovia densamente percorrida no entediante interior do estado.

Em resposta a leonardsabe-tudohades, sim, isso parece uma descrição exagerada do cenário, mas por favor me acompanhe. Estamos nos aproximando de um episódio pungente, a filha pródiga retornando ao seio semiprotetor de sua mãe. Assim, eu foco no cenário apenas porque não estou preparada para a profundidade de emoções que estou prestes a sofrer.

Finalmente o do rabo de cavalo balançante não limpo, sr. Crescent City, se apresenta diante da minha mãe no espaçoso salão principal do iate. Sem ser vista, eu o acompanho para essa audiência.

Quando posto isso, minha mãe agarra um copo alto de xarope para tosse sabor cereja misturado a uma mesma parte de rum escuro, enfeitado com uma fatia de abacaxi fresco orgânico e três cerejas ao marasquino espetadas no cabo de pau de

balsa de um guarda-sol feito de papel de salário-mínimo, enfeitado por mãos escuras capacitadas pelo microfinanciamento do Primeiro Mundo.

Para alguém que protesta contra a degradação ambiental, é irônico que minha mãe seja sempre, ela mesma, tão poluída. Não ajuda que eu esteja sentada ao lado dela. Meu fantasma está próximo o suficiente para dividir com ela uma legenda de foto na revista *People*, mas ela ainda permanece completamente sem me ver.

Sentada diretamente na linha visual da minha mãe, eu estalo meus dedos-fantasma. Cutuco meu nariz-fantasma e mordo minhas unhas-fantasma sempre esperando que ela só esteja fingindo não me ver; ela só está me ignorando e sua atenção vai oscilar para a minha direção a qualquer momento, e ela vai gritar:

– Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer, PARE COM ISSO!

Porém, bêbada ou sóbria, lá está: Camille Spencer esparramada em seu divã, um drinque em sua mão, um tabloide em seu colo. Na voz maravilhosamente impostada que ela geralmente usa para as empregadas somalianas e o Dalai Lama, ela questiona seu caçador de recompensas médium:

– Sr. City, pode honestamente dizer que você encontrou o espírito de Madison?

Sua voz soa como uma armadilha. Como uma cobra pronta a dar o bote.

Do sr. K, debaixo de seu sujo bigode denso cor de lábio vêm as palavras:

– Madame, eu encontrei sua filha.

Nos olhos da minha mãe há a dor queimante que sua língua vê quando você morde uma fatia de pizza *quattro stagioni* assada vigorosamente demais no micro-ondas.

– Tem provas, sr. City? – ela pergunta.

– Há muito tempo – diz o sr. K –, você comeu merda de gato, e sua mãe tirou uma lombriga longa como um espaguete da sua bunda.

Minha mãe engasga na bebida. Tossindo grenadina vermelho-sangue contra as costas da mão, tossindo como sua própria mãe, minha vovó, tossia, ela consegue grasnar:

– Minha mãe morta te contou isso?

Não, Crescent balança a cabeça.

– Sua filha me contou; eu juro.

– E meu pai assassinado? – ela pergunta, sufocando a tosse com outro gole. – Acredito que você o encontrou também?

Crescent assente.

– Falou com ele?

Ora essa. Meu acompanhante demente pelas drogas está prestes a me expor como uma moedora de pipi em pânico num toalete público.

Novamente, Crescent City assente. Quando ele se inclina à frente, as velas do cômodo iluminam por baixo do seu rosto selvagem, como luzes de base num palco,

o brilho dourando suas rugas e os pelos em seu queixo.

– Seu pai, sr. Benjamin, ele me disse que não foi assassinado.

– Então, sr. City – retruca minha mãe – você é um charlatão!

Não foi assassinado?

– Você, sr. City! – grita minha mãe. Fazendo um largo gesto com o braço, ela aponta um dedo, e esse amplo gesto teatral despeja a revista tabloide do seu colo.

– Você é uma fraude! – A revista voa na curta distância até o chão, onde fica com a capa para cima. – Porque minha filha *não* está morta! Meu pai foi assassinado por um psicopata! E minha filha está *viva*!

Ela ficou louca. Eu não sou nem viva nem psicopata.

No chão aos nossos pés, a manchete do tabloide diz:

– Maddy Spencer ressuscitada. – Impressa numa fonte apenas levemente menor, um subtítulo trompeteia: – E ela perdeu 30 quilos!

– Você não precisa acreditar em nada – diz o sr. K, e ele afunda uma mão no grosseiro abscesso de brim de um bolso de calça. Tira a ampola de um familiar pó branco e diz: – Posso *mostrar* a você. – Ele estende a ampola em direção a ela e diz: – Vá em frente, Sagrada Mãe Camille. Fale com Madison você mesma.



21 de dezembro, 12:18

Camille torna-se uma turista no além-vida

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

No salão do navio, minha mãe aceita a ampola de ketamina oferecida pelo sr. Crescent City e enfia uma unha esmaltada bem fundo no pó branco. Ela repete isso uma, duas, três vezes, inalando em cada narina com uma fungada tão violenta que sua cabeça de cabelo arrumado chicoteia para trás em seu pescoço de cisne. Só quando a unha dela não pode mais encontrar o caminho na ampola, Camille Spencer cai de lado em seu divã, e o subir e descer de seus seios mundialmente renomados se torna lento demais para ser discernível.

Para que ela não deslize de seu controle quimicamente abrandado, o sr. City rapidamente resgata a ampola com seus preciosos conteúdos restantes. Ele pergunta:

– Suprema Mãe Sagrada Spencer?

O familiar espetáculo começa com um ponto de luz azul crescendo no centro do peito dela. O azul vai ficando mais claro, brilhando para cima antes de crescer como um caule, espiralando, retorcendo-se quase até o teto. No seu ápice, a videira azul se incha num botão. Esse botão toma a forma de um corpo, vago e delineado. A cor é o azul que sua pele vê quando você desliza entre lençóis Pratesi passados e engomados de mil e seiscentos fios. É o azul que sua língua vê quando você come menta.

Finalmente os traços de um rosto azul aparecem, as largas maçãs do rosto de minha mãe afunilando seu delicado queixo. Seus olhos vêm descansar em mim, na visão de meu fantasma sentado ao lado dela, e sua boca desabrocha, sua voz como um perfume. É esse, esse elegante espírito que diz:

– Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer, pare de roer as unhas!

Oh, ilustre Tweeter, sucesso finalmente. Eu irrito, logo existo.

Após cuidar de sua dose de Special K, o sr. City coloca gentilmente dois dedos contra a lateral do pescoço frouxo de minha mãe, verificando um pulso. Ele coloca uma mão em sua testa e ergue uma sobrançelha, manchando seu dedão com sombra de olho cor de cobre enquanto se certifica de que a pupila dela dilata lentamente.

Olhando para ele, o espírito azul de minha mãe observa saudosamente:

– Maddy nunca entendeu por que eu tomava tantas drogas.

Não mais roendo as unhas, eu digo:

– Sou eu. Estou aqui.

– Você é apenas uma triste projeção da minha mente intoxicada – ela insiste.

– Sou a Madison.

A assombração azul pairante, cintilante, balança sua cabeça.

– Não – ela diz. – Eu viajei o suficiente em LSD para reconhecer uma alucinação.

– Ela sorri lenta e lindamente como um nascer do sol tropical. – Você não é nada além de um sonho – sua voz desdenhosa. – Você é uma mera projeção de minha consciência culpada.

Eu sou um traço da imaginação dela, ela alega.

O espírito de minha mãe suspira.

– Você está exatamente da forma que Leonard me disse que apareceria.

Você pode apreciar minha frustração, ilustre Tweeter. O Diabo clama que sou sua invenção. O mesmo com Deus. Se podemos acreditar em Babette, sou parte de uma grande conspiração criada por meus ditos amigos do Inferno. Agora minha mãe me despreza como nada além de sua visão induzida pelas drogas. Em que momento eu me torno minha própria criação?

Flutuando, nadando ao redor do teto, ela explica que, desde menina, quando apanhava ervas e batia em tapetes naquela fazenda do norte do estado, um operador de telemarketing ligava para ela para contar sobre o futuro. No começo, ela achou que ele era louco. Sua voz nasalada e esganiçada, como um adolescente. Pior, ele alegou prontamente ter mais de dois mil anos, e que havia sido um padre na antiga cidade egípcia de Sais. Ele era jovem e tolo, ela resumiu, ou era claramente um lunático.

Sorrindo com a lembrança, ela disse:

– Na primeira vez que ele ligou, Leonard fazia uma pesquisa de marketing sobre hábitos de audiência de televisão a cabo... Você conhece sua avó. Ela nunca nos deixou ter TV a cabo, mas eu menti e disse que tínhamos. Você *sabe* o quão solitária pode ser a vida na fazenda. Leonard perguntou se podia me ligar de novo no dia seguinte.

Esse estranho ao telefone sabia detalhes sobre minha mãe que ninguém mais sabia. E, desde cedo, ele disse a ela para comprar um bilhete de loteria. Ele disse quais números escolher, e quando ela ganhou, ele disse aonde ir para tirar fotografias, e disse exatamente para onde enviar essas fotos: para qual produtor de cinema. Esse cara, Leonard, ele a tornou famosa. Ele lhe disse como ela conheceria seu futuro marido. Todo dia ele telefonava com mais boas notícias sobre o futuro da minha mãe. O bilhete de loteria ganhou. O produtor a escalou para um filme antes de ela

fazer dezessete anos, e quando meu vovozinho se recusou a deixá-la trabalhar, Leonard ligou e explicou como se tornar uma menor legalmente emancipada.

Esse anjo da guarda lhe dizia para reunir flores e colocá-las entre as páginas de um livro. Em honra a seu pai, Leonard disse, caso ela nunca mais o visse.

– Sua vovó parecia entender – minha mãe-fantasma explica. – Ela comprou o bilhete de loteria para mim. Ela me disse que um agente de pesquisa por telefone similar ligava para ela desde que ela era menina.

Patterson, ele disse que se chamava. Isso havia sido décadas antes. Finalmente, Patterson lhe contou a data exata em que ela teria uma menina, e pediu-lhe para dar a ela o nome de Camille.

Minha mãe deixou a fazenda no norte e nunca mais olhou para trás.

Em resumo, parecia que os operadores de telemarketing andaram conduzindo o destino da minha família por pelo menos três gerações.

Sob a improvável tutela desse estranho sem rosto, a carreira de minha mãe no cinema ascendeu como um foguete. Como ditado por Leonard, ela conheceu e se casou com meu pai, e com o conselho de Leonard, seus investimentos viraram uma bola de neve. Para onde quer que seus projetos espaçados os levassem, em Bilbao, Berlim ou Brisbane, Leonard sempre sabia para onde ligar. Ele ligava todo dia com novas ordens, e eles passaram a confiar implicitamente nele. Antes de fazerem vinte e cinco anos, eles já eram o casal mais rico, adorado e celebrado do mundo.

Após anos conduzindo meus pais à riqueza e fama, um dia Leonard chamou minha mãe em Estocolmo, Santiago ou San Diego, para prever a data e a hora em que eu nasceria.

– Ele sussurrou no meu ouvido – jura minha mãe-fantasma oscilante. – Ele sussurrou simplesmente a *ideia* de você.

E, ao fazer isso, eu fui concebida.

Na beleza de seu semblante irradiando para mim, seus olhos-fantasma cheios de lágrimas profundas, ela diz:

– Ele me pediu para chamá-la de Madison. Estávamos em êxtase. Ele me disse que você seria uma grande guerreira. Você derrotaria o mal numa terrível batalha. Mas, então, Leonard foi longe demais...

A cada momento, ela me conta, minha vida ocorreu exatamente da forma como Leonard previu que aconteceria.

– Então ele nos contou exatamente quando e como você morreria.

Em algum nível, ela reflete, todas as mães sabem que seus filhos vão sofrer e morrer; é a maldição horrível e impronunciável de dar à luz. Mas saber o local e o tempo exato da morte de seu filho é demais para suportar.

– Eu sabia que era destinada a ser mãe de uma criança assassinada. Todos os meus papéis no cinema foram um ensaio para aquela noite...

Camille Spencer. Camille Spencer. Ligue a televisão a cabo a qualquer hora de qualquer dia, e lá está ela: a freira há muito sofredora que traz o remorso de assassinos em série no leito de morte. A estoica garçonete mãe solteira cujo filho adolescente leva um tiro e morre em disputa de gangues. A Grande Sábia Mulher Sobrevivente. A Radical Veterana do Vietnã com Todas as Respostas.

Alheio ao fantasma dela, o sr. Crescent City se dirige ao salão todo, perguntando:

– Você vê o anjo Madison? Vê que não sou um mentiroso?

Foi saber como eu morreria que abrandou o amor deles por mim. Minha mãe fecha os olhos e diz:

– Sabíamos das agonias que você sofreria, então a mantivemos ao alcance das mãos. Eu não podia suportar testemunhar a dor que você seria forçada a passar, assim usamos a crítica para evitar que a amássemos demais. Ao nos fixar em seus defeitos tentamos salvar nós mesmos do peso completo de seu derradeiro assassinato.

E bebendo e se entupindo de pílulas.

– Por que acha que seu pai e eu tomamos tantas drogas? De que outra forma alguém poderia viver com a certeza da iminente morte da filha?

Sorrindo melancolicamente, ela sussurra:

– Lembra de como foi terrível quando seu gatinho morreu? – A respiração dela se entrecorta, e ela fecha os olhos-fantasma por um momento. Ela endireita a postura. – Foi por isso que não podíamos contar a você que Tigrado estava condenado.

Leonard lhes contou que eu inventaria anotações libidinosas no diário inspiradas nos meus bichinhos de pelúcia. Eles me mandaram para o colégio interno... para o acampamento ecológico... para o interior porque era agonizante demais me ver todo dia sabendo o que eles sabiam.

– Eu até menti sobre sua idade – diz minha mãe. – Eu contei ao mundo que você tinha oito anos de idade porque Leonard sempre previu que você morreria na noite de seu aniversário de treze anos.

Um operador de telemarketing deu a ela conhecimento prévio completo sobre toda a minha vida truncada.

Na noite em que minha mãe subiu ao palco do Oscar e me desejou feliz aniversário, ela sabia que eu estava respirando pela última vez. Quando sua imagem na televisão se elevava sobre mim na tela de alta definição de uma suíte de hotel em Beverly Hills, dizendo:

– Seu pai e eu a amamos muito, muito... – ela estava completamente ciente de que eu estava sendo esganada. Enquanto ela me desejava “boa noite e durma bem, meu precioso amor”, minha mãe já sabia que eu estava morrendo.



21 de dezembro, 12:25

Camille desencarnada

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Você viu minha mãe interpretar essa cena tantas vezes: uma heroína dramática proferindo um monólogo expositor que fornece a história por trás de alguma crise da trama atual. Você a testemunhou neste papel com tanta frequência que é difícil separar ficção dessa nova realidade, mas a cena nunca foi interpretada com tanto surrealismo. A cintilante aparição azul dela paira no salão do *Cruzador de Pangeia*. Suas palavras... nesse novo papel, a voz da minha mãe não é de um personagem. É medida e franca, a voz contida de um narrador num documentário.

Com seu azul voando ao céu, ela diz:

– Todas as doutrinas religiosas preexistentes devem ser feitas para parecerem ridículas, ultrapassadas, opressivas ou odiosas. Foi a missão que Leonard decretou.

Para dar espaço a uma nova religião no mundo, Leonard declarou que todas as religiões deveriam ser desacreditadas. Tudo considerado sagrado e abençoado tinha de ser reduzido a uma piada. Ninguém podia ser autorizado a discutir o bem ou o mal sem soar um tolo, e a menção a Deus e ao Diabo deveria ser recebida com um revirar de olhos universal. Mais importante, Leonard insistiu, pessoas inteligentes devem ser incutidas a se sentirem envergonhadas da necessidade de um poder maior. Elas devem estar famintas por uma vida espiritual até aceitarem avidamente qualquer uma que lhes seja oferecida.

Desde a infância de minha mãe no interior, todas as promessas de Leonard se tornaram verdadeiras. A única razão pela qual ela me deixou ser morta é porque ele prometeu que eu voltaria para minha família numa felicidade ainda maior. Leonard há muito prometeu que eu ligaria do além e ditaria as regras para uma nova religião mundial. Ele comandou meus pais a reunirem o lixo dos mares e construir um santuário na Terra. Aqui, no seu maior pico, eles iriam construir um templo. Eles iriam sustentar as doutrinas decretadas por sua filha morta, e, só quando eles tivessem feito isso e o mundo fosse varrido por uma nova fé, só então a filha deles voltaria de seu túmulo para conduzir todas as pessoas para o verdadeiro reino do paraíso.

– Completamos o que Nietzsche iniciou – diz minha flutuante mãe. – Deus teria de ser completamente assassinado antes que o pudéssemos ressuscitar.

Leonard pregou que a humanidade sempre iria ansiar por um sistema organizado de crenças religiosas, mas como uma criança assustada insegura, as pessoas iriam esconder essa necessidade por trás de uma máscara de sarcasmo e afastamento irônico. Cada pessoa, ele alegava, iria ficar cansada de agir como entidade dele ou dela. Eles iriam querer pertencer a algo maior, a um tipo de família que os aceitasse, apesar do pior comportamento. Essa família seria os rudistas.

Rudismo, como Leonard planejou, seria uma irmandade que aceitava e celebrava os piores aspectos de seus aderentes. Até os detalhes que eles próprios desprezavam – seus preconceitos secretos, odores corporais, suas grosserias porcas.

Cativante é minha mãe, a derradeira contadora de histórias.

– Através do rudismo – ela explica – Leonard nos ensina que a salvação se baseia em tornar sua vida um ato constante de perdão.

Não importa o que os outros digam ou façam, você nunca deve se ofender. De acordo com as doutrinas do rudismo, o maior pecado é reprovar os outros, e os humanos recebem a vida na Terra para que possamos testar uns aos outros com pequenos e grandes deslizos. Qualquer um pode cuspir, xingar ou peidar, mas ninguém vai aceitar esse ato como uma afronta pessoal.

Cada observação indelicada ou gesto rude dos outros é uma bênção, uma oportunidade de exercitarmos nossa própria capacidade de perdoar.

– Em teoria, soa vil – diz minha mãe –, mas realmente é bem simples e adorável na prática.

Desde suas primeiras conversas ao telefone, Leonard descreveu a filha de Camille como uma Perséfone moderna.

Enquanto o espírito de minha mãe voa pelo quarto, descrevendo seu estranho cenário – todo o destino da humanidade veladamente arquitetado por telemarqueteiros mortos –, o sr. City vira sua ampola de ketamina. Ele deposita uma pequena pilha de branco em sua unha e funga num fôlego só. Funga outra.

Para tocar os corações de todos no mundo, a criança que morreria terrivelmente e retornaria à vida teria de ser famosa. Como um Abraão mordenado chamado a sacrificar seu filho, Isaac, os pais da criança precisariam capturar os olhos e ouvidos da mídia mundial. Para esse sublime propósito, Leonard tornou Camille e Antonio Spencer grandes modelos globais. Toda a humanidade conheceria sua filha e ficaria de luto por sua morte prematura. O mundo iria abraçar o desdém de meus pais por religiões organizadas, e o mundo, subsequentemente, iria se converter em massa quando meus pais tornassem públicas suas provas de uma vida além da morte.

Assim como eles se arrebanharam em soja e maconha, as pessoas iriam acabar se arrebanhando no rudismo.

É por isso, ilustre Tweeter, que os retratos de ultrassom do meu feto foram publicados em jornais e revistas do mundo todo, meses antes de eu nascer. O vídeo do meu parto passou em horário nobre na televisão e ganhou um Emmy. Aquela recém-nascida berrante gosmenta de mim mesma foi conhecida por bilhões de expectadores. Assim como meu gatinho, Tigrado, mostrado numa miríade de capas de revistas. A cada aniversário, o planeta todo me viu crescer de bebê a criança até minha meninice reconchuda.

O planeta inteiro assistiu ao meu funeral. Reis e presidentes carregaram meu caixão biodegradável.

Por razões óbvias, a pessoa que me matasse teria de ser um vilipendiado Judas. Meus pais pesquisaram bastante. Eles adotaram o mais básico dos vilões e jovens assassinos na esperança de que um fosse meu executor. Foi só quando eles testaram Goran, o grosseiro Goran, que eles souberam que haviam encontrado seu vilão. Não, o que aconteceu no EPCOT não foi um acidente, mas sim um experimento cuidadosamente coreografado. Quando deram a Goran uma faca e desfilaram um inocente e adorável pônei diante dele... foi quando ele cortou a garganta do pônei sem hesitar que minha mãe e meu pai souberam que eles haviam encontrado aquele que iria entrar no jogo e acabar com a minha vida.



21 de dezembro, 12:31

O que faz uma família

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Em Atenas, Aspen ou Adelaide, meus pais e eu sempre formávamos uma família. Sempre que estávamos juntos, nosso amor estava intacto. Não éramos como famílias normais que vivem presas a um terreno de composto mofado, cultivando batatas e tosqueando lã. Tínhamos tantas casas em Dublin, Durban e Dubai que nenhuma delas parecia nossa casa. Não éramos como esses tendilhões geneticamente isolados que o sr. Darwin encontrou em Galápagos. Não, éramos mais como as tribos perdidas vagando pelas páginas de uma Bíblia. Em Vancouver, Las Vegas ou Van Nuys, tudo o que tínhamos de estável e consistente era uns aos outros.

Por anos, meus defeitos foram a cola que mantinha meus pais unidos. Minha gordura, meu silencioso apetite por livros, meu comportamento misantrópico, foram esses defeitos que eles buscavam corrigir. E quando eu parecia me jogar em Jesus Cristo, bem, nada poderia cimentar sua ligação conjugal mais efetivamente. Por favor, perdoe-me por me gabar, mas por anos eu fui um gênio em manter minha mãe e meu pai unidos enquanto os pais das minhas colegas do colégio interno estavam constantemente se casando e divorciando de novos parceiros. Em Miami, Milão e Miosola, enquanto nossos arredores mudavam constantemente, nós tínhamos uns aos outros.

Isto é, até agora. Motivo pelo qual Deus ergueu tal parede corta-fogo entre os vivos e os mortos: porque os pré-mortos sempre *distorcem* o que quer que os pós-vivos lhes contem. Jesus, Maomé ou Sidarta, sempre que qualquer pessoa morta volta para oferecer algum conselho banal, os receptores vivos interpretam errado cada palavra. Acontecem guerras. Queima de bruxas. Por exemplo, quando Bernadette Soubirous entrou na água em Lourdes no ano 1858, a Virgem Maria se materializou apenas para dizer:

– Ei, não brinque aqui, criança. É um depósito sujo de lixo hospitalar.

Pior ainda, em 1917, quando ela apareceu para pobres crianças pastoras portuguesas em Fátima, Maria só estava tentando lhes dar o número de um bilhete de loteria premiado. Falem em boas intenções! Aqui uma solícita senhora morta estava

tentando simplesmente dar uma mão a eles, e aqueles pivetes pré-mortos Control + Alt + Exageraram.

Em suma, os pré-mortos entendem tudo errado. Mas, neste ponto da história, você mal pode culpá-los por serem tão espiritualmente famintos que eles engolem qualquer coisa. Sim, ilustre Tweeter, podemos ter vacinas contra pólio e pipoca de micro-ondas, mas o humanismo secular só cobre os bons tempos. Ninguém numa trincheira nunca rezou para Ted Kennedy. Ninguém no leito de morte aperta as mãos num choroso desespero e pede o auxílio de Hillary Clinton. Meus parentes estavam numa posição de converter. Eu lhes dei alguns conselhos equivocados e agora a manchete: “Camille pede divórcio!”.

Falhei na minha eterna missão de mantê-los juntos.



21 de dezembro, 12:35

Camille em negação

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

– Quem é Persef...? – Eu pergunto à minha mãe.

– Perséfone – diz ela.

Se Leonard deve ser acreditado, Perséfone era uma garota tão extraordinária que um bruto chamado Hades só teve de olhar para ela para ficar loucamente apaixonado. Ela morava com seus amorosos pais na Terra, mas Hades a seduziu e fugiu com ela para seu reino no submundo. Em sua ausência, o mundo esfriou. Sem sua graça presente, as árvores perderam as folhas e as flores murcharam. Neve caiu. Água virou gelo, e os dias se tornaram mais curtos enquanto as noites se estenderam.

Com seu novo marido, Perséfone ficou feliz por um período. Em seu novo submundo ela fez amigos e aprendeu os costumes. Ela se tornou favorita entre seus pares como havia sido na Terra. Hades a amava tanto quanto seus pais a haviam amado, mas finalmente ela quis visitá-los. Após meio ano, Hades cedeu. Tal era seu amor que havia pouca coisa que ele negaria à sua esposa. Só quando ela jurou voltar para ele no submundo foi que Hades permitiu que ela partisse.

Ao voltar para a Terra, a neve cobrindo sua antiga casa derreteu. Árvores floresceram e trouxeram frutos, e os dias se alongaram tanto que as noites entre eles quase se foram. Os pais de Perséfone ficaram eufóricos em vê-la, e por meio ano os três viveram juntos como haviam feito antes do casamento.

De acordo com Leonard, quando seis meses se passaram, Perséfone deu adeus a seus pais e voltou para seu marido, Hades. A Terra dormiu em sua ausência. Quando meio ano passou novamente, ela voltou para trazer o verão.

– É isso? – eu pergunto. – Ela nunca vai à faculdade ou arruma um emprego nem nada? Só fica indo e voltando entre a casa dos pais e do marido?

Com um sorriso triste, tão fraco que suspeito que os efeitos do Botox se estendem no além, minha mãe diz:

– Minha filha é Perséfone...

Minha própria resposta para o discurso dela é complicada. Não poderia aceitar tal

proposta de Satã, mas vindo da minha mãe é mais palatável. Não é tão abertamente lisonjeiro: o conceito de que nasci e fui criada e moldada como um cordeiro para algum sacrifício ritualístico. Meus pais permaneceram distantes de mim porque sabiam que minha vida terminaria tão tragicamente. Eles até escolheram meu assassino e me abandonaram para sua agressão mortal.

Talvez isso explique minha preocupação carnal com o grosseiro Goran. Não somos todos seduzidos pela forma do nosso futuro falecimento?

Não é desprovida de sedução a possibilidade de que nasci já condenada e que todo mundo que eu amava sabia mais sobre mim do que eu mesma. Se é esse o caso, estou absolvida de ter feito qualquer mal. Sou uma inútil e ignorante, mas sou inocente.

O que irrita é a imagem de Leonard, o titereiro, um calculista desajustado telefonando para minha mãe e a alopando. Leonard, sentado em seu console de telemarketing, usando seu fone no Inferno, ditando sua filosofia para minha impressionável mãe de onze anos de idade... a imagem me incita a dizer:

– Eu o conheço. Conheço Leonard. – Eu digo. – Ele entende de livros, mas não sabe de nada.

O espírito de minha mãe parece Control + Alt + Chocado. Eu digo:

– Ele te enganou. Leonard comprou sua confiança com números premiados de loteria e dicas internas da bolsa de valores só para você me deixar ser morta. – As palavras escorrem, infreáveis. – Leonard é um mentiroso, mãe! O rudismo é um grande erro!

Eu avanço para confortá-la. Meus braços se escancaram para um abraço protetor, e eu digo:

– Vai ficar tudo bem. Você era apenas uma garotinha idiota de onze anos. Eu *sei* como é...

O golpe acerta minha bochecha-fantasma. Sim, canadenseAIDSemily, um fantasma pode bater em outro fantasma. E aparentemente uma mãe-fantasma pode bater no fantasma de sua própria filhinha gorducha. E mais: dói.

Ainda assim, o fantasma da minha mãe já está desaparecendo. Seu corpo jogado no divã, o peito treme. Cor surge em suas bochechas. A mão-fantasma que me bateu já quase desapareceu. Talvez seja só a ideia do tapa que doa.

– Você é uma mentirosa! – grita minha mãe azul desaparecendo. – Você é uma alucinação!

Não é a reação das mais sensíveis, mas eu digo:

– Não seja idiota. – Eu digo. – Você está conduzindo o mundo inteiro para o Inferno.

O que resta do fantasma é invisível. Apenas as palavras dela pairam no ar do salão, quase inaudíveis quando ela diz:

– Quem quer que você seja, você não é minha filha. Você é um *pesadelo*, perverso e acima do peso. Minha filha verdadeira é bonita e perfeita, e neste dia mesmo ela voltou para trazer luz eterna para toda a humanidade.



21 de dezembro, 12:41

Outro amado em perigo!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

– Então por que Jesus? – pergunta o fantasma azul luminoso do sr. K. – Por que você ficou caidinha por Jesus?

Com meus dedos passeando pelas teclas do meu smartphone, eu dou de ombros. Nessa época eu estava no auge da puberdade. Eu tinha onze anos com uma menarca vindo a mim como uma ambulância acelerada para coleta de sangue. Digo: minha primeira menstruação. Digo: *menarca* não é alguma citação do Antigo Testamento. Qualquer manhã eu esperava acordar com uma grande carga de glândulas mamárias presa ao meu peito. Tufos de pelos começariam a brotar em todos os meus lugares secretos e eu me tornaria um zumbi hormonal. Vi seguidamente isso acontecer no meu colégio suíço. Um dia as meninas eram corajosas super-heroínas espertas de peito liso, no dia seguinte eram umas afetadas Tchutchucas da Silva.

– Então por que Jesus? – pergunta o fantasma do sr. Ketamina. Somos dois fantasmas sentados no salão principal do megaiate, vigiando minha mãe capotada. O azul do espírito do sr. K combina exatamente com o que minha língua vê quando eu como gelo picado. Não que eu esteja comendo qualquer coisa, não mais. Não que eu esteja perdendo peso também.

Continuando a teclar, eu explico que meus pais são pouco mais do que seus apetites físicos, suas drogas recreativas e sexo casual. São apenas estômagos carnavais famintos sempre consumindo. Ao namorar Jesus, eu queria contornar todo o sangue, cuspe e esperma que pairava no meu futuro imediato.

CanadenseAIDSemily, obrigada pelo alerta. Lendo seu texto mais recente eu digo:

– Afe! Cruzes!

O fantasma azul do sr. K diz:

– O que há de errado?

– É meu gato – digo. – É o Tigrado.

CanadenseAIDSemily me diz que Satã está fuxicando ao redor do Inferno, perguntando para todo mundo se eles já viram um gato listrado de laranja. Ele ofereceu uma recompensa em barras de chocolate Mars tamanho grande para quem

quer que capture Tigrado e entregue a ele, sem dúvida para Satã usá-lo como refém contra mim.

Sim, ilustre Tweeter, tentei uma vez jogar o Tigre descarga abaixo no Beverly Wilshire, mas foi só depois que ele já estava morto. E é diferente, porque eu o amava.

O sr. City olha para seu corpo terreno, jogado lá no chão. Seu escabroso rosto marcado. Seu nariz e orelhas destroçados.

– Queria estar morto.

– Não, não queria – eu digo.

– Morto e rico – ele diz.

Até seu fantasma tem dentes tortos, uns sobre os outros em alguns lugares, faltando em outros, dentes como as ruínas de Stonehenge, e aproximadamente das mesmas cores de líquen.

Eu mando uma mensagem de texto, perguntando se alguém viu Tigrado e se alguém o está escondendo. Isso pode soar como um caso de prioridades equivocadas, mas estou menos preocupada com Satã pousando suas luvinhas sobre meus pais do que com ele esfolando a linda pelagem do meu gatinho de estimação. Só a ideia me deixa Control + Alt + Maluca.

– Quero estar morto e no Céu – diz o fantasma do sr. K – e fazendo amor com Sahara. Já te falei sobre Sahara? – A ketamina deve estar passando, porque o fantasma azul-claro do sr. K já está desaparecendo.

De acordo com canadenseAIDSemily, Satã soltou meus prisioneiros do Pântano de Abortos de Nascimento Parcial. Hitler, Idi Amin, Elizabeth Bathory, estão todos livres para aterrorizar os ocupantes do Inferno mais uma vez. Calígula, Vlad, o Empalador, e Rin Tin Tin, todos têm ordens especiais de procurar um gatinho laranja em especial.

Acima posso ouvir as hélices de propulsão fatiando o ar do Pacífico. É o som inconfundível do *Vento de Gaia* pousando no convés acima de nós. Sem afastar o olhar da tela do meu smartphone, eu pauso. Sem fazer contato com o fantasma do sr. K, tentando soar Control + Alt + Indiferente, eu pergunto:

– Você e meu papai conversam... sobre mim?

A silhueta azul oscilante do sr. K, que mal está lá, assente.



21 de dezembro, 12:47

Satã telefona para fisgar nossa heroína

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

A bordo do *Cruzador de Pangeia*, meu smartphone emprestado começa a tocar “Barbie Girl”, e na tela do aparelho aparece o nome de quem liga como “Seu Autor”. Eu cuidadosamente coloco o telefone no meu ouvido-fantasma.

– ... Madison sabia que ela não seria capaz de esconder sua verdadeira natureza por muito mais tempo – uma voz diz. Uma voz gutural e robusta diz: – Logo Maddy teria de abraçar o fato de que ela personificava o caos, e que sua razão de ser era trazer mistério e conflito para todos cuja vida ela tocava!

É Satã. É claro que é Satã. Ilustre Tweeter, o lorde sombrio alega ter criado a história da minha vida – ter me escrito em existência, se quiser – e insiste que eu não sou mais real do que Jane Eyre ou Huckleberry Finn. Periodicamente ele me telefona para ler trechos de seu suposto romance como prova de que ele ditou cada pensamento contínuo meu e cada ação. Na versão do Diabo da minha vida, cada sentença termina com um ponto de exclamação audível. Pelo menos uma. Quem dera eu compartilhasse do entusiasmo de Satã sobre mim.

– Madison – ele continua lendo – já seduziu multidões de almas para o fosso em chamas! – A voz no telefone diz. – E Madison sabia que, se ela não lutasse para completar sua missão infernal de danação, logo os cães do inferno iriam localizar seu indefeso gatinho e utilizá-lo para conduzir testes de toxicidade para a pele de um novo spray de higiene feminina!

Em seu divã, minha inconsciente mãe se remexe, gemendo suavemente. Gradualmente, o ruído das lâminas do helicóptero começa a diminuir. Pegadas ecoam pelo heliponto acima, estrondando o convés que é o teto deste salão. Cada passo traz uma terrível revelação de um momento mais próximo.

– ... Madison sabia que agora mesmo seu vovozinho Ben estava vindo a bordo do ostensivo iate de seus pais! Ele iria desmascará-la! O mundo iria compreender a assassina laceradora de pênis e odiadora de homem que ela era!



21 de dezembro, 12:56

Um retrato em gosma

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

A Ciência dá pouco espaço para sentimentos especiais. Como sobrenaturalista, não é meu papel julgar os eventos que ocorrem. Não, no máximo minha posição é de testemunha de registro. O fantástico pode transpirar o triste, o evento chocante, mas eu preciso manter a cabeça no lugar e continuar o objetivo de documentar isso. Por mais frio que um édito possa parecer, sou grata por isso; do contrário, eu não poderia suportar o que acontece em seguida.

A bordo do *Cruzador de Pangeia*, meu pai aparece na porta do salão do navio. Ele fica lá por um momento, forçando a vista contra o incenso esfumaçado e a luz fraca.

– Camille? – ele diz, sua voz fraca, carregada de medo. – Meu amor? – Ele hesita como se tivesse medo do que fosse encontrar. Finalmente seu olhar cai sobre a figura estendida ao longo do sofá: minha mãe aparentemente morta, e ele salta à frente, diminuindo a distância no tempo que leva para gritar: – Camille! – Como algum príncipe de conto de fadas, ele se abaixa num joelho ao lado da minha mãe adormecida. Acalentado em suas mãos, ele segura um travesseiro azul. É uma pequena trouxa de tecido azul.

Quanto à minha mãe, sua respiração irregular é superficial demais para ser aparente. E sua libação de xarope de tosse deixou uma mancha carmim ao redor de sua boca que sugere nada além de expurgo: a espuma de sangue e ácido estomacal que defuntos regurgitam nas primeiras horas de suas mortes. Confie em mim, ilustre Tweeter, posso ter treze anos de idade, ser birrenta e ainda uma menina, mas passei várias horas pairando sobre meu próprio corpo morto numa suíte de hotel, esperando que alguém chegasse para me ressuscitar. Após observar uma miríade de nojentas mudanças que ocorreram sobre meu próprio cadáver fresco – lividez, *rigor mortis*, evacuação dos intestinos –, eu sei o que é expurgo.

Para os futuros mortos, eu sugiro de coração que vocês não fiquem por perto.

Meu pai pressiona sua bochecha contra a de minha mãe, murmurando seu nome como um encantamento:

– Camille, Camille Spencer, Camy, meu amor – soprando seu pronunciamento mágico na orelha imóvel dela.

Fico envergonhada de assistir à cena, mas é tarde demais para escapar. Meros momentos antes, o sr. Ketamina fugiu da sala. Quanto a mim, o que eu observo parece mais íntimo do que sexo. Lágrimas correm dos olhos do meu pai, e ele geme em agonia.

– Minha Camille, minha Cammy, como você poderia terminar sua vida? – Ele soluça suas palavras no peito dela, dizendo: – Como você pode? Babette não significa nada – significa menos do que nada – para mim. – O corpo dele estremece quando ele se aperta contra ela, dizendo: – Eu nunca quis esse divórcio. Eu só a deixei porque nossa Madison exigiu...

Ouvindo isso sou totalmente Control + Alt + Pega de Surpresa. Aqui há mais sofrimento humano relacionado a Madison. Como se cada ato de estupidez fosse de certa forma minha culpa.

Em seu joelho, balançando contra minha mãe, ele continua a segurar a pequena trouxa azul que ele carregou para a sala. Alojado entre seu peito e o de minha mãe, o azul parece vagamente familiar. E enquanto meu pai chora e lamenta, o corpo abaixo do seu começa a se mexer.

Os cílios dela piscam. Seus dedos acariciam o cabelo do meu pai. Meu pai está tão dominado que não toma consciência da ressurreição até ela dizer:

– Antonio? – Seus dedos encontram a trouxa azul entre eles, e ela pergunta: – O que trouxe para mim?

Meu pai, seu rosto, seus olhos se abrem. Ele fica boquiaberto como se contemplasse o paraíso. Sua boca segue em frente para encontrar a dela, e eles se beijam. Eles se beijam da mesma forma que eu engulo cheesecake de manteiga de amendoim. Eles chupam o rosto um do outro da forma que minha vovó fumava seu primeiro cigarro de manhã.

E sim, eu posso estar morta, mas não sou tão sem noção para ficar olhando a romântica e apaixonada agarrão dos dois. Em vez disso, eu observo friamente como os reflexos oceânicos de luz reluzem através de janelinhas para ondular contra o teto do salão. Finalmente, meus pais interrompem a pegação.

Sem fôlego, minha mãe toca a trouxa azul de tecido e diz:

– Mostre-me.

– Espere, minha amada! – diz meu pai. Ele fica de pé, desdobrando o azul para revelar que é uma vestimenta. Estendida entre suas mãos está uma peça de colarinho grosseiro num azul desbotado. Cambraia, eu suponho. Botões brancos descem pela frente. É uma camisa, e ele a segura por cada punho, estendendo seus braços largos para mostrar tudo.

Ora essa, ilustre Tweeter, é meu maior medo. É minha manchada camisa azul de

cambraia do interior!

– Contemple! – diz meu pai. Seu rosto, um cruzamento sorridente feliz entre lágrimas e prazer. – Nossa querida Madison nos mandou outro sinal! Estava à venda num brechó em Elmira, exatamente onde Leonard disse que estaria!

Minha mãe, com olhos igualmente turvos, espia o tecido, inspecionando. Sua boca fica aberta em descrença.

– É a imagem da Madison – exclama meu pai. – É o rosto dela!

Pendurada lá, sujando o tecido azul, há manchas do vômito asqueroso do vovozinho. Os pavorosos fluidos que irromperam por entre as páginas do livro do *Beagle* há muito tempo naquele toalete público do entediante interior, eles se estabeleceram, criando um padrão abstrato como um mapa para a expedição do sr. Darwin para algum lugar horrível. Eles formaram ilhas urinadas e continentes escuros num mundo que ninguém estaria dispostos a explorar.

– Aqui! – meu pai proclama enquanto ele empurra à frente um remendo manchado para a inspeção mais próxima da minha mãe. – Aqui está o olho dela! – Ele leva outra mancha corrompida perto do rosto dela, insistindo:

– E aqui está o outro olho! – Ele aponta para essa mancha numa grande distância da outra, como se meus olhos estivessem em fusos horários diferentes. Como apresentado, as duas manchas são de tamanhos incrivelmente diferentes, uma não maior do que uma impressão digital; a outra do tamanho de um punho. As duas não estão no mesmo nível. São duas manchas assimétricas separadas por uma mancha grosseira que ele interpretou como meu nariz.

Por favor, saiba, ilustre Tweeter, que esta não sou eu. É suco de pipi espalhado. É o rosto de um monstro deformado.

– Posso ver agora! Este é o narizinho bonito da Maddy!” – minha mãe exclama. – Posso vê-lo! O rosto é exatamente igual ao da Madison!

– Olhe para a boca dela! – meu pai transborda, quase chorando.

– Oh, a doce boca dela! – Usando a ponta de seu dedo, ele traça um contorno irregular sobre a revoltante mancha, uma grotesca confusão de ejaculação indelével. Um horror encrustado.

Minha mãe exclama:

– É uma semelhança perfeita!

Confie em mim, ilustre Tweeter, não é. Esses depósitos residuais revoltantes de assustadora geleia masculina não se parecem nada comigo!

Meu pai pressiona seu nariz a essa abundância de gosma velha, e ele inala, exclamando profundamente:

– Tem até o cheiro da Madison!

É esse nojento resíduo de gozo ressecado que minha mãe e meu pai agora proclamam como uma visita de sua filha angelical. Retratado nesse meio mais

doentio, eles me veem, e a paixão compartilhada do momento traz seus semblantes beatos sorridentes à beira de um novo cravar de lábios apaixonados. Suas bocas tremem em direção ao toque uma da outra. Seus rostos se inclinam à frente.

Mas o momento é estragado. Uma nova voz entra na sala, uma jovem chamando:

– Antonio? – Chamando: – Antonio, onde está você?

Com isso, meus pais congelam. Rapidamente, eles abandonam seu amoroso abraço, quase saltando para longe quando essa nova figura entra. Seu cabelo é encaracolado e vermelho, seu rosto branco como uma caveira. É a srta. Tórrida Torres da cobertura Rhinelander, a amante do meu pai. Minha ex-melhor amiga. A infame Babette; em suas mãos ela carrega outra prova não limpa.

– Olhe aqui! – diz meu pai, chamando a atenção de minha mãe para esse novo objeto. Ele estende a odiosa camisa no colo de minha mãe e corre para pegar essa nova curiosidade de sua nociva namoradinha. – Outro sinal da Madison! – ele diz.

É um livro. Sim, ilustre Tweeter, é *o livro*, o livro que eu esperava que ninguém encontrasse.

Enquanto Babette permite que meu pai reverentemente levante o livro de suas mãos brancas de aranha, ela narra:

– A criança virgem mandou suas próprias menstruações não expressadas! O sangue de Madison flui para erradicar as palavras blasfemas do herege Charles Darwin! Com a voz subindo às alturas, Babette diz: – Um livro que sangra! – Enquanto meu pai leva o livro profundamente para o alto, carregando sobre sua cabeça, ajoelhando-se mais uma vez para apresentá-lo à minha mãe, Babette diz: – É um milagre!

É uma confusão, isso é o que é. As páginas estão grudadas juntas com sangue coagulado de pipi, pressionado sólido como um tijolo pelo peso de um colchão e uma consciência pesada. Não é santificado ou notável. Mas, para eles, esses perturbados ex-crianças índigo, ex-alquimistas e ex-shamanistas, é uma relíquia sagrada. Um grande absorvente revestido de couro enviado do Céu.

Enterrado em algum lugar lá dentro, escrito com a letra da minha mãe está a mensagem: *Estabeleça um objetivo tão difícil que a morte parecerá um grato alívio.*

Quão facilmente essa cena poderia terminar aqui, neste quadro: meu pai segurando o livro... minha mãe em seu divã, levantando os braços para aceitá-lo... a criada adúltera olhando fixamente... mas ainda outra pessoa entra na sala.

Inicialmente, minha impressão é de que o sr. Bamboleio há muito morto havia voltado para mim, porque essa nova presença é dificilmente maior do que um saudável peixe-dourado. Ela flutua no ar, reluzindo e flutuando da forma como um peixe oscila suavemente com suas barbatanas rosa-amareladas para seguir na água. O ser encantado cintila, pairando. Esse encantamento se aproxima.

Ninguém se vira para se adereçar a ele, essa última entrada, mas seu pequeno

rosto é liso como pão saído do forno. Seu cabelo amarelo é brilhante como manteiga contra sua testa. É o rústico camponês do funeral do meu vovozinho. O evangelista primitivo, agora uma fada cintilante. Meu anjo feito em casa na noite de Halloween. Ninguém se vira para se dirigir a essa importação improvável do interior rural, mas estou tão chocada que esse nome semiesquecido irrompe espontaneamente de meus lábios.



21 de dezembro, 13:01

**O inevitável resultado de operar equipamento
pesado de fazenda sob overdose de Xanax**

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

No salão do *Cruzador de Pangeia*, eu grito:

– Festus! – e o minúsculo visitante loiro vira-se para me olhar com olhos azuis luminosos.

Ele, de fato, me vê e me escuta. Mais para minha surpresa, a amante Vagaba da Silva do meu pai também lança seus olhos cor de urina na minha direção. Ela segue meu olhar até Festus. Por mais impossível que pareça, Babette nos viu, e seus lábios de borracha curvam-se como cachorros-quentes genéricos fatiados no comprimento e fritos em banha para o pesado *petit de jeune* interiorano. Seus olhos se estreitam em riscos trêmulos, e seus ombros arqueiam como os de um cansado gato de celeiro. Seu amplo peito por trás do suéter se infla em cada respiração. Quando eu observo com os olhos céticos de uma sobrenaturalista, as unhas de Babette crescem do tamanho de um gatinho para os de uma pantera.

Meu consorte do interior levanta um braço de menino reto, sua mão em miniatura estende a palma da mão, não maior do que uma flor de açafão cor-de-rosa totalmente aberta, e ele se dirige a mim. Sua voz soa mais profunda do que eu esperava, robusta e ressoante; ele diz:

– *Vade retro, vile succubus*.

Meus pais, alheios, se juntam para examinar o livro do *Beagle*, poluído com sangue de piroca que eles acham que jorrou da minha angélica ximbica.

E sim, posso estar romanticamente interessada nesse vira-lata loiro de macacão, mas conheço a palavra *succubus*. Se essa carga lançada pela minha diminuta flama de caipira é precisa, iria explicar a habilidade de Babette em me ver. Pode também explicar a improvável atração que ela parece ter pelo meu pai normalmente viciado em Camille. Minha gratidão a leonardsabe-tudohades, que nos lembrou que um *succubus* é um demônio que toma forma de uma fêmea humana para seduzir e destruir os homens.

Mantendo Babette encurralada, o pequeno Festus me chama para ir ao seu lado.

– Eu me aventurei para esse lugar terreno – ele me conta – em nome do seu avô.

– O pai do meu pai? – eu pergunto esperançosa.

Festus me olha, sua testa amanteigada cruzada com uma única ruga que trai sua Control + Alt + Intriga.

– Eu me refiro a Benjamin, que reside em perfeita felicidade por toda a eternidade no reino dos Céus.

Meu vovozinho Ben, ele quer dizer.

– Então ele está no Céu? – Eu pergunto desconfiadamente. Estamos parados aqui olhando para a gosma de casca de banana do vovozinho lambuzada por toda a frente da minha bela camisa, e ele está no paraíso?

Festus assente. Ele estuda minha expressão mais de perto.

– Conheceria você, donzela, qualquer razão válida pela qual Ben não deveria estar na presença do Todo Poderoso?

Ah, Festus, como senti saudades de sua fala pomposa de peregrino. Eu pergunto:

– Como você pode me ver?

– Nós dois podemos conversar – diz ele – porque não estou mais no mundo material.

Pobre Festus.

Eu ofereço minhas condolências.

– Você foi morto dando um beijo de língua?

– Acidente de colheitadeira – diz ele com um sorriso sinistro.

Perdoe-me por me gabar, ilustre Tweeter, mas eu sabia. Desde que nos conhecemos no funeral de carroça do vovozinho, eu imaginei como a vida de Festus seria encerrada. Uma dúzia de anos passados puxando ervas e depenando galinhas então, bam! Ele é cortado até a polpa por uma máquina agrícola. Oh, como invejei esse destino dramático!

Ele continua a explicar:

– Eternamente sirvo como um anjo. – Oferecendo-me sua mão diminuta, ele diz: – E minha missão é encontrá-la, meu cálice. – Ele diz. – Estou aqui, senhorita Madison, porque o Senhor Nosso Deus necessita muito da sua ajuda.



21 de dezembro, 13:16

O propósito da minha terrível vida – revelado!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Há um Céu.

Há um Deus, e não apenas Warren Beatty.

O Paraíso existe, ilustre Tweeter, mas esse fato traz pouco consolo para nós destinados a passar nossa eternidade em outro lugar. Meu interiorano Festus se tornou um borbulhante anjinho minúsculo, enquanto a gorducha aqui está suportando lagos sulfurosos de fogo e merda e *O paciente inglês*. Fico feliz por ele. Cor-de-rocinha coceguento. Sério, estou, mas tais momentos sociais tão injustos não foram abordados na minha árdua educação em etiqueta. Felizmente, essa difícil conversa é interrompida pelo toque insistente do telefone do salão. Babette responde com um curto:

– Sim?

Olhando para Festus e para mim, ela escuta o chamado. Após um momento, ela retruca:

– Não, eu não quero fazer uma pesquisa de consumo. – Ela diz: – Emily, como conseguiu esse número?

O telefone da minha mãe toca, e ela atende. O telefone do meu pai toca.

Minha eterna gratidão a vocês, leonardsabe-tudohades, PattersonNúmero54 e canadenseAIDSemily. O *timing* de vocês foi no ponto.

– Preferências de chiclete? – pergunta minha mãe, incrédula.

– Leonard, baby, é você?

Meu pai diz:

– Não, eu nunca compro os de pele de carneiro.

No caos de telemarketing que se segue, o jovem Festus me conduz no salão do iate. Escapamos por passagens e janelas. Na nossa fuga risonha, nós nos dissolvemos por entre tabiques e empregadas somalianas, sentindo gosto de tinta e curry de plátano semidigerido, até chegarmos à minha cabine de infância há muito selada. Lá, encontramos as cortinas fechadas, luzes apagadas, o ar-condicionado esfriando meus ursinhos Steiff e livros de Judy Blume em temperaturas de arquivo.

Cada fio de cabelo e tubo de brilho labial sabor morango foi preservado tão cuidadosamente quanto um diorama no Smithsonian ou no Museu de História Natural. Mortos como nós dois estamos, meu vigoroso acompanhante e eu, somos mesmo assim duas pessoas desapegadas buscando refúgio num quarto trancado com uma cama.

Inclinada demais à possibilidade romântica no meu coração-fantasma de ignorar essa revirada nos acontecimentos, eu me reclino na colcha de cetim da cama no que eu espero que não seja uma pose não atraente. Na minha mente-fantasma ingrata vem a imagem da minha vovó fumante de cigarro, sem peruca e sem calcinha estendida sobre o comprimento da minha cama idêntica na minha cobertura de Rhinelander. Para vencer essa imagem, eu bato minha mão pós-viva na cama ao meu lado e digo:

– Então... você é um anjo; que bacana. – Se meu Festus é alheio à minha história de decepar partes masculinas frágeis, não estou ansiosa por educá-lo. Nem estou certa se ele sabe que minha alma está condenada a Hades. Finalmente eu arrisco: – Então, o Céu é ótimo. Não acha?

Festus sorri para mim com a mesma expressão condescendente de olhos tristes que minha mãe usa quando ela se dirige à Assembleia Geral das Nações Unidas. Um fluxo de lágrimas de pena mal são contidas.

Sem recuar, eu digo:

– É, o Céu é bem melhor do que eu imaginei que seria...

Festus continua a me contemplar silenciosamente, seus lábios trêmulos de compaixão.

Na defensiva agora, provocativamente eu pergunto:

– Ei, quando a colheitadeira te fez em pedacinhos, doeu? Quero dizer, cortou suas mãos primeiro? Como foi que aconteceu?

Com isso, Festus traz seu ser angelical à cama ao meu lado.

– Não tenha vergonha, srta. Madison – ele diz. – Porque eu sei que você foi descartada pela criação para passar a vida toda no ânus escaldante de Hades. – Sua plácida face diz sem o menor traço de malícia. – Sei que você sofreu constante privação sem nada para aplacar a fome e a sede, salvo um poderoso banquete de urina fresca e excremento...

Ora essa. Ilustre Tweeter, estou sem fala. Eu não tenho ideia de onde Festus tirou essa informação, mas o Inferno não é tão ruim assim não. Eu não como caca nem bebo mijo. Não acredite numa palavra disso.

Eu não sou Charles Darwin, não!

– Eu também sei – ele diz, jogando um olhar de derradeira pena sobre mim. – Eu sei que você é forçada a copular infinitamente com demônios leprosos trazendo assim a prole suja deles em completa degradação.

Ei, canadenseAIDSemily, me ajude aqui. Ninguém é forçado a se deitar com demônios, certo? Como uma *virgo intacta*, tenho provas sólidas do contrário, mas não tem jeito de submeter tal evidência à inspeção do Festus. Digo, até se eu tentar mostrar a ele meu hímen, vou acabar parecendo meio perigete.

– Sei que sua existência é desprezada por todos os seres dignos – Festus pisca seus assustados olhos azuis para mim. – Que cada criatura consciente a considera indigna de respeito. Que em seu presente estado você é mais vil do que...

– Cale a boca! – Eu interrompo, deitada rígida na colcha da cama. Meu peito está se inflando. Meu sangue fervendo. Eu prefiro passar a eternidade petiscando cocô podre do que ser rebaixada por um anjo metido a santo. Possível namorado ou não, estou indo nessa. Fico de pé. Endireito meus óculos. Ajeito minha bermuda-saia. – Se me dá licença – eu digo –, tenho certeza de que deveria estar fornicando com algum gárgula corrompido por doenças ou algo assim agorinha mesmo.

– Espere – Festus implora.

Eu espero. Aí está minha maior fraqueza: esperança.

– Deus te lançou no Fosso não porque você é vil, mas porque Deus sabe que você é forte – diz Festus. – Deus sabe que você é brilhante, corajosa e que não é fraca e não vai ser degradada pelos tormentos que destroem almas mais fracas... – Festus se ergue e paira flutuando no ar perto do meu rosto. – Desde o começo dos tempos, Deus pretendeu que você fosse sua emissária para a perdição.

Deus, Festus explica, sabe que tenho coração puro.

Deus reconhece que sou excepcional. Ele acredita que eu sou doce, esperta e bondosa. Deus não acha que sou gorda. Ele quer que eu seja sua agente dupla supersecreta.

Como nada menos que uma versão celestial dos irritantes tendilhões de Darwin, Festus salta e avança em sua empolgação de fada dourada, finalmente se empoleirando no meu ombro. Posicionado-se como um papagaio de pirata na minha orelha, ele diz:

– Deus roga que você evite uma grave catástrofe iminente.



21 de dezembro, 13:28

Meu encontro com um anjo

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Agora mesmo nuvens de tempestade se reúnem no céu sobre o *Cruzador de Pangeia*. Nuvens cor de chumbo azul – a cor que minha boca vê quando eu mastigo grafite de lápis – avançam sobre Madlântida em cada horizonte, uma cobertura escura tão baixa que o iate parece comprimido entre isso, esse opressor teto preto e o luzente cenário de sonhos cor de algodão de polímero inchado. E não, não esqueci que minha situação é tão parecida com as aventuras marítimas do *Beagle* do sr. Darwin. Nós dois: corajosamente lançados no cruel Pacífico para buscar nossos destinos. Sendo a sucessora sobrenaturalista do sr. Darwin, eu me fortaleço para ser testemunha do sr. K passando pela porta trancada da minha cabine quando meu acompanhante interiorano revela sua verdade divina para mim:

– Não tema, srta. Madison – ele diz. Na minha cabine selada cheia de animais de pelúcia e pelos soltos de gato e pulgas mortas, o anjo Festus diz: – Deus decretou suas existência, Ele dita cada pensamento e ação perfeitos seus.

O anjo Festus brilha com uma suave luz cor-de-rosa, como um abajur da Park Avenue coberto com seda cor de cereja, e sua luz valoriza tudo o que ilumina: a cópia não lida de *Our bodies, ourselves* na minha mesinha de cabeceira, obviamente um presente com a lombada intacta... uma cópia com páginas reviradas de *O prazer da cozinha francesa*, minha leitura de cabeceira favorita... uma fotografia com moldura prateada de meus pais sorrindo nus numa praia de *resort* ecológico no Camboja. Pequenino Festus, seus traços angelicais, seus dedos assim como seu nariz e queixo furadinho parecem ter sido espremidos de um saco de confeitiro cheio de creme doce de cobertura.

Conforme ele fala, sua expressão aberta sugere o delicioso convite de um carrinho de sobremesas, uma janela de padaria, uma caixa de chocolates.

– Deus a presenteou com trabalho duro; não para testá-la, mas para *provar* a você sua própria força inata. – A voz dele é tão suave e firme quanto o ondular do oceano; suas palavras soam tênues como um trovão batendo de alguma grande distância.

– Deus traz todos os espíritos em corpos mortais para que eles possam se testar e compreender melhor seus próprios poderes – explica o belo pequenino, o estrume de vaca de interior ainda pendurado aos anexos de suas botas.

Além da porta trancada da cabine, outra voz grita:

– Anjo Madison! Onde está você? – Um bombardeio de flatulência se segue, o dizer “Ave, Maddy” de um devotado rudista. Aquela voz, o trêmulo vibrato do sr. K continua. – Preciso mesmo falar com você!

Segundo Festus, o rápido crescimento do Inferno na história recente está começando a enervar Deus. Com os níveis terrenos atuais de grosseria e malcomportamento, quase todas as almas estão condenadas.

– Preciosas almas tão jovens com três ou quatro anos, criadas nas prioridades multiculturais errôneas de *Vila Sésamo* – ele alega – são condenadas antes mesmo de entrarem no ímpio lamaçal do sistema escolar público. – Em comparação, ele diz, o fluxo pelos Portões Perolados se reduz a um gotejamento, e Deus se preocupa que logo o Céu vai ser considerado irrelevante, nada mais do que um pequeno gueto populado por uns poucos produtos imaculados do ensino particular. Se algum cataclisma global varresse a humanidade neste momento da história, todas as almas iriam para o Inferno. Ninguém ficaria para procriar na Terra. Satã iria vencer, e Deus seria humilhado.

Assim, Deus me usou para se infiltrar no Inferno. Digo: sou a agente secreta de Deus e nem eu sabia desse meu próprio propósito estratégico secreto.

No silêncio pesado que se segue, eu pergunto:

– Por que Deus não gosta de *Vila Sésamo*?

– Você, srta. Madison, é uma perfeição singular como a chama de uma vela – insiste Festus. – Essa é a razão pela qual Deus a lançou no inferno. E por que Deus a mandou batalhar contra todas as piores almas da história humana, e por que em todas essas provas você foi vitoriosa.

Festus entrega esse discurso tão apaixonadamente. Tão veementemente. Sua forma de fada alimentada com milho dança dentro dessa roupa de escola dominical.

Simultaneamente, mares pesados levantam Madlântida e nos derrubam. Flashes gaguejantes de trovões explodem código Morse pelas janelas. Afe. Tudo é uma baderna.

– Deus todo-poderoso não labuta criando almas simplesmente para Satã roubá-las – diz Festus, seus olhos iluminados com relâmpagos refletidos.

O anjo diz que meu propósito é derrotar Satã e reconstruir a igreja de Deus na Terra. Repelir acesso legal ao aborto feito sob encomenda e controle de natalidade... para proibir honradamente casamentos entre sodomitas... e encerrar com o ralo financeiro de programas de bem-estar social.

– Você será a espada flamejante de punição de Deus! – Esse roubusto homem-

menino anjo, com os punhos erguidos sobre sua cabeça loira, ele lança um arco, uma centelha, um curto raio de fogo divino. Suas asinhas de beija-flor zumbem. Seus gritos ecoam alto como sinos de catedral, e ele exclama: – Junte-se a nós, srta. Madison! Junte-se a nós e regozije-se!

Quer dizer, acho que eu devo detonar Satã *e* arrecadar fundos para a televisão pública. Quer dizer, estou em conflito aqui.

E não, ilustre Tweeter, eu posso estar de certa forma enamorada do meu cortejador angelical e sua mensagem lisonjeira, mas não sou surda aos objetivos draconianos que ele descreve. É sedutora a ideia de eu mesma como uma figura messiânica, a mão de uma salvadora onisciente, mas não se isso significa que tenho de ser uma pentelha. Num protesto razoável, eu insisto:

– Não posso! Não posso superar Satã! Ele é poderoso demais!

– Ah – meu Romeu de celeiro diz –, mas você já o superou!

– Quê?

– Você já superou uma vez o Príncipe das Trevas.

Não tenho ideia do que meu pós-vivo pós-fazendeiro namorado está falando.

– Anjo Madison – sopra uma voz do corredor –, está acabando nosso tempo!

– O fim do mundo está marcado para as três da tarde de hoje – diz Festus.

De acordo com meu Rolex não falso, já é uma e meia.



21 de dezembro 13:30

Ditando um decreto desesperado

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Das janelas da minha cabine a bordo do *Cruzador de Pangeia*, a vista em todas as direções é de chuva clara acertando o branco lustroso. Tudo são estouros de raios azuis como clarões de cores falsas, como sinais enormes de neon que anunciam a ira de Deus. Esses flashes iluminam os morros de poliestireno e planícies que se entendem em direção a cada horizonte. Ventos irrefreáveis o acertam.

A porta da cabine ainda está trancada, mas uma luminosa figura em azul entra lentamente. De início, o azul é um fantasma pálido inflando no centro da porta, sangrando pela madeira; então é um estômago azul alinhado de cima a baixo com filerias de botões verticais da camisa. Seguindo isso, muito mais alto na porta, as pontas de um queixo azul e um nariz azul aparecem quando uma familiar forma azul emerge. O último a fluir pela porta trancada é o não atraente rabo de cavalo de sujeira azul trançada. Com isso, o sr. Crescent City se posta diante de nós.

Tendo mais uma vez desapossado de seu corpo em overdose, ele pisca, olhando ao redor para meus macacos de pelúcia Gund e ursinhos Steiff. Seus olhos reumosos se depositam no radiante Festus dourado.

De acordo com o anjo Festus, Deus escolhe um mensageiro a cada poucos séculos para entregar um plano de jogo atualizado para os justos que vivem. Moisés, Jesus ou Maomé, essa pessoa dissemina a nova geração do Mundo de Deus 2.0. Noé, Buda ou Joana D'Arc, o mensageiro atualiza nosso *software* moral, tira os *bugs* de nossa ética, atualiza nossos valores para encontrarem nossas necessidades espirituais modernas. Se você acredita no anjo Festus, não sou nada além da versão mais atual do porta-voz terreno de Deus.

– Depois que você evitar o cataclisma de hoje – declara o sorridente Festus –, você deve parar todas as investidas humanas no campo maligno da pesquisa com células-tronco.

– Pelo amor do seu perdão? – eu pergunto.

Festus segue:

– Como a voz de Deus, você deve interromper essa corrida desenfreada dos

direitos civis para mulheres.

Por mais lisonjeada que eu esteja de ser escolhida, não estou empolgada com a notícia que me dão para comunicar.

Levantando seus minúsculos braços no ar e debatendo suas mãos, ao estilo de um pregador, meu namorado interiorano fala desvairadamente:

– É vontade de Deus que todas as mulheres se abstenham de votar, do controle de natalidade e de dirigir automóveis!

Enquanto meu menino modelo ariano de bolso segue com o resto das exigências de Deus – chega de negros casando com brancos... chega de homem casando com homem, nunca... circuncisão mandatória para todos os membros dos dois gêneros... véus, muitos véus e burcas –, eu me viro para o sr. K e faço minhas apresentações. Nem mesmo a morte nega meus anos de rigoroso treinamento na etiqueta e protocolo suíços.

– Sr. Crescent City, este é o Anjo Festus. – Com uma apropriada inclinação da minha cabeça, eu digo: – Anjo Festus, este é o sr. K. Ele é um “saqueador de residências médium”.

– Anjo Madison quis dizer “caçador de recompensas” – diz o sr. K. Ele olha para Festus, aquele brilho dourado, como se meu namoradinho interiorano tivesse sol de verão correndo pelas veias. Dando um profundo suspiro azul, o sr. K diz: – Quem dera ser um anjo.

É aqui, ilustre Tweeter, que a ideia me ocorre como um raio de luz azul. Eu digo ao sr. K:

– Você quer mesmo ser um anjo, hein?

– Eu só quero morrer – diz o sr. K – e que tudo seja feliz e sem dor. Para sempre.

– Encontre Deus – diz Festus –, e você encontrará a paz.

Para isso eu digo:

– Anjo Festus, cale a boca. – Eu acrescento, sem querer ofender. – Só um pouquinho, tá? – Eu já posso ver que o azul do sr. K está piscando de celeste para turquesa, de índigo para azul-claro. Nosso tempo está acabando já que seu não saudável fígado está filtrando a ketamina de seu fluxo sanguíneo. Enquanto ele desaparece de ovo de pintarroxo para azul-giz, eu ofereço uma barganha. – Leve uma mensagem para meus pais e eu prometo fazer de você um anjo.

– Uma mensagem? – pergunta ele.

– Diga a eles para pararem com todo o troço de cataclisma, tá?

O sr. K devolve meu olhar com olhos chapados intrigados.

– E eu serei um anjo?

– Diga a eles – eu digo – que são idiotas hipócritas e que *não deveriam* não ter me contado sobre o Tigrado ter uma terrível doença nos rins.

O sr. K começa a assentir, com os olhos fechados, como se compreendesse

profundamente minhas palavras. Com olhos fechados, ele sorri.

– E diga a eles – eu digo – que eu matei acidentalmente o vovozinho Ben ao semidecepar sua piroca porque eu achei que era um cocô maléfico inflando rapidamente. – Eu pergunto: – Isso faz sentido?

Com os olhos fechados, o sr. K assente sabiamente. Sua trança balança em concordância.

– Diga a eles também – eu digo – que eu só inventei sobre Jesus no meu celular, mas acontece que há um Jesus verdadeiro... – Virando-me para Festus para confirmar, eu digo: – Certo?

– Correto – Festus afirma.

Para o sr. K, eu digo:

– O que é mais importante é dizer para minha mãe e meu pai que eu os amo mesmo, *mesmo*. – Inclinando-me mais perto de meu confidente azul, eu cochicho. – E por favor, diga a eles para *não* chupar nenhum pipi de macaco-aranha ou ir para o rala e rola com nenhum búfalo aquático, tá?

O olhar titubeante do sr. K sugere que sobrecarreguei meu mensageiro. Quando sua alma desaparece, gradualmente descolorindo em regresso, vazando para onde quer que ele tenha deixado seu corpo físico, o azul pálido dele desbota para cinza. O cinza vai para branco.

As paredes da cabine começam a vibrar, e um zumbido não desprazeroso cobre minha cama. O motor do megaiate *Cruzador de Pangeia* foi ligado. Lá fora ventanias crescentes varrem o convés e balançam as cordas.

– Acima de tudo, por favor – eu imploro para meu esvaescente mensageiro, com minhas mãos carnudas apertadas numa prece –, diga a eles para morrerem com todas as barras grandes de chocolate que eles puderem carregar.



21 de dezembro, 13:45

A abominação incita um cataclisma

Postado por leonardsabe-tudohades@aposvida.inferno

Se compararmos os antigos códices gravados por estudiosos desde Sólon, veremos retratos quase idênticos do fim dos tempos. O mito do dito Juízo Final global retrata uma bela criança-coisa liderando uma procissão de discípulos subindo uma montanha brilhante. A montanha se ergue ao centro do Oceano Pacífico, e essa cerimônia ocorre com a luz do sol baixando no dia mais curto do ano.

Pela primeira vez, Perséfone não irá retornar. A manhã virá, mas ninguém estará vivo para testemunhar o próximo nascer do sol.

No lugar de plástico, a criança-fêmea está acompanhada por um séquito de seres humanos. Em vez de sacos de lavagem a seco e garrafas de refrigerante, servindo como atendentes estão potentados de terrenos e ricos líderes, todos vestidos num caro vestuário carmim. Essa vasta multidão desfila para cima pela arquitetura desolada de nuvens artificiais. A procissão vai mais alto, balançando incensários de perfume doce e levando velas acesas.

Ao redor do horizonte, em cada direção, grandes plumas de fumaça se erguem como tornados no céu da tarde. Abaixo dos pés, o solo treme. Essa montanha que eles escalam é a mais alta da terra. Seu pico gigantesco é plano, um platô, e aguardando no ponto mais alto há um imenso templo brilhante. Esse palácio luminoso parece um pastiche de gótico, barroco e formas áticas, de domos, torres, colunatas, cariátides e cártulas feitas de reluzentes fluoropolímeros. Essa parte-catedral, parte-arranha-céu, coroa o pico.

Neste glorioso santuário estéril, supervisionando o mundo inteiro, é onde dois milênios de estudiosos juram que a história humana irá acabar.



21 de dezembro, 14:05

Frustrada por deriva continental

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Estamos correndo. Minhas pernas gorduchas galopam. Meus joelhos atarracados batendo alto, eu vou à toda, ensopada de suor. Meu pés calçados em chinelos pisam com força, escalam, saltam os degraus de uma escadaria moldada num flanco bem inclinado de montanha com cor de nada. Um precipício branco, tom de nulidade. Raramente sem pausa, eu salto adiante em busca do cadavérico sr. K, que avança pelas escadas na minha frente.

Momentos antes, nós emergimos da minha cabine para encontrar o iate deserto. Um verdadeiro *Marie Celeste*. Um *Holandês Voador* não tripulado. O salão estava vazio. O convés não estava ocupado. Meu smartphone emprestado emitiu seu toque de Europop e Archer falou comigo.

– Olhe lá fora – disse ele. – Olhe por uma janela ou sei lá.

Nessa paisagem, é difícil não ver: uma procissão de gente caminha numa fila única, ascendendo por um pico à meia distância. Para quem vê, eles todos usam roupões vermelhos com capuz. Vestidos assim, a fina corrente deles lembra um regato de sangue fluindo morro acima, seguindo por um estreito canal de degraus que sobem em zigue-zague da base da montanha branca até o pico. Se meus pais estão entre eles, é impossível dizer, tão idênticos todos estão em suas vestimentas de tom escarlate.

A montanha em si se ergue para cima, se afunilando para equilibrar um ornado templo cor de cera em sua ponta. Uma cúpula bem ornamentada, rodeada de colunas e coroada com pequenas torres. Um templo colossal honra aquele soberbo pico, mas de tão longe não parece maior do que um bolo de casamento de muitas camadas, muito decorado.

Enquanto me maravilho com essa vista, espio o sr. K descendo correndo a prancha do iate em busca do trem escarlate de peregrinos. Sua figura galopante cambaleante de marionete chega aos degraus da montanha enquanto eu sigo em frente rapidamente. Seu rosto está pálido. Seu fôlego pesado. Claramente numa crise cardíaca, ele grita:

– Os barcos deram partida! Estão partindo com os barcos!

Com suas palavras perdidas na respiração exaustiva, o sr. Ketamina grita:

– Você tem de entender, garotinha morta, eles estão inaugurando Madlântida. – Ele joga cada palavra ao vento. Animado, sorrindo, ele tagarela, acenando com as mãos sobre a cabeça. – Você vai ver tsunamis, terremotos, vulcões.

Suas palavras são empolgadas. Pontuadas com uma risada sem fôlego.

– Já que vamos todos para o céu, tudo bem. Todo mundo vai morrer terrivelmente... não é ótimo?!

Ao meu redor, conforme subimos mais alto, o continente de sonho se espalha em cada direção, um deserto deslumbrante de brancos prados imaculados e vilas cor de dente. Na base dessa escadaria alpina, o *Cruzador de Pangeia* está mirado, encrustado nas terras baixas plastificadas. Julgando por sua copiosa fumaça de escapamento, os motores do megaiate e sua tripulação estão tentando escapar desses milhões e milhões de acres de polilixo sem costura processado no calor, enquanto nuvens pretas sobem ao céu, de sua chaminé. Na linha da água, o lixo de espuma reciclada inflada guincha junto do casco de aço do iate, preso. A proa aerodinâmica sobe e desce como um quebrador de gelo polar.

Nuvens idênticas de fumaça preta sobem de locais pelo horizonte, cada uma revelando o local de um navio similarmente encrustado, subindo e descendo.

– O plano é – continua o sr. K, quase cantando – empurrar Madlântida na correnteza preponderante. Em poucos quilômetros, as correntes vão nos pegar.

Dói para mim ter de admitir isso, mas grandes fortunas foram gastas em direção ao exercício de meu perene corpo não magro. Como uma aspirante atleta olímpica ou um cavalo adestrado, eu fui abusada em pistas de corrida *indoor*. Uma gama de treinadores me conduziu pelas extensões de piscinas mais do que posso me lembrar, e ainda assim parece que não tenho capacidade aeróbica nenhuma. Nenhuma mesmo.

O sr. K gagueja, buscando ar.

– Usamos o continente para alterar o alinhamento do planeta. Quando a imensa gigantesca tonelagem de Madlântida vier batendo na América do Norte, vai destruir tudo.

Ilustre Tweeter, não estou alheia a essa irritante metáfora tomando forma. Na morte, assim como na vida, meu corpinho inchado vai de encontro às Américas, as ilhas havaianas, Galápagos, Japão, Rússia e Alasca. A minha pessoa gorducha gigante gorda-gordona vai causar destruição como o proverbial elefante numa loja de cristais.

Para piorar as coisas, enquanto eu subo, os degraus são esponjosos, macios, comprimindo levemente sob meu peso. Como espuma de borracha. Como poliestireno. Escorregadio com a chuva, é traiçoeiro, ameaçando me arremessar para trás em algum abismo perolado.

Apesar de nosso começo tardio, já estamos chegando ao lado dos peregrinos de roupão vermelho mais lentos. Entre o cenário onírico, os roupões e a fumaça de diesel que sobe, tudo é branco, vermelho e preto. Das pessoas na procissão, algumas carregam leves velas. Outras balançam incensários presos a longas correntes formando rastros de fios de fumaça. Todos cantam o repetido refrão:

– Porra... merda... vai tomar no cu...

O crepúsculo do começo de inverno queima cada penhasco para um ouro antigo. Essa luz de hora mágica é o dourado que minha língua vê quando eu como *fondue au Gruyère*.

Estamos ultrapassando mais peregrinos, empurrando-os e nos desviando deles na escadaria íngreme. A maioria desacelerou o passo, e agora parece que a montanha está se mexendo, movendo-se quase imperceptivelmente, enquanto o corpulento continente de queixo duplo está sendo empurrado ao norte. Bilhões de cavalos em motores marinhos lutam para nos desalojar do calmo centro do Giro Pacífico, e seu sucesso gradual nos provoca tremores de gelatina através das placas tectônicas na qual estamos boiando. As montanhas ao redor se agitam como montes de pudim de baunilha da altura dos céus. Os peregrinos de pés menos seguros cambaleiam e caem, gritando dramaticamente. Talvez por sua ampla experiência com a inconstância provocada pelas drogas, o sr. Ketamina permanece de pé. Ele cambaleia sempre para a frente, avançando dois, três, quatro degraus numa única passada.

– Precisamos correr – diz Festus, flutuando junto. – Em menos tempo do que levou o Todo-Poderoso para povoar este adorável mundo, os rudistas podem destruí-lo!

Meus passos corridos começam a desacelerar. Meu avanço afrouxa com a ideia de deixar o rudismo seguir seu curso e completar sua guerra não santa contra a humanidade, essas pragas autorreplicantes comedoras de vitela, emissoras de CO2. Como uma filha de pais cientes de Gaia, abraçadores de árvores, bocós de mola, não posso evitar a atração de um planeta livre de pessoas. Mais sedutor é o pensamento de ter a Terra toda para mim mesma, pelo menos até o próximo Halloween. Então prazerosamente isolada, eu vou me empanturrar com livros inteiros de uma sentada só. Eu vou começar a estudar alaúde.

– Depressa! – Festus pede, voando ao meu lado. – Do contrário, seus pais eternamente condenados serão alimentados à força com excremento quente!

Nem posso negar a maligna ideia feliz *desse* prognóstico – não após toda a caca macrobiótica que eles enfiaram pela minha goela abaixo.

É difícil aceitar a ideia de que todo mundo está prestes a morrer, tudo está prestes a ser destruído, porque todo mundo parece tão feliz. Sorrindo. Seus olhos maníacos brilhando. Negros e orientais, judeus e gays. Quebequenses, palestinos e ameríndios, supremacistas brancos, pró-escolha e pró-vida, estão dando as mãos. Estão se

abraçando, até se beijando. Não há medo de doenças. Não há pretensão social, indicadores de status ou hierarquias de poder que os separem. A multidão está cantando meu nome, grata pela salvação que eles acreditam que é iminente. Estão felizes da forma que as pessoas são felizes enquanto queimam livros ou decapitam reis; estão íntegros.

Enquanto isso, o sr. Ketamina está murmurando para manter minha mensagem fresca em sua mente. Seu rosto iluminado pelo pôr do sol, cansado e abatido. Manchado da cor das chamas, ferozmente repetindo:

– Nada de células-tronco.

Os pensativos intestinos cinza do meu cérebro estão embrulhados com enjoo pelo movimento. Estão nauseados com a indigerível lembrança do meu pai em Nova York dizendo:

– Madison era uma pequena covarde.

À nossa frente, a procissão chegou a um gargalo. Os penitentes de roupão aguardam a admissão no grande arco, a entrada do templo da montanha. Entre nós, um quarteto de ombros gigantes nas extremidades de uma liteira, uma coisa coberta com cortinas cujos ocupantes permanecem escondidos dentro de seus tecidos de veludo vermelho. Na minha cabeça, Camille e Antonio são seus passageiros mais prováveis, e eu torço meu pescoço para ter uma visão melhor. Enquanto isso, a multidão ondula numa reprodução não historicamente imprecisa de um pátio de algum palácio da Renascença veneziana, os extravagantes rodapés e mísulas reproduzidos em copiosas quantidades de espuma de celulose endurecida esculpida cor de burro quando foge.

Entre essa multidão de figuras encapuzadas, o sr. K fica na ponta dos pés e grita:

– Escutem! Todo mundo me escute! – Alguém lhe deu uma vela acesa, e ele segura essa vela flamejante sobre a cabeça como uma estrela brilhante.

Ilustre Tweeter, por favor entenda que comunicação eficiente é uma prioridade para mim. Meus pais são tão ricos porque eles terceirizaram as habilidades com as quais eles, outrora, conduziram suas emoções. O público eximiou-se de sua própria autoexpressão. Todo amor precisa ser mediado por meio de cartões de visita, joias de diamante de linha de montagem ou buquês de rosa feitos profissionalmente de fazendas-fábrica. Todas as epifanias devem ser modeladas pela minha mãe. As pessoas sentem apenas aquelas emoções que ela os incita a sentir. Para elas, ela é Afrodite. Meu pai, meu paizinho, o *Zeitgeist*.

Todas as minhas maiores preocupações eu confiei a esse canalha arrasado pela ketamina que agora salta de um lado para o outro, abanando sua vela e gritando para atrair a atenção de todos. Imagine meu horror quando o sr. K grita:

– Parem! – ele assobia pedindo silêncio, e então grita: – Madison diz que vamos todos para o Inferno a não ser que escutemos! – A multidão reunida começa a se

virar para olhar. – O anjo Madison – ele grita – quer que vocês todos parem de xingar e arrotar...

Aqui eu confiei numa pessoa para expressar todo o amor que eu não pude. Eu lhe pedi que trouxesse todos os meus arrependimentos e resoluções, todas as minhas mentiras. Eu senti a maré virando lentamente.

Seus rostos emoldurados nas aberturas de seus capuzes vermelhos, a plateia confusa olha para o sr. K. Eles esperam, irrequieten, piscando com expressões de incompreensão.

– Madison – grita o sr. K. Ele para por um momento de silêncio absolutamente abafado. – Madison Spencer diz que o único caminho verdadeiro para a salvação está em chupar pintos de jumentos!

Ora essa.

É nesse momento que vejo meus pais. Eles tiram seus capuzes e encaram, seus rostos explodidos em olhares tomados de terror.

E sem respirar novamente, o sr. Crescent City, sr. K, meu caçador de recompensas médium, cai morto.



21 de dezembro, 14:22

A surra que eu tão generosamente merecia

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Ninguém entende. Todo mundo entende errado. No templo de plástico adaptado à altura do céu, o familiar fantasma azul sangra para fora do corpo caído do sr. Ketamina.

– Não vou voltar – diz o ectoplasma com formato de sr. K parado ao meu lado, balançando a cabeça. Ninguém pode nos ver. Cada figura encapuzada está olhando para seus restos pós-vivos no centro do pátio.

O boneco de trapo de pele esburacada e rabo de cavalo. Agora mesmo uma equipe de paramédicos abre espaço entre a multidão e começa a verificar os sinais vitais.

O fantasma do sr. K me diz:

– É meu coração, finalmente. Aleluia. Eu vou de vez agora.

Sob nossos pés, a topografia de Madlântida dá um pequeno puxão para o lado.

Revelados, meus pais observam enquanto os médicos injetam vários agentes salvadores de vida no corpo do sr. K. Os carregadores da liteira forrada de seda depositam sua carga lá perto, mas seu conteúdo sob véus permanece um mistério.

Com a cerimônia interrompida por um momento, os celebrantes reunidos tiram seus capuzes escarlate. Ainda segurando suas velas flamejantes, eles continuam a murmurar obscenidades genitais e excretais. Quando os médicos participantes tiram a túnica não limpa do peito não saudável do sr. K e se preparam para prender os pontos do desfibrilador cardíaco, eu vejo minha chance.

O fantasma do sr. K me vê e diz:

– Não faça isso, anjo Madison.

Preciso. Há tanto a dizer para os meus pais. O mínimo é o quanto eu os amo e sinto saudades. Isso e quão idiota eles foram.

– Se vai usar meu corpo – diz o sr. K –, apenas tenha consciência de que eu estava no meio de uma crise violenta de herpes.

Eu olho para o fantasma dele. Olho para o corpo caído.

– Só para você saber onde está se metendo – ele alerta.

Estou tão Control + Alt + Enojada.

Os paramédicos gritam:

– Afastem-se!

E eu não consigo. Não posso saltar, ilustre Tweeter, não naquele cadáver nojento, inflamado, abusado das drogas. Os médicos dão o choque de amperagem para reiniciar o coração, mas nada acontece. Todos os sinais vitais ficam parados.

Meus pais vão morrer sem saber que eu os amei. Eles vão para o Inferno e serão cortados em cubos por demônios com lâminas de barbear lambuzadas de sal de margarita. Eles vão ter cortezinhos de papel nos olhos e estarão sujeitos à limpeza intestinal de Diabo Verde.

Mais uma vez, os paramédicos gritam:

– Afastem-se!

E eu não aproveito a oportunidade.

Toda a humanidade será varrida da face da Terra. Satã vai tomar todos os filhos de Deus. Satã vai vencer. Tudo isso porque eu não posso trazer minha inteligente alma virginal aos restos ictéricos e esqueléticos de um bizarro fracassado pré-decomposto.

– Eu não te culpo – diz o fantasma do sr. K. – Eu mesmo não gostava muito de estar lá.

Na terceira e última tentativa, os paramédicos gritam:

– Afastem-se!

Meu cérebro grunhe em aviso: Satã vai encontrar meu gato.

E eu dou meu salto.

Desde que fui sepultada nos arredores excessivamente manchados de um toalete público de interior que eu não me sinto tão degradada. Essas mãos leprosas! Esses membros ressecados, magrelos! Os solícitos médicos tiraram a maior parte da vestimenta suja, e eu me encontro com uma fedida roupa de baixo cobrindo meu asqueroso *membrum virilis* pendente. Minha própria fatigante *membrum puerile*. Quando os médicos avisam para que eu permaneça deitado no chão do pátio, eu levanto minha estrutura bamboleante para uma posição em pé com dificuldade. Mãos em luvas de látex estendem-se numa tentativa de me parar, mas eu cambaleio um passo em direção aos meus pais boquiabertos.

Minha mãe e meu pai ficam ao lado da liteira coberta. Suas bocas bem abertas. Conforme eu aderno meu monstruoso novo corpo em direção a eles, meus braços se abrem amplos para dar um abraço de urso neles, ambos estremecem com uma repulsa não escondida.

Tão fraca estou que eu caio – ilustre Tweeter, estou sempre caindo – esparramada nos paralelepípedos plásticos.

Eu, que outrora surtei com a ideia de acne púbere, agora rastejo diante de meu pai marcada com crateras do virulento vírus da herpes. Eu, que busquei me casar com

Jesus Cristo para poder evitar minha meninice em germinação, me contorço em joelhos mortos, solicitando numa voz moribunda grasnante para que minha mãe me conceda sua adorável atenção. Prostrada, coberta de dor, eu busco os criadores da minha irredimível barriga pestilenta. Esta forma modelada de corrompimento outrora se constituiu o brilhante futuro de meus pais, a confirmação viva de que eles fizeram escolhas politicamente progressivas. Agora eu rastejo no meu estômago nu, expondo minhas costas e costelas macilentas, arrastando a fatigante vergonha do meu rabo de cavalo pesadamente sujo. Aquela trança, tão parecida com uma haste cerebral pré-reptiliana. Eu, Madison Spencer, emissária deles para um futuro melhor e mais iluminado, fui reduzida a esse lagarto rastejante.

Na minha voz grave, emprestada de um homem morto, eu declaro:

– Mãe! Pai! – Arrastando meu corpo ossudo majoritariamente nu lubrificado de suor em direção a eles, eu grito: – Eu amo vocês! – Eu engulo meus lábios rachados superlesionados para lançar um beijo de adoração, e eu imploro: – Não me reconhecem? Sou eu, Madison! Seu docinho de coco!

Meu novo hálito tem o gosto do cheiro de um pet shop.

O belo rosto do meu pai é uma careta de dentes à mostra, de nojo, revoltado por essa criatura que ele se encontra forçado a socar. A golpear poderosamente. Meu pai, oh, meu amado pai, ele defende a si e minha mãe, ele se encarrega da fastidiosa tarefa de me socar de punhos cerrados. Meu quente sangue infeccioso espirra. Enjoado pelo meu cabelo e fluidos corporais em seus dedos, ele ainda está soturnamente determinado a frear meu avanço.

Com dedos quebrados, eu suplico:

– Eu arranquei o peru entumescido do vovozinho – eu confesso – e o abandonei para morrer numa poça de sangue.

Eu conto aos meus pais que eu nunca fiz de fato *cunilingus* nas vastas traseiras de girafas exóticas. Conto-lhes como eu apenas inventei meus casos com Jesus Cristo. Conto tudo a eles. Com minha força se esvaindo, eu agarro o ar, e meus entreatos são recebidos com solas duras do sapato Prada de meu pai. Essa atrocidade de sangue e pus em que me encontro presa, eu os estou provocando. Desafiando-os. Incitando-os a ousarem me amar. Estou testando para ver se eles reconhecem, nesse grotesco atormentado, qualquer sinal da própria garotinha atormentada deles.

Esses dois modelos de perfeição brilhantes, eu rastejo diante deles. Mostrando-lhes o monstro que eu me tornei, eu imploro para que eles me aceitem.

– Perdoem-me por atacá-lo no banheiro do Beverly Wilshire – eu suplico a meu pai. Para minha mãe, eu digo: – Prometo perder peso.

Olhando para Babette, rindo secretamente. A rapariga, a peituda *succubus*. Espiando estão o fantasma do sr. K e a fada dourada de beija-flor voador do Festus. Eu rastejo aos pés da minha família horrorizada. Numa câmera lenta de pesadelo, eu

estico meus finos dedos estranhos para tocar o tornozelo da minha aterrorizada mãe.

– Mamãe, estou aqui para resgatá-la.

Em resposta ao meu amor proferido, meu pai continua a me martelar com punhos e pés. A dor desabrocha dentro das minhas costelas gastas. Meu coração emprestado para. E o sofrimento é indescritível quando o sangue para de fluir.

A verdade, ilustre Tweeter, é que estou sempre testando o amor deles.

Uma voz me chama:

– A vela! Madison, pegue a vela!

A fonte da voz é o fantasma do sr. K. Sua mão-fantasma dirige meu olhar para um ponto de pedras plásticas pavimentadas. Lá pousou a vela acesa que ele segurava no momento de sua morte. Seu pavio acendeu os paralelepípedos falsos de espuma e estireno e um fogo borbulhante se ergueu, pronto para se espalhar pelo resto do templo, pela montanha, pelo continente. Mesmo sujeita a meu ataque cardíaco, sou forçada a escolher entre beijar minha mãe e meu pai em pânico com lábios verminosos, doentes... ou avançar numa nova direção para extinguir a conflagração de proporções potencialmente épicas que se espalha rapidamente.

Enquanto vacilo na minha decisão, uma mão ligeira emerge de uma fenda nos estofados aveludados da liteira. Uma voz melodiosa diz:

– Não temam!

A mão, esse ideal perfeito de mão, elegante e de outro mundo, seus dedos puxam a cortina vermelha para revelar a ocupante da liteira: uma donzela cativante. Uma jovem deusa.

Enquanto o fogo borbulhante cresce para se alimentar de mais degraus de plástico... um pedestal de isopor... a base de um obelisco de poliestireno, a donzela perfeita entronada no centro dessa multidão populosa, essa menina esguia balança suas pernas finas e sai da liteira. Seu cabelo é lustroso, apoiando uma grinalda dourada de folhas de oliveira. Seus membros são macios. Seu rosto não obstruído por óculos. Sua constuição de sílfide é adornada por uma simples túnica rural de uma familiar cambraia azul.

Essa donzela ideal aponta um dedo perfeito para mim e exige:

– *Vade retro*, abominação nojenta! Retire-se, sua fingidora acima do peso! – Ela endireita os ombros e anuncia orgulhosamente: – Contemplem, pois eu sou Madison Desert Flower Rosa Parks Coyote Trickster Spencer, de volta do túmulo para trazer vida eterna à humanidade.



21 de dezembro, 14:31

Delatada!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Num salto, a bela estranha ataca. Mesmo comigo esparramada, morrendo no chão de plástico, ela lança sua encantadora forma da liteira e aterrissa sobre minha nua espinha trêmula.

Abaixo dela, eu me debato. Rastejo para escapar. Por um momento em luta, a criança perfeita está montada em mim. Com seu bumbum tonificado plantado no final das minhas costas, ela bate na minha cabeça com seus punhos. Agarrando meu cabelo desgrenhado, ela empurra meu rosto em direção ao incêndio crescente iniciado pela vela até minha pele criar bolhas. O calor incha meus lábios como uma overdose de colágeno, esticando a pele tão apertada que racha.

As chamas estão tão próximas que a ponta franjada da minha trança oleosa chamusca. As mechas trançadas começam a queimar como um fedorento pavio em câmera lenta.

Meus ossos, quebrados... meu coração, enfermo... sou indefesa, incapaz de me erguer. Ninguém vem me ajudar. O fantasma do sr. K permanece de um lado, soluçando. O *succubus*, Babette, está do outro lado, uivando com uma jovialidade demoníaca enquanto os rudistas choram e rangem seus dentes.

Está claro: meus pais não me amam. Meus pais nem me reconhecem. Eles amam *isso*: essa versão Barbie magrela de mim.

Sejam avisados, meus seguidores pré-mortos: quando você ocupa qualquer forma física, você precisa permanecer na residência até seu falecimento final. Você precisa sofrer até que os insultos acumulados da vida tornem a embarcação inoperante. Dito isso, meu espírito não pode fugir. Sou forçada a passar por essa dolorosa surra.

Eu me contorço por baixo do peso surpreendente dela. Virando para encará-la. Como uniforme, a Barbie-Madison usa a infame camisa de cambraia suja de gosma, com as pontas ondulando sobre suas pernas nuas. Como sua clava, ela carrega *A viagem do Beagle*, o tão anotado livro com sangue seco. Empunhando a missiva não leve, ela bate no meu rosto emprestado. Minha cabeça revira, tossindo cuspe e choramingando protestos incoerentes. Lágrimas escaldantes jorram em gêiseres dos

meus olhos emprestados.

Apesar desses esforços, a impostora Madison sentada sobre mim não transpira. Nem sua respiração é exigida por seus prolongados esforços estrênuos. Em minha própria parca defesa, eu bato no rosto dela com cotovelos salientes e joelhos, mas eu poderia estar atacando os pneus de borracha preta de um caminhão interiorano de dezoito rodas.

A capa de couro do livro quebra meu nariz, empurrando-o de lado, deixando-me ofegante. Minhas orelhas zumbindo. Minha visão tomada de estrelas brilhantes.

Desesperada, meus dedos agarram um punhado da vestimenta dela. A isso eu seguro obstinadamente firme, arrancando a camisa azul da figura esguia dela, deixando-a não vestida, mas em vão. O recato não parece tolhir os esforços dela. Para todos os olhos rudistas, nós devemos parecer pervertidos depravados pelados, um mal compleccionado esqueleto libidinoso lutando para molestar uma jovem.

Gradualmente, eu ofereço menos resistência. Depois da primeira meia centena de pancadas, uma batida na minha boca é basicamente como a outra. Uma letargia provocada pelo trauma se estabelece. Nem mesmo a dor pode segurar minha atenção, e meus pensamentos vagam. Elizabeth Kubler-Ross nunca mencionou, mas há outro estágio de morte. Além da raiva, negação e negociação, há o tédio. Sim, tédio. Você abandona a si mesma.

Uma estranha sensação de paz se estabelece. Enquanto o tomo de capa dura me tira os sentidos, minha luta é substituída por uma resignação mais anestesiante do que Rohypnol. Se eu devo morrer... que seja. Se é mais do gosto deles, deixem que minha mãe e meu pai adotem essa imaculada boneca Maddy. Cada vez mais distante, posso sentir fumaça de cabelo. Posso ouvir de leve punhos batendo em carne transformada em geleia, meu corpo já úmido, espirrando sangue.

Este não é nenhum local em que não estive antes. Eu desisti. Em palavras abafadas de exaustão, eu sussurro uma oração para meu coração parar.

Você, pré-morto, deve odiar ouvir isso. Você odeia uma apóstata, mas eu sou uma. Estou largando minha vida. Não estou vivendo meu potencial total, eu desisto.

Se há um grande plano, eu me rendo a ele. Eu me entrego ao meu destino.

Sujeito a tal conflito violento, até o livro do *Beagle* começa a se desintegrar. Despedaçando-se, as páginas se soltam, frase a frase. Flutuando sobre mim há pedaços de papel. Palavras desenhadas. Desses fragmentos caídos, um parece estar em chamas. Um canto da página rasgada em questão cintila com uma luz laranja vivo. É Festus, o pequenino Festus, acompanhando o pedaço de papel. Com suas asas douradas de beija-flor batendo loucamente, ele paira, mantendo o papel à minha vista.

Lá, rabiscado numa infantil caneta azul está escrito: *Estabeleça um objetivo tão difícil que a morte vai parecer um grato alívio...*

Aqui, ilustre Tweeter, meu cérebro falhando emite um arrote final de inspiração. Talvez isso... esse compromisso violento seja a batalha contra o mal pela qual minha família e gerações de telemarqueteiros andaram me preparando.

Aqui está a provação que Leonard há tanto previu.

Sobrevivência do mais apto contra sobrevivência do mais legal.

Para obstruir essa salva de golpes, eu levanto minhas mãos retorcidas para agarrar o volume. Meus dedos gastos seguram firmes, e meus braços trêmulos lutam pela posse do cruel diário de viagem do sr. Darwin. Por favor, note. Um reverso mágico ocorreu: mais uma vez, um cadáver moribundo de homem está travando um cabo de guerra com uma criança travessa.

Com um grande grito de angústia, eu busco controle do livro. A arma é minha.

Mais uma vez balançando as memórias saturadas de sangue e esperma de C. Darwin, aquele teólogo desiludido, eu invisto o restante da minha força definhante num grande golpe que se conecta com a coroa do cocoruto atraente da minha adversária. Essa pancada paralisante a manda para trás, por um momento chocada. O mesmo impacto desaloja uma chuva final de violetas e amores-perfeitos ressecados dentre as páginas empapadas do livro.

Da mesma forma, mais fragmentos de papel se soltam e se prendem à minha agressora. O castelo da mente do sr. Darwin desmorona tijolo a tijolo. Um inventário dissolvente do mundo natural. Explodindo minha oponente está essa munição de conceitos: bifurcação... crustáceos... floco e Diodon. Eles a cobrem como papel machê sobre uma *piñata*. Wollaston... sinalizações... fuegianos e escorbuto. Esses sufocam minha oponente. Seus olhos perfeitos não míopes são invadidos por uma brita de fatos e detalhes. Todos os lagartos e cardos do sr. Darwin. Os espécimes floridos há muito arquivados pela minha mãe e pela minha vovó.

Com belos gritos *não* de Madison numa raiva frustrada, os olhos dela são cobertos. Ela está cega.

No próximo instante, o fumegante pavio da minha trança açoitada a cobertura de papel bem inflamável dela. Ela é incendiada enquanto palavras e flores expelidas a atacam com seu calor imolante. Ela não me ataca mais; em vez disso, ela bate em seu próprio flanco, debatendo-se para dominar seu lombo flamejante. Enquanto luta para vencer o fogo, ela agarra grandes punhados de si mesma. Cortando-se em pedaços.

Ao mesmo tempo, ela grita. Dá cambalhotas. Seus uivados monstruosos distorcem seus traços quando a temperatura do papel queimado derrete e entorta seus pés, seus joelhos, suas irritantes coxas esguias.

Continuando a agarrar a camisa de cambraia cheia de gosma e o livro descamado, eu me encolho no chão próximo. Berrando loucamente agora, tão sangrenta e nua como eu, recém-nascida, no vídeo do meu parto, eu soluço:

– Sinto muito, eu fui uma covarde tão metida a santa...

Com essa admissão humilhante, acontece o impossível.

Ocorre, em raras ocasiões, o fenômeno sobrenatural para o qual ainda não temos explicação. Duas mãos vêm à frente para segurar as laterais da minha cabeça deformada. As palmas macias e perfumadas de minha mãe e os dedos cheios de joias levantam meu rosto destruído até que estou olhando para cima, para os olhos dela. Seus braços aconchegam meu corpo partido, criando uma *pietà* não impassível, e ela pergunta:

– Maddy? Gotinha de orvalho, é você de verdade? – Meu pai se inclina para abraçar nós duas.

Fui vista. Finalmente. Fui reconhecida.

Meus pais e eu, nossa pequena família, neste momento, está reunida.

É nessa junção que o impossível, a boneca inumana da menina ergue seu olhar derretido ao Céu. Numa líquida voz gargarejante, a não Madison grasna:

– Ouçam minhas palavras... – Nesse momento, derretendo numa poça borbulhante fumegante, ela comanda: – Honrem-me, meus seguidores, com um vasto, comunal “Ave, Maddy”.



21 de dezembro, 14:38

Detonada!

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Como você pode imaginar, uma densa multidão de pessoas expelindo gases intestinais presos na presença de uma chama acesa, cercados por uma arquitetura ostentadora altamente inflamável, não é uma reviravolta muito feliz nos acontecimentos. Num piscar, o topo da montanha está loucamente em chamas. Rudistas vestidos em togas calçando sandálias correm num alvoroço por todas as direções com suas extremidades exuberantemente em chamas. O calor amolece a base do pico, e uma ameaçadora avalanche de plástico derretido borbulhante começa a escorrer pelas laterais do precipício.

A fumaça tapa o sol poente, mandando este mundo outrora impecável para uma escuridão iluminada apenas pelo inferno laranja em fúria. Nas planícies bem abaixo, fissuras pontiagudas se abrem, e o oceano começa a penetrar. Enquanto queima, todo o continente de Madlântida está lentamente afundando. É a queda de Pompeia. É a destruição de Sodoma. As correntes abrasadoras de vento carregam cuspes de cinzas fumegantes, depositando-as entre as distantes florestas artificiais e palácios inflamáveis, até que o mundo parece estar se acendendo em todas as direções.

Cegados e aterrorizados, os Rudistas pisoteiam uns aos outros. Eles tropeçam e caem em poças de gosma fervente. Seus gritos só se silenciam quando os gases superaquecidos tostem seus pulmões.

O corpo macilento do sr. K está totalmente morto, totalmente envolvido em chamas, e eu me encontro desalojada. Novamente, sou uma bolha na forma do meu ectoplasma azul. A camisa suja de cambraia azul e o esfarrapado livro do *Beagle* não devem pertencencer totalmente ao mundo físico porque encontro minhas mãos-fantasma ainda segurando-os.

Observando o Control + Alt + Caos, o anjo Festus vem ao meu lado. Ele agarra o canto da minha orelha-fantasma com seus dedos dourados e diz sarcasticamente:

– Excelente trabalho.

Da minha parte, ilustre Tweeter, estou inspecionando a frenética cena, tentando localizar meus pais. Estou aterrorizada pelo fato de que meus pais serão mortos, e

apesar de serem progressistas não violentos, amantes da paz, levitantes do Pentágono, eles vão ficar a séculos de distância. Vamos nos afastar para sempre.

Essas punições teóricas engasgam minha mente-fantasma quando uma voz familiar diz:

– Céus, pãozinho-de-ló, não é uma treta daquelas?

Eu me viro e vejo... minha vovó Minnie. Segurando um cigarro-fantasma em sua mão-fantasma. Ela se inclina para acendê-lo na trança flamejante do cadáver do sr. K. Como se esse Armagedom incendiário não pudesse piorar, ao lado dela está, ora essa, meu vovozinho Ben.



21 de dezembro, 14:41

Um episódio sombrio revisitado – finalmente

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Da última vez que vi meu vovozinho Ben, era noite de Halloween, noite em que vovó Minnie morreu. Seu fantasma de espantalho veio até nossa porta no entediante interior. Agora, aqui está ele. Ele e vovó Minnie. Com certeza minha educação em etiqueta suíça ditaria uma forma casual e relaxada de questionar sobre a saúde de sua piroca semidecepada e apertada pelo livro, mas estou atipicamente sem palavras.

É estranho como o atual vulcão de isopor em erupção ecoa as circunstâncias não felizes de nosso último encontro fatal. A liberação furiosa de gases policarbônicos sugerem o fedor de uma estação de conforto do interior de muito tempo atrás. O calor desse cataclisma abrasador de plástico lembra as temperaturas escaldantes daquela tarde de verão.

Sem palavras, eu adoto a expressão alheia que tão frequentemente me serviu bem, aquela de uma sobrenaturalista observadora. Como filha de pais ex-gestaltistas, ex-autoatualizados, ex-eutonianos, eu reconheço que se alguém tem de se sentir desconfortável na situação presente não sou eu. É meu vovozinho que interpretou o degenerado predatório que brandia cocô. Suprimindo uma vida inteira de condicionamento social, eu resolvo não comentar sobre o tempo. Em vez disso, escolho permanecer em silêncio e simplesmente observar meu sujeito em busca de sinais de desconforto.

Meu terrível segredo não é só meu. É também do meu avô. Como outrora eu esperei na “persiana” do meu cubículo de toalete, pronta para passar pelo pior, agora eu o deixo sofrer com meu olhar investigador. Na maneira furtiva do sr. Darwin ou sr. Audubon, eu faço um inventário frio do espécime em mãos. Eu visualizo o toco de dedo sem osso que me ameaçou. As infinitas ruguinhas que cobriam a superfície esponjosa do dedo, e vários pelinhos crespos que se prendiam a ele. Eu revisito o azedo odor não saudável do dedo.

Minha vovó é a primeira a falar:

– Viemos para o carrossel. Que viagem!

Eu os cumprimento friamente.

Minha vovó perservera:

– Desde quando ele morreu, docinho de coco, seu avô queria vê-la novamente.

Eu não me esforço para responder. Deixe que eles nomeiem o horror. Deixe que eles se desculpem.

– Foi um dia terrível – vovó Minnie diz, batendo em seu coração com uma mão pesadamente tatuada. Ela traz uma unha de porcelana à sua testa e coça o canto da peruca loira. – O dia em que ele morreu? Deixe-me pensar... – Os olhos dela oscilam de um lado para o outro. – Nós dois achávamos que você estava indo para a ilha de trânsito na rodovia.

Vovozinho, o espreitador de banheiro interrompe aqui.

– Você perguntou sobre isso no café da manhã. – Ele diz. – Tínhamos medo de que você tentasse cruzar a rodovia, então eu decidi dirigir para lá e ficar de olho em você.

Eu permaneço firme. Julgando pelo ângulo do cigarro da minha vovó, ela está animada, feliz até.

– Aquele lugar horrendo – diz vovó, e ela faz uma careta. – Seu vovozinho estava indo pegá-la quando ele próprio teve um ataque cardíaco.

Eu me divirto olhando alheia para meu relógio de pulso. Finjo aquecer minhas mãos-fantasma sobre a fogueira faiscante, gotejante que consome os restos mortais do sr. Ketamina.

– Morri bem na frente de minha casa, foi sim – diz o vovozinho.

– Bem nos degraus – acrescenta a vovó. – Ele agarrou seu peito e tombou. – Ela junta as mãos para enfatizar. – Ele havia parado de respirar vinte minutos antes de os paramédicos aparecerem para revivê-lo.

Vovozinho dá de ombros.

– O que resta a dizer? Não quero me vangloriar, mas fui direto para o Céu. Eu estava bem mortinho.

– Não estava não – insiste vovó Minnie.

Vovozinho retruca:

– Definitivamente eu estava.

Sem pestanejar, vovó diz:

– Depois que deram um choque no coração de Ben, os caras da ambulância quiseram levá-lo para o hospital, mas ele não queria ir.

Dobrando seus braços, vovozinho disse:

– Ela está embelezando a próxima parte. Não foi o que aconteceu.

– Eu estava lá, sabe – diz vovó.

– Bem – vovozinho disse. – Eu estava lá também.

– Estávamos casados há quarenta e quatro anos – diz Minnie – e ele nunca tinha

falado comigo assim antes. – Ela diz: – Talvez ele estivesse com dor, mas isso não é desculpa.

– Como eu poderia dizer? – diz Ben. – Eu estava morto.

Vovó Minnie continua.

– Não, ele estava determinado a te encontrar, minha abobrinha.

Aqui, ilustre Tweeter, uma teoria está lentamente coalescendo na minha barriga pensante sobrenaturalista.

– Depois, aquilo – vovó diz – era como se ele fosse outra pessoa.

– Eu era como uma pessoa morta.

Só para esclarecer, perguntei:

– Você está dizendo que a equipe de resgate usou um desfibrilador no vovozinho?

Vovó diz:

– Ele queria encontrá-la naquele terrível banheiro público. – Ela diz. – Ele estava pálido e mancando. Daí os paramédicos imaginaram que ele morreria novamente a qualquer minuto.

Vovozinho usou a ponta do indicador para fazer uma cruz em seu peito.

– Eu juro – ele diz. – Eu morri nos braços da sua vovó na porta de casa.

Os paramédicos, vovó explica, o reavivaram e o fizeram assinar um formulário de liberação médica. Ele esperou que eles se fossem, mas, no momento em que partiram, ele saltou na caminhonete.

Vovó se inclina perto de mim e confia, num sussurro encenado:

– Ele me chamou daquela palavra com P!

– Já falamos várias vezes sobre isso – vovozinho diz, conciliador. – Eu não chamei, não.

Ela tosse.

– Você me chamou da palavra com P, daí você foi procurar a Maddy naquela nojenta ilha de tráfego.

Meus avós, eles Control + Alt + Discutem. Fazem cara feia. A sobrenaturalista paciente e observadora de mim está gravemente sobrecarregada.

Finalmente, buscando alguma solução, eu pergunto.

– Vovozinho? Escute. Você, por acaso, foi ao banheiro naquele desvio e teve seu velho pipi arrancado?

Ele olha para mim, boquiaberto.

– Caracóis! Como você pode me perguntar isso?

– Porque aconteceu! – Vovó grita. – Algum monstro arrancou suas partes íntimas, e você sangrou até a morte como um porco!

– Isso não aconteceu!

– Eu vi o corpo dele! – Vovó diz. – Eles não veem o noticiário no Céu? – Suas mãos retorcidas emolduram grandes palavras imaginárias no ar. – Todas as

manchetes diziam: “Pai de estrela do cinema é assassinado em toalete da tortura”.

Nesse impasse que já foi obviamente bem ensaiado, enquanto o continente de Madlântida afunda em mares profundos e rudistas adereçados com chamas passam correndo por nós como cometas humanos, eu percebo que me enganei. É óbvio: a alma do vovozinho Ben flutuou para longe, e outro espírito tomou posse de seu antigo corpo. Algum fantasma ou força demoníaca usou o choque dos paramédicos como um delinquente juvenil fazendo ligação direta num carro e levando-o para um passeio. Como eu acabei de usar o corpo do sr. Ketamina. Esse estranho cadáver farfalhante empunhador de piroca foi quem me interpelou no banheiro público. Não meu precioso vovozinho.

Pensando rápido, eu secretamente rediregi a ira dos meus avós ao perguntar:

– Vovó, sabe do que mais sinto saudades em estar viva? – Sem esperar por uma resposta, eu solto: – Seu delicioso cheesecake de manteiga de amendoim! – Para o meu vovozinho, eu digo: – Sinto muito que eu não estava lá para dizer adeus quando você morreu.

Escolhendo minhas palavras com uma sinceridade especialmente infantil, eu digo:

– Obrigado por me ensinar como construir uma casa para passarinhos.

Jogo meus gorduchos braços-fantasma ao redor deles num abraço sem jeito enquanto dois faróis tingidos de vermelho se aproximam. Um estranho automóvel – salpicado de sangue, com franjas de coágulos sanguíneos pendurados – cruza magicamente, subindo em silêncio a lateral íngreme da montanha em erupção. Nesse momento mais doce do nosso reencontro, um resplandescente Lincoln Town Car preto para ao nosso lado.



21 de dezembro, 14:45

**Confrontando o diabo com a terrível verdade
em relação ao seu troço decepado**

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Assentindo a cabeça para o Lincoln Town Car, o fantasma do sr. K diz:

– Aí está minha carona, certo? Eu vou para o Céu, como você prometeu, certo?

A porta do motorista se abre, e um chofer uniformizado sai. Primeiro emergem suas botas engraxadas como cascos, depois suas mãos em luvas, reluzindo em couro, seguidas do chapéu de aba larga que deve esconder seus dois galos ossudos que se projetam de seu cabelo despenteado. Enquanto fica de pé, ele ajusta um par de óculos espelhados que escondem seus olhos. Ele carrega um maço de páginas encadernadas como um roteiro de cinema. Ele levanta o roteiro e o lê, em voz alta:

– Madison sentiu-se fraca de terror e confusão.

E eu me senti, ilustre Tweeter, me sinto. Eu me sinto fraca de terror.

– Seus grandes joelhos carnudos cederam, fracos de horror – ele lê, como se ditasse minha existência.

Na verdade, meus joelhos estão tremendo.

O chofer lê.

– Madison serviu bem ao seu criador. Ela entregou bilhões de filhos de Deus às garras do Diabo. – Ele vira uma página de seu manuscrito e continua. – Madison traiu até seus próprios pais e os condenou à danação eterna!

E parece que fiz isso.

Até Babette se aproxima para saborear minha humilhação. Abrindo um sorriso com a visão da minha derrota, pergunta:

– Como está sua sarna?

– A pequena Madison – o chofer lê – logo iria entregar a Satã cada alma vivente que o Todo-Poderoso trabalhou para criar. Todos aqueles que Deus amava, Madison garantiu que seriam dados a Lúcifer para serem molestados até o final dos tempos...

O chofer faz uma pausa em seu discurso. Ele abre a porta traseira do Town Car, e o sr. K entra prontamente. O motorista deixa a porta aberta, e fantasmas azuis

adicionais seguem direto para o banco traseiro do carro. Os espíritos velozmente advindos dos rudistas queimados até a morte, sufocados em fumaças tóxicas ou afogados nos mares ao redor, esse rebanho recentemente falecido entra na porta que o motorista segura aberta. Eles se enfiam lá dentro. São tantos, tão rapidamente, que eles formam um borrão, eles se entulham dentro disso, deste veículo que eles pensam que irá conduzi-los ao Céu eterno.

– Madison achou que era tão inteligente – o motorista lê. – Mas não era não. Na verdade, ela era uma idiota. Essa vaca tola, ela trouxe a derrocada de toda a humanidade...

Lentamente, para não atrair a atenção dele, eu tiro meu cardigã. Furtivamente, visto a camisa suja, fechando os botões cautelosamente, para que meus dedos não entrem em contato com o esperma ressecado que cobre tão ricamente o tecido endurecido.

– Pequena Maddy – o motorista lê –, alheia às minhas ações, não teria escolha a não ser se submeter aos prazeres carnavais repetidos de Satã...

Posicionando-me para proteger meus envelhecidos avós da ira do Diabo, eu abro o livro gosmento do sr. Darwin e mostro o capítulo desfigurado sobre a Tierra del Fuego. Lá, o ressoante relato de viagem permanece ilegível por baixo de uma grossa camada de horrores. Mais proeminente nessas duas páginas abertas está o contorno de um pipi marcado em vermelho.

– A pobre gorda Madison Desert... sei lá das quantas... Trickster Spencer – lê o Diabo – logo se tornaria a concubina do senhor das trevas!

E apesar do motorista satânico ainda ter de notar o livro sangrento aberto e sua asquerosa ilustração, muitos outros reparam. Vovó e vovozinho espiam o contorno do pirulito e começam a rir. Da mesma forma, o anjo dourado Festus dá uma olhada e seus olhos se esbugalham num reconhecimento alegre. Outras almas, aqueles espíritos queimados vivos em trânsito para o Lincoln Town Car, eles também arriscam uma olhada na exibição sangrenta que eu apresento, e eles também começam com suas risadinhas.

Sem ligar para eles, o chofer vira para uma nova página de sua missiva.

– Madison vai servir o Satã no Hades e vai lhe conceber vários filhos odiosos...

Reunindo minha coragem, eu empurro o livro conspurcado em frente, para sua inspeção.

– Como? – Eu grito. – Como o poderoso Satã vai consumir tão ímpia união?

Seu discurso é interrompido. O Diabo levanta o olhar do seu roteiro. Refletidas em ambas as lentes de seus óculos estão as páginas do livro do *Beagle*.

– Poderoso Satã – eu pergunto –, você não foi punhetado pelas observações sangrentas de Darwin sobre o Cabo da Boa Esperança?

O motorista abaixa lentamente seus óculos, revelando olhos amarelos de cabra, as íris indo de um lado para o outro.

Escrito na margem externa na letra da minha vovó, as palavras: *Atlântida não é um mito. É uma previsão.*

– Não ficou – eu insisto – de fato *castrado* por seu único encontro íntimo com a diminuta Maddy Spencer?

Agora, ilustre Tweeter, apesar de toda a minha criação decorosa a despeito de toda a minha convencionalidade autocensurada, estou gritando.

– Satã, oh, senhor sombrio, seu pipi não arde com a prova de que a pequena Madison te capou? Ela não rejeitou seus avanços malignos nos arredores não estéreis de um banheiro público do interior?

Frustrado com minha revelação, o uniformizado Diabo só consegue gaguejar.

Ilustre Tweeter, eu tive sucesso no meu último juramento de Halloween em dar um chute nessa bunda satânica. O dano provocado por minhas gorduchas mãos superou de longe qualquer sonho que eu já havia tido ou minha própria habilidade. Aqui está a prova de que eu existo como alguém além da fantasia pedofílica suada de Belzebu. Que mero personagem fictício poderia amputar assim seu autor?

Mais revelador do que qualquer resposta verbal, a pele carmim do motorista fica ainda mais escarlate. Seus chifres se alongam, levantando seu chapéu. Suas garras se estendem, jogando para fora as luvas.

Alheio ao cataclisma acontecendo ao meu redor, eu mantenho minha arenga. As assassinas montanhas de plásticos criam um horizonte flamejante. Toda a criação é uma mistura de tragédia e farsa quando um trio de pessoas se aproxima. A *succubus*, Babette, minha ex-melhor amiga, conduz minha mãe e meu pai à frente, escoltando-os com a assassina ponta de uma grande faca ornada. É a mesma lâmina antiga com a qual Goran executou o belo pônei Shetland.

A visão dos meus pais trazidos à presença do Diabo, claramente para serem utilizados como reféns, isso me enerva. Mesmo assim, eu estendo valentemente o corrupto livro, insistindo:

– Mostre-nos, mestre das trevas, se resta algo de seu peru massacrado. – Inflando o peito para mostrar a camisa de cambraia com a gosma, eu pressiono: – Não é esta sua *semente demoníaca*?

Pálido e trêmulo, Satã joga seu roteiro no chão. Ele se vira e faz uma busca dentro do Town Car, tirando algo pálido. Pendurado em seu punho há um trapo laranja. Depois de uma vigorosa sacudida pelo colérico braço, ele emite um lastimoso *miau*.

Ora essa. É o Tigrado.

Antes que eu possa calá-lo, o anjo Festus refaz meu desafio.

– É, Príncipe das Mentiras, mostre-nos seu pipi decepado.

Vovó aumenta o coro, gritando.

– Mostre! Vamos ver sua minhoquinha retorcida!

E em resposta, o perverso Satã calmamente se vira para o demônio segurando

meus pais e diz:

– Mate-os. Mate os dois, agora.



21 de dezembro, 14:48

Satã, irado

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Você acha que vai ser moleza ver sua mãe ser assassinada, mas não é não. Eu testemunhei minha mãe sendo linchada por xerifes caipiras, a assisti levando porrada dos capangas da Big Tobacco, sendo moída pelas escavadoras da Big Coal e estrangulada pelos matadores do Agribusiness.

Uma vez minha mãe foi partida ao meio por um peixe-boi desgarrado. Sangue escorreu de seus olhos. Sangue esguichou de suas orelhas. Seus intestinos foram puxados pela boca. Foi como eu soube que ela estava morta. Levou dias para filmar. Levou uma equipe inteira de efeitos especiais só para acertar o sangue. Facilmente uma centena de pessoas estava presente no *set*. Cabeleireiros e o pessoal da maquiagem, eletricitas, dialoguistas. O pessoal da comida. O que você quiser. Todas essas pessoas ficaram ao redor, bocejando e comendo batatinhas, e vendo minha mãe perder o fôlego e engasgar nos próprios coágulos.

As felizes memórias de crianças comuns podem incluir suas mães donas de casas ligando para a Bulgari para receber tiaras com joias enviadas para aprovação, ou dando choque de Taser nas empregadas somalianas, mas minhas amadas lembranças incluem ver minha mãe queimada numa estaca por uma aliança das empresas de remédios Big Pharma.

Eu me sentava numa cadeira dobrável e espiava entre meus dedos gorduchos enquanto ela era apedrejada por puritanos raivosos. Eu me empoleirava no colo do meu pai e segurava o fôlego enquanto o adorável rosto dela desaparecia numa poça fétida de areia movediça.

E ela nunca estremeceu, minha mãe. Ela nunca fez uma careta.

O diretor gritava:

– Ação!

E minha adorável mãe morria lindamente toda vez.

Ela morria corajosamente. Ela morria de forma limpa. Ela morria magra, nobre e calma. Quando o roteiro ditava, toda vez, ela morria perfeitamente. Suas palavras finais eram sempre tão eloquentes.

Ela nunca necessitava de um segundo *take*.

Meu pai, eu o ouvia inspirar alto e umidamente por uma centena de portas de quarto trancadas.

O que quer que eu esperasse, não é como a vida real. No flamejante pico daquele vulcão de plástico, à medida que o continente de Madlântida afunda no Oceano Pacífico, Babette levanta sua grande faca e enfia no coração do meu pai. Uma piscada depois, ao comando de Satã, ela vira a decorada faca de bolo num grande arco e corta a garganta de minha mãe.



21 de dezembro, 14:53

O resultado inevitável de intelectualizar demais e suprimir o que de outra forma seria a apropriada expressão natural da dor por uma precoce, ainda que insegura adolescente, que, francamente, passou por uma olimpíada de traumas recentemente, com a morte de seus avós, seu belo peixe e seu doce gatinho, isso sem mencionar seu próprio falecimento cruel prematuro, mas que continua seguindo com seu bravo queixo erguido e não sucumbe ao chororô, mas esforçou-se heroicamente a se erguer sobre suas circunstâncias, por mais duras que se tornaram, e que, no momento, se encontra incapaz de abraçar mais uma infeliz reviravolta nos acontecimentos
Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Os balões de ectoplasma azul em forma de Camille e Antonio inflaram. Flutuando diante dos meus olhos estão o magnata internacional e a superestrela da mídia. Seus olhos-fantasma encontram os meus. Como eu temia que acontecesse, lá de volta na cobertura do hotel Rhineland, meu coração-fantasma infla como um aneurisma cheio de lágrimas quentes. Ele se incha como um gato falecido nos fundos de uma limusine. É espantoso, mas meu coração se empanturra como uma bem túrgida banana masculina rapidamente inflando num fétido banheiro. E como todas essas coisas, meu coração explode.

Perdoe-me, ilustre Tweeter, mas o que acontece nessa encruzilhada não é algo que eu possa digitar. Tais são as limitações dos *emoticons*. Em contato com o fantasma de meus pais, eu sofri todas as emoções que deixaram de se manifestar em vida. E pela primeira vez, desde Los Angeles, Lisboa e Leipzig, estou feliz.



21 de dezembro, 14:54

Desenrolando essa espiral mortal

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Minha mãe olha sobre o cenário em chamas derretendo que nos cerca. Ruínas barrocas são delineadas em fumaça contra o céu tomado de brasas. Ondas escaldantes do oceano varrem a terra enquanto o continente afunda cada vez mais. Os ventos de convecção superaquecidos carregam as fumaças envenenadas de tudo para matar todos e tudo em todo lugar.

Inspecionando esta cena de total aniquilação planetária, minha doce mãe, com seu fantasma ofegante, diz:

– Que adorável! – Ela diz. – É exatamente da forma como Leonard havia previsto...

Na época da Grécia antiga, ela explica, um sábio professor chamado Platão escreveu a história da destruição de uma enorme nação em uma ilha chamada Atlântida. Platão, ela diz, estava citando um estadista ateniense que viajou para o Egito e aprendeu sobre a história do desastre de Atlântida de padres no templo de Neith, blá-blá-blá.

Esses egípcios não eram, de fato, historiadores, acrescenta meu pai recém-assassinado. Eram oráculos. Eles não estavam registrando o passado, estavam prevendo o futuro. E a grande terra que iria, de acordo com Platão, ser destruída “num único dia e noite de infortúnio...” não era chamada de Atlântida.

Explica minha mãe num tom não completo, não presunçoso:

– Essa grande nação condenada seria chamada de Madlântida.

Fazendo uma careta, meu pai diz:

– Não é que a Bíblia tenha colocado corretamente também. Não é a reconstrução do Templo de Salomão que sinaliza o Armagedom... é a construção do *Templo de Madison!*

Observando, movendo-se com uma lentidão que trai sua suprema arrogância, o Diabo se abaixa para depositar Tigrado no chão para que possa mais uma vez erguer o manuscrito e me regalar.

– O terror se apoderou da jovem Maddy – ele lê. – Sua própria mamãe havia

confirmado o pior. Tudo nela havia sido tão calculado e predeterminado como os vales de Madlântida. Madison Spencer não era mais do que uma história contada por pessoas para outras pessoas, um boato, uma fábula tola...

Minha mãe-fantasma implora:

– Perdoe-nos, Maddy, meu doce, por não te contar toda a verdade sobre seu gatinho.

Meu pai-fantasma coloca sua leve mão azul no meu ombro.

– Nós só queríamos que você conhecesse o amor. E como você poderia amar tão profundamente se você soubesse realmente o quão breve uma vida pode ser?

– Leonard – acrescenta minha mãe, – ele preordenou que você deveria amar seu gato e perdê-lo para a morte. Ele disse que a dor iria plantar coragem em você...

Satã bate seu pé impacientemente, segurando aberta a porta do carro.

Tão grande é seu desprezo crescente que o manuscrito em suas mãos começa a chamuscar e queimar.

– O Céu espera! – ele grita.

Com um aceno galante de seu braço, meu pai nos conduz em direção ao Town Car que espera.

Minha mãe olha para o campo chamuscado, derretido em chamas. Enfiando a mão-fantasma no bolso de seu roupão-fantasma, ela extrai uma garrafa tamanho jumbo de Xanax-fantasma e a arremessa ao longe queimado. Com esse sacrifício, ela grita:

– Adeus, guerra de desigualdade de gênero e de raça! Boa resolução, degradação ambiental pós-colonial!

Seguindo a deixa dela, meu pai coloca a mão ao lado da boca e grita:

– *Sayonara* para você, simulacro opressor da cultura popular! Até mais, subjugação panóptica falocrata!

– Estamos indo para o Céu! – grita minha mãe.

– Para o Céu! – reforça meu pai.

Os dois começam a caminhar em direção ao carro, mas notam que não estou mais na companhia deles. Hesitando, eles se viram e olham para onde estou enraizada.

– Venha, Maddy – meu pai me chama alegremente. – Vamos ser felizes juntos, para sempre!

Afe. Oh, ilustre Tweeter. Não consigo me fazer dizer a eles a verdade. Ainda sou uma covarde. Em duas batidas da cauda de um cordeiro, ríspidos demônios irão esfregá-los no banho com ácido hidrocloreídrico. Harpias avarentas vão servir xixi tépido na garganta deles. E o pior é que cada rudista condenado também vai estar lá, torturado e não gostando dos meus pais.

Aqui, as entranhas cinza do meu cérebro forjam um último plano desesperado. Um gesto final para me mostrar corajosa.



21 de dezembro, 15:00

Perséfone faz uma proposta para sua liberdade

Postado por madisonspencer@aposvida.inferno

Ilustre Tweeter,

Como você poderia se fazer amar tão profundamente quando você realmente sabe o quão breve uma vida pode ser?

Todos os grandes mitos não estão no passado. A glória não é limitada aos dias de outrora, e nem todos os atos heroicos foram feitos. Como prova, eu agarro meu gato. Bato nas palavras amargas da boca de Satã. Sim, canadenseAIDSemily, uma fatigante garota-fantasma pode bater no Príncipe das Trevas, dar um tapão em sua bocona Control + Alt + Escaldante. Eu agarro o Tigrado e fujo para longe. Não estou a fim de voltar para o Inferno e ser humilhada. Nem desejo reforçar os pronunciamentos de Deus em banir controle de natalidade e casamento gay.

Daqui em diante, eu vou provar minha própria existência. Vou provar que eu conduzo meu próprio destino.

Assim como meus ex-wiccas, ex-Partido Verde, ex-viventes pais respirantes outrora se esforçaram para salvar ursos polares e tigres brancos, eu dou um passo valente. Nesse painel ardente tão evocativo dos certificados de alistamento militar queimados do meu pai e dos sutiãs incendiados da minha mãe, eu me arrasto.

Atrás de mim, meus pais condenados gritam das janelas do Town Car.

– Deixe pra lá, Maddy – diz minha mãe. – A vida na Terra é tão *ontem*.

As almas alegres dos rudistas queimados vivos continuam a escorrer para o Lincoln, cada uma dignamente certa de que seu destino será uma merecida recompensa celestial.

Meu ex-reciclante, ex-biodiesel, ex-Earth First! pai grita:

– Deixe que as tolas baleias jubartes e gorilas da montanha apenas queimem, querida! Entre no carro!

Após todos os anos tentando resgatar alienígenas ilegais e lontras marinhas marinadas em óleo cru, esta era minha oportunidade de tentar salvar meus pais. Talvez salvar a todos. Vestida em minha camisa coberta de gosma, carregando meu gato e meu livro do *Beagle*, eu freneticamente desço a montanha. Arrastando meu gato como eu outrora carreguei o frágil vidro de chá agitado, eu voo pelos

desfiladeiros em chamas onde pináculos de artesãos planam acima. Nessa paisagem insossa, desbotada, cor de catarata, eu fujo, resgatando a única criatura que posso.

Oh, amado de minha alma, sinto o ritmo de sua pulsação-fantasma por baixo da melodia de seu ronronar. Oh, meu Tigrado, respiro a doçura-fantasma de sua pelagem. Tal é o perfume que seu coração cheira quando sente amor.

Ao longe, faíscas de azul piscam. É o tom de azul elétrico que meu nariz vê quando inspiro ozônio durante uma tempestade de raios. É o azul que meus dedos veem quando eu toco a ponta afiada de um alfinete. É algo não tanto identificável quanto inevitável, e eu mapeio um curso para chegar lá.

O anjo Festus flutua, zumbindo suas asinhas minúsculas na minha perseguição ardente. Ele está cantando que Deus isso e Deus aquilo. Sua voz angelical canta como o Senhor me comanda. O poder de Cristo me compele.

– Retorne a Deus – ele avisa – já que o Todo-Poderoso é seu verdadeiro criador!

Satã conduz seu *beemonte* Lincoln ao meu encalço. Ele está buzinando e dando farol alto tão desprezivelmente quanto qualquer caminhoneiro passando por uma estrada do interior.

– Renda-se! – Satã uiva com raiva. Ele grita: – Não foi à toa que o autodiscador do Inferno conectou você ao telefone com sua enlutada família. Eu dirijo cada movimento seu! Sou seu verdadeiro pai!

Se ele está me perseguindo ou me arrebanhando, eu não tenho certeza.

Eu e minhas perninhas robustas avançamos sobre o plástico branco quando ele parte como o Rio Ohio por baixo dos pés escapantes de Eliza em *A cabana do Pai Tomás*. Ladrando na minha traseira carnuda estão minha mãe e meu pai, minha vovó e meu avozinho. Gritando atrás de mim está a alma do sr. K. O mesmo faz o *succubus* Babette, exigindo minha captura imediata.

É, ilustre Tweeter, não sou indefesa. Sou uma escrava escapando num mundo em chamas.

Sou Perséfone reiventada, determinada a ser mais do que uma filha ou esposa. Nem vou me acomodar num acordo de guarda compartilhada, indo e vindo entre residências no Céu e no Inferno da forma como eu continuamente voava entre Manila, Milão e Milwaukee. Meu novo objetivo é a reunião de todos os opostos. Eu vou lutar para reconciliar Satã e Deus. Ao fazer isso, ao resolver esse conflito central, vou resolver todos os conflitos. Não haverá separação entre perdição e paraíso.

Enquanto toda a criação afunda ao meu redor, apenas meu ronronante gato, aconchegado em meus braços, apenas Tigrado confia que eu sei aonde estou indo.

Fim?